



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ICS – Instituto de Ciências Sociais
ISCSP – Instituto de Ciências
Sociais e Políticas
ISEG – Lisbon School of Economics
and Management

NOVA FCSH – Faculdade
de Ciências Sociais e
Humanas

IIFA – Instituto
de Investigação
e Formação
Avançada

FE – Faculdade de Economia

Programa Interuniversitário de Doutoramento em Sociologia
Conhecimento para sociedades abertas e inclusivas

Encarnando a europeia:

Biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e
travestis em Lisboa

Emerson Roberto de Araujo Pessoa

Orientador: Doutor Vitor Sérgio Coelho Ferreira

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ICS – Instituto de Ciências Sociais
ISCSP – Instituto de Ciências
Sociais e Políticas
ISEG – Lisbon School of Economics
and Management

NOVA FCSH – Faculdade
de Ciências Sociais e
Humanas

IIFA – Instituto
de Investigação
e Formação
Avançada

FE – Faculdade de Economia

Programa Interuniversitário de Doutoramento em Sociologia
Conhecimento para sociedades abertas e inclusivas

Encarnando a europeia:

Biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e
travestis em Lisboa

Emerson Roberto de Araujo Pessoa

Orientador: Doutor Vitor Sérgio Coelho Ferreira,

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia
Com o apoio da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua
Portuguesa, no financiamento às propinas do programa doutoral

Júri:

Presidente: Doutora Ana Margarida de Seabra Nunes de Almeida, Investigadora
Coordenadora do Instituto de Ciências Sociais e Presidente do Conselho
Científico.
Vogais: Professora Doutora Berenice Alves de Melo Bento, Professora Associada I do
Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasil;
Doutor João Miguel Vaz Teixeira Lopes, Professor Catedrático do Departamento
de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Doutor Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida, Professor Associado
com Agregação do Departamento de Antropologia da Escola de Ciências Sociais
e Humanas do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa;
Doutora Sara Dalila Aguiar Cerejo, Professora Auxiliar da Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa;
Doutora Chiara Pusseti, Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa;
Doutor Vitor Sérgio Coelho Ferreira, Investigador Auxiliar do Instituto de
Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, orientador.

Grau atribuído com a classificação de: Aprovado com Distinção e Louvor

*Às pessoas incorrigíveis, excluídas,
marginalizadas, estigmatizadas, violentadas,
patologizadas, subversivas e resistentes às
normatizações dos sexos, dos corpos, dos
gêneros e das sexualidades.*

Em memória de Gisberta Salce Júnior.

Agradecimentos

O Eu é constituído pelo Outro (Butler, 2017b). Primeiro, agradeço às inúmeras pessoas com quem compartilhei afetos, conhecimentos, sentimentos, encontros e sensações e que porventura não estão citadas aqui. Vocês também foram imprescindíveis para a produção desta tese.

Ao Vitor Sérgio Ferreira, meu orientador, amigo, por todo o suporte, atenção, inspiração, apoio, questionamentos, gentileza e delicadeza ao longo desses sete anos, entre a produção do projeto e a finalização desta pesquisa. Nunca terei palavras suficientes para agradecer.

À Ivana Simili, orientadora da graduação, amiga, “mãe intelectual” e fonte inesgotável de incentivo durante toda a minha trajetória acadêmica.

A todas as pessoas professoras do meu percurso acadêmico pela contribuição em minha formação, em especial à Zuleika de Paula Bueno, minha orientadora do mestrado e à Eliane Sebeika, coorientadora do mestrado. Às pessoas professoras e amigas da Universidade Estadual de Maringá (UEM): Carla Almeida, Eide Sandra Abreu, Marivânia Araujo, Simone Dourado, Patrícia Lessa, Marlene Novaes, Walter Praxedes e Antônio Ozaí.

Às pessoas professoras e pesquisadoras em Lisboa, pelo apoio, incentivo e contribuições durante o doutoramento: Simone Frangella, Chiara Pusseti, Marzia Grassi, Sandra Saleiro, Verónica Policarpo, Ana Nunes de Almeida e Rosalina Pisco Costa.

Aos valiosos apontamentos recebidos pela banca de doutoramento: João Teixeira Lopes, Miguel Vale de Almeida e Sara Dalila Cerejo.

Meu maior privilégio e minha maior riqueza são as minhas pessoas amigas, obrigado pela vida e o carinho compartilhado no Oeste Paulista: Renata Devóglgio, Aline Vilar, Beth Devóglgio, Marcelinha, Cíntia Damasceno, Rachel Rezende, Jaqueline Ribas, Juliana Mota, Lílian Falcão, Cleisson Cara, Raymundo Magalhães, Mauro Dela Bandera, Elder Ribas, Diego Scalada, Renan Buchini, Nicolau Dela Bandera, Alexandre Falcão, Rodrigo Simão e Guilherme Miranda.

Aos amores de Maringá-PR, minha família Pintosa: Franciele Scoptec, Joyce Shimura, Daliana Antônio, Paula Jokura, Gustavo Piovesan, Rodrigo Casteleira e Michel Nocchi. Aos irmãos e irmãs de eleição: Andressa Modolo, Camila Peruchi, Tábata Rosa, Gabriela Falcheti, Leandro Modolo, Andrey Westphal, Celso Monteiro e Felipe Fontana.

À Berenice Bento, Viviane Vergueiro, Milena Fahel e Camille Balestiere pelo carinho e contribuições (in)diretas a esta tese.

Encarnando a europeia

Às pessoas amigas de Vilhena-RO pelo suporte e afeto compartilhado nos três anos vivendo na floresta e no decorrer deste doutoramento: Aline Gaspar Pereira, Milena Magalhães, Lilian Reichert Coelho, Stael Rocha, Rosana Alencar, Marisa Fernandes, Anna Elise Oliveira, Anália Oliveira, Raquel Camargo, Andressa Magrinelli, Maristela Guimarães, Rafaela Messias, Patrícia Fontinele, Juliano Araújo, José Kennedy Lopes Silva, Ney Souza, Fellipe Bertolo, Dariano Oliveira, Wandes Leão, Willys Tristão, Eduardo Bertolo, Márcio Souza, Celso Gayoso, Luciano Carvalho, Claudemir Silva e Flávio Ferraz.

Aos novos pedaços de mim que encontrei deste lado do Atlântico pelo afeto e as inúmeras discussões e sugestões a este texto: Joana Dias, Gaia Giuliani, Bárbara Grosso, Susana Esteves, Ava Carvalho, Lili Baroni, Francesca Esposito, Marta Dias, Isabelle Amorim, Elena Lombardo, Zara Lila, Carmo Pereira, Mariana Guerra, Tita Maravilha, Ágata Barbosa, Daniela Bento, Cândida Moraes, Ana Cavalo, Daniela Ferrández, Lorena Bor, Maria Bruxxxxa, Carlos Alves, Romain Rodrigues, Luís França, Bruno Selva, Filipe Franco, Paolo Gorgoni, Rodrigo Cruz, Rafael Barreiro, Simon Watmough, Ivan Faria, Alejandro Gorr, Nóe Jules Kinet, Tiago Lila, David Oliveira, Marco La Rocca, Mischa Kelber, Fernando Berry, Gonçalo Cabral, Kharlos Villanueva e Bernardo de Almeida.

Às diversas versões da família Belle Époque e/ou Pensão Palácio: Milou van der Hoek, Carolina Souza, Carla Ayres, Adriana Souza, Steve Gislam, Cecília Silveira, Félix Rodrigues, Marina Ginde.

À Teresa Metelo Dias pelo suporte profissional recebido durante o doutoramento.

Aos meus colegas do Departamento de Administração, do Campus de Vilhena, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) pela concessão do afastamento para realização do doutoramento.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR) pela possibilidade de afastamento que me foi concedida para realização deste doutoramento.

Às pessoas amigas e colegas da sala de doutoramento do ICS-ULisboa pelas conversas e aflições partilhadas durante a produção desta tese.

A todas as pessoas do apoio técnico e da Pós-graduação do ICS-ULisboa, em especial à Celeste Pires e Maria Goretti.

À minha mãe Luzinete de Araujo, minha irmã Liziane de Araujo, minhas tias, primas e primos.

Agradeço especialmente a todas as pessoas trans, travestis e *drag queens* que compartilharam suas vidas comigo no decorrer da minha trajetória acadêmica.

Resumo

Esta tese busca compreender a construção de biografias corporais e de patrimônios de disposições de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras em mobilidade para Portugal e/ou no continente europeu. Por meio de entrevistas compreensivas e teoricamente orientado por uma Sociologia à escala individual e do corpo, analiso as disposições para a modificação do corpo e de produção do Eu produzidas no decorrer de trajetórias de vida que transitam por contextos sociais, geográficos e históricos distintos. A excorporação da identidade de gênero feminina visibiliza, desde cedo, no percurso de vida destas pessoas, os dispositivos de normatização da cisheteronormatividade e as representações de abjeção associadas às corporalidades e subjetividades das interlocutoras. Neste sentido, começo por apreender como a assunção social de marcadores corporais de feminilidade se entrelaça com as desigualdades de classe e suporte familiar, de racialização e etárias/geracionais que impactam na construção das biografias corporais e nos processos de subjetivação. A mobilidade para Europa é percebida como um dos pontos de viragem mais marcantes dos percursos de vida destas pessoas, ao propiciar distintas experiências de sociabilidade na vida pública e nos campos prostitucionais. A mobilidade transnacional altera também os patrimônios de disposições que orientam os projetos de corpo subjacentes a diferentes expressões de gênero e de distintas práticas sexuais. A circulação pelo continente europeu colabora na elaboração de estratégias do trabalho do sexo que possibilitam a acumulação de capital econômico e a obtenção de uma posição de poder nos territórios do trabalho sexual. Os trânsitos corporais e geográficos evidenciam, portanto, processos de acumulação e conversão de capitais vários – de mobilidade, corporal, cultural, social e econômico - que viabilizam a aquisição de agência e autonomia nos percursos de vida e no trabalho sexual. Assim, diferentes biografias corporais correspondem a diferentes tipos de (i)mobilidade para/pela Europa que, por sua vez, dão visibilidade a diferentes formas de desigualdade presentes no continente europeu. A acumulação de capital econômico que as diferentes experiências de (i)mobilidade proporciona, vai dar acesso a diferentes biotecnologias de transformação do corpo convertíveis em formas desiguais de capital corporal, todas elas, contudo, convergindo no ideal da *encarnação da europeia*. As dificuldades do país de origem relacionadas às desigualdades de classe e/ou à transfobia estrutural e representações de abjeção sobre o corpo são, assim, ressignificadas ao longo das vivências na Europa, resultando na obtenção de capital simbólico cujo reconhecimento passa, em larga medida, pela encarnação de recursos e símbolos conotados com as representações de *glamour* e luxo atribuídas à experiência europeia.

Palavras-chave: Mulheres trans e travestis brasileiras; Biografias corporais; Sociologia à escala individual e do corpo; Mobilidade transnacional; Trabalho sexual.

Abstract

This thesis seeks to understand the construction of corporeal biographies and heritage dispositions of Brazilian trans women and *travestis* sex workers in mobility to Portugal and/or the European continent. Through comprehensive interviews, and theoretically oriented by a Sociology on an individual and body scale, I analyze the dispositions for body modifications and the production of the Self produced over the life course that pass through different social, geographic and historical contexts. The outcorporation of female gender identity makes visible, from an early age, the normatization dispositives of cisheteronormativity and the representations of abjection associated to the corporalities and subjectivities of the interlocutors. In this sense, I begin by analyzing how the social assumptions of feminine body markers interact with the inequalities of class, family support, racialization and age/generational that impact on the construction of corporeal biographies and the processes of subjectivation. Mobility to Europe is perceived as one of the most crucial turning points in their trajectories, by providing different experiences of sociability in public life and in prostitutional fields. Transnational mobility also changes the individual heritage of dispositions that guide the body projects, reflecting different gender expressions and different sexual practices. Mobility across the European continent collaborates in the construction of sex work strategies that enable the accumulation of economic capital and the attainment of a position of power in the field of sex work. Therefore, physical and geographical transits highlight processes of accumulation and conversion of various capital – i. e. of mobility, body, cultural, social and economic - which make it possible to acquire agency and autonomy in life course and sex work. Thus, different corporeal biographies correspond to different types of (i)mobility to/from Europe which, in turn, give visibility to different forms of inequality present on the European continent. The accumulation of economic capital that different experiences of (i)mobility provide, will give access to different biotechnologies of body transformation convertible into unequal forms of body capital, all of them, however, converging to the ideal of the embodiment of *the European*. The difficulties faced at the country of origin related to class inequalities and/or structural transphobia and representations of abjection to the body are thus re-signified throughout the experiences in Europe. This results in the acquisition of symbolic capital which recognition involves, to a large extent, the embodiment of resources and symbols associated with the representations of glamour and luxury attributed to the European experience.

Key words: Brazilian trans women and *travestis*; Corporeal biographies; Sociology on an individual and body scale; Transnational mobility; Sex work.

*Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Está sempre em desconstrução*

*Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário
Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário
Não tem Deus
Nem pátria amada
Nem marido
Nem patrão
O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário
Ela é tão singular
Só se contenta com plurais
Ela não quer pau
Ela quer paz [...]*

É sempre uma mulher?

*Ela tem cara de mulher
Ela tem corpo de mulher
Ela tem jeito
Tem bunda
Tem peito
E o pau de mulher! [...]*

*Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar
Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de
Viver brilhar e arrasar*

*Ela é amapô de carne osso silicone industrial
Navalha na boca
Calcinha de fio dental*

(Linn da Quebrada, Mulher, 2017)

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I.....	15
Questões teórico-metodológicas sobre caminhos de pesquisa com trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras em mobilidade transnacional.....	15
Culturas somáticas e a (re)produção de corpos, gêneros e sexualidades	15
Uma Sociologia à escala individual e à escala do corpo.....	21
O princípio de autocobaia: posicionalidade, autoreflexividade e intersubjetividade no caminho de pesquisa	32
Operacionalização metodológica de uma Sociologia à escala individual e do corpo	42
Estratégias de aproximação e entrada no terreno de pesquisa.....	49
Capítulo II.....	67
As primeiras experiências de encarnação de feminilidades: o impacto das desigualdades sociais nas biografias corporais.....	67
Abordagens socioantropológicas do corpo: encarnação e capital corporal.....	68
Suporte familiar, trajetória escolar e desigualdades de classe social.....	82
Culturas somáticas, corporalidades de referência e vivências geracionais	98
Desigualdades por racialização e entrelaçamentos de vulnerabilidades sociais.....	107
Negociações entre corpo-projeto e corpo-sujeito	118
Capítulo III.....	127
Mobilidades geográficas de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras	127
Capital de mobilidade: redes de informações, pessoas e lugares.....	127
Trabalho sexual no Brasil e redes de mobilidade interna.....	135
Diferentes formas de obtenção do capital de mobilidade.....	143
Motivações para efetivação do projeto migratório para Europa.....	148

Capítulo IV	155
Corpos em movimento: «puxar mala» e acumular recursos no/pelo continente europeu	155
(I)mobilidades: tipos de circulação pelos territórios europeus do trabalho sexual	156
Circulação geográfica e alterações nas biografias corporais	175
Estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica.	185
Capítulo V	195
(Inter)subjetividades e estratégias no/do trabalho do sexo	195
Publicidade e comunicação com os clientes: a relevância física e performática do capital corporal como estratégia do/no trabalho do sexo.....	196
(Inter)corporalidades, cuidado de si e cuidado do outro: o corpo acessório na (re)produção do desejo	203
Pênis, Viagra e secreções: a veracidade do desejo e sua produção performática e biomolecular.....	208
Especialização em práticas sexuais e fetiches: fomentar desejos, investir recursos e fidelizar clientes	214
Subjetivação no/pelo trabalho do sexo: atualizações das disposições para a sexualidade e das representações sobre a brasilidade.....	220
Capítulo VI	231
Entre o sonho de ser europeia e a realidade na Europa	231
Mobilidade e obtenção de juízo: alterações nos modos de ser e estar	231
Glamour e luxo ou o capital simbólico acumulado das biografias corporais.	239

Considerações finais.....	257
Do corpo abjeto ao corpo glamouroso.....	257
Desigualdades e privilégios na encarnação da europeia	258
Diferentes modos de encarnar a europeia e a relevância dos capitais da vida	262
Não basta ser europeia, são necessárias estratégias no trabalho do sexo	266
A resignificação das trajetórias de vida e das biografias corporais.....	270
Referências bibliográficas.....	275

Introdução

Em meio à Guerra Fria, aparece uma nova distinção ontológico-política entre “cis” (um corpo que conserva o gênero que lhe foi atribuído no nascimento) e “trans” (um corpo que se utiliza das tecnologias hormonais, cirúrgicas, protéticas ou jurídicas para modificar esta atribuição). Daqui em diante, utilizarei a nomenclatura cis e trans, sabendo que esses dois status de gênero biopolítico são tecnicamente produzidos. Ambos dependem de métodos de reconhecimento visual, de produção performativa e de controle morfológico comuns. A diferença entre “cis” e “trans” depende da resistência à norma, da consciência de processos técnicos (farmacopornográficos) que produzem ficções somáticas de masculinidade e feminilidade e das técnicas científicas e do reconhecimento social no espaço público. Isso significa não haver juízo de valor implícito: o gênero “trans” não é melhor nem mais político que o gênero “cis”. Em termos ontopolíticos, isso se resume a dizer que há apenas tecnogêneros. Técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas constroem a materialidade dos sexos performativamente (Preciado, 2018: 137).

A dada altura da nossa conversa, Tainá¹ (35 anos, mulher trans, mestranda) fez-me a seguinte indagação, após eu perguntar sobre suas modificações corporais: «A academia não cansa de pensar nos nossos corpos? Nós produzimos nossas corporalidades do mesmo modo que vocês!». A interpelação de Tainá demonstra a sua compreensão de como pessoas «trans» e «cis» partilham da mesma parafernália técnica e tecnológica hoje disponível no mercado de design corporal para construir a materialidade, a performatividade e a sensorialidade dos

¹Apesar da maioria das interlocutoras terem autorizado a utilização dos seus nomes, optei por criar nomes fictícios para que não possam ser reconhecidas nos territórios do trabalho sexual na Europa e/ou em seus contextos de origem no Brasil. As referências a outras pessoas também foram anonimizadas com a utilização de colchetes e foi inserido uma referência relacional da pessoa com a interlocutora. No caso de Dalila, devido ao seu sucesso no mercado do sexo e no cinema pornográfico, algumas vezes optei por suprimir partes do relato onde constassem informações sobre seus filmes para que não seja revelada sua identidade. Também optei por não suprimir os nomes fictícios das interlocutoras para que a repetição sistemática dos seus nomes possibilite ao leitor ter a mesma relação de proximidade que estabeleci com suas trajetórias, não somente no momento da entrevista, mas durante toda a análise do material e construção do texto final desta tese.

corpos, consoante as ficções somáticas de que partilham e que, simultaneamente, se (re)constróem a partir das experiências de socialização e de sociabilidade. Logo, o corpo torna-se resultado das experiências de socialização, incorporação de discursos e encarnação de biotecnologias na produção do Eu. O devir biotecnológico dos corpos manifesta-se, assim, acoplado ao devir de um percurso de vida socialmente contextualizado. Faz sentido, portanto, questionar o papel das trajetórias sociais dos indivíduos, dos marcadores sociais de reconhecimento das suas diferenças, das desigualdades estruturais e físico orgânicas, que encarnam na produção de uma determinada corporalidade, questões orientadoras desta tese.

Estes questionamentos surgiram inicialmente no decorrer de um projeto de iniciação científica/PIBIC² sobre os processos de construção de corporalidades por travestis e transexuais na cidade de Maringá-Paraná (Brasil) entre os anos 2010-2011, quando entrei em contato com a primeira mulher trans *europeia*³. Jana foi para Espanha aos 19 anos e lá colocou sua primeira prótese de silicone. Suas modificações chamaram-me a atenção: cirurgias plásticas no nariz, testa, queixo, seios, quadris, retirada de costelas para o afinamento da cintura, dentre outras modificações corporais que destoavam da realidade do meu trabalho de campo⁴. Em grande medida, foi a trajetória de Jana que motivou a minha curiosidade para aprofundar a pesquisa sobre as trajetórias de vida e de modificação corporal de mulheres trans e travestis⁵ brasileiras em mobilidade para exercer trabalho do sexo na Europa.

O principal objetivo deste trabalho será compreender sociologicamente o que chamei de «biografias corporais». Trata-se de compreender como elas são construídas e alteradas com as experiências advindas da mobilidade para os territórios do trabalho sexual no continente europeu. Como será discutido mais adiante, o conceito de «biografia corporal», aqui proposto, pretende dar conta dos processos de tomada de decisão relacionados às disposições para a modificação do corpo e produção do Eu no decorrer dos percursos de vida de travestis e transexuais que transitam entre contextos sociais e históricos distintos, nomeadamente entre várias regiões do Brasil, Portugal e/ou Europa.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para estudantes de Graduação no Brasil.

³ O termo *europeia* é utilizado pelas mulheres trans e travestis brasileiras para denominar as trabalhadoras do sexo que viveram por algum tempo na Europa e será uma das categorias êmicas a serem analisadas nesta tese.

⁴ Além da aquisição do seu capital corporal específico, Jana havia acumulado dinheiro suficiente para abertura do seu próprio negócio, uma loja de materiais de construção civil: «Tudo que eu tenho foi por causa da Europa».

⁵ Optei por realizar a definição das categorias identitárias travestis e transexuais por meio das definições e diferenças elencadas pelas próprias interlocutoras na seção: «Suporte familiar, trajetória escolar e desigualdades de classe social».

Compreendo as identidades trans e travestis como realidades plurais e encarnadas a partir das *tecnologias de gênero* (Lauretis, 1987) disponíveis nos contextos sociais e culturais de onde partem e por onde passam, em articulação com os respectivos marcadores sociais da diferença que encarnam. Busco, assim, identificar a relevância da classe social, do suporte familiar, dos marcadores de racialização e de geração na constituição de subjetividades e biografias corporais específicas que são iniciadas no Brasil. Procuo ainda analisar o impacto das experiências da mobilidade para exercer o trabalho do sexo em Portugal e/ou na Europa na alteração de suas corporalidades, subjetividades e percursos de vida.

Busco também, com as discussões apresentadas nesta tese, contribuir para o desenvolvimento da Sociologia e da Antropologia do Corpo, áreas disciplinares com as quais mantenho um diálogo privilegiado no decorrer desta tese. Assim, apesar de analisar especificamente a influência das biotecnologias na constituição das corporalidades e subjetividades de mulheres trans e travestis, acredito que as análises realizadas no decorrer deste texto colaboram na compreensão do caráter construído e plástico de todas as corporalidades, suas relações com os processos de subjetivação e de socialização. Reflito sobre as biografias corporais de mulheres trans e travestis para compreender o papel do desenvolvimento biotecnológico na *produção do eu* e nos *processos de subjetivação*. Assim, considero o corpo como um operador social que projeta uma imagem do *self* para si próprio e (re)apresentada socialmente (Ferreira, 2008). Parto de uma concepção de corpo como *matéria viva*, base físico orgânica em devir, mas também como acessório de si (Le Breton, 2003) e artefato de reconhecimento individual e social (Sullivan, 2001), um *corpo vivido* na primeira pessoa, porém sempre agindo e experienciando contextos culturais específicos aos tempos e espaços (geográficos e sociais) que o animam (Young, 2003; Ferreira, 2013).

Paralelamente às questões relacionadas ao corpo, outro eixo estruturador das discussões apresentadas são os entrelaçamentos com a mobilidade de pessoas na contemporaneidade. As desigualdades econômicas entre o norte e o sul do globo terrestre propiciaram, nas últimas décadas, um fluxo intenso de mobilidade na busca de melhores oportunidades de vida e de sobrevivência. A globalização diminuiu as fronteiras entre os espaços geográficos e sociais. Inúmeras pessoas transgêneras e cisgêneras brasileiras veem no mercado europeu do sexo um modo de melhorarem as suas vidas e as de seus familiares. Foi

no decorrer da década de 1990 que o trabalho do sexo transnacional⁶ entrou nas discussões acadêmicas e políticas (Piscitelli, 2004).

Porém, as pesquisas que abordam o tema de mobilidade transnacional para o mercado do sexo de mulheres trans e travestis brasileiras ainda são poucas. Destacam-se as discussões de Vale (2005) sobre travestis na França; Pelúcio (2007), Silva e Ornat (2012) e Vartabedian (2010; 2018), na Espanha; e Teixeira (2008; 2011), na Itália. Essas pesquisas demonstram majoritariamente a importância da mobilidade na constituição de uma corporalidade feminina e nas ressignificações simbólicas e sociais das trajetórias de vida. Hélio Silva, em 1993, já mostrava a Itália como produtora de *status* privilegiados para as travestis que realizavam esse tipo de mobilidade.

Dada a escassez de conhecimento na área perante a intensificação recente do fenômeno, novos estudos sobre a mobilidade de mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo para Europa continuam a revelar uma realidade ocultada pela maioria das discussões envolvendo migrações, sobretudo considerando os discursos das próprias pessoas envolvidas. Conforme apontado por Piscitelli (2011), as abordagens dos Estados mostram que a mobilidade transnacional é permeada por violências relacionadas ao tráfico internacional de pessoas. São abordagens que tendem a entender as pessoas imigrantes trabalhadoras do sexo como vítimas perante as leis estatais, mas tratadas como delinquentes na atuação dos Estados (Oliveira, 2017).

Contudo, Piscitelli (2009) salienta que, ao contrário do que é normalmente associado aos discursos sobre a mobilidade de pessoas trabalhadoras do sexo, a maioria dos atores entrevistados pela pesquisadora conhece a realidade que a espera: o trabalho na prostituição⁷.

⁶ «Com esse termo faço referência aos processos de cruzar as fronteiras, nos quais se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluindo redes e laços sociais entre o lugar de origem e diferentes destinos» (Piscitelli, 2011: 537).

⁷ Apesar de ter uma posição alinhada com as discussões teóricas e ativistas que compreendem o sexo pago como trabalho, em algumas partes da tese utilizo o termo prostituição no intuito de tornar o texto menos repetitivo. É importante salientar que todas as interlocutoras utilizam o termo prostituição em algum momento das suas falas para designar o trabalho que executam. Esta discussão também é levantada por Monique Prada (2018: 54-55): «Se internacionalmente se adota hoje a terminologia *sex worker* (trabalhadora sexual) e a expressão prostituta, rejeitada por sua conotação pejorativa, cai em desuso, aqui no Brasil o termo ainda está em disputa. Como espaços políticos organizados na luta por direitos, temos a Rede Brasileira de Prostitutas e a CUTS (Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais), mais recente. Nenhuma das duas tem uma definição consensual sobre qual termo seria o mais correto. Temos ainda a Articulação Nacional de Profissionais do Sexo, que traz o termo usado hoje pela Classificação Brasileira de Ocupações para descrever a atividade – ainda que o texto cite uma série de outras expressões. Eu embora não tenha nenhum problema moral em me identificar como prostituta – e, assim como Gabriela Leite, goste muito da palavra puta -, prefiro hoje usar a expressão trabalhadora sexual para definir a atividade que exercemos. Considero o seu uso importante politicamente, para deixar bem marcada a afirmação de que trabalho sexual é trabalho. Também levo em conta o fato de essa definição poder englobar uma gama enorme de atividades: a prostituta, a stripper, a *cam girl*, a dominadora profissional, a atriz pornô, a assistente sexual. Neste livro, falamos principalmente de prostituição, atividade que

Por outro lado, e apesar dos discursos governamentais relacionados ao tráfico internacional de pessoas, é já consensual, no conhecimento acadêmico sobre a temática, que a maioria das trabalhadoras do sexo brasileiras chegam a Portugal ou a outros países do continente europeu por meio de redes informais em busca de melhores condições de vida (Vartabedian, 2018; Silva e Ornat, 2012; Pelúcio, 2010; Patrício, 2009). Ou seja, as pessoas trabalhadoras do sexo não são hegemonicamente vítimas do tráfico, porque há processos de agência no projeto de mobilidade. Muitas vezes elas são motivadas pelas condições de vida dos locais de partida, onde são de fato vítimas de violências variadas.

Saleiro⁸ (2013) correlaciona informações importantes sobre o fluxo migratório para Portugal. Segundo a pesquisadora, a maioria das mulheres trans e travestis inseridas no trabalho do sexo no país são oriundas do Brasil. «Portugal aparece assim integrado numa rota de trabalho sexual trans mais vasta que inclui, sobretudo, países como a Espanha, a França, a Suíça e a Alemanha» (Saleiro, 2013: 109). Desse modo, a influência do discurso e da experiência corporal de travestis e mulheres trans brasileiras na sociedade portuguesa é notória. O termo travesti, em Portugal, é o adjetivo dado às pessoas designadas ao nascimento como masculinas e que performatizam feminilidades temporariamente – por exemplo, *drag queens* e *crossdressings*. Mas atualmente, o termo é utilizado a partir de uma interpretação brasileira, principalmente devido à evidência das travestis brasileiras em espaços de trabalho sexual, casas noturnas, espetáculos, entre outros. A influência é tão significativa que ao analisar as «[...] referências ao ‘travesti’ originárias do Brasil tornam as nacionais praticamente residuais» (Saleiro, 2013: 208).

Simultaneamente, os estudos de gênero e sexualidade, conjuntamente com os ativismos feministas e LGBTQIA+⁹ nas últimas décadas, possibilitaram a emergência do reconhecimento político e das experiências subjetivas de distintas mulheres, pessoas de gêneros inconformes, corpos não normativos e sexualidades dissidentes. Paralelamente, as produções acadêmicas feministas demonstraram a heterogeneidade na própria definição da categoria mulher, conforme apontado por Haraway (2009: 47):

ainda exerce, mas sem esquecer que esta é apenas uma das atividades englobadas pela denominação trabalho sexual, mais ampla».

⁸ Sandra Palma Saleiro defendeu a tese de doutoramento «Trans Géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género» no ano de 2013, no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, o primeiro trabalho de fundo sociológico sobre este grupo social em Portugal. Sua tese colaborou na compreensão da realidade transgênero no país. No entanto, a sua pesquisa não abarcou as trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras, apesar de serem citadas em inúmeros momentos do texto.

⁹ Utilizo a sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual e outras orientações sexuais e/ou identidades de gênero) quando faço referência aos ativismos.

Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, e raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. E quem é esse “nós” que é enunciado em minha própria retórica? Quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado “nós” e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade? A existência de uma dolorosa fragmentação entre as feministas (para não dizer “entre as mulheres”), ao longo de cada fissura possível, tem feito com que o conceito de mulher se torne escorregadio: ele acaba funcionando como uma desculpa para a matriz das dominações que as mulheres exercem umas sobre as outras.

Assim, pretendo, por meio desta tese, identificar as especificidades das experiências e trajetórias de mulheres trans e travestis brasileiras em mobilidade para os territórios do trabalho sexual na Europa. O ponto de partida é a sua circulação em Portugal, com seus respectivos marcadores sociais da diferença, no intuito de desmistificar generalizações, representações e discursos sobre os seus projetos de mobilidade geográfica, corporal, social, trabalhista e de gênero. É importante salientar que, apesar do fortalecimento dos ativismos LGBTQIA+ em Portugal nos últimos anos, a presença de mulheres trans e travestis brasileiras - sejam elas trabalhadoras do sexo ou não - é praticamente inexistente dentro desses movimentos sociais. Mesmo sendo elas que majoritariamente comercializam performances sexuais em canais de anúncios para este tipo específico de trabalho.

Nesse contexto, esta tese estabelece conexões com as críticas formuladas pela Teoria Queer nos anos 1980, relacionadas à assimilação pela lógica liberal das pautas reivindicativas de parte dos movimentos feministas e LGBTI's¹⁰, que apenas buscam/buscaram igualdade jurídica no interior da política liberal. Utilizo a Teoria Queer para desvelar o caráter assimilacionista e abolicionista¹¹ destas instituições que excluíram e continuam a excluir das suas fileiras subjetividades compreendidas pelo viés da abjeção¹², como, por exemplo,

¹⁰Utiliza a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais) quando faço referências as organizações políticas e institucionais no Brasil e/ou Portugal e/ou continente europeu.

¹¹Grosso modo, as posições feministas abolicionistas compreendem todas as pessoas trabalhadoras do sexo como vítimas e o trabalho do sexo como algo a ser erradicado da sociedade. No capítulo III retomo as discussões sobre as distintas posições sobre o trabalho do sexo pelos Estados, Teorias Feministas e os ativismos.

¹²No interior dos feminismos as TERF «[...] *trans exclusionary radical feminist* - é frequentemente mencionada para designar os conjuntos de posicionamentos feministas críticos ou hostis à inclusão de questões transgêneras no feminismo, precisamente porque descreve a adoção de um posicionamento a favor da exclusão destas questões do escopo do movimento feminista» (Bagagli, 2019: 24). Para compreender mais, sugiro a leitura da dissertação de mestrado *Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo*, de Beatriz Pagliarini Bagagli defendida em 2019 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

travestis, pessoas trabalhadoras do sexo, indígenas, pessoas não brancas, do «terceiro mundo», vivendo com HIV, entre outras. Portanto, ao analisar as mobilidades de mulheres trans e travestis para o mercado do sexo europeu, busco identificar as relações com a economia política do desejo, ou seja, a utilização do corpo para satisfação erótica mediada pelo dinheiro.

Preciado (2018) afirma que o trabalho sexual de pessoas migrantes demonstra as lógicas neoliberais de apropriação das diversidades na (re)produção do capital. São corpos migrantes, não brancos, não reconhecidos pela supremacia masculina, «corpos penetráveis (pelo capital), corpos que provocam ejaculação ao menor preço possível» (Preciado, 2018: 310). Logo, busco apreender e compreender os processos de assujeitamento e agência nas trajetórias de mulheres trans e travestis brasileiras no mercado do sexo na Europa. Sincronicamente, analiso como as experiências nos distintos territórios do trabalho sexual, no Brasil e no continente europeu, alteram suas subjetividades relacionadas ao corpo, identidade e expressão de gênero e disposições para a sexualidade. Analiso ainda como colaboram na elaboração de estratégias que possibilitam a acumulação de capital econômico e obtenção de uma posição de poder nos territórios do trabalho sexual.

As discussões públicas em torno do trabalho do sexo tiveram um grande acúmulo mais recentemente. Por um lado, tivemos a emergência de pesquisas (Dolabella, 2015; Oliveira, 2013; Piscitelli, 2011, 2007, 2004; Pelúcio, 2011, 2010, 2007; Coelho, 2009; Sanders, O'Neill e Pitcher, 2009; Silva e Blanchette, 2005; O'Neill, 2001), filmes¹³ e autobiografias (Prada, 2018; Moira, 2016; Despentis, 2016; Leite, 2009, 1992; Surfistinha, 2006; Albuquerque, 1992). Produções que retrataram a diversidade de realidades existentes nos territórios do trabalho sexual e colaboraram na retirada do caráter simplista associado à vulnerabilidade das pessoas trabalhadoras do sexo.

Por outro lado, a organização política das pessoas trabalhadoras do sexo possibilitou mostrar os territórios do trabalho sexual a partir das experiências vividas nas diversas (e desiguais) realidades de comercialização de performance sexuais e na construção de pautas reivindicativas para implementação de políticas públicas e de direitos. Porém, os corpos das pessoas trabalhadoras do sexo continuam sendo regulados pelo controle dos Estados. Mesmo com algumas mudanças na compreensão do paradigma do trabalho sexual, as pessoas trabalhadoras do sexo prosseguem sem garantias de segurança e direitos no Brasil¹⁴ e em

¹³ Bruna Surfistinha (2011); *Um beijo para Gabriela* (2013).

¹⁴ No Brasil o trabalho sexual não é regulado, nem regulamentado, mas também não é punível pela lei quando executado sem a ajuda de terceiros, isto é, quando não ocorre cafetinagem/proxenetagem. Em 2002, o Ministério

Portugal¹⁵. Elas são apresentadas frequentemente pela vulnerabilidade, pela perspectiva da falta de agência¹⁶ nos usos que fazem dos seus corpos e pela violência sobre eles¹⁷.

Especificamente sobre o trabalho do sexo desempenhado por mulheres trans e travestis, o relatório do *Transgender Europe* (TGEU) elaborado por Fedorko e Berredo (2017) demonstra que a prostituição é uma das poucas fontes de renda para pessoas migrantes e sem documentos, resultado da violência estrutural, institucional e interpessoal no decorrer das suas trajetórias de vida. Nesta perspectiva, busco colaborar na compreensão das especificidades, motivações e assujeitamentos das trabalhadoras do sexo, mulheres trans e travestis, na efetivação do projeto migratório; analisar a fabricação das corporalidades nestes contextos diferenciados e diferenciadores; bem como, qual é o papel do corpo na formação de identidades e o seu valor diferenciado no mercado do sexo, operacionalizado enquanto capital corporal específico. Mais do que isso, as experiências nos territórios do trabalho sexual possibilitam a criação de estratégias na captação, fidelização de clientes e circulação pelos territórios do trabalho sexual. Assim, a mobilidade também é percebida como um ponto de

do Trabalho reconheceu a prostituição como uma profissão na Classificação Brasileira de ocupações. Apesar da importância da inclusão, pouco mudou na garantia de direitos pelas pessoas trabalhadoras do sexo. Está em trâmite no Congresso Nacional o Projeto de Lei n. 4211/2012, conhecido popularmente como Lei Gabriela Leite, apresentado pelo Deputado Federal Jean Willys. No contexto brasileiro existem posições dispares com relação ao projeto, seja nos movimentos de pessoas trabalhadoras do sexo, sociedade civil, feminismos etc.

¹⁵ Em Portugal, assim como no Brasil, o trabalho sexual não é regulado, regulamentado e nem punível pela lei quando ocorre sem a ajuda de terceiros. A aprovação do modelo sueco que consiste na criminalização dos clientes, de 1999, tem fomentado o debate em diversos países da Europa. Especificamente em Portugal, este tipo de regulação do trabalho sexual tem apoio de parte da sociedade civil e feministas abolicionistas, ainda que os poucos movimentos organizados por pessoas trabalhadoras do sexo no país - como, por exemplo, o Labuta, organização pelos direitos humanos e laborais dos trabalhadores do sexo [<https://labuta.org/>], e o Movimento dos Trabalhadores do Sexo (MTS) [<https://www.mts-movimento-trabalhadores-do-sexo.pt/>] - sejam contrários à implementação do modelo.

¹⁶ Apesar de concordar que há processos de agência nos territórios da prostituição por pessoas trabalhadoras do sexo, por exemplo, com a criação de estratégias para captar e fidelizar clientes, como veremos adiante, não alinho com algumas posições ativistas e/ou acadêmicas que veem o trabalho sexual como empoderador. Assim como Prada (2018) e Federici (2017), compreendo o trabalho do sexo como qualquer outro tipo de trabalho no interior de sociedades organizadas para (re)produção do capital: «Não é uma linha que me represente, já que considero que nenhum trabalho exercido em nossa sociedade, e em especial nenhum trabalho precário exercido por mulheres de baixa escolaridade e classe social, possa realmente ser considerado empoderador ou emancipatório. Não há nenhum questionamento sobre o empoderamento alcançado por mulheres que exercem outros trabalhos precários: ninguém se importa se uma mulher precisa limpar privadas, ocupar seus dias embalando compras ou costurar até a exaustão, mas basta que ele use o sexo para garantir seu sustento que passamos a nos preocupar com sua condição» (Prada, 2018: 58).

¹⁷ «Das 123 pessoas trans e gênero-diversas assassinadas na Europa desde janeiro de 2008, 39, ou seja, 32% de todas as vítimas eram migrantes. Em alguns países, como a Itália, mais de dois terços dos assassinatos registrados eram de pessoas migrantes. Das 32 pessoas trans e gênero-diversas assassinadas na Itália, 22, ou seja, 69% de todas as vítimas eram migrantes (sendo 16 do Brasil). Dos 6 assassinatos notificados na França, 4 vítimas, ou seja, 67% de todas as vítimas eram pessoas migrantes. 6 dos 9 assassinatos notificados na Espanha, ou seja, 67% eram de pessoas migrantes. O único assassinato registrado em Portugal em 2008 foi de uma pessoa migrante do Brasil. Em resumo: nos quatro países do sul da Europa – França, Itália, Portugal e Espanha –, para onde migram a maioria das pessoas de África e da América Central e do Sul, 33 dos 48 assassinatos relatados, ou seja, 69% foram de pessoas migrantes» (Fedorko e Berredo, TGEU, 2017: 15). O relatório afirma também que 55% das pessoas migrantes trans assassinadas na Europa são do Brasil.

viragem nas suas trajetórias de vida, uma vez que permite transformações radicais em suas biografias corporais e subjetividades. Portanto, por meio das suas trajetórias de vida, é possível compreender o papel das decisões e das desigualdades estruturais na constituição das suas trajetórias, subjetividades e biografias corporais.

Assim sendo, operacionalizo o conceito de percurso de vida de modo entrelaçado com a Sociologia à escala individual e à do corpo, para compreender o papel das experiências distintas no Brasil na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais, com os seus respectivos processos de construção, vigília, reprodução e alteração com as novas experiências advindas da mobilidade (Lahire, 2004). Os pontos de viragem, as crises e rupturas das trajetórias de vida são momentos cruciais dos processos de subjetivação (Martucelli, 2002) porque suas resoluções são sintetizadas como atualizações dos patrimônios de disposições.

Tendo em vista a importância destes momentos nas constituições das subjetividades, cada capítulo desta tese corresponde a um ponto de viragem específico e relevante nas trajetórias e biografias corporais das interlocutoras. São eles: o início da trajetória de vida com seus contextos culturais e sociais e a excorporação da identidade de gênero; o início do trabalho sexual no Brasil e/ou a mobilidade para Europa com suas respectivas motivações e os meios utilizados para efetivação do projeto migratório; o impacto da mobilidade nas biografias corporais; o impacto das experiências no trabalho do sexo nas subjetividades e na criação de estratégias de captação e fidelização de clientes; e o papel das experiências diferentes e diferenciadoras nas alterações das representações sobre a Europa e na ressignificação das trajetórias de vida.

Antes de iniciar a apresentação dos seis capítulos que compõem esta tese, é importante demarcar a escrita híbrida do texto entre o português de Portugal e o português do Brasil, reflexo dos meus quatro anos de experiência em mobilidade para realização deste doutoramento. Utilizo as regras de acentuação do português do Brasil. No entanto, durante as narrativas do trabalho de campo algumas palavras poderiam não ser compreendidas por pessoas portuguesas, assim optei pela utilização de ambos os termos, por exemplo, no substantivo telemóvel/celular. Nos excertos de entrevistas, utilizo notas de rodapé para definição dos sinónimos.

No primeiro capítulo, busco delimitar as teorias, metodologias e técnicas que foram instrumentalizadas na compreensão dos percursos e biografias corporais de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. Na primeira seção, apresento as discussões sobre cultura somática e biopolítica, que colaboraram na compreensão dos processos de

subjetivação, de normatização e inteligibilidade na (re)produção do sexo, do corpo, do gênero e do desejo na modernidade. Na segunda seção, a Sociologia à escala individual e à escala do corpo são apresentadas no intuito de auxiliar na identificação e na análise dos esquemas de ação na vida social e das disposições para modificação do corpo na constituição de uma trajetória e biografia corporal específica. Na terceira seção, busco debater minha posicionalidade relacionada às questões de objetividade e de neutralidade do saber científico e o papel da (inter)subjetividade e da reflexividade no fazer pesquisa com pessoas de corpos e expressões de gênero não normativos e sexualidades dissidentes. Na quarta seção, explico as técnicas e metodologias utilizadas na produção dos dados durante o trabalho de campo, com foco na instrumentalização da entrevista compreensiva. Na quinta seção, discorro sobre as problemáticas de aplicação das metodologias e técnicas do trabalho de campo na produção e tratamento dos dados.

O segundo capítulo busca compreender e analisar a constituição das biografias corporais e dos patrimônios de disposições das interlocutoras. Confere atenção aos respectivos processos de desigualdade e assujeitamentos relacionados aos entrelaçamentos e conexões dos marcadores de identidade de gênero, classe e suporte familiar, características de racialização, de geração e de corpo orgânico, antes da efetivação da mobilidade. Na primeira seção, as abordagens, paradigmas e conceitos da Sociologia e Antropologia do Corpo são resgatados para auxiliar nas distintas interpretações das características físico orgânicas, plásticas, cinéticas e sensíveis das corporalidades. O conceito de capital corporal é relacionado com os capitais econômico, cultural e social para compreender as especificidades de constituição da materialidade corpórea e os diversos tipos de desigualdades que emergem na efetivação de um determinado projeto de corpo.

Na segunda seção, analiso o impacto da classe e o suporte familiar nas biografias corporais de mulheres trans e travestis. Paralelamente, identifico o papel dos saberes médicos científicos na criação das diferenças e no controle das corporalidades e subjetividades deste grupo social. A terceira seção estabelece relações e interconexões entre as desigualdades de classe e os atributos de racialização na constituição das biografias corporais e subjetividades de mulheres trans e travestis negras. Na quarta seção, busco compreender o papel da geração na constituição de um projeto de corpo e nas técnicas de modificação corporal, com suas respectivas culturas somáticas, na produção de uma biografia corporal *sui generis*. Por fim, a quinta seção busca estabelecer as convergências e divergências entre a definição do projeto de corpo e os limites impostos pelo corpo sujeito na fabricação de uma determinada corporalidade.

O terceiro capítulo compreende e analisa a importância da mobilidade na contemporaneidade, os distintos meios de efetivação do projeto migratório por trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis e as relações que estabelecem com a rede de pessoas e/ou capital social. Na primeira seção, apresento os paradigmas, teorias e conceitos que foram instrumentalizados na compreensão dos trânsitos geográficos. Paralelamente, discorro sobre as distintas interpretações sobre a prostituição transnacional pelos Estados, Teorias das Migrações e Teorias Feministas. O conceito de capital de mobilidade demonstrou ser fundamental para refletir sobre o processo de (i) mobilidades de pessoas. Na segunda seção, reflito sobre as experiências de circulação pelos territórios do trabalho sexual no Brasil, por algumas das interlocutoras, na obtenção de capitais que auxiliaram na efetivação do projeto migratório. Na terceira seção, busco apreender as diferentes maneiras de obtenção do capital de mobilidade e as conexões que estabelecem com o capital social e/ou rede de pessoas e lugares. Na quarta seção, analiso as motivações estruturais, subjetivas e econômicas para efetivação do projeto de mobilidade.

O quarto capítulo analisa os distintos modos de circulação pelos diferentes e diferenciadores campos prostitucionais europeus e as conexões que estabelecem com a acumulação de capital de mobilidade, econômico, corporal e social e a atualização das disposições estéticas. As experiências diferentes e diferenciadoras nos territórios do trabalho sexual possibilitam verificar as desigualdades sociais, culturais, políticas e econômicas do continente europeu. Este tipo de conhecimento é instrumentalizado por algumas das interlocutoras como estratégias do trabalho do sexo, relacionadas ao espaço geográfico. Na primeira seção, identifico e analiso as diversas e desiguais práticas de circulação pelo continente europeu e as relações que estabelecem com a acumulação dos capitais da vida e da obtenção de uma boa posição/local de poder nos territórios do trabalho sexual. Na segunda seção, identifico o papel da mobilidade e da circulação nos distintos territórios do trabalho sexual e nas alterações das biografias corporais, relacionados com a acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal e para as atualizações das disposições estéticas. Por fim, a terceira seção analisa as estratégias do trabalho do sexo relacionado ao espaço geográfico.

O quinto capítulo busca compreender e analisar o aprendizado e a instrumentalização de estratégias do trabalho do sexo por mulheres trans e travestis brasileiras nos distintos campos prostitucionais na Europa. Considero ainda seus respectivos processos de alteração nas biografias corporais e nos patrimônios de disposições, especificamente, nas disposições para a sexualidade, para a modificação do corpo e de expressões de gênero. Na primeira

seção, busco identificar nos anúncios publicados pelas acompanhantes quais são os aspectos e as características do capital corporal considerados relevantes pelas trabalhadoras do sexo na criação de uma propaganda de si. Além disso, busco descrever quais os tipos de imagens que são disponibilizadas na fomentação de fantasias sexuais, os atributos do capital corporal em sua forma, a qualidade e o volume que são colocados em evidência e as estratégias utilizadas no primeiro contato com o cliente pelo telefone. Na segunda seção, identifico os controles reflexivos do corpo como acessório pelas trabalhadoras do sexo na elaboração de estratégias para captar e fidelizar clientes. As inúmeras experiências (inter)corporais possibilitam também a compreensão da *hexis* corporal dos clientes, a obtenção de agência e o poder nas relações que as interlocutoras estabelecem nos territórios do trabalho sexual.

Na terceira seção, exploro a centralidade do pênis no trabalho do sexo desempenhado por mulheres trans e travestis que não passaram pela cirurgia de confirmação de gênero. Busco compreender, por meio das narrativas e experiências, a utilização do pênis e suas secreções como instrumento de trabalho e os diferentes significados atribuídos pelas interlocutoras relacionados a este desejo específico dos clientes. O Viagra é percebido como uma prótese biomolecular, quando o corpo sujeito limita o trabalho, o que pode ser compreendido também como uma estratégia da prostituição. Na quarta seção, identifico a importância da especialização em práticas sexuais diferenciadas e diferenciadoras, a utilização de técnicas e tecnologias na obtenção, na fidelização de clientes e na conquista de um local de poder nos territórios do trabalho sexual. A quinta seção apresenta o papel das diferenças culturais nas alterações das subjetividades e nas disposições para a sexualidade das interlocutoras com as experiências advindas no continente europeu. Paralelamente, as representações sobre a brasilidade são instrumentalizadas por algumas das interlocutoras como uma estratégia na captação de clientes.

O sexto capítulo pode ser compreendido como a consubstancialização das trajetórias, das biografias corporais e dos capitais da vida acumulados pelas interlocutoras. A quantidade e/ou a qualidade dos capitais acumulados, suas trajetórias diferentes e diferenciadoras, as alterações nas representações das suas trajetórias de vida por elas mesmas e/ou por outras pessoas do seu círculo social e a obtenção do *status* de *europeia* reposicionam o local de poder que mulheres trans e travestis ocupam nos seus contextos de origem e nos territórios do trabalho sexual. Assim, neste capítulo busco identificar e apreender o prestígio das biografias corporais e das experiências de vida, ou também, como nomeado pela Teoria da Prática de Pierre Bourdieu, do capital simbólico. Na primeira seção, busco identificar como as experiências e circulação por diferentes países e territórios do trabalho sexual alteram as

disposições estéticas, com a encarnação de performances de distinção social. Também, como possibilitam a acumulação de capital cultural, de responsabilidade (*juízo*) e ressignificam as representações sobre o Brasil e o *glamour* e o *luxo* associados à Europa. Na segunda seção, analiso os diferentes significados atribuídos pelas interlocutoras sobre as experiências da mobilidade e o seu papel na ressignificação das trajetórias de vida. Paralelamente, identifico as diferenças de classe nos usos dados ao capital econômico acumulado nos territórios do trabalho sexual e apresento algumas percepções a respeito da passabilidade pelas interlocutoras. Por fim, desenvolvo as considerações finais da pesquisa. Assim, a leitura da tese possibilita compreender os processos de (re)produção e de alteração nos patrimônios de disposições e biografias corporais das interlocutoras com as inúmeras experiências singulares das suas trajetórias no Brasil, em Portugal e/ou na Europa.

Capítulo I

Questões teórico-metodológicas sobre caminhos de pesquisa com trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras em mobilidade transnacional.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política (Foucault, 1986: 80).

Neste capítulo, apresento e discuto a perspectiva teórico-metodológica e as técnicas que foram operacionalizadas ao longo da produção desta tese e do trabalho de campo que a fundamenta. Busco relacionar o conceito de *cultura somática* com os processos de objetificação do corpo na constituição de subjetividades controladas e controladoras. Paralelamente, apresento as discussões sobre o uso da Sociologia à escala individual e à escala do corpo na compreensão dos processos de construção dos esquemas de ação de travestis e transexuais trabalhadoras do sexo em Portugal e/ou em circulação na Europa subjacentes às biografias corporais que constroem ao longo da vida. Posteriormente, apresento as questões relacionadas à minha posicionalidade enquanto pesquisador de pessoas travestis e transexuais, o processo de produção dos dados durante o trabalho de campo e os métodos e técnicas utilizados na elaboração das análises.

Culturas somáticas e a (re)produção de corpos, gêneros e sexualidades

Nesta seção, busco apresentar as teorias de grande alcance que colaboram no enquadramento teórico desta pesquisa. O objetivo é apresentar algumas perspectivas que auxiliam na compreensão do papel de um determinado contexto histórico na (re)produção do corpo e na constituição de subjetividades. Logo, busco compreender como os contextos sociais e culturais são utilizados na produção do Eu. A antropologia e a Sociologia têm levantado questões relacionadas à finalidade das distintas culturas somáticas no tempo e no

espaço. O conceito de cultura somática busca circunscrever a produção do corpo no interior de um sistema de regras, de condutas, de códigos de produção, de percepção e de consumo corporal específicos. Seja relacionado a determinado contexto social particular, ou também, a questões *objetivas de diferenciação e desigualdade social*, por exemplo, classe, idade, geração, gênero e etnicidade etc. na constituição de determinados modos de viver socialmente o corpo (Boltansky, 2004).

Considerando a operacionalidade do conceito de cultura somática na sociedade atual, este permite-nos apreender as condições estruturais que possibilitam compreender os recentes processos de objetificação e de privatização do corpo. Um corpo que, atualmente, é tido como um acessório, objeto de manipulação, usado, tratado, pensado e classificado como sendo propriedade privada da pessoa, numa cultura somática marcada por uma cultura do aperfeiçoamento do corpo pelos processos técnicos, tecnológicos e (bio)moleculares disponibilizados para (re)produção das corporalidades. Destaca-se, principalmente, este contexto histórico social marcado pelo desenvolvimento de biotecnologias de *design corporal* que trouxe alterações nas condições de *socialização/incorporação*, de *reflexividade/corpo pensado*, ou ainda, de *experiência/corpo vivido* constituído pelas experiências particulares dos atores sociais (Ferreira, 2013).

No entanto, antes de debater as questões relacionadas às possibilidades de escolha no montante da construção de um determinado *projeto corporal* na cultura somática contemporânea, apresento os processos de normatização concatenados ao conceito. As abordagens sobre cultura somática e a regulação/controle dos corpos podem ser interpretadas a partir das teorizações de Michel Foucault (2011, 2009, 1986) sobre a sociedade disciplinar. O autor afirma que o século XVII é marcado pelo início da produção de uma infinidade de discursos científicos produzidos pela pedagogia, medicina e psiquiatria etc., que vão formular os seus saberes sobre o corpo e o sexo na criação de coerções disciplinares ou dispositivos¹ do corpo ou, mais especificamente, da sexualidade. Essa estratégia biopolítica tem como objetivo a produção de corpos dóceis: «É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado» (Foucault, 1986: 126). Por meio da

¹ «Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos» (Foucault, 1986: 244).

Teoria do Panóptico², Foucault demonstra os processos de coerção do poder na criação de instituições, saberes e discursos para criação de subjetividades controladas e auto-controladoras. O controle da sexualidade e do corpo populacional tem como intuito a (re)produção da sociedade organizada pela rege do capitalismo e as preocupações com a (re)produção da classe operária. Portanto, a história da sexualidade pode ser compreendida como uma história do biopoder, ou seja, os processos de gestão da população.

A emergência de teorias que utilizam o corpo como epicentro na compreensão das sociedades e culturas obteve uma grande expansão com a consolidação dos estudos de gênero e sexualidade nas Ciências Humanas e Sociais. Em um primeiro momento, a distinção entre sexo e gênero, inserida respectivamente na dualidade natureza e cultura, foi utilizada na compreensão dos processos culturais de produção das masculinidades e feminilidades de modo relacional (Scott, 1995). O mesmo ocorreu com os saberes sobre o sexo no ocidente eurocentrado. Laqueur (2001), ao analisar as formulações científicas sobre os sexos, demonstra que, da antiguidade clássica até o final do século XVII, existia a concepção de um único sexo: o masculino. O corpo feminino era compreendido a partir do «único e verdadeiro sexo»: o pênis, ou seja, somente o pênis tem entidade ontológico política. A vulva era percebida como um «pênis interno», justificado pela falta de calor vital. A criação de dois sexos opostos e complementares tem o seu surgimento somente após a Revolução Francesa, devido às lutas de poder e posição nas esferas públicas. A emergência de dois sexos com naturezas distintas irá colaborar para criação dos estereótipos de gêneros, a partir das diferenças biológicas que são reverberadas no social. Assim, as conclusões de Laqueur (2001) colaboram nas afirmações de Foucault (2011, 1986): a ciência identificada não somente como produtora de conhecimento, mas também na determinação, validação e institucionalização social das diferenças, a partir de uma posição de autoridade.

Com a consolidação dos Estudos Feministas e a elaboração de críticas relacionadas à dicotomia natureza/cultura como ferramenta de legitimação dos processos de exclusão das mulheres e demais grupos subalternos, o corpo foi mais uma vez colocado no centro dos debates. Para Haraway (2009), foi exatamente este processo de separação/divisão em dois polos antagônicos macho/fêmea, mente/corpo etc., advindo da visão cartesiana, que legitimou a dominação social das mulheres, uma vez que o homem foi associado à cultura e a mulher à natureza. Na perspectiva da autora, com o desenvolvimento biotecnológico e a consequente

² «Olhar invisível – como o do *Panopticon* de Bentham, que permite ver tudo permanentemente sem ser visto – que deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem olha. Finalmente, a disciplina implica um registro contínuo de conhecimento. Ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber» (Foucault, 1986: XVIII).

reinvenção da natureza, a fronteira natureza/cultura é ultrapassada pelo surgimento da máquina e o seu acoplamento com o corpo humano, o que Haraway (2009) denomina como *ciborgue*.

Ora, a cultura somática de onde emerge o *ciborgue* apresenta-se como uma saída na destruição das dicotomias anteriores. O *ciborgue* insere-se na fronteira entre a natureza e a cultura e representa o acoplamento entre o humano e outros seres vivos, emergindo como potencialidade de fusão e de exploração política. Nesta perspectiva, o corpo é compreendido como entidade tecnoviva multiconectada que incorpora tecnologias (Haraway, 1997). As formulações de Haraway (1997, 2009) demonstram assim o papel das tecnologias no processo de produção das subjetividades no interior de uma cultura somática marcada pela emergência de técnicas altamente invasivas do corpo.

Também Butler (2010), partindo da Teoria da Sociedade Disciplinar de Foucault, identifica os processos de (re)produção dos corpos generificados na cultura somática contemporânea. Para a autora, o gênero seria uma estilização de regras, normas e práticas no interior de uma estrutura reguladora e cristalizada no tempo, para produção de corpos generificados e narrativas naturalizantes da heterossexualidade. O gênero e a sexualidade seriam uma ficção biopolítica que, por meio das respectivas performatividades sociais, criam inteligibilidades discursivas, corporais e de reconhecimento político. Isto quer dizer que as identidades de gêneros são encarnadas por meio da repetição estilizada de atos *regulados pela punição, alternadamente incorporados e desviados sobre coação* com o objetivo de adquirir inteligibilidade identitária. Esse processo seria responsável pela criação do binário masculino/feminino, homem/mulher e heterossexual/homossexual na consolidação e reprodução do regime de poder patriarcal centrado na opressão masculina e na heterossexualidade naturalizada e compulsória:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre as superfícies dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre identidade primária e estável (Butler, 2010: 195).

Preciado (2018) também colabora na compreensão da cultura somática contemporânea e os processos de (re)produção de corpos generificados. Para o autor, o panóptico desenvolveu-se para dispositivos mais elaborados após a Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento tecnocientífico possibilitou inserir o panóptico no interior do corpo: «O

corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle» (Preciado, 2018: 86). Esse período histórico de acoplamento do panóptico no corpo será denominado pelo autor como «Era farmacopornográfica».

As tecnologias farmacopornográficas possibilitaram a produção de uma «prótese política viva», representada pela circulação de drogas, hormônios, silicone, material digital, textual, procedimentos cirúrgicos etc. na (re)produção de corpos cisheteronormativos³. O objetivo desta reconfiguração na biopolítica foi a criação de uma prótese política viva na produção do capital e na reprodução das espécies. Somos um maquinário tecnovivo. As tecnociências farmacopornográficas possibilitaram que as formações físicas fossem integradas com diversas organizações políticas como, por exemplo, as instituições médico-legais, o Estado e as redes de circulação do capital (Preciado, 2018).

As discussões de Preciado (2018) colaboram também no entendimento do trabalho sexual na cultura somática contemporânea, organizada pelo modo de produção capitalista. Na perspectiva do autor, a indústria do sexo demonstraria umas das faces dos dispositivos utilizados pela comunicação e o entretenimento no capitalismo contemporâneo. A ação do paradigma farmacopornográfico é facilmente observada com a centralidade dos símbolos em torno do sexo e da sexualidade como um dos principais elementos na publicização para a organização/(re)produção/circulação do capital no século XXI. A circulação de produtos sexuais e/ou sexualizados funciona a partir do paradigma farmacopornográfico: a (re)produção do vício/prazer e a retirada de mais-valia, mas sem a criminalização/marginalização que está associada à indústria das drogas e do sexo.

Essa perspectiva permite identificar, em cada período histórico, a produção de determinados tipos de corporalidades pelos dispositivos de biopoder para (re)produção do capital, como, por exemplo, a (re)produção do corpo das pessoas escravizadas na economia do *plantation*, o corpo da pessoa trabalhadora da fábrica na economia fordista etc. «[O] trabalho e o tipo de exploração específica que definem hoje a economia farmacopornográfica é o trabalho sexual, e o corpo paradigmático desse modelo de produção é o da puta migrante, do transgênero trabalhador do sexo ou o da atriz e do ator pornô» (Preciado, 2018: 302). Portanto, o trabalho na sociedade farmacopornográfica pode ser compreendido como o

³Os dispositivos de poder de normatização, gestão, (re)produção, regulação e inteligibilidade de naturalização do sexo como causa da identidade/expressão de gênero e do desejo. Ou seja, a ideia binária de que um corpo sexuado como macho deve expressar masculinidade e ter seu desejo orientado para mulheres cis ou o seu suposto complementar.

processo de compra e venda da força de comunicação e da excitação produzida pelo corpo, bem como a compra e venda de *potentia gaudendi* ou «força orgásmica», ou seja:

[...] a potência (presencial ou virtual) de excitação (total) de um corpo. Esta potência é uma capacidade indeterminada; não tem gênero, não é nem feminina nem masculina, nem humana nem animal, nem viva nem inanimada. Sua orientação não se dirige ao feminino nem ao masculino nem conhece diferenças ou fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade ou entre objeto e sujeito; esta potência também não sabe a diferença entre ser excitado, excitar ou excitar-se com. Esta potência não privilegia um órgão sobre outro, de modo que o pênis não possui mais força orgásmica do que a vagina, do que o olho ou dedo do pé. A força orgásmica é a soma da potencialidade de excitação inerente a cada molécula material. A força orgásmica não busca nenhuma resolução imediata, aspira apenas a própria extensão no espaço e no tempo, a tudo e a todos, em todo lugar e a todo momento. É uma força de transformação do mundo em prazer – “prazer com”. A *potentia gaudendi* reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, e reivindica todos os recursos bioquímicos e estruturas da mente (Preciado, 2018: 44-45).

No capitalismo farmacopornográfico, ocorre uma proletarização global do sexo. A divisão do trabalho sexual não depende mais de uma condição biológica, mas de uma especialização corporal, uma programação somatopolítica, como, por exemplo, em sua representação máxima: «Um pau = uma força orgásmica = um consumidor, ou de seu suposto complementar: um corpo feminilizado = uma força orgásmica = um trabalhador do sexo» (Preciado, 2018: 315). Por meio do trabalho do sexo influenciado pelos processos de globalização e migração, podemos compreender, então, a lógica de (re)produção do capitalismo contemporâneo. Por um lado, uma infinidade de corpos migrantes que são excluídos socialmente, demarcados como ilegais e diferenciados por atributos racializados, ou seja, corpos penetráveis em uma posição de ânus global. Por outro lado, uma minoria branca e ocidental de homens e mulheres cisgêneros como penetradores universais.

No entanto, é necessário precisar que a lógica do neoliberalismo ou do trabalho sexual não é a produção incessante do prazer, mas o controle das subjetividades através da gestão do circuito de excitação-frustração ou, ainda, *satisfação frustrante*. São os ciclos processuais de subjetivação pelo capitalismo, relacionado ao consumo/desejo, à satisfação e ao seu regresso ao estado de frustração como mecanismo de (re)produção do capital (Preciado, 2018). Os corpos das pessoas trabalhadoras são resultados de processos de especialização sexopolítica: a forma de atuação da biopolítica que emergiu com o capitalismo, com o intuito de regular os corpos para a (re)produção do capital. Ou ainda o que Butler (2010) denominou como

repetição performativa de processos de construção política. Por exemplo, no mercado do sexo, em que o corpo da pessoa trabalhadora do sexo não é consumido pelo cliente, não há objeto ou resultado no trabalho sexual. O que é vendido é uma performance sexual, uma teatralização da sexualidade, que tem como objetivo estimular o ciclo de excitação/frustração do cliente. Salutar, neste sentido, é a importância do aspecto de novidade na captação de clientes pelas pessoas trabalhadoras do sexo no campo prostitucional, como veremos mais adiante. Assim,

[...] a trabalhadora ou trabalhador do sexo ideal, a melhor máquina altamente qualificada chupadora de paus é a boca siliconada, silenciosa e politicamente subalterna, de uma imigrante mulher cis ou transexual sem acesso à identidade administrativa e à cidadania plena. Essas máquinas sexuais do terceiro milênio são corpos vivos aos quais é negado o acesso ao espaço político, despojados de direitos sindicais e de fazer greves, de ter seguro-saúde e seguro-desemprego. Diferentemente do fordismo tradicional, não há mais competição entre a máquina e o trabalhador. Ao contrário: o trabalhador se torna uma biomáquina sexual (Preciado, 2018: 329).

Logo, as discussões em torno da biopolítica buscam compreender a produção do sexo, do corpo, do gênero e da sexualidade como dispositivos históricos de regulação e gestão da ordem social. A heterossexualidade é um regime político (Preciado, 2014; Butler, 2010; Wittig, 1992). O corpo, o sexo, o gênero e o desejo são códigos vivos manipulados pela cultura somática contemporânea na criação de inteligibilidade e discursos de normalidade para (re)produção da vida social no interior de sociedades Estatais organizadas pela racionalidade do capital. Portanto, para compreender o trabalho do sexo é necessário apreender os processos de produção e manipulação dos corpos, desejos e performances sexuais com seus respectivos processos de conversão em capital e processos de subjetivação.

Uma Sociologia à escala individual e à escala do corpo

Nesta seção, apresento as questões teórico-metodológicas que guiaram a produção dos dados e análises das biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras em mobilidade para exercer trabalho sexual no continente europeu. Em um primeiro momento, acreditava que poderia utilizar a observação participante para produção dos dados desta

pesquisa, guiado por uma metodologia de natureza etnográfica (Geertz, 1978). No entanto, minhas incursões nos territórios do trabalho sexual na Rua do Conde Redondo, Rua Artilharia 1 e mediações da praça Martim Moniz, durante os meses de outubro e novembro de 2016, demonstraram não ser possível a utilização desta técnica de produção de dados, devido às poucas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis nestes locais.⁴ Após algumas tentativas frustradas de inserção nos territórios do trabalho sexual, optei pela realização de encontros interpessoais que possibilitassem fazer entrevistas individuais, usando como canal de angariação de contatos vários sites de captação de clientes, como darei conta mais adiante.

A realização destas entrevistas foi teoricamente orientada pela matriz da Sociologia à escala individual, de Bernard Lahire, e à escala do corpo, a qual eu proponho. Isto quer dizer que, fazendo uso da técnica de entrevista compreensiva, esta focou-se sobretudo na compreensão das biografias corporais das interlocutoras, em articulação com os seus percursos de mobilidade dentro do Brasil e da Europa. As discussões entre agência individual e estrutura social fazem parte do patrimônio de conhecimento da Sociologia. Em um primeiro momento, devido à necessidade de demarcação dos saberes entre a abordagem da Psicologia e das Ciências Sociais, os estudos sobre a constituição das subjetividades foram pouco aprofundados pela Sociologia. As Ciências Sociais até então focavam suas análises na influência da estrutura social da constituição dos atores. A Sociologia compreensiva de Max Weber (2000), neste sentido, trouxe mudanças no paradigma da Sociologia, ao propor o entendimento da sociedade de modo reflexivo, por meio da verificação das intenções, motivações, valores e expectativas que orientam as ações dos indivíduos na estrutura social. Na Antropologia, este processo foi marcado pela emergência das discussões relacionadas aos processos da construção das subjetividades dos indivíduos e, à heterogeneidade de técnicas e metodologias para análise das singularidades individuais.

Neste contexto, Pierre Bourdieu (1983, 1996, 2004, 2007, 2013) tornou-se um cânone da Sociologia ao desenvolver a Teoria da Prática, interessada na relação dialética existente entre os atores e a estrutura social. O conceito de *habitus*, por exemplo, salienta a importância das práticas estruturadas no processo de socialização para compreensão das estratégias objetivas que orientam as ações dos agentes. O *habitus* «[...] encerra a solução dos paradoxos do sentido objetivo *sem intenção subjetiva*, entre outras razões porque – a própria palavra o diz – ele propõe explicitamente a questão de sua própria gênese coletiva e individual» (Bourdieu, 2007: grifos meus, 84).

⁴ A análise sobre as alterações nos territórios do trabalho sexual em Lisboa e no modo de captação de clientes está no Capítulo V.

Resgatando as discussões de Bourdieu nesta matéria, Lahire (2005) demonstra como o autor importou termos da psicologia relacionados ao desenvolvimento infantil para compreender os mecanismos de reprodução da vida social. Por exemplo, em suas formulações sobre o conceito de *habitus*:

As práticas do mesmo agente e, mais amplamente, as práticas de todos os agentes da mesma classe devem a afinidade de estilo, que faz com que cada uma seja uma metáfora de qualquer uma das outras, ao fato de que são o produto de transferências incessantes, de um campo para outro, dos mesmos esquemas de percepção, pensamento e ação: paradigma familiar desse operador analógico que é o *habitus* [...] (Bourdieu, 2007: 115).

Para Lahire (2005), Bourdieu utiliza os conceitos de disposição, esquemas, fórmulas geradoras de prática e transferibilidade para compreender os processos de socialização que estruturam os modos de agir dos atores sociais e que colaboram no processo de (re)produção da estrutura social. O indivíduo, nesta perspectiva, é compreendido como produto complexo dos processos de socialização. No entanto, Lahire problematiza o modo de utilização do conceito de disposição na teoria bourdieusiana, uma vez que não há nenhum exemplo de reflexividade na construção, incorporação ou transmissão destas disposições.

Neste sentido, Lahire propõe uma Sociologia à escala individual no intuito de verificar como as disposições são constituídas e incorporadas pelos atores nas relações particulares que estabelecem com as instituições, grupos, campos de forças etc. O objetivo da Sociologia à escala individual é preencher as lacunas das teorias da socialização, ou seja, os processos de interiorização da exterioridade ou a incorporação das estruturas objetivas por um processo de descrição etnográfica e análise teórica de percursos de vida. Esta abordagem tem como principal intuito afastar-se das análises a-históricas e des-socializantes na compreensão das ações dos atores. O que Lahire propõe com as análises da Sociologia à escala individual é perceber como o passado incorporado é atualizado constantemente em face da situação presente.

Assim, a Sociologia à escala individual parte da ideia de que não existe um *princípio único e geral* que orienta as ações dos atores, como era conceitualizado o *habitus*, mas patrimônios de disposições heterogêneos que são constituídos nas relações entre as diversas instituições e grupos sociais nos vários processos de socialização a que os indivíduos estão sempre expostos. Partindo do pressuposto de que as experiências vividas são permeadas por incoerências e pela heterogeneidade de papéis assumidos no decorrer das trajetórias, não

haveria possibilidade de um *habitus* único e coerente, mas patrimônios de disposições que são utilizados de modo mais ou menos reflexivo de acordo com cada contexto de ação. É nesta perspectiva que Lahire (2001) propõe o conceito de *ator plural*:

Um actor plural é, portanto, o produto da experiência - muitas vezes precoce - de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Ele participou ao longo da sua trajetória ou simultaneamente ao longo de um mesmo período de tempo em universos sociais variados, ocupando neles posições diferentes (Lahire, 2001: 46).

A Sociologia à escala individual compreende os patrimônios de disposições como esquemas de ação que foram construídos e incorporados em situações limitadas-delimitadas no processo plural de socialização. Deste modo, os atores constituem esquemas de ação relativos a cada situação contextual mediante a repetição sistemática, cotidiana e de longa duração: «Não se adquire uma disposição por meio de uma conversão brutal e miraculosa, e, portanto, as disposições não são todas equivalentes do ponto de vista da precocidade, da duração, da sistematicidade, e da intensidade de sua incorporação» (Lahire, 2004: 28). As transferências e transposições dos esquemas de ação ocorrem nos limites de cada contexto social por onde o ator circula durante sua trajetória. Assim, a articulação passado-presente ganha sentido quando o passado (incorporado) e o presente (contextual) são heterogêneos.

Os esquemas de disposição também podem ser colocados em estado de vigília temporariamente ou por um longo período – de acordo com as mudanças contextuais ocorridas na trajetória do ator - à espera de um contexto que possibilite o desencadeamento de sua utilização. O que foi incorporado nunca é capaz de resolver sozinho o que está no presente, essa é uma das incongruências da Teoria da Prática que a Sociologia à escala individual pretende resolver. O pressuposto é que o ator não é um único singular e não pode ser redutível a uma fórmula geradora das suas práticas ou, mesmo, uma lei interna. Daí advém o modo de operacionalização da Sociologia à escala individual nesta tese. Busquei, durante a produção e análise dos dados, compreender os processos de construção e incorporação dos patrimônios de disposições das interlocutoras nos seus contextos sociais no Brasil, com os respectivos marcadores sociais da diferença ali gerados. Procurei compreender também as alterações relacionadas ao processo de encarnação de uma nova identidade de gênero, à entrada nos territórios do trabalho sexual e, posteriormente, à mobilidade para e dentro da Europa.

As configurações simbólicas são diferentes nos distintos contextos sociais hierarquizados em que vivemos, o que gera uma heterogeneidade de hábitos, de esquemas de ação que são incorporados e contribuem para a constituição das variações individuais dos patrimônios de disposições. Este processo pode gerar um conflito interno responsável por (des)organizar cada momento da existência. Pessoas socializadas em meios sociais contraditórios tendem a avaliar a situação de pontos de vistas distintos, opostos e/ou concorrentes, que podem até originar um certo tipo de sofrimento. Esses esquemas socialmente diversificados também se aplicam às categorias de objetos e ao próprio corpo (roupas, modos de ser, de estar, cuidados e recursos investidos em projetos corporais etc.). Lahire (2001) utiliza como exemplo deste transcurso, as pessoas trânsfugas de classe, que circulam necessariamente em universos com hábitos e gostos diferentes e opostos, tendendo a oscilar de maneira permanente entre dois hábitos e dois pontos de vista. Na pesquisa aqui apresentada, os esquemas socialmente diversificados são facilmente percebidos no processo de mobilidade para a Europa e as alterações que acarretaram as trajetórias, as biografias corporais e as subjetividades das interlocutoras.

O que a Sociologia à escala individual procura compreender é como os esquemas incorporados no passado são mobilizados, convocados e despertados pela situação presente. A propriedade de uma disposição é sempre relacional, ou seja, exerce determinado tipo de tendência na pessoa para reagir de uma certa maneira em determinadas circunstâncias, mas nunca de modo a possibilitar a produção de uma lei geral e universal para leitura das ações:

Se a fórmula do ajustamento e da correspondência disposições-posição (ou numa outra obra, disposições/condições de existência) é interessante teoricamente, ela não é, contudo, nunca totalmente verificável empírica ou historicamente, e isso, pela simples razão de que as disposições de um actor não se constituíram numa única situação social, num único universo social, numa única «posição» social. Um actor (e as suas disposições) nunca pode, portanto, ser definido por uma única «situação», nem mesmo por uma série de coordenadas sociais (Lahire, 2001: 66).

Partindo dessas formulações, podemos compreender a situação presente como responsável pelo restabelecimento da assimilação de um esquema antigo. A diferença gerada pela situação nova possibilita uma maior generalização do esquema antigo ou sua acomodação (reprodução-adaptação). Os esquemas são alimentados pelo meio exterior por um processo de reflexividade constituído no momento da ação e podem ser transferidos de uma situação para outra, de acordo com a sua abrangência de atuação. Quanto maior a

recorrência de contextos sociais semelhantes, maior a possibilidade de utilização e transferência de um esquema. Quanto maior a especificidade de um contexto, também será menor o domínio de validade e circunscrição de um esquema.

Portanto, um esquema de ação é geral quando encontra diversos contextos sociais que possibilitam a sua transferência e desenvolvimento e é particular quando só pode ser ativado em situação limitada, particular e com pouca frequência no contexto social do ator. Logo, a compreensão da transferibilidade de um esquema somente pode ser compreendida por meio da relação com determinado tipo de contexto que propiciou a sua constituição. Assim, compreender os patrimônios de disposições das trabalhadoras do sexo trans e travestis em mobilidade para/na Europa foi percorrer suas trajetórias, identificando e analisando os distintos contextos sociais que propiciaram a sua constituição e, posteriormente, a sua transferibilidade, adaptação e/ou alteração.

Para Lahire (2001), a Sociologia confunde com frequência o hábito como modalidade da ação (involuntária, não intencional) e o tipo de hábito (que pode ser um hábito reflexivo ou não). Esta será uma das principais críticas do autor à Teoria da Prática: o seu caráter de não necessidade de reflexividade do ator na execução da ação. A Teoria da Prática compreende o *habitus* como um processo de incorporação pela repetição, não havendo a necessidade de racionalização/reflexividade para sua utilização. Assim, um *habitus*, quando incorporado, opera a partir da sua própria lógica. No entanto, Lahire parte do pressuposto de que para a execução da ação é necessário um recorrente retorno reflexivo à experiência passada. Para exemplificar, utiliza o processo de reflexividade necessária aos movimentos táticos de um jogador de futebol:

Se, no momento em que o jogador está absorvido pelo jogo, ele não pode contar senão com as suas aptidões incorporadas, estas podem ser o produto de todo um trabalho de reflexão, de correcção, de cálculo, de estratégia, etc. acumulado durante as horas de treino. O treinador pode racionalizar a prática do jogador, fazer-lhe tomar consciência das suas jogadas, dos seus defeitos, das suas lacunas, podendo «corrigir a sua pontaria», orientado os hábitos do jogo do jogador. A acção executada na urgência, no dia do jogo, beneficia de toda esta experiência que se fez «com tempo», levando o seu tempo (servindo-se do), corrigindo pouco a pouco, através de muitas repetições, os seus gestos, as suas colocações e as suas deslocações (com a ajuda do vídeo, por exemplo), os seus encadeamentos de «jogadas» ou de gestos, numa palavra, efectuando constantemente esse *retorno a si mesmo e ao passado* que a teoria da prática considera como sendo por natureza impossível «na prática» (Lahire, 2001: 194).

Ainda que o jogador de futebol possa chutar a bola de diferentes maneiras, sem nenhum tipo de reflexão e planificação, este tipo de hábito foi constituído progressivamente gerando uma «segunda natureza», uma vez que incorporou os movimentos necessários para o seu tipo de trabalho. Porém, o «[...] hábito de género pré-reflexivo não é o único género de hábito possível, então forçoso é constatar que a teoria do hábito reduz o hábito como modalidade da acção a um género particular de hábito, a saber, *o género não reflexivo*» (Lahire, 2001, grifos meus: 187).

Para Lahire (2001), ao formular o conceito de *habitus*, na presunção do automatismo das ações dos indivíduos na vida prática, a Teoria da Prática não leva em consideração que, para se fazer determinado tipo de ação, é necessário reflexão e retorno constante aos hábitos que já foram incorporados. Deste modo, o indivíduo incorpora esquemas de ação, maneiras de fazer, pensar, sentir e dizer que são circunscritos a contextos sociais específicos. O que é incorporado ou interiorizado nunca é a realidade em si do mundo social. Contudo, o mundo social é reconstruído no ator de modo singular pelos processos de interação com outros atores, objetos e situações únicas. O que a Sociologia à escala individual salienta são justamente as relações particulares que o ator estabelece com o universo social que o rodeia: «Os actores são o que as suas múltiplas experiências sociais fazem deles, sendo chamados a ter comportamentos, atitudes variadas segundo os contextos para os quais são levados a evoluir. Longe de ser a unidade mais elementar da Sociologia, o actor é, sem nenhuma dúvida, a realidade social mais complexa de apreender» (Lahire, 2001: 258).

As críticas formuladas por Lahire perpassam também a arrogância positivista presente nas Ciências Sociais contemporâneas e a fatal tendência à generalização das pesquisas. O investigador, ao observar uma cena composta por atores e contextos, apreende apenas a sua pertinência contextual, uma vez que o mundo social nos mostra a inexistência de um único modelo de ator ou ação, mas tipos diversificados e variados. O que a Sociologia à escala individual pretende é formular um quadro epistemológico para guiar a pesquisa empírica, colaborando na construção de conceitos e opções teóricas com uma validade delimitada por critérios de plausibilidade, e não de verdade:

A cada escala de contexto correspondem uma ordem de complexidade específica assim como informações pertinentes específicas, ordem de complexidade e informações pertinentes que não são as que outros investigadores trabalham a partir de outras escalas. Nunca nenhuma teoria, nenhuma construção do objecto permitirá aceder às práticas reais, ao real tal como ele é em si mesmo. Elas dão-nos dele, de cada vez, uma «versão» plausível (Lahire, 2001: 272).

A análise das disposições é concebida como uma Sociologia da socialização, ou seja, captar as disposições é notar os comportamentos, atitudes e práticas que denotam coerência, bem como repetições de experiências que são relativamente semelhantes. No entanto, é necessário relacioná-las ao contexto para não generalizar os efeitos de uma disposição. As disposições são flexíveis às situações que são expostas e, por isso, podem ser adaptadas, transformadas ou inibidas pelo contexto. Parte-se do pressuposto de não cristalizar os atores em uma análise que tende a generalizar os tipos de ação, mas de reconstituir o processo de construção da disposição segundo os universos e meios sociais do ator, o tipo de ator, os tipos de ação, as lógicas incorporadas pelo ator, a preparação e planificação da ação e o tempo necessário de reflexão. O ator precisa ser compreendido em suas singularidades e pluralidades:

É também útil interrogarmo-nos sobre os tipos de ações em que o actor calcula conscientemente, aqueles em que ele deve seguir escrupulosamente regras escritas, explícitas e conhecidas de todos, aqueles ainda em que as regras (ou os códigos) existem, mas são menos constrangedores, que fazem retorno o que marcam a sua presença unicamente nos casos de graves falhas, aqueles em que não há nem regra nem cálculo, etc. Resumindo, trata-se de desenvolver uma *sociologia da pluralidade das lógicas efectivas de acção e da pluralidade das formas de relação com a acção* (Lahire, 2001, grifos do autor: 205-206).

Enfim, a Sociologia à escala individual busca compreender as relações entre a constituição dos esquemas de ação dos atores em processo reflexivo com seus contextos. Assim sendo, esta abordagem sociológica coloca o trabalho de campo como fundamental para apreensão de uma realidade, mesmo que plausível. Demonstrar os limites de compreensão do social pela Sociologia, e romper com explicações sociológicas holísticas e totalitárias pode ser um caminho frutífero para emergir novas teorias e modos de pensar os processos de incorporação e exorporação da estrutura social pelos atores. Cito como exemplo as trajetórias de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras na Europa, as quais são normalmente abordadas a partir de uma visão homogeneizadora de suas experiências no Brasil e/ou no país destino, sem o reconhecimento das suas individualidades relacionadas às disposições para a modificação do corpo, os aspectos desiguais na constituição das suas corporalidades e expressões de identidade de gênero relacionados aos marcadores sociais da

diferença, as especificidades das motivações e meios utilizados individualmente para efetivação do trânsito geográfico, as singularidades nos modos de operacionalização do trabalho do sexo, a influência das performances sexuais nas alterações dos seus patrimônios de disposições etc. Todos esses foram aspectos centrais na elaboração desta tese. Portanto, busco compreender como motivações e contextos diferentes geram práticas diferentes que, por fim, geram disposições diferentes. Assim, mais do que generalizações, esta tese pretende demonstrar *heteroglosia*, ou seja, as diversas interpretações sobre o corpo e a mobilidade, não em função de si próprios, mas pelos diferentes contextos de constituição e de circulação por trabalhadoras do sexo trans e travestis (Feixa, 2018).

Além das questões relacionadas à instrumentalização da Sociologia à escala individual, é necessário definir o que denominei como Sociologia à escala do corpo. Parto dos pressupostos de Lahire (2004) sobre os patrimônios de disposições e a sua constituição em contextos sociais específicos, com seus respectivos processos de alteração, adaptação e transferência no decorrer das trajetórias de vida dos atores. Logo, podemos afirmar que o mesmo ocorre com as disposições relacionadas ao corpo. A constituição de uma determinada corporalidade perpassa também os diferentes contextos de socialização das trajetórias de vida. Portanto, realizar uma Sociologia à escala do corpo é compreender a construção do corpo em uma situação limitada e delimitada pela cultura somática específica que orienta a encarnação de uma determinada corporalidade. Mas é também compreender que esse corpo está constantemente em devir, através de modificações que nele ocorrem involuntária ou voluntariamente, enquanto corpo-sujeito ou pela mão do sujeito, ao longo do percurso de vida da pessoa. Embarcar numa Sociologia à escala do corpo é, no fundo, embarcar numa Sociologia do corpo à escala individual, onde corpo-indivíduo-culturas somáticas se retroalimentam compreensivamente.

Ademais, trata-se de uma abordagem que busca a compreensão das atitudes e práticas perante a construção, manutenção e aperfeiçoamento do corpo, que denotam coerência e repetições de experiências relativamente semelhantes. Esses questionamentos foram de suma importância na compreensão das representações que mulheres trans e travestis têm sobre suas corporalidades nos diferentes momentos das suas trajetórias de vida. Pode-se citar como exemplo a relação ao *projeto corporal* no início da encarnação da identidade de gênero com seus respectivos marcadores sociais da diferença; após as trocas de experiências de técnicas de modificação do corpo com outras mulheres trans e travestis ainda no Brasil, com a entrada nos territórios do trabalho sexual, com a mobilidade e circulação pelo continente europeu. Todos estes fatores confluem em alterações nas disposições para a modificação e

apresentação do corpo, sejam elas relacionadas aos aspectos identitários, de estilos de vida, ou, também, nos modos de performatizar corporalidades específicas nos distintos territórios do trabalho sexual na Europa, com o objetivo de captação e fidelização de clientes.

Nessa perspectiva, utilizei as narrativas biográficas como a possibilidade de aceder, por meio da singularidade do indivíduo, as realidades vividas da estrutura social (Conde, 1993; Feixa, 2018). Além disso, conforme apontado por Pujadas (2000), devido à profundidade diacrônica do método biográfico, esta metodologia é um valioso instrumento nas investigações sobre migrações, processos de mudança social e análises sobre trajetórias de vida, aspectos centrais desta pesquisa. Assim, o que proponho, com uma Sociologia à escala do corpo, é a construção de uma *biografia corporal*, ou seja, captar os processos de tomada de decisão relacionados às disposições para a modificação, apresentação do corpo e produção do Eu em contextos sociais e históricos específicos e suas alterações no decorrer da trajetória de vida.

Através da proposta analítica das biografias corporais, pretendo reconstruir as trajetórias individuais de modificação do corpo das interlocutoras nos distintos contextos sociais no Brasil, em Portugal e/ou em outros países do continente europeu. A operacionalização do conceito busca compreender as diversas decisões tomadas durante as trajetórias de vida, na encarnação de um projeto corporal específico. Simultaneamente, procura compreender como cada corporalidade carrega influências de diferentes culturas somáticas demarcadas no tempo e no espaço. Portanto, mais do que aspectos individuais, esta perspectiva possibilita perceber as mudanças geracionais e contextuais relacionadas às disposições estéticas para a modificação e a apresentação do corpo e as representações que as interlocutoras têm/tiveram de si e como outras pessoas atribuem/atribuíram a elas, com base nas suas performatividades e materialidades corporais.

Por fim, depois de compreendida a perspectiva da Sociologia à escala individual e do corpo e o conceito de biografia corporal, torna-se ainda pertinente neste trabalho definir os modos de articulação entre as disposições constituídas nos processos de socialização e a respectiva conversão para *capitais específicos* na operacionalização das disputas no campo prostitucional. Parto de uma definição de campo prostitucional como o espaço estruturado por pessoas trabalhadoras do sexo na disputa pela acumulação dos capitais disponíveis no campo. O campo prostitucional, enquanto conjunto de territórios segmentados e hierarquizados do trabalho sexual, condiciona as ações e as práticas das trabalhadoras do sexo. Estas têm por objetivo captar, satisfazer e fidelizar sexualmente o cliente (Coelho, 2009), o único ator no

campo que pode converter os capitais acumulados pelas pessoas trabalhadoras do sexo em capital econômico.

Com este objetivo, as pessoas adquirem disposições reflexivas no campo, que possibilitam perceber como determinadas disposições, materialidades, práticas e saberes adquiridos no tempo e na experiência social podem ser investidos como recursos a capitalizar na sua vida social e profissional. Assim, instrumentalizo o conceito de capital para além das riquezas financeiras e bens com valor econômico (*capital econômico*), mas também outros tipos de recursos que possibilitam a aquisição de poder e auxiliam os agentes nas disputas no campo (Bourdieu, 1983).

Como exemplos de capital, cito, o *capital cultural*, que são os recursos e competências que colaboram na diferenciação entre pessoas trabalhadoras do sexo e na constituição de práticas que são compreendidas como diferentes e diferenciadoras em uma sociedade organizada pelas hierarquias de classe. São capitais culturais, os conhecimentos informáticos e linguísticos, acesso a saberes e recursos locais e nacionais, formas de proteção, entre outros. Há também o *capital social*, compreendido como o conjunto de recursos atuais ou potenciais relacionados à vinculação, consciente ou inconsciente, a uma determinada rede de pessoas que possibilita lucros materiais ou simbólicos (Bourdieu, 2007). Nesta pesquisa, ele pode ser percebido na rede de pessoas que colaboram no apoio para efetivação do projeto de mobilidade e/ou circulação pela Europa. Já o capital corporal⁵, conceito central desta tese, *grosso modo*, pode ser definido como a quantidade de experiências, práticas, símbolos, objetos, técnicas e biotecnologias incorporados e excorporados pelas interlocutoras⁶ ao longo das suas trajetórias de vida, os quais são investidos na materialidade e performatividade dos seus corpos. E eles podem ser capitalizados como valores diferenciados e diferenciadores nas disputas por espaços de poder no campo prostitucional, nomeadamente na captação e no acionamento do ciclo de excitação/frustração do cliente.

Portanto, as disposições incorporadas reflexivamente pelas interlocutoras durante suas trajetórias de vida e experiências nos distintos campos prostitucionais possibilitam a seleção de recursos, saberes e práticas que podem ser convertidas em capitais, que são mobilizados no campo. Por exemplo, a constituição de uma disposição para a modificação corporal permite a encarnação de biotecnologias, que são utilizadas como expressão de gênero, constituição do

⁵ No ponto «Abordagens socioantropológicas do corpo: incorporação, excorporação, encarnação e capital corporal», realizo uma definição pormenorizada e os modos de instrumentalização do conceito.

⁶ Além destes tipos de capitais, instrumentalizo também os conceitos de capital de mobilidade e capital simbólico que serão discutidos e instrumentalizados respectivamente no Capítulo III e IV desta tese.

Eu e estilização da vida, e acabam por ser instrumentalizadas no campo para a captação de clientes, conversão para capital econômico e obtenção de uma posição de prestígio.

No entanto, nesta discussão é importante salientar que não basta a posse de uma disposição para que esta possa ser convertida em um capital específico. Os capitais pressupõem um investimento e um uso estratégico de determinadas disposições, associados ao investimento e à capitalização de outros saberes e saberes-fazer que lhes são acoplados. Por exemplo, no caso das nossas interlocutoras, a constituição de um *capital de mobilidade* não implica apenas deterem disposições para a mobilidade, mas implica também a posse de determinado passaporte, determinados conhecimentos de línguas, de questões legais e burocráticas, entre outros fatores que serão elencados no capítulo III desta tese.

Considerando o cenário analítico inicialmente traçado, que irá sendo heurísticamente aprofundado ao longo das análises do material empírico concreto, proponho-me então a compreender as distintas práticas de conversão de capitais distintos e distintivos de mulheres trans e travestis nos diversos territórios do trabalho sexual no Brasil, em Portugal e/ou no continente europeu, ao longo das suas trajetórias de vida e biografias corporais. Práticas essas que lhes possibilitaram ascender a posições diferentes e desiguais no campo prostitucional até o momento da produção dos dados (Bourdieu, 2004).

O princípio de autocobaia: posicionalidade, autoreflexividade e intersubjetividade no caminho de pesquisa

Compreendidas as principais questões teóricas que orientarão as análises desta tese e antes de apresentar o meu caminho metodológico ou os resultados empíricos, que daquele resultaram, gostaria de clarificar e circunscrever algumas questões que se prendem com a minha posicionalidade epistemológica no fazer científico e, mais especificamente, questões (auto)reflexivas e (inter)subjetivas envolvidas no fazer desta pesquisa. Isso se deve ao fato de que a principal ferramenta de pesquisa fui eu, com o meu corpo, a minha fala, os meus modos de fazer e de pensar, parto da perspectiva de que não há saber neutro, e que todo saber é político (Foucault, 1986). Tanto mais político quanto assumo que o saber (nomeadamente o que eu produzo nesta pesquisa) não pode ser neutro perante qualquer violação de direitos humanos, em que estão incluídas as violências contra pessoas trans, travestis, pessoas

trabalhadoras do sexo, a criminalização da mobilidade com base na nacionalidade, entre outras.

A tradição cartesiana que realizou a separação entre sujeito e objeto, fundamentada pela noção de «homem universal», tentou circunscrever a produção científica no campo da abstração, da neutralidade e da racionalidade. Entretanto, os Estudos Transfeministas⁷, Pós-Coloniais, de Gênero, entre outros têm demonstrado que o significado de «homem universal», no interior da tradição científica liberal, é burguês, branco, heterossexual, cisgênero etc. E foi instrumentalizado na exploração, colonização e construção de discursos de abjeção contra mulheres, pessoas não brancas, não cisheteronormativas, não ocidentais, não-burguesas etc.⁸.

Latour (1994) afirma que a produção do conhecimento moderno excluiu aspectos da realidade para empreender discursos de verdade. Tal como afirma Tadeu (2009: 10), «reunidas, estas teorias mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder». Assim, a ruptura do campo científico com a análise do universal produziu a possibilidade de um conhecimento específico e as lutas específicas sobre as facetas do humano (Foucault, 1986).

Nesse contexto, a emergência dos estudos transgêneros, durante a década de 1990, em diversas áreas do conhecimento, possibilitou demonstrar a importância do tema nas críticas direcionadas às Ciências Humanas, Sociais e Biomédicas (Stryker, 2006). Todas relacionadas à instrumentalização destes saberes na (re)produção e manutenção dos privilégios cisheteronormativos e na constituição do caráter de abjeção de pessoas de corpos não normativos, gêneros inconformes e sexualidades dissidentes. Portanto, compreendo a produção do conhecimento científico como possibilidade de transformação ou conservação da realidade, mas também como um instrumento de combate à neutralidade epistemológica que ainda persiste no campo acadêmico ocidental.

Paralelamente, na constituição do caráter neutro e objetivo do fazer ciência, o sujeito do conhecimento científico foi progressivamente retirando (ilusoriamente) o seu corpo e subjetividade dos processos de experimentação, na tentativa de produzir conhecimentos exteriores a si (Preciado, 2018). No entanto, numa pesquisa que afirma o caráter ficcional desse paradigma e que analisa trajetórias de vida e suas vulnerabilidades/privilégios,

⁷ Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves (2012: 8-9) definem o transfeminismo como: «um movimento intelectual e político que: 1) desmantela e redefine a equiparação entre gênero e biologia; 2) reitera o caráter interacional das opressões; 3) reconhece a história de lutas das travestis e das mulheres transexuais, e as experiências pessoais da população transgênero de forma geral; e 4) é aberto, e pode ser validado por quaisquer pessoas, transgênero ou cisgênero».

⁸ Sobre esta perspectiva, considerando diferentes segmentos sociais, ver autores como Mbembe 2018; Preciado, 2018, 2014; Giuliani, 2016; Foucault, 2011; Kilomba, 2010; Spivak, 2010; Haraway, 2009; Fanon; 2008; Stryker, 2006; Laqueur, 2001; Crenshaw, 1991, 1989; Said, 1990.

biografias corporais e suas desigualdades estruturais, processos de subjetivação e suas relações com os distintos contextos sociais e culturais de circulação dos atores, não poderia excluir o meu corpo e (inter)subjetividade das questões que englobam a produção deste trabalho, desde as suas perguntas iniciais até as suas conclusões, passando pelo próprio trabalho analítico e de produção de dados.

Mais do que isso, há que reconhecer o caráter reflexivo das experiências do trabalho de campo nas alterações das perspectivas interpretativas, mas também nos modos de perceber, compreender e agir no mundo (Field-Springer, 2019). Assim, analisar e identificar a minha própria trajetória de vida, os entrelaçamentos dos meus marcadores sociais da diferença e as relações (inter)subjetivas que estabeleci durante o trabalho de campo não tem apenas como objetivo circunscrever minha posicionalidade. Isso passa também por uma escolha ética perante as histórias de vida que foram trocadas/afetadas entre mim e as interlocutoras que colaboraram durante e após o trabalho de campo e nas análises que são apresentadas no decorrer desta tese.

Afirmo isso porque quando iniciei a graduação em Ciências Sociais em 2007, na Universidade Estadual de Maringá – Paraná, aos 19 anos. O meu principal objetivo era trabalhar com a questão indígena, motivado pelo desconforto ao observar a população nativa do Brasil em uma situação de completa exclusão e vulnerabilidade social. Entretanto, a questão que produziu o desejo pelas Ciências Sociais foi atualizada com a minha «saída do armário» no início do mesmo ano. Evidencio essas informações porque as pesquisas que desenvolvi envolvendo corporalidade, gênero, sexualidade, biotecnologias e processos de subjetivação nas experiências de *drag queens*, pessoas trans e travestis dizem alguma coisa sobre quem fui, mas principalmente sobre quem sou.

Nasci em Paulicéia, uma pequena cidade no interior do Estado de São Paulo, com 4197 habitantes⁹. Fui educado em uma família de classe popular, Católica Apostólica Romana, com um pai negro caminhoneiro/camionista e uma mãe branca empregada doméstica, ambos com o 4º ano do ensino fundamental. A desigualdade de poder entre os gêneros era visível para mim. A violência simbólica era recorrente e a física nem tão esporádica – situação infelizmente não incomum na sociedade brasileira¹⁰. Durante toda a

⁹ Dados do censo do IBGE em 1991.

¹⁰ O Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2019 constata que 28,6% das mulheres entrevistadas tiveram experiências de assédio, violência física ou psicológica, destas 76,4% responderam que o agressor era um conhecido (namorado/cônjuge/companheiro com 23,8%, ex-namorados e ex-companheiros com 15,2% e vizinhos com 21,1%). Relatório disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2019.

minha infância e início da adolescência, devido aos meus trejeitos, aos meus interesses por literatura e por atividades e objetos designados socialmente ao feminino, fui chamado constantemente de «viado», «bixa», «mulherzinha» etc. Na adolescência interiorizei o machismo e a LGBTfobia como uma defesa contra os meus desejos homoeróticos e encarnei uma atitude e *hexis* corporal que pudesse ser passável perante o crivo da heteronormatividade. Assim, experienciar o meu corpo e desejo só foi possível quando deixei este contexto opressor para cursar a universidade na condição de estudante/trabalhador.

Ainda no primeiro ano da graduação em Ciências Sociais exteriorizei publicamente minha orientação sexual e iniciei a militância no movimento estudantil, organizações políticas e ativistas sobre gênero, feminismos e questões LGBTQIA+. Apesar disso, sentia um certo desconforto perante pessoas de gêneros inconformes – que até aquele momento estava restrito às performances *drag queen* –, reflexo da transferibilidade das disposições conservadoras constituídas no meu processo de socialização. Foi motivado por esse sentimento que resolvi escrever um projeto de pesquisa no primeiro ano da licenciatura, para a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, que versava sobre as construções de gênero e feminilidades por *drag queens*. No ano seguinte, o projeto foi aprovado pelo CNPq e desenvolvi um Projeto de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC)¹¹.

Durante um ano frequentei casas noturnas para assistir espetáculos *drags*, realizei entrevistas com *performers* da cidade, entrei em contato com a bibliografia sobre Estudos Transgêneros, Teorias (Trans)Feministas, Antropologia e Sociologia do Corpo e Estudos de Gênero. O desconforto relacionado a pessoas de gênero inconformes transformou-se em compreensão, respeito e, o mais importante, exemplos de resistência contra os dispositivos de controle dos corpos, gêneros e sexualidades. O sujeito é constituído e desconstituído quando encontra com os limites com o Outro (Butler, 2017b). Assim, durante toda a minha trajetória acadêmica desenvolvi pesquisas sobre as experiências de *drag queens*, travestis e transexuais em processo de (des)construção de conhecimento científico e (des)construção de mim mesmo. Conforme afirma Butler:

Talvez seja ainda mais importante reconhecer que a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de tornarmos humanos. Sermos desfeitos pelo outro é uma necessidade

¹¹ O artigo resultante da pesquisa foi agraciado com o 5º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, sob orientação da Dr. Ivana Guilherme Simili: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/spm_5premio_web.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2019.

primária, uma angústia, sem dúvida, mas também uma oportunidade de sermos interpelados, reivindicados, vinculados ao que não somos, mas também de sermos movidos, impelidos a agir, interpelarmos a nós mesmos em outro lugar e, assim, abandonarmos o “eu” autossuficiente como um tipo de posse. Se falamos e tentamos fazer um relato de nós mesmos a partir deste lugar, não seremos irresponsáveis, ou, se o formos, certamente seremos perdoados (Butler, 2017b: 171).

Os discursos de saberes que legitimam minhas pesquisas inegavelmente trouxeram significados e poder para legitimar minha existência: «Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir» (Foucault, 2011: 53). Saberes que (des)construíram o meu corpo generificado pelos dispositivos da cisheteronormatividade e que motivam a minha circulação por espaços e relações que estabeleço – e continuo a estabelecer - com pessoas de corpos resistentes à normatização, de gêneros diversos e sexualidades dissidentes. Saberes que construíram as minhas posições políticas embasadas pelas discussões sobre classe, (trans)feminismos, LGBTQIA+, negritude e estudos críticos sobre a mobilidade. Se durante a minha infância e adolescência tive o meu corpo/gênero/sexualidade assujeitados aos dispositivos de controle biopolíticos, ser subjetivado pelos estudos de gênero, sexualidade, cultura somática, e as suas respectivas comunidades e ativismos possibilitou-me a (re)apropriação do meu corpo racializado e dos seus desejos.

Assim, compreendo a minha subjetividade como resultado desse processo. Sou uma autocobaia¹² das discussões de gênero, corpo e sexualidade na produção do meu eu como bixa¹³-preta¹⁴, que incorpora signos, performances e discursos designados ao feminino. Sou um corpo tatuado, perfurado e escarificado no interior da comunidade de *body modification* e dos seus desejos não heteronormativos demarcados pela comunidade *kinky*¹⁵. Mas também sou «pessoa negra inscrita de forma contraditória nos círculos de produção e reprodução do

¹² O princípio da autocobaia percebe o corpo como espaço de agenciamento (bio)político e de resistência aos dispositivos de normatização. Para compreender mais sugiro o capítulo *Micropolíticas de gênero na era farmacopornográfica: experimentação, intoxicação voluntária, mutação* (Preciado, 2018: 351-416).

¹³ Utilizo o termo «bixa» no sentido que Lustosa (2016: 394) utiliza o termo «traveco», ou seja, como uma atitude política «[...] e que, nesse movimento, revertem signos de ódio em potências de força, tornando a sua performatividade um gatilho de resistência às normas do corpo».

¹⁴ Apesar das inúmeras vezes que precisei discutir com pessoas amigas e professoras em Portugal sobre o porquê da minha identificação como negro e não «mulato/moreno» como normalmente sou lido nas relações que estabeleço deste lado do atlântico. Para compreender melhor alguns dos meus argumentos reenvio a leitura do texto de Sueli Carneiro: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/13570/sueli-carneiro-negros-de-pele-clara>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

¹⁵ Pessoas que tem gostos/desejos não normativos/não convencionais relacionados as práticas sexuais e a sexualidade.

privilégio branco» (Mombaça, 2015, n.p.) e cisheteronormativo. Recuso a reconhecer-me como homem de ânus castrado, (re)produtor de um regime (bio)político capitalista neoliberal de destruição de humanos, não-humanos e dos ecossistemas, por meio de episteme legitimadora de violência, exploração e exclusão de pessoas que foram tipificadas como não-humanas, monstros, anormais, ilegais, abjetas. Identifico-me, em contraposição, como uma *bixa-preta-kinky* em um constante processo de desconstrução por/com experiências teórico-corporais *cuir*¹⁶/queer/(trans)feministas, que quer colaborar com o processo de recuperação do «[...] direito de participar na *construção* de ficções biopolíticas. Temos o direito de exigir a propriedade coletiva e ‘comum’ dos biocódigos de gênero, sexo e raça» (Preciado, 2018: 370).

No entanto, se a minha trajetória como pesquisador e professor universitário possibilitou a (des)construção deste eu, e paralelamente a obtenção de alguns privilégios, a vivência acadêmica permitiu também identificar e compreender os silenciamentos e as negligências operacionalizados pela ciência do «homem universal». Quando iniciei a minha trajetória científica existiam poucas pesquisas sobre estudos transgêneros no Brasil – menos ainda pessoas trans ou travestis na universidade. Porém, nas últimas décadas, a emergência dos ativismos, as políticas públicas para pessoas trans e travestis¹⁷ e a expansão do ensino superior¹⁸ no Brasil - que inclusive também propiciaram a minha formação – possibilitaram a visibilidade da temática e o ingresso de algumas pessoas trans e travestis nas universidades brasileiras. Esse processo foi responsável pelos avanços das políticas públicas e para a

¹⁶ *Cuir* é o termo utilizado por pesquisadores e ativistas brasileiros para pensar as especificidades e demarcar uma posição crítica de transposição da teoria queer no contexto brasileiro. Para saber mais, ver Lustosa (2016) e Pelúcio (2014). Para uma crítica da teoria queer no contexto latino americano, ver Hija de Perra (2014). No interior deste debate, a transativista brasileira Indianara Siqueira propõe o uso do termo transvestigênera, ou seja, «(aquele que está além, que atravessa questões de vestes e de gênero), que, assim como o a identidade travesti, produz uma oposição conceitual concentrada à ideia de sexo biológico» (Lustosa, 2016: 409).

¹⁷ Por exemplo, a Resolução n.º 12 de 16 de janeiro de 2015 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. A Portaria N.º 233/2010 do Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão assegura aos servidores públicos, no âmbito da administração pública federal direta, autarquia e fundacional, o nome social adotado por Travestis e Transexuais, entre outras que reconhecem as especificidades dos direitos de pessoas trans e travestis no Brasil. Há também a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) N.º 4275, que garante o direito a retificação do nome e gênero sem necessidade de apresentação de laudos médicos e/ou autorização judicial.

¹⁸ Dados disponíveis em

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf Acesso em 26 de agosto de 2019. Políticas públicas que estão sendo atacadas frequentemente pelo atual governo. Por exemplo, o projeto Future-se, do Ministério da Educação (MEC), que tem recebido críticas das Instituições de Ensino Superior (IFE's) devido as ameaças que apresenta com relação à autonomia universitária. Ou ainda, a intervenção do MEC com a suspensão do vestibular específico para pessoas transgêneras e intersexos da Universidade de Integração da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), dentre outras.

constituição de alguns espaços - apesar de ainda insuficientes – onde pessoas trans e travestis possam falar em primeira pessoa no país¹⁹.

Em Portugal, existem algumas leis que garantem direitos para pessoas trans e travestis. Há, por exemplo, a Lei 38/2018, de 07 de agosto de 2018, que promulgou o «direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada pessoa», a garantia legal de acesso ao Sistema Nacional de Saúde para suas demandas corporais e subjetivas, a inclusão da cláusula identidade de gênero enquanto categoria de discriminação no código de trabalho, entre outras. Entretanto, ainda não é notável a participação de pessoas trans nos altos escalões da carreira universitária, apesar de conhecer mulheres e homens trans nas graduações e mestrados acadêmicos. Isso demonstra que, apesar de algumas alterações progressistas nas políticas estatais, os dispositivos de poder continuam a oprimir e negar lugares de cidadania. Há uma estrutura social que restringe oportunidades baseadas em classe, gênero, raça, sexualidade, identidade de gênero, nacionalidade etc. (Ribeiro, 2017).

Se no Brasil nunca foi tão evidente a importância do diálogo e debates entre os ativismos LGBTQIA+, (trans)feministas, de gênero e a academia, do lado de cá do atlântico, fiquei surpreso com a insistência de muitos colegas em continuar a defender uma suposta neutralidade epistemológica na produção do conhecimento em Ciências Sociais. Assim, as minhas disposições para a pesquisa científica constituídas no Brasil, conjuntamente com as minhas experiências ativistas com grupos (trans)feministas e LGBTQIA+, possibilitaram a tomada de uma posição crítica perante esses debates na academia portuguesa. Exatamente por ter dimensão da existência do debate sobre neutralidade/objetividade versus subjetividade/relatividade do conhecimento nas Ciências Sociais, por inúmeras vezes tive receios das críticas que poderiam ser direcionadas a este texto.

Por um lado, temia as críticas das Ciências Sociais influenciadas pela tradição positivista, que poderiam criticar esta tese, do ponto de vista de como trato as questões de objetividade e neutralidade nesta pesquisa. Por outro, receava as críticas dos ativismos que poderiam acusar a falta de legitimidade do meu lugar de fala: poderia uma bixa-preta-periférica falar sobre experiências de mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo na Europa? Como as minhas experiências como migrante e o entrelaçamento dos meus

¹⁹ Nos últimos anos as universidades brasileiras têm acompanhado o acesso e conclusão de licenciaturas, mestrados e doutorados por pessoas trans e travestis, por exemplo, Luma de Andrade, a primeira travesti a defender uma tese de doutorado no Brasil no ano de 2012. Podemos citar ainda, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Jaqueline Gomes de Jesus, Beatriz Pagliarini Bagagli e Viviane Vergueiro referências bibliográficas na construção deste texto. Paralelamente, o mesmo ocorreu com a cena musical brasileira com a emergência de Liniker, Linn da Quebrada, As Bahias e a cozinha mineira, a *drag queen* Pablo Vittar, entre outras.

marcadores sociais da diferença poderiam ou não colaborar na compreensão desta problemática? Além disso, qual o espaço que trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras ocupam na sociedade portuguesa e/ou no ativismo LGBTQIA+ e de pessoas trabalhadoras do sexo em Portugal? Como os marcadores de nacionalidade, identidade de gênero, classe, raça, sexualidade, falta de documentos e trabalho sexual operam de forma entrelaçada para promover silêncios e negligências sobre as experiências, subjetividades e direitos deste grupo social no continente europeu?

Talvez a minha experiência pessoal não possa responder a todas essas indagações, mas possa trazer algumas considerações relevantes e, em particular, acerca das representações da brasilidade e dos marcadores sociais da diferença em Portugal e na Europa. Quando cheguei em Lisboa, em novembro de 2015, as discussões sobre mobilidade não faziam parte dos estigmas que demarcavam o meu corpo. Até aquele momento, havia visitado apenas países da América Latina em contexto de apresentação de trabalhos acadêmicos ou em viagem. No entanto, tudo mudou assim que pousei em território Europeu. Ao chegar ao Porto, levando na bagagem as inúmeras representações que povoavam o meu imaginário sobre Portugal, esquecia-me também das inúmeras representações coloniais sobre pessoas como eu: brasileiro, periférico, negro e com uma visualidade composta por *piercings*, tatuagens e alargadores. Depois de 12 horas de voo, o que eu mais desejava era um cigarro. Portanto, decidi que utilizaria as três horas de conexão para Lisboa para saciar o meu vício. Esta decisão seria a primeira a lembrar-me como as representações coloniais relacionadas à pobreza, falta de capacidade intelectual, marginalidade, entre outras, dificultam a vida das pessoas do sul global na experiência da mobilidade.

Na saída do aeroporto, o policial da migração perguntou-me sobre os motivos da minha viagem. Eu simpaticamente respondi que estava de mudança para Lisboa para iniciar o doutoramento em Sociologia. Apesar dos inúmeros documentos que certificavam a minha aprovação na seleção de doutoramento e o meu afastamento como professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), o policial não parecia confiar nas minhas afirmações. A situação foi agravada quando o policial conferiu meu passaporte e encontrou informações sobre a minha viagem de férias, quatro meses antes, para a Bolívia e o Peru. Inúmeras perguntas foram feitas: Para quê? Por quê? O que fez? Afinal, o que um latino americano não-branco iria fazer nos dois países com notoriedade no tráfico internacional de drogas e em um curto espaço de tempo estaria na Europa? Após duas horas entre interrogatórios e raio x da minha bagagem, a minha situação foi resolvida após entrar em uma sala e ser observado apenas com roupa de baixo.

As próximas semanas seriam marcadas pelo reflexo dessa primeira experiência em solo Europeu, sentia medo e desconforto em ser lido como brasileiro. A primeira ida ao Serviço de Emigração e Fronteiras (SEF) só alimentou ainda mais o sentimento de vulnerabilidade e revolta que sentia. No SEF, a maioria das pessoas que realizavam o atendimento me tratavam como se eu não tivesse capacidade intelectual para compreender a burocracia necessária para regularização da minha situação. Com algumas delas, após a entrega dos documentos que certificavam o doutoramento em curso e minha posição como professor universitário no Brasil, a situação de descaso era revertida pela curiosidade em obter informações sobre a minha atuação docente, sociólogo/antropólogo e minha aparência. Algumas vezes, ao comentar sobre o preconceito que sentia em alguns lugares de Lisboa, as pessoas me pediam desculpas, teciam críticas sobre a aversão de algumas pessoas portuguesas à migração brasileira e outros tipos de discriminações/preconceitos existentes na sociedade portuguesa, por exemplo, os relacionados às aparências e suas relações com classe social e negritude.

Durante os quatro anos que vivi em Lisboa, experienciei e presenciei inúmeras situações de xenofobia e alguns abusos das pessoas agentes do Estado. Aconteceu-me, por exemplo, ser parado no meu bairro pela polícia durante a noite para apresentar minha identificação, dúvidas sobre minha capacidade intelectual para compreender a semântica da língua portuguesa, olhares de desconfiança pelos seguranças de estabelecimentos comerciais etc. Após diversas experiências, percebi que o capital simbólico representado pelo doutoramento e a atuação docente funcionava como defesa perante o racismo e xenofobia institucional. No início, senti desconforto ao justificar quem era e o que queria. No entanto, com o tempo notei que somente assim deixaria de ser alvo de tantas agressões preconceituosas.

Os privilégios adquiridos durante a minha trajetória acadêmica tornaram-se, em algumas situações, escudo contra a xenofobia, os estigmas relacionados à brasilidade e à minha corporalidade. Porém, como entendi, por meio das minhas investigações, o mesmo não ocorre com mulheres trans e travestis brasileiras que têm suas trajetórias e subjetividades demarcadas pela violência institucional face às suas subjetividades, corporalidades e identidades/expressões de gênero. A brasilidade dos nossos corpos e subjetividades continuam circunscritas ao interior da lógica colonial, representada pela subalternidade: somos mão de obra barata para (re)produção do ciclo de excitação-frustração do capital (Preciado, 2018), compreendidos pelo olhar eurocentrado como seres sem capacidade

intelectual, sem representação política ou legal e sem a possibilidade de nos tornarmos membros do estrato social dominante (Spivak, 2010).

Paralelamente, em Lisboa, as experiências com a comunidade e ativismos LGBTQIA+, (Trans)feministas e de sexualidades dissidentes possibilitaram condições (inter)subjetivas que colaboraram na construção desta tese. Afirmo isto porque não me vejo apenas como uma pessoa pesquisadora de corporalidades não normativas, gêneros inconformes e sexualidades dissidentes. Pessoas trans e travestis, não binárias, *queer*, «sapatonas/fufas», «bixas» e trabalhadoras do sexo migrantes são pessoas amigas com as quais compartilho experiências de vida, recebo e dou suporte e, mais importante, aprendo a ser (trans)feminista, desconstruo a educação cisheteronormativa e colaboro na recriação de outros modelos de sociabilidade. É neste sentido que Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, sobre o contexto colonial indiano, afirma a importância de trabalharmos contra a subalternidade a partir dos espaços de poder que ocupamos no *locus social*. Mais do que isso, explicitar como os dispositivos de poder são operacionalizados na estrutura social para restringir espaços onde o subalterno possa falar ou ser ouvido.

É no interior deste debate que Stryker (2006) afirma que a experiência encarnada do conhecimento é tão legítima quanto outras formas supostamente mais «objetivas» de conhecimento. No entanto, isso não quer dizer que o conhecimento subjetivo de «ser trans» é melhor do que o conhecimento sobre o fenômeno transgênero obtido por meio de uma posição de exterioridade. O fundamental é que nenhuma voz possa ter o privilégio de esconder as particularidades e especificidades da sua posicionalidade e reivindicar uma falsa universalidade e/ou autoridade. Ou seja, é importante que os «estudos transgêneros» façam parte dos discursos acadêmicos e não somente parte da «comunidade transgênera», apesar da crucial necessidade de relação entre os dois campos para sua vitalidade intelectual. Portanto, mais do que debater sobre a legitimidade dos lugares de fala, é fundamental construirmos espaços diversos, em que seja possível ecoar vozes subalternas salvaguardando o seu protagonismo político. Conforme salientado por Djamila Ribeiro (2017: 66): «Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo».

Considerando este cenário posicional, um dos meus objetivos com esta tese é colaborar na constituição de um espaço em que as experiências e subjetividades de mulheres trans e travestis brasileiras possam ser compreendidas para além do olhar exótico, abjeto e generalizante. Busco com esta pesquisa analisar e refletir conjuntamente com as

interlocutoras: suas trajetórias, biografias corporais, assujeitamentos e desigualdades estruturais, as motivações para mobilidade, os processos de obtenção de agência nos usos que fazem dos seus corpos e os silenciamentos operacionalizados por uma estrutura cisheteronormativa, racista, eurocentrada e excludente.

Enfim, algumas pessoas podem acusar esta pesquisa de pouca objetividade e neutralidade nos tipos de motivações e preocupações que perpassaram os momentos de produção de dados, as posições que estabeleço com relação à bibliografia acadêmica e sua articulação com as pautas dos movimentos (trans)putafeministas²⁰ sobre o tema etc. Para estes, eu apenas digo que a suposta objetividade e neutralidade científica que tanto defendem foi utilizada para legitimar exploração, abjeção e silenciamento de pessoas não homens, não brancas, não cisheteros, não ocidentais etc. na (re)produção do capital. Não há nada de objetivo e neutro na (re)produção da ciência. Precisamos construir outras verdades, (re)produzir outra sociedade, outros códigos de normalidade, outras utopias. Já que nunca foi tão evidente que as verdades produzidas pelos saberes científicos dos homens de ânus castrados são trapaças que visam controlar, excluir, destruir e decidir sobre aquelas pessoas que são interpretadas com ânus abertos, neste caso específico, mulheres trans e cis, travestis, migrantes, pessoas não brancas, trabalhadoras do sexo, dentre outras, e, por que não dizer, eu.

Operacionalização metodológica de uma Sociologia à escala individual e do corpo

Compreendidas as questões teórico-metodológicas relacionadas à Sociologia à escala individual e do corpo, ao conceito de biografias corporais e à minha posicionalidade perante as discussões de objetividade e neutralidade no fazer ciência social, apresento neste ponto as técnicas instrumentalizadas durante o trabalho de campo na produção dos dados desta pesquisa e discuto as questões problemáticas que surgiram na sua aplicação. Os momentos de entrevista tiveram como epicentro captar as variações individuais dos patrimônios de disposições das interlocutoras e as relações com suas trajetórias de vida e biografias corporais no Brasil. Posteriormente, busquei apreender os processos de atualização, transferência,

²⁰ Monique Prada (2018: 37) define o putafeminismo «como um movimento que nasce a partir da ideia de que nós, mulheres trabalhadoras sexuais, podemos também ser feministas, combatendo o estigma sobre nós e fortalecendo nossa luta por direitos, sem que para isso precisemos abrir mão de nosso trabalho ou nos envergonhar dele. Mas o putafeminismo pode também ser visto como uma possibilidade de repensar toda a estrutura da prostituição, identificando e combatendo as opressões que existem nela».

adaptação-reprodução e vigília dos esquemas de ação advindos das experiências como trabalhadoras do sexo em Portugal e/ou na Europa na ressignificação das suas trajetórias e biografias corporais.

Para captar a constituição dos patrimônios de disposições, faz-se necessário dissecar a trajetória de vida da pessoa, dando atenção aos momentos de crise, negociação, hesitação e pressão que ocorrem em determinados momentos do curso de vida. Se a realidade é o caos, somente por meio do caos real/contextual, nossas certezas sobre os modos de pensar, agir e sentir são colocadas em xeque. As crises e rupturas nas trajetórias de vida são elementos fulcrais dos processos de identificação e constituição das subjetividades, produzidas por intermédio dos inúmeros momentos de desajustes entre as incorporações do passado e o que de novo é exigido no presente (Dubar, 2006). Assim, indagar onde, em que época, com quem e como aconteceu é fundamental para poder perceber como os esquemas de resolução dos problemas da vida real são solucionados e incorporados de modo reflexivo pelos atores como patrimônios de disposições, na constituição das suas identidades pessoais e dos seus estilos de vida.

Portanto, umas das preocupações permanentes na produção e análise dos dados estavam relacionadas ao cuidado de não homogeneizar os contextos de ação, mas sim tentar captar a diversidade de modos de agir, as incoerências, diferenças e contradições presentes nas narrativas das interlocutoras. Afinal, os atores não são monocoerentes e podem ser movidos de modo variável, por princípios múltiplos de coerência: «As únicas conclusões lógicas são, na verdade, conclusões teóricas que estabelecem a lista dos pontos interpretativos que puderam ser significativamente tratados» (Lahire, 2004:45). Portanto, mais do que conclusões, os dados e análises produzidos demonstram exemplos específicos das experiências de mulheres trans e travestis brasileiras em mobilidade, e que possibilitam também aproximações às adversidades enfrentadas por todos os imigrantes.

Bourdieu (2002), em *A ilusão biográfica*, traz algumas contribuições para compreender as intencionalidades dos discursos na produção de histórias de vida. O autor afirma que, apesar da pessoa entrevistada afirmar questões chave para a compreensão da sua trajetória, a pessoa pesquisadora deve ir além e conseguir captar informações que a pessoa entrevistada não acredita serem relevantes. Ainda que as pessoas normalmente apontem um conjunto de ideias coerentes e orientadas, as trajetórias de vida são marcadas por contradições: «O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, implicitamente de qualquer existência)» (Bourdieu, 2002: 184). No entanto, o real é

descontínuo, principalmente devido aos imprevistos da realidade diária, que vão colocando no seu decorrer inúmeros acontecimentos sem propósitos.

O ponto central das ideias de Bourdieu (2002) visa alertar para as artimanhas discursivas produzidas pelas pessoas entrevistadas. Apesar de apresentarem um discurso contínuo e homogêneo, é papel da pessoa biógrafa ter em mente que as trajetórias de vida são marcadas por rupturas e junções de acontecimentos não lineares na objetivação de uma trajetória com determinada finalidade. Assim, somente por meio de um minucioso trabalho empírico, é possível captar os processos de constituição dos patrimônios de disposições. Logo, as entrevistas adquirem um papel central na apreensão dos esquemas de ação, com os seus respectivos processos de atualização, transferência, adaptação-reprodução e vigília nos momentos de crise, negociação, hesitação e ruptura.

No intuito de captar as trajetórias de vida e quais os seus reflexos na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais de mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo em Portugal e/ou Europa, mobilizei a técnica de entrevista compreensiva como técnica de produção dos dados (Kaufmann, 2013). A entrevista compreensiva pode ser definida como uma técnica qualitativa de pesquisa que mescla a entrevista semidiretiva com a entrevista de natureza etnográfica, sendo a sua principal característica o formato aberto e menos padronizado. Isto não quer dizer que não exista um planejamento prévio de um guião/roteiro, sendo necessário conhecimento da temática e objetivos definidos na produção dos dados, mas principalmente perguntas que façam sentido nos diálogos estabelecidos durante as entrevistas. Sua formulação metodológica parte do princípio de que não existe neutralidade no momento de aplicação de entrevista, por ser um encontro formalizado e com principal controle da situação pela pessoa entrevistadora (Ferreira, 2014).

Assim, o papel da pessoa pesquisadora na entrevista compreensiva é construir um momento/ambiente de simplicidade, garantindo empatia e confiança por parte da pessoa entrevistada. O objetivo é colaborar na elaboração de respostas, descobertas e exploração de tópicos previamente definidos, mas que são acionados a partir das categorias de pensamento da pessoa entrevistada no intuito de colaborar na linearidade narrativa, aprofundamento das informações e crença de estar imerso em uma conversa banal. Ferreira (2014) afirma que partindo desses pressupostos, é possível fugir de uma reiteração das conclusões da pessoa pesquisadora. Eu diria ainda que não há neutralidade axiológica na formulação das perguntas, as questões são elaboradas por meio da cumplicidade estabelecida com a pessoa entrevistada, de forma a permitir o desenvolvimento produtivo da problemática de pesquisa.

A pessoa entrevistada sempre conta a sua vida a partir da relação de interação investigadora/ investigada. O momento de produção dos dados da pesquisa desempenha um papel importante no que é mobilizado a partir do conjunto de experiências passadas da pessoa investigada: «A situação de entrevista é como um quadro social particular no qual uma parte da «memória» do entrevistado (das suas experiências, das suas práticas...) vai poder actualizar-se» (Lahire, 2001:101). Portanto, as experiências compartilhadas, a maneira como se diz, o que é omitido consciente ou inconscientemente, depende da forma que a relação entre pessoa investigadora/ investigada foi constituída antes e durante o momento da entrevista. «Elementos tão evidentes como o sexo do entrevistador, a sua idade, a sua origem étnica ou a sua origem social determinam desta forma muito fortemente o tipo de discurso que poderá ser usado pelo entrevistado» (Lahire, 2001: 102). Nesta pesquisa, o fato de compartilhar a mesma nacionalidade, algumas vezes a mesma classe social, projetos corporais que destoam da norma imposta e a contraposição às normas de gênero e sexualidade foram facilitadores na captação, compreensão e desenvolvimento da entrevista, bem como da manutenção da relação após a entrevista. O momento de produção dos dados teve como objetivo construir um dispositivo de desencadeamento das trajetórias de vida e biografias corporais de trabalhadoras do sexo trans e travestis baseado na confiança, proximidade e afinidade.

As questões da entrevista surgiram por meio da relação contínua de produção de narrativas e formulação de perguntas. A produção e análise dos dados ocorreram em processo simultâneo para compreensão do impacto da mobilidade nos patrimônios de disposições e biografias corporais. O guião/roteiro de entrevista e as hipóteses exploratórias que lhe eram subjacentes foram constantemente reconstruídos durante o processo de aplicação do «questionário» a cada uma. A coleta de informações não partiu da perspectiva de confirmação de hipóteses, mas de descobertas inéditas de construção de conhecimento. Desse modo, os resultados das entrevistas foram dados discursivos que refletem a relação de improvisação no encontro entre mim e as interlocutoras (Ferreira, 2014).

Nesta pesquisa as entrevistas compreensivas tiveram o intuito de captar aspectos da trajetória de vida e biografias corporais, por exemplo: a) os conflitos estruturais de classe, raça e gênero, o suporte familiar, a orientação sexual e a identidade de gênero na constituição dos patrimônios de disposições e biografias corporais; b) os papéis das instituições família e escola na constituição dos seus modos de pensar, agir, sentir e os seus gostos estéticos; c) os distintos processos de socialização das interlocutoras e a constituição dos patrimônios de disposições; d) a atualização, a adaptação/reprodução ou o estado de vigília dos esquemas de

ação durante os processos de construção das suas corporalidades e identidades de gêneros femininas; e) a importância de outras pessoas trans e travestis nos processos de socialização para a construção e incorporação dos esquemas e disposições para a modificação do corpo; f) a influência do processo de mobilidade (ruptura contextual) e das experiências nos distintos territórios do trabalho sexual na Europa na atualização, adaptação, vigília e (re)produção dos patrimônios de disposições.

Assim, as entrevistas tiveram a capacidade de captar a diversidade dos contextos de socialização das interlocutoras, os grupos distintos a que foram expostas durante o seu processo de socialização e que foram responsáveis por gerar princípios de socialização diferentes. Captou também as variações dos esquemas de ação nos diversos momentos das trajetórias de vida e as implicações nas biografias corporais. Desse modo, o meu objetivo com a instrumentalização da Sociologia à escala individual e do corpo foi compreender a influência da estrutura social na constituição das subjetividades de mulheres trans e travestis e as modificações ocorridas durante os trânsitos de gênero, corporais e geográficos. Busquei captar como o «[...]conjunto de fatores externos e internos ao indivíduo se combinam, de um modo regular mas também inesperado, instituindo um determinado *coeficiente de singularidade* que em si mesmo espelha relacionalmente dimensões estruturais, institucionais e biográficas [...]» (Lopes e Costa, 2014: 206). Ao indagar as interlocutoras sobre os seus percursos sociais, foi possível perceber a influência das experiências da trajetória nos projetos individuais de corpo, gênero, mobilidade e instrumentalização do trabalho sexual. Portanto, ao acessar os discursos biográficos das mulheres trans e travestis, foi possível identificar suas estruturas mentais e os mecanismos sociais que constituíram a ativação de competências reflexivas.

Entretanto, estive atento aos modos de operacionalização da reflexividade nas narrativas produzidas, afinal, nem tudo o que a pessoa diz sobre o seu percurso é realizado de modo consciente. O semiconsciente está relacionado ao processo de ressignificação da memória de modo coerente. Por isso, foi necessário perguntar sobre as possibilidades que as interlocutoras tinham em um determinado momento da trajetória de vida e as suas indecisões. Por meio deste processo, foi possível perceber as variações individuais dos patrimônios de disposições, a propósito da encarnação da identidade de gênero e no início do trabalho sexual. Também se destacou as inclinações que foram colocadas em estado de vigília, com o trânsito geográfico e com as experiências distintas nos territórios do trabalho sexual no Brasil, em Portugal e/ou na Europa. Assim, o que busquei ressaltar com a Sociologia à escala individual:

[...] é que a adoção do princípio de não consciência das práticas ao nível metodológico está na base da própria pertinência e validade do trabalho sociológico e da sociologia enquanto ciência. O processo de descrição, interpretação e objetivação dos discursos dos actores são um requisito fulcral para a análise de qualquer problemática do ponto de vista sociológico (Caetano, 2012: 22-23).

Logo, para perceber os processos de racionalização, cálculos, planos conscientes e não conscientes das interlocutoras, foi necessário compreender o papel das forças internas e externas que influenciaram suas ações. Afinal, os atores podem fazer determinada coisa, mas podem não formular esse conhecimento discursivamente. Assim, foi possível notar contradições existentes nos patrimônios de disposições, as relações entre as lógicas da pluralidade, da reflexividade e os processos de incorporação de padrões na constituição de esquemas de ação e o seu impacto nas biografias corporais. Não é porque o ator é reflexivo que ele está sempre em estado de alerta e tem consciência total dos seus atos, gostos e práticas (Caetano, 2012).

Ao notar essa contradição, Lahire (2005) formula a distinção entre a existência e as disposições para agir e as disposições para crer. Uma disposição para crer é incorporada no processo de socialização por meio das relações do ator com as instituições socializadoras (família, escola, política, religião etc.), mas que, entretanto, não é acionada em suas ações. Portanto, perceber as diferenças existentes entre o que a pessoa pensa e/ou fala e o que realmente faz põe frequentemente em evidência a ilusão que tem acerca das suas próprias práticas. Pode-se citar como exemplo a interiorização do valor dado a um determinado tipo de projeto de corpo que, no entanto, tem dificuldades em construí-lo em si própria, devido à dificuldade de agenciar uma prática ascética, o que pode gerar processos de frustração. Ou ainda, como as disposições que são muito inconscientes dificilmente podem ser transformadas de modo reflexivo. Assim:

Existem, pois, opiniões, convicções ou crenças “de conversa”, de “discurso”, ou “de declaração” (o que não significa “de fachada”, porque isso suporia que existe uma “verdadeira natureza” escondida por baixo de um simples “verniz de superfície”) que são tão “profundas” como os hábitos que levam a agir, mas que não foram constituídas nas mesmas condições e não encontram os mesmos contextos ou circunstâncias de uso ou de actualização (Lahire, 2005: 19).

Nesta pesquisa, captar as disposições para crer foram relevantes para compreender como os discursos cisheteronormativos, representações sociais da brasilidade no contexto europeu, discursos médicos, políticos, coloniais, estéticos etc. foram incorporados pelas mulheres trans e travestis e foram excorporados em suas experiências de vida. Se o material empírico adquiriu suma importância para compreensão da constituição das disposições, o desenvolvimento da pesquisa possibilitou o aprofundamento dos problemas teóricos relacionados às biografias corporais, na sua articulação com os projetos de mobilidade social, geográfico, corporal e de gênero, no sentido de perceber as exceções das disposições, a pluralidade social e os distintos processos de subjetivação.

Cada trajetória de vida e biografia corporal foi utilizada para expandir ao máximo as variáveis possíveis do universo estudado, seja pela multiplicação de relações entre as dimensões de análise, seja para colaborar na clarificação, densificação e questionamento das referências teóricas utilizadas na investigação (Costa, *et. al.*, 2014). As variedades de trajetórias produzidas durante o trabalho de campo podem ser lidas não somente como produto da diversidade de contextos e posições das interlocutoras, mas também como consequência do modo único de interpretação e incorporação da estrutura por elas. O que a Sociologia à escala individual e do corpo possibilitou foi demonstrar as não linearidades, ambiguidades e complexidades envolvidas no entendimento dos processos de subjetivação, das biografias corporais e das suas relações com a estrutura social. Não busco definir uma totalidade de suas identidades, o que tenderia para uma postura de violência ética (Butler, 2017b), mas tão somente apreender os distintos processos reflexivos de constituição dos patrimônios de disposições, de identificação e das suas biografias corporais:

A ideia de que numa pessoa habitam multidões não assola apenas o poeta, mas foi premonitória de uma tendência que, em intensidades diversas, tende a marcar as vivências contemporâneas e que deve ser considerada por todos aqueles que as pretendem valorizar e compreender (Amândio et al., 2016: 15).

Por meio da Sociologia à escala individual e do corpo, percebi a heterogeneidade de experiências contextuais e como de modo reflexivo essas experiências tornam-se esquemas de ação incorporados, que são excorporados em novas ações do corpo e sobre o corpo. Exemplo disso é a relação às representações que as interlocutoras têm sobre o continente europeu e que são incorporadas no decorrer da mobilidade em disposições estéticas. O mesmo acontece no que diz respeito aos modos distintos de operacionalização do trabalho sexual nos diversos

campos prostitucionais no continente europeu e ao impacto nas ressignificações das suas trajetórias e biografias corporais com a experiência da mobilidade. Assim, reconstruir as variações individuais dos patrimônios de disposição das mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo em Portugal e/ou Europa propiciou compreender como as estruturas sociais do Brasil foram incorporadas em gênero, gostos estéticos, esquemas de ação, modos de ver e sentir os mundos plurais que foram colocados em estados de vigília, transferidos ou adaptados nas suas experiências de mobilidade para Portugal e/ou Europa e nos distintos territórios do trabalho sexual.

Estratégias de aproximação e entrada no terreno de pesquisa

Compreendidas as questões técnico-metodológicas de instrumentalização das entrevistas compreensivas no entendimento dos patrimônios de disposições e biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras em mobilidade para os territórios do trabalho sexual na Europa, apresento agora as estratégias utilizadas para adentrar o universo das interlocutoras. Conforme salientado anteriormente, em um primeiro momento, acreditava que as minhas experiências de trabalho de campo nos territórios do trabalho sexual no Brasil poderiam ser reutilizadas na produção dos dados desta pesquisa, sendo guiada pelo método etnográfico. No entanto, as minhas incursões pela Rua do Conde Redondo – principal local de trabalho sexual de mulheres trans e travestis em Lisboa, pela Rua Artilharia 1 e pelas intermediações da Praça Martim Moniz, entre os meses de setembro a dezembro de 2016, demonstraram não ser possível a realização deste tipo de aproximação. Durante as noites frias de inverno, encontrei poucas trabalhadoras do sexo, conforme o primeiro relato no caderno de campo:

Cheguei ao Conde Redondo às 22 horas. O Conde Redondo é constituído por 6 quadras. Subi e desci a Avenida e não encontrei nenhuma trabalhadora do sexo. No entanto, têm muitas pessoas na rua, principalmente turistas, jantando nos poucos restaurantes que existem aqui. Também percebo a presença de muitos senhores de idade que eu creio residirem na região. É um pouco assustador pensar que eu vou fazer campo em um lugar que não têm trabalhadoras do sexo (Caderno de campo, 27 de setembro de 2016).

Após algumas tentativas frustradas, conversas com trabalhadoras do sexo portuguesas e uma tentativa de aproximação com uma mulher trans brasileira, que além de não demonstrar interesse na pesquisa, passou a olhar sempre de modo desconfiado as minhas incursões no terreno, decidi que seria necessário outro tipo de estratégia para a produção dos dados. Em um primeiro momento, entrei em contato com algumas Organizações não Governamentais (ONG's) que acompanham pessoas trabalhadoras do sexo em Lisboa. Porém, após uma primeira conversa com as organizações e após refletir sobre como as questões de prevenção de IST's/HIV, discursos biomédicos e o contato intermediado poderiam prejudicar os tipos de narrativas que seriam acessadas acerca do trabalho sexual, optei por realizar o primeiro contato por meio das plataformas de anúncios de sexo pago.

Ao realizar uma pesquisa no site de busca *Google*, no fim do ano de 2016, com as palavras «travestis em Portugal», o primeiro endereço eletrônico listado foi o: <http://www.viptransex.net/>, que tem como *slogan*: «A sua melhor companhia encontra aqui... As melhores Travestis em Portugal!!!». Ao clicar no link, «Sim, sou maior de 18 anos», o site disponibiliza, em sua parte superior, uma guia de busca composta pelas principais cidades de Portugal. Abaixo dessa guia, há fotos de inúmeras anunciantes. Ao clicar em uma das imagens, a página encaminha o usuário para o perfil da anunciante escolhida, com dados referentes à nacionalidade, atributos físicos, conhecimento de línguas, posições sexuais, entre outras descrições que serão analisadas mais adiante. Como apontado por Pelúcio (2007), Teixeira (2011) e Saleiro (2013), um rápido *tour* por alguns dos perfis demonstra a presença intensa de mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo no país.

Assim, em janeiro de 2017, passei a acessar diariamente o site VipTransex e as páginas eletrônicas www.tgatas.net, www.classificadosx.net, bem como aos classificados do jornal impresso Correio da Manhã, para compreender e analisar os diversos tipos de anúncios e recolher números de telefone na tentativa de marcação de entrevistas. Após algumas semanas acompanhando os sites e a realização das primeiras entrevistas, percebi que não fazia sentido observar todas as plataformas, uma vez que os sites Viptransex, Tgatas e Classificadosx apresentavam frequentemente as mesmas anunciantes²¹. Além disso, percebi que as tentativas de contato com as anunciantes do jornal impresso Correio da Manhã apresentavam um grau maior de dificuldade, conforme nota do caderno de campo:

²¹ Análises sobre a relevância das informações contida nos anúncios, as distintas plataformas e os tipos de trabalho sexual relacionado a cada uma delas estão no Capítulo V desta tese.

Encarnando a europeia

Achei mais difícil a abordagem por meio do jornal. Primeiro porque não tem muitas informações nos anúncios, o que dificulta perceber quais trabalhadoras do sexo são brasileiras e quais as especificidades dos tipos de performance sexual que são comercializadas. Segundo, porque senti mais desconfiança nas conversas ao telefone. Percebo também que grande parte das anunciantes vivem e trabalham em zonas periféricas da região metropolitana de Lisboa (Caderno de campo, 20 de fevereiro de 2017).

Durante o período de janeiro a dezembro de 2017, entrei em contato com cerca de 120 a 130 anunciantes que estavam de passagem ou vivendo em Lisboa. As conversas ao telefone tinham como objetivo criar algumas aproximações e obter a confiança das possíveis interlocutoras para a realização de uma primeira conversa presencial. Neste sentido, estruturei um convite que colocasse em destaque a nacionalidade comum, minha atuação como professor no Brasil, a militância nos movimentos LGBTQIA+ e (trans)feministas e a facilidade de contato e de encontro na cidade de Lisboa. Conforme é possível perceber em uma das tentativas de marcação de entrevista:

Alô, tudo bem? Meu nome é Emerson. Eu consegui seu telefone pelo site Viptransex. Entro em contato para fazer um convite. Eu também sou brasileiro. No Brasil eu sou professor de antropologia e sociologia na Universidade Federal de Rondônia. Aqui em Lisboa, eu estou cursando doutorado na Universidade de Lisboa. Eu nasci no interior de São Paulo e tu? [Conforme a cidade ou estado, eu buscava alguma aproximação com os locais que vivi, estudei, conheci e/ou tenho pessoas amigas]. No Brasil, eu também era militante LGBT, participei na organização de algumas caminhadas LGBT's e Marcha das Vadias em Maringá no Paraná, onde eu estudei. Eu estou fazendo o meu doutorado sobre a mobilidade de mulheres trans e travestis brasileiras para Europa. Nós sabemos que no Brasil a transfobia é estrutural e está presente na família, na escola e no mercado de trabalho... Eu estou escrevendo uma tese, um livro, sobre as motivações da mobilidade e o impacto na vida de mulheres trans e travestis. Onde você vive em Lisboa? [Dependendo do local, eu afirmava a proximidade com a Universidade, minha casa ou casa de pessoas amigas]. Você não teria interesse de compartilhar um pouco da sua história comigo? Se quiser nós podemos tomar um café e eu explico melhor quais os objetivos da pesquisa. Podemos nos conhecer e depois disso você pode decidir se quer ou não compartilhar sua história comigo. Quando seria melhor para ti? Este é meu número de *Whatsapp*. Qualquer coisa você pode entrar em contato a qualquer momento. Muito obrigado. Beijinho.

Durante as tentativas de marcação de entrevista as anunciantes realizaram perguntas sobre a minha orientação sexual, atuação docente, participação nos movimentos LGBTQIA+ no Brasil, a vida em Lisboa etc. Frequentemente a negativa ao convite foi justificada pela falta

de tempo. Algumas das anunciantes pediram para ligar em outro momento, mas depois não atendiam a ligação. Outras demonstravam irritação com os ativismos LGBTQIA+ e a falta de união entre as mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo. Em outros casos, a entrevista foi marcada, mas as possíveis interlocutoras não compareceriam no dia, horário e local combinados e, posteriormente, não atendiam o telefone. A técnica de «bola de neve» não foi possível com o grupo social de mulheres trans e travestis, apesar de algumas interlocutoras afirmarem que poderiam falar com amigas sobre a pesquisa, o contato nunca foi enviado. Assim, os resultados da pesquisa demonstram também os comportamentos e atitudes das interlocutoras perante o convite das entrevistas.

Com base no sentimento de confiança que consegui estabelecer durante os telefonemas, consegui realizar 14 entrevistas com mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo itinerantes ou permanentes em Lisboa, durante o ano de 2017. Todas as interlocutoras autorizaram a gravação do áudio das entrevistas com a utilização do meu telemóvel/celular. O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi obtido oralmente. O material produzido tem o total de 40 horas e 45 minutos de áudio, ocupando 1157 páginas de transcrição em Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5 cm. A entrevista mais curta com duração de 56 minutos e a mais longa, 4 horas e 37 minutos. O caderno de campo foi utilizado durante todo o processo de produção dos dados e da pesquisa, totalizando aproximadamente 300 páginas de notas, em geral sobre o próprio processo de marcação e de realização das entrevistas. Apesar de não ser um *corpus* alargado de entrevistas – como já expresso, em grande medida devido às dificuldades da realização de entrevistas, articuladas, às limitações de tempo para dedicar ao trabalho de campo, à transcrição e à análise de material empírico no âmbito de um programa doutoral de quatro anos, desenvolvido apenas por um pesquisador -, é, contudo, um corpus de narrativas densas e variadas. Consegui sentir um estado de saturação relativa a muita informação relevante produzida, pelos aspectos similares e divergentes das trajetórias, biografias corporais, experiências da mobilidade e o impacto destas dimensões nos modos semelhantes ou discordantes de instrumentalização do trabalho do sexo.

Na Tabela 1, apresento algumas categorias sociodemográficas das trabalhadoras do sexo trans e travestis entrevistadas durante o trabalho de campo. A tabela apresenta informações sobre: o dia da entrevista, o nome fictício, a idade, as auto classificações das interlocutoras com relação às categorias de identidade de gênero e as características étnico-raciais, o estado de origem no Brasil, a escolaridade, os países visitados e/ou onde desempenharam o trabalho do sexo e a duração da entrevista. A interlocutora mais nova tinha

24 anos e a mais velha, 52 anos. A maioria das interlocutoras (11) têm menos de 40 anos, aparentar juventude, demonstrou ser uma categoria importante nos territórios do trabalho sexual, como veremos mais adiante. Nove reconhecem-se como mulheres trans ou transexuais, quatro identificam-se como travesti e Yara, que no início da entrevista, perante a indagação sobre a sua identidade de gênero, afirmou ser «uma mulher do século XXI, mulher com um brinquedinho a mais», apesar de no decorrer da entrevista referenciar-se como travesti. No capítulo II, apresento algumas discussões sobre a identidade de gênero e as relações que estabelece com a quantidade de capital econômico, cultural, características de racialização e discursos médicos científicos.

A autoclassificação sobre a categorização étnico racial foi obtida por meio das narrativas sobre os percursos de vida. As interlocutoras que se identificam como negras experienciaram situações racistas no Brasil, e/ou em Portugal e/ou na Europa. A identificação de Tainá como negra está relacionada à informação de ter ganho um concurso de «*miss drag* negra». No entanto, nas narrativas produzidas durante a entrevista, Tainá não compartilhou experiências demarcadas pela negritude. Importante salientar que algumas das interlocutoras podem ser reconhecidas socialmente com atributos racializados, contudo, nos discursos captados durante a produção dos dados, não demonstraram auto reconhecimento com esta categoria identitária, possivelmente por motivos que perpassam privilégios de classe. Devido a isso, as narrativas não foram analisadas por este marcador da diferença nas análises que serão desenvolvidas também no Capítulo II.

As interlocutoras são provenientes das cinco regiões do Brasil. A maioria delas (6) nasceram na região sudeste, 3, no nordeste, 2, norte, 2, no sul e 1, no centro-oeste do Brasil. No Capítulo III, analiso as mobilidades internas no Brasil como um importante ponto de viragem nas trajetórias de vida e o papel na acumulação dos capitais da vida por algumas das interlocutoras. O nível de escolaridade das mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo contatadas nesta pesquisa também apresentou uma grande diversidade de realidades. A maioria delas (8) concluíram o ensino secundário, incluindo Tainá que cursava o mestrado no momento da produção dos dados. O capital cultural representado pela conclusão do ensino escolar demonstrou ser um fator importante para os tipos de circulação que mulheres trans e travestis realizam no continente europeu, que serão discutidos no Capítulo IV, e podem ser percebidos na Tabela 1:

Encarnando a europeia

Tabela 1: Características sociodemográficas das entrevistadas

Data da entrevista	Nome	Idade	Auto identificação de gênero	Étnico-racial	Estado de origem	Escolaridade	Países visitados e/ou trabalho	Duração da entrevista
29/05/2017	Mariana	24 anos	Transexual	Morena	Goiás	Ensino médio Incompleto	Portugal	03h:07m
05/08/2017	Verônica	25 anos	Trans	Branca	Amazonas	Ensino médio	Portugal e Espanha	00h:56m
29/05/2017	Yara	26 anos	Mulher do século XXI - Mulher com um brinquedinho a mais	Branca	Pernambuco	Não informado	Portugal, França, Espanha e Bélgica	01h:07m
17/10/2017	Diana	29 anos	Transexual	Branca	Rio Grande do Sul	Ensino médio	Itália, Portugal, Suíça, França, Inglaterra, Finlândia, Irlanda, Alemanha, Polônia, Holanda, Bélgica, Espanha, Escócia.	02h:33m
25/10/2016	Flora	32 anos	Travesti	Morena	Minas Gerais	Ensino médio	Portugal, Espanha, Bélgica e Itália	04h:00m
20/06/2017	Leila	32 anos	Trans	Branca	Bahia	Ensino médio	Portugal, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Áustria, Grécia, Irlanda do Norte, França, Holanda, dentre outros. [Conhece 12 países].	01h:09m
12/08/2017 e 30/09/2017	Débora	35 anos	Transexual	Morena	Ceará	Ensino médio	Espanha, Grécia, França, Noruega, Finlândia, Emirados Árabes, Peru, Tailândia, Turquia, Suíça, Alemanha, Bélgica, dentre outros.	03h:31m
16/01/2017	Tainá	35 anos	Mulher trans	Negra	Amazonas	Mestranda	Portugal, Bélgica e Espanha	03h:00m

Encarnando a europeia

Data da entrevista	Nome	Idade	Auto identificação de gênero	Étnico-racial	Estado de origem	Escolaridade	Países visitados e/ou trabalho	Duração da entrevista
20/02/2017	Janaina	36 anos	Travesti	Branca	Paraná	Ensino fundamental	Portugal, Espanha, Suíça (Após a entrevista Inglaterra e Escócia)	02h:39m
06/03/2017	Safira	37 anos	Transexual	Negra	Espírito Santo	Ensino fundamental	Portugal, França, Inglaterra, Escócia, Espanha, Estados Unidos da América.	03h:30m
12/09/2017	Luna	38 anos	Travesti	Negra	São Paulo	Ensino fundamental	Portugal e Bélgica (Após a entrevista Inglaterra, França e Espanha)	03h:44m
14/11/2017	Dalila	41 anos	Transexual	Branca	Rio de Janeiro	Ensino médio	Portugal, Espanha, Dinamarca, França, Noruega, Finlândia, Emirados Árabes, Estados Unidos da América, Andorra, Catar, China, Ilhas Maldivas, Grécia, República Checa, Bélgica, dentre outros («Europa quase toda»)	02h:43m
10/10/2017	Maya	48 anos	Travesti	Morena	Rio de Janeiro	Ensino médio	Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Egito	04h:02m
21/11/2016	Sheila	52 anos	Transexual	Branca	Espírito Santo	Ensino fundamental incompleto	Portugal	04h:37m

Fonte: Dados da pesquisa.

As entrevistas foram marcadas pela informalidade e por momentos de partilha sobre suas experiências e trajetórias de vida, as relações familiares e dentro da instituição escolar, as relações com as identidades LGBT, as decisões relacionadas às modificações do corpo e a encarnação de um tipo específico de feminilidade, as dificuldades enfrentadas na mobilidade, as estratégias e recursos utilizados para resolução das adversidades, os modos distintos de instrumentalização do trabalho sexual nos distintos campos prostitucionais no/do Brasil, Portugal e/ou no continente europeu e as suas relações com as alterações nos patrimônios de disposições, biografias corporais, identidades e estratégias do trabalho do sexo etc.

Durante a produção dos dados, utilizei como método de aproximação demarcar que era uma «bixa» que incorpora símbolos do feminino e performances de feminilidade. Assim, utilizei roupas pouco formais, algumas vezes calções e t-shirts, na tentativa de mostrar que também tinha um projeto corporal não normativo e para colaborar na criação de um ambiente de naturalidade sobre a modificação do corpo e tópicos relacionados com a sexualidade. Instrumentalizei também o pajubá²², ou bajubá, e gírias sabidas por mim como comuns pelas mulheres trans e travestis. Cito como exemplo a fala de Diana, 29 anos, nascida no estado do Rio Grande do Sul, mulher trans com uma corporalidade circunscrita também na comunidade de *body modification*, que reitera as representações relacionadas aos nossos projetos corporais em Portugal. Sua fala demonstra também a abertura perante as discussões envolvendo sexualidade e a linguagem:

Eu: Mas você não acha que Portugal é muito conservador com esse tipo de imagem?

Diana: Sim, sim, sim.

Eu: Mais que o Brasil?

Diana: Sim. Sim. Aham. Sim.

Eu: Porque eu imagino que... Porque tipo, estamos aí de mãozinhas dadas, né? As pessoas olham muito pra gente...

Diana: É.

Eu: Aonde eu vou é do tipo...

Diana: É o extraterrestre.

Eu: Sim, na praia então...

Diana: E ainda mais boiolation²³. E a senhora senta muito?

Eu: Às vezes...

Diana: Eu sento também.

Eu: Maricona²⁴...

Diana: [Risos]

²² O pajubá ou bajubá é um dialeto que mescla palavras em português e do iorubá-nagô utilizado por travestis e mulheres trans brasileiras (Pelúcio, 2007; Benedetti, 2005; Silva, 1993).

²³ Termo para pessoa com traços femininos.

²⁴ Termo êmico para designar os clientes que são passivos durante as performances sexuais.

A proximidade também foi facilitada com Janaina, nascida no Paraná, estado onde estudei, por conhecermos pessoas comuns dos ativismos LGBT. O mesmo ocorreu com Tainá, devido à sua proximidade com os ativismos em São Paulo e à trajetória acadêmica. Com Mariana, especialista em performances de Bondage, Dominação e Sado Masoquismo (BDSM), o fato de conhecer as práticas e suas respectivas nomenclaturas foram um facilitador no momento da entrevista e um fator de proximidade. Assim, mais que «colher informações», «trocamos missangas», de modo que acredito que a qualidade dos dados produzidos advém da criação desses momentos de amizade e não formalidade. Por exemplo, houve entrevistas que, em um primeiro momento, foram marcadas em um café e que, depois de alguns minutos de aproximação e conversa, fui convidado para ir à casa ou apartamento de trabalho da interlocutora. Fato que demonstra a relação de confiança que se estabeleceu. Flora, além do convite, me ofereceu uma deliciosa sopa de legumes com carne, enquanto mostrava fotos captadas no Brasil, ainda no princípio da encarnação da sua identidade de gênero e da cirurgia das próteses de silicone, o seu maior orgulho na encarnação da sua identidade de gênero.

Além do apartamento de Flora, durante a produção dos dados, conheci os locais de trabalho de Verônica, Yara, Leila, Luna, Dalila, Maya, Débora, Tainá, Janaina e Sheila. Com Mariana, a entrevista ocorreu em um café frequentemente visitado por ela, onde também almoçamos. Com Diana, tomamos o café da manhã/pequeno almoço em uma padaria no centro da cidade e depois fomos almoçar em uma churrascaria brasileira, com culinária típica do seu estado natal. Já Safira, como residia no Porto e estava durante algumas semanas em Lisboa, marcou o encontro na zona central da cidade e depois jantamos em um restaurante próximo.

Acredito que a criação dos momentos de informalidade e confiança foi crucial para a captação de questões mais delicadas, como, por exemplo, as violências transfóbicas, os problemas com a família ou ainda aquelas informações que normalmente só dizemos a amigos próximos ou aos analistas. Assim, mais que produção de dados para a construção desta tese, as entrevistas possibilitaram também às mulheres trans e travestis, momentos de reflexividade sobre suas vidas e suas subjetividades, como podemos perceber na fala de Flora e Susana:

Eu: Eu tô muito feliz, muito, muito, muito obrigado.

Flora: Que bom. Eu também fiquei feliz por você me ouvir, foi maravilhoso, foi uma sessão de terapia, né?

Eu: Sim, pra ti e pra mim.

Encarnando a europeia

Flora: Foi uma sessão, como é que fala?...

Eu: Uma análise?

Flora: É uma análise, isso. Foi bom, me deixou mais ainda com uma energia mais poderosa para poder... Porque amanhã é meu dia, amanhã é meu babado.

Eu: Quero te agradecer de novo. Muito obrigado por compartilhar a tua vida comigo.

Sheila: Mas é bom também. Nesse momento da minha vida, eu relembrar tudo isso. Você sabe que eu tô fazendo isso, eu não tô te ajudando só, tô me ajudando também. Que também é uma fase que eu tenho que tomar uma decisão na minha vida. Não sei. Não sei se fico, não sei se vou. Entende?

Eu: Sim.

Sheila: E falar tudo isso, relembrar de tudo, é bom! Aonde que eu errei, aonde que dá pra consertar.

Eu: E onde você acha que errou?

Sheila: Lugar nenhum! Eu segui bem a minha estrada. Eu não deixei rastro.

Uma das dificuldades posteriores foi como levar adiante as relações tão delicadas que construímos. Flora, por exemplo, passou a me enviar mensagens de bom dia por alguns meses. Foi por intermédio destes diálogos posteriores à situação de entrevista que obtive informações sobre sua tentativa de aquisição de documentos e os trânsitos por Portugal. Importante salientar que somente não troquei perfil de *facebook* e/ou *instagram* com Verônica²⁵, o que possibilitou acompanhar parte das trajetórias das interlocutoras após o momento de produção dos dados. Foi assim, por exemplo, que descobri informações sobre as adversidades, as viagens e os acontecimentos importantes das suas vidas durante os últimos dois anos, como, por exemplo, a insegurança sobre um futuro namorado, voltar ao Brasil ou ficar na Europa, o casamento com o namorado europeu, a realização de outras cirurgias plásticas, a circulação pelos distintos territórios do trabalho sexual na Europa etc.

Os momentos de produção dos dados foram marcados também pelo compartilhamento das inúmeras violências físicas e/ou simbólicas relacionadas à identidade de gênero, ao trabalho do sexo, à família, às decepções amorosas, à perda de pessoas amigas, à saudade do Brasil, à solidão etc. Assim, as entrevistas demandaram suporte, afeto e, principalmente, uma atitude de escuta ativa perante as sensibilidades e os problemas vivenciados naquele momento específico da trajetória de vida e que não estavam relacionados aos objetivos da pesquisa. Foram as entrevistas mais longas, com momentos mais abertos e menor preocupação com o

²⁵ A entrevista mais curta e que foi finalizada rapidamente devido a chegada de um cliente. A entrevista não foi retomada devido a ida de Verônica à Espanha.

guião/roteiro que me possibilitaram, no momento de análise do material, compreender os aspectos mais relevantes dos patrimônios de disposições e subjetividades das interlocutoras.

A intimidade e a confiança criadas refletem-se também nos tipos de narrativas e momentos que mulheres trans e travestis compartilharam comigo relacionados ao corpo, ao gênero, à sexualidade e ao desejo, durante a produção dos dados narrativos. É importante salientar que, para adentrar esse tipo de universo, além do entendimento sobre as técnicas e metodologias da pesquisa sociológica/antropológica, também são necessárias competências sociais que não necessariamente estão relacionadas à teoria metodológica. Acredito que, sem esse recurso, dificilmente conseguiria obter as informações analisadas no quinto capítulo sobre as estratégias do trabalho sexual e seus respectivos processos de subjetivação, as questões relacionadas aos preparativos para realizar certos tipos de práticas sexuais, seus sentimentos e autodescobertas. Portanto, mais que dominar a teoria, o trabalho de campo demonstrou que são necessários muita empatia e um constante processo de desconstrução da moralidade cisheteronormativa. Nesse sentido, criar um espaço de naturalidade sobre as temáticas do corpo e da sexualidade nos momentos iniciais da produção dos dados foi crucial para qualidade de informações obtidas, por exemplo, nos diálogos estabelecidos com Maya e Flora:

Maya: Não podia nem se tocar, eles não deixavam, né? Aí virava, não podia tirar a calcinha e só tirava de lado, pra eles não poder ver as partes íntimas da frente...

Eu: Não precisa ter vergonha de mim não, pode falar pau...

Flora: 20 aninhos, os bofes passavam na rua e já falava: «Olha, nossa, que morena, não sei o quê». Novinha, todo mundo quer comer bicha novinha, né? Como se diz. Olha eu falando.... Pode falar putaria, né?

Eu: Claro que pode falar putaria, sempre! [risos]

Se, por um lado, ser uma pessoa trabalhadora do sexo diminui os tabus com o corpo, por outro, é necessário alteridade da pessoa pesquisadora com relação a essa questão. Por exemplo, durante minha trajetória acadêmica, não sei quantas vezes fui convidado a sentir as próteses mamárias para perceber a diferença entre um silicone industrial, cirúrgico e/ou de

«algas marinhas francesas»²⁶, tocar o abdômen para perceber as costelas que foram retiradas para o afinamento da cintura, sentir o rosto, braços, pernas ou seios para atestar os efeitos dos hormônios e a textura da pele, entre outros. Ou seja, os momentos de entrevista demonstram o sentimento de segurança e naturalidade das interlocutoras em partilhar intimidades das suas biografias corporais. Por exemplo, Maya, depois de duas horas de entrevista e o atendimento de um cliente, tomou banho para jantarmos perto de sua casa. Enquanto hidratava o seu corpo nu, falávamos sobre os seus cuidados diários com a hidratação da pele «morena cor do pecado» e as estratégias do trabalho sexual centradas no corpo. Ou ainda Dalila e Yara, que me receberam após o banho apenas de toalha, e no início da entrevista vestiram suas lingerie de trabalho, o que possibilitou de imediato uma abertura para as questões relacionadas ao corpo.

A confiança e a partilha de experiências também estão relacionadas com a preocupação das interlocutoras com a qualidade dos dados produzidos. Todas elas concordaram em estar à disposição para sanar as possíveis dúvidas durante o tratamento dos dados, análise e escrita da tese. Por exemplo, Flora, após perguntar o que eu faria com o material produzido, demonstrou a sua disponibilidade e preocupação com a quantidade de trabalho necessário para a produção da tese:

Flora: Quando você for ouvir lá, se você quiser mais alguma coisa, que for mais fundamental ali para você, na sua pesquisa, você me pergunta novamente, toca no assunto, que você já gravou, você vai saber que eu já falei, né? Você vai ouvir, você vai resumir aquela palhaçada toda e você me fala que eu lhe falo sobre o assunto novamente que for mais importante e relevante.

As principais dificuldades nos momentos de produção dos dados foi conseguir ultrapassar os receios de algumas das interlocutoras em compartilhar algumas informações. Leila preferiu não falar sobre os seus negócios no Brasil e sobre um problema de saúde ocorrido alguns anos antes. Yasmim também não demonstrou muita abertura nas narrativas sobre a relação com a sua mãe na adolescência, o namorado e algumas das suas experiências nos territórios do trabalho sexual no Brasil. Essas duas entrevistas tiveram pouco mais de uma hora de duração, o que dificultou a apreensão da constituição e a atualização dos patrimônios

²⁶ O silicone de «algas marinhas francesas» é descrito pelas mulheres trans e travestis como sendo de qualidade superior às próteses de silicone. Segundo as interlocutoras, o material possibilita a constituição de uma visualidade mais natural, além de não ser necessária a troca das próteses de 10 em 10 anos.

de disposições, mas colaboraram na confirmação de hipóteses sobre o impacto da mobilidade nas trajetórias e biografias corporais.

Como já dito, as entrevistas longas demonstraram ser fundamentais para a compreensão da constituição, reprodução, transferência e alterações dos patrimônios de disposições e biografias corporais durante as trajetórias de vida das interlocutoras. No entanto, também demandaram mais atenção e energia. Após três, quatro horas de conversa em atitude de escuta ativa, a exaustão psíquica foi recorrente. Assim, as primeiras análises do material foram realizadas ainda com o gravador ligado, sozinho, depois da entrevista. Meu objetivo, inicialmente, foi realçar os pontos principais da trajetória e da biografia corporal e alguns *insights* que poderiam colaborar na análise do material, na comparação com outras trajetórias e na escrita da tese.

Posteriormente, o material narrativo produzido durante a entrevista foi integralmente transcrito e analisado sob a orientação da técnica de análise temática (Nowell, *et al.*, 2017; Vaismoradi, *et. al*, 2016). Depois da transcrição cuidadosa dos áudios, fiz a validação da transcrição inserindo detalhes sobre os gestos e os sentimentos que as entrevistadas expressaram com suas corporalidades e o tom de voz, ou seja, relembrei o heurístico do momento de produção dos dados (Feixa, 2018). A interpretação e a análise dos dados foram realizadas simultaneamente em ambos os processos. Durante as entrevistas, tive o cuidado de demarcar aspectos considerados importantes com comentários que colaborassem para avivar a minha memória no momento de transcrição e análise. Por exemplo, quando Sheila fala do seu amor pelos homens e como as relações que estabelece com os clientes no trabalho do sexo são uma motivação para continuar em Lisboa, os seus olhos brilhavam, conforme a narrativa:

Eu: E o que você acha que motiva este amor pelos homens?

Sheila: O amor pelos homens é muito, muito grande, viver sem homem para mim é muito difícil. Eu ainda estou na prostituição por isso, eu não sei.... Eu já posso voltar para casa, mas eu não consigo ficar sem um homem. É... Eu estou falando isso mesmo aqui por dentro, porque não é só... Não é só o sexo, é a barba, é... Eu tenho paixão, amor mesmo, de ver um homem ter prazer.

Eu: Sim...

Sheila: É lindo, eu acho maravilhoso, as mulheres perdem tanta coisa...

Eu: Seus olhos brilham...

Posteriormente, eu defini os pontos comuns que poderiam ser analisados, não com o objetivo de forçar generalizações, mas de utilizar as experiências das interlocutoras na obtenção de algumas considerações relevantes na compreensão das biografias corporais,

trajetórias, impacto da mobilidade, dentre outros, traçando comparações ou contrapontos com as percepções das demais (Feixa, 2018). Após a primeira análise, criei fichas de perfis sobre as trajetórias de vida e biografias corporais de todas as interlocutoras, contendo informações relevantes para a escrita da tese. Por exemplo, o local de origem no Brasil, a identidade de gênero, as primeiras modificações corporais, o nível de escolaridade, o *background* familiar, os locais de trabalho no Brasil, e/ou na Europa e/ou no mundo, os conhecimentos linguísticos e os tipos de racionalidades que mais se sobressaíram nas narrativas etc. O meu intuito era ter a ideia geral da qualidade do material e das possíveis relações que poderiam ser criadas entre as trajetórias e biografias corporais das interlocutoras de modo indutivo (Nowell, *et. al.*, 2017), ou seja, os tipos de capitais incorporados e acumulados durante a socialização familiar, as experiências adquiridas como trabalhadoras do sexo, as alterações nos patrimônios de disposições e biografias corporais, entre outros.

A partir desse primeiro exercício analítico, elaborei o primeiro sumário da tese, delimitando provisoriamente os temas de cada capítulo, tendo sido guiado pelos pontos de viragem comum a todas as interlocutoras, que são estes: 1) informações sobre o momento de produção dos dados; 2) socialização nas instituições escola e família, experiências de estigma e transfobia, encarnação da identidade de gênero e biografia corporal feminina, constituição das disposições para modificação do corpo, relações com outras mulheres trans e travestis, constituição dos seus gostos estéticos, com seus respectivos marcadores sociais da diferença etc.; 3) início do trabalho sexual e/ou mobilidade para Portugal ou para outros países do continente europeu, motivações para o trânsito geográfico, representações sobre o Brasil e a Europa, os distintos modos de circulação pelo continente europeu e sua relação com o capital de mobilidade, as experiências da mobilidade na alteração dos patrimônios de disposições e biografias corporais etc.; 4) os distintos modos de instrumentalização e especializações do/no trabalho sexual, os modos de constituição de estratégias de captação e fidelização de clientes e sua relação com os diferentes e os diferenciadores campos prostitucionais na Europa, os processos de subjetivação das interlocutoras com as experiências no mercado do sexo etc.; 5) a consubstancialização da experiência de mobilidade em suas biografias corporais, a relevância do capital simbólico na resignificação das trajetórias e nas relações com familiares, amigos e/ou clientes. Por fim, criei uma lista de códigos e subcódigos temáticos para análise das entrevistas com a utilização do *software* MAXQDA 12. A lista de códigos pode ser visualizada na tabela abaixo:

Tabela 2: Lista de códigos no MAXQDA 12

Sistema de códigos	
Capítulo I - Do campo	
	Observações sobre os locais das entrevistas
	Como entrei em contato
	Medos e receios do dizer
	Observações de aproximação e o Pajubá/Bajubá
	Sentimentos e observações sobre as entrevistas
Capítulo II Background	
	Pontos de origem (família e capitais)
	Família e identidade trans e travesti
	Escola e identidade trans e travesti
	Capital cultural
	Estigmas na infância e adolescência
	Estigmas da vida adulta
	Questões de negritude
	Trabalhos regulamentados
	Negociação da identidade trans e travesti
	Nome social
	Acontecimentos importantes
Capítulo II Biografias corporais	
	Primeiras modificações corporais
	Indumentária
	Hormônios
	Efeitos colaterais
	Silicone
	médico
	industrial
	Cirurgias plásticas
	Outros tipos de cuidados com o corpo
	Modificações instrumentais do trabalho sexual
	Modificações expressivas de gênero
	Arrependimentos
	Primeiros contatos com outras mulheres trans e travestis
	Medicina e corpos trans e travestis
	Planos futuros de modificação
	Justificativas sobre a travestilidade e transexualidade (Gênero)
	Representações sobre o corpo/ feminino
	Representações sobre o grupo trans
	Sentimentos sobre o corpo
Capítulo III e IV Mobilidade	
	Trabalho sexual no Brasil
	Capital de mobilidade

Encarnando a europeia

Sistema de códigos	
	Capital social
	Trajetória do trabalho sexual na Europa
	Representações sobre a Europa antes da mobilidade
	Representações sobre o Brasil
	Representações sobre Portugal
	Representações sobre a Europa
	Brasileiridade
	Questões legais de circulação
	Questões linguísticas
	Representações sobre o trabalho sexual
	Investimentos com a acumulação de capital econômico na Europa
	Relações com outras mulheres trans e travestis na Europa
	Com as portuguesas
	Alterações dos patrimônios de disposições
	Alterações nas relações pós mobilidade
	Self
	Família
	Amores
	Sonhos
	Lazer
	Psicoativos
Capítulo V Trabalho sexual	
	Discursos no telefone
	Estratégias do trabalho do sexo
	Práticas sexuais
	Clientes
	Cirurgia de confirmação de gênero
	Discursos sobre o pênis
	Sem cirurgia de confirmação de gênero
	Com cirurgia de confirmação de gênero
Capítulo VI	
	Capital simbólico

Fonte: Dados da pesquisa

Portanto, a utilização dessas metodologias e técnicas qualitativas teve como objetivo identificar as distintas trajetórias e biografias corporais das interlocutoras buscando os pontos divergentes e convergentes de cada vida vivida e o impacto em suas subjetividades e corporalidades. A diversidade das histórias de vida não é apenas reflexo dos diferentes contextos e das posições das interlocutoras, mas é resultado do modo único que cada uma

incorporou e interpretou a estrutura (Amândio *et.al.*, 2016). Assim, mais do que generalizações ou conclusões, as análises possibilitaram o aprofundamento de questões levantadas pela bibliografia, mas também de problemáticas inéditas que só foram possíveis devido à operacionalização deste caminho metodológico específico. O que nos remete às afirmações de Butler (2017b) sobre as questões éticas envolvidas no processo de captar percursos de vida:

Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar nunca uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar (Butler, 2017b: 61).

Capítulo II

As primeiras experiências de encarnação de feminilidades: o impacto das desigualdades sociais nas biografias corporais

O corpo em si não é dotado, porém, de nenhum sentido que lhe seja intrínseco. Estritamente falando, na dramática da vida, o corpo em si não significa nada. É um entrelaçamento ou um feixe de processos que, em si, não tem nenhum sentido imanente. A visão, a motricidade, a sexualidade, o toque não têm nenhuma significação primordial. Sendo assim, sempre existe uma parcela de coisidade em toda corporeidade. O trabalho pela vida consiste precisamente em evitar que o corpo caia na coisidade absoluta; consiste em evitar que seja por completo mero objeto. Mas somente um modo de existência permite conseguir isso: o modo de existência ambíguo, uma maneira de brincar tateando sobre o avesso das coisas e de brincar de faz de conta diante de si e dos outros (Mbembe, 2018a: 251).

Este capítulo apresenta e identifica os distintos contextos de produção das biografias corporais e patrimônios de disposições das mulheres trans e travestis brasileiras antes da mobilidade para Europa, durante suas infâncias e adolescências por entre a família, a escola, as comunidades e as redes de pares. Em um primeiro momento, apresento as diversas teorias, paradigmas, conceitos e abordagens das Ciências Sociais no entendimento das corporalidades e as relações com as desigualdades estruturais e físico orgânicas na (re)produção do corpo, com foco no conceito de *capital corporal*. Posteriormente, a discussão é estabelecida analisando as conexões e entrelaçamentos entre os marcadores de classe, o suporte familiar, as características de racialização e a geração nas trajetórias de vida das interlocutoras, buscando compreender o impacto dos privilégios e desigualdades na constituição das biografias corporais.

Abordagens socioantropológicas do corpo: encarnação e capital corporal

Quais os limites/potencialidades da manipulação e (re)produção do corpo no século XXI? Como pensar as corporalidades em um tempo marcado pela emergência de inúmeras narrativas, imagens, utilidades e percepções sobre o corpo? Quais as consequências das inúmeras desigualdades – sejam elas de ordem físico orgânica, econômica, social, cultural etc. - na (re)produção das corporalidades? Como pensar as especificidades das corporalidades de pessoas trans e travestis após décadas de produção acadêmica, cinematográfica, literária e midiática? Seria o processo de (re)produção das corporalidades de pessoas trans e travestis diferente do processo que passam as corporalidades de pessoas cis produzidas no atual contexto socio-histórico, marcado pelo alto desenvolvimento do mercado de design corporal e pela sofisticação das indústrias de biotecnologias e da engenharia corporal? Qual a diferença no uso de tecnologias na (re)produção de espectros de gênero por um corpo cis e um corpo trans? Como refletir sobre as biografias corporais das interlocutoras considerando a diversidade de experiências, trajetórias, percepções e afirmações produzidas durante o trabalho de campo?

Na busca por possíveis respostas para esses questionamentos, esta seção tem como objetivo compreender alguns dos paradigmas, teorias e conceitos formulados pelas Ciências Humanas na compreensão do corpo. Durante o desenvolvimento das Ciências Sociais, o corpo foi compreendido como operador social e responsável pela materialização da cultura. Por meio do corpo buscou-se compreender comportamentos e práticas sociais e suas implicações na produção do Eu, nas relações que estabelece com o Nós e nas diferenças relativamente ao Outro. Um primeiro exemplo pode ser notado nas discussões da Escola Francesa por Marcel Mauss (2005), na inauguração das abordagens sobre a Antropologia/Sociologia do Corpo. O autor, ao investigar as relações entre corpo e culturas, define o conceito de *técnicas corporais* salientando «[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos» (Mauss, 2005: 211). Na perspectiva maussiana, cada sociedade estabelece hábitos corporais que lhe são próprios, influenciados pelos valores inseridos dentro delas e diferenciados de acordo com o sexo, a idade, a fase da vida etc.

Mary Douglas (1967), ao pensar o corpo como operador social, afirma que a sociedade impõe sobre os corpos normas que estão relacionadas ao controle social dos indivíduos. Nessa perspectiva, sobre a corporalidade incidem padrões de relações sociais que têm como

principal objetivo camuflar a naturalidade existente no corpo, ou seja, constranger os processos orgânicos (ruídos, odores e excreções etc.). Para a autora, as limitações colocadas ao corpo são influenciadas pelo local da relação social. Assim, quanto maior a tradição/formalidade do espaço, maior o grau de controle que a pessoa deve ter sobre sua corporalidade. Consequentemente, é por meio das regras corporais que a pessoa se distancia da Natureza, onde se encontra enclausurado o corpo, e emerge para a Cultura.

Para Bourdieu (2007), a construção das corporalidades está relacionada ao processo de interiorização do *habitus*, ou seja, as estruturas objetivas incorporadas pelas pessoas no processo de socialização e que são exteriorizadas por meio das ações, ditando como vestir, andar, comportar, gesticular, olhar etc. Nesse sentido, a construção do ser social perpassa a incorporação das normas e regras que são diferenciadas e diferenciadoras de acordo com o capital cultural do agente, responsável pela criação de subjetividades e diferenças. Para Bourdieu, o corpo seria fundamentalmente o reflexo do capital cultural e das diferenças de classe: «[...] o capital cultural é um ter que tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*» (Bourdieu, 2007: 74-75).

As práticas diferenciadoras entre os agentes foram conceituadas por Bourdieu (1983) como estilos de vida, ou seja, os gostos, a inclinação a determinado bem material ou simbólico ou práticas. São gostos e práticas que não estão apenas ligados ao consumo, apesar do capital econômico influenciar as suas escolhas/aquisições, mas a toda trajetória social da pessoa inserida no tempo e no espaço. O corpo como operador social torna-se uma representação dos aspectos culturais e sociais que são incorporados pelos agentes nas relações que estabelecem com os demais agentes inseridos na estrutura. A maior crítica direcionada ao autor será a pouca reflexividade na operacionalização do *habitus*, em razão do corpo continuar enclausurado na exteriorização da exterioridade, internalizada em uma lógica mecânica de reprodução da estrutura social.

Conforme salientado anteriormente, Foucault (1986) demonstra as relações entre a disciplinarização do corpo pelos dispositivos de biopoder na gestão das populações e (re)produção do sistema capitalista no século XVII. Com o processo de industrialização, o surgimento das grandes cidades e suas relações com as questões da riqueza, da mão-de-obra e do trabalho, o Estado percebe a necessidade de lidar com os aspectos relacionados à corporalidade e à sexualidade. As condutas sexuais são analisadas nas suas determinações e seus efeitos: «[...] entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram» (Foucault, 2011: 33). As condutas corporais e sexuais do povo são (re)apropriadas como

objeto de análise e de intervenção. Para o autor, o corpo não é apenas o local onde as sociedades instauram a «disciplina» - principalmente por meio da atuação do poder do Estado sobre as corporalidades -, mas são os próprios agentes que, ao incorporarem os saberes da sociedade disciplinar, reiteram as normas. O objetivo da biopolítica é produzir dispositivos, ou seja, uma infinidade de modos/práticas que cada pessoa deve realizar com o seu corpo para manter e reproduzir a ordem social.

As teorias discutidas até aqui demonstram uma forte influência da estrutura social na construção/(re)produção do corpo/corporalidades. Ferreira (2013) designa tais teorias como *paradigmas da incorporação*. Compreender o corpo por meio da perspectiva de incorporação é notá-lo como matéria modelada pelo contexto cultural e social. Nesse tipo de abordagem, o corpo é olhado pelo viés dos processos de incorporação cultural que demonstram a força do social sobre as pessoas. A perspectiva da incorporação tem como principal objetivo a análise da construção social de corporalidades que obedeçam à lógica instaurada na estrutura social. Logo, no paradigma da incorporação, a estrutura incutiria as dimensões necessárias para a (re)produção da materialidade corpórea.

Com o desenvolvimento teórico das questões socioantropológicas e das intervenções biotecnológicas sobre o corpo, outros paradigmas teóricos foram projetados. A popularização de várias técnicas e tecnologias de modificação do corpo, mais ou menos invasivas, no final do século passado possibilitou a emergência teórica do caráter plástico das corporalidades. Neste ínterim, a perspectiva de Le Breton (2000, 2011) demonstra a influência do desenvolvimento da indústria de design corporal na contemporaneidade sobre a construção da realidade corpórea. Para o autor, com a viabilidade de intervenção tecnomolecular do corpo, os agentes teriam a possibilidade de projetar/construir suas corporalidades de modo autônomo. O corpo, na modernidade, adquire um caráter de *acessório de presença*, uma representação do Eu. A anatomia corporal deixa de ser destino para configurar-se como possibilidade de transformação e provisoriedade. Por exemplo, as cirurgias estéticas, nas análises bretonianas, possibilitaram perceber o corpo como artefato de identidade a ser exibida. Se no passado os corpos foram uma estrutura simbólica e estável, na modernidade, o corpo emerge como possibilidade de incontáveis mudanças de acordo com os desejos individuais e as experiências dos agentes. Logo, a construção das corporalidades, na perspectiva bretoniana do corpo como acessório, está relacionada, principalmente, aos processos de decisão e escolha por determinados modelos de corporalidade.

Ao assumir essa perspectiva de leitura do corpo, é possível notá-lo não apenas como uma superfície passiva das influências sociais/culturais e/ou de relações de poder, mas

analísalo como uma interface reflexiva entre o material e o simbólico, entre experiência e representação. É buscar interpretações que compreendam as diversas possibilidades de projeto, sejam elas relacionadas à reiteração ou à ruptura com a estrutura social. Dito de outro modo: «O corpo não é incorporação de uma simbólica petrificada, mas de uma simbólica viva, que se inscreve numa ligação permanente com o futuro desta ordem aproximativa e sempre em mudança que é uma sociedade» (Le Breton, 1982: 231).

Assim, o desenvolvimento biotecnológico, teórico, cultural e social retirou o caráter do corpo como destino inerente aos paradigmas da incorporação, e possibilitou a emergência de projetos individuais para o corpo. No interior desse contexto paradigmático, Giddens (1997) afirma que o corpo, na modernidade, emerge como «projeto reflexivo do Eu», produzido pelas escolhas individuais dos agentes na constituição de diferenças e identidades, ou, ainda na (re)produção de estilos de vida. Assim, na modernidade as corporalidades são (re)produzidas conforme as experiências e expectativas individuais dos agentes, mediante projetos reflexivos do *self*, a partir das possibilidades socialmente disponíveis e simbolicamente legitimadas. O corpo, na perspectiva reflexiva, pode expressar também possibilidades de afirmação de identidades transitórias, contra identidades hegemônicas e de resistência à estrutura social, selecionadas a partir das diversas experiências dos agentes. Nesse paradigma o corpo já não pode ser compreendido como objeto fixo, enclausurado em seus processos orgânicos, fisiológicos ou de reprodução de normas sociais, pelo contrário:

Com a crescente invasão do corpo pelos sistemas abstractos tudo isto se alterou. O corpo, como o *self*, torna-se num local de interacção, apropriação e reapropriação, ligando processos reflexivamente organizados com o conhecimento dos peritos, ordenado sistematicamente. O corpo em si emancipou-se – a condição para a sua reestruturação reflexiva. Em tempos pensado como sendo o *locus* da alma, depois como o centro de necessidades obscuras e perversas, o corpo tornou-se mais disponível para ser “trabalhado” pelas influências da modernidade tardia e, como resultado destes processos, as suas fronteiras alteraram-se. Ele tem, por assim dizer, uma “camada exterior” totalmente permeável através da qual penetram rotineiramente o projecto reflexivo do *self* e os sistemas abstractos formados externamente (Giddens, 1997: 201).

Assim, o corpo é percebido como aparato na constituição do Eu. Compreender o corpo na modernidade também é perceber como os agentes selecionam práticas particulares para obtenção dos seus projetos de *self*. No interior deste debate, Crosley (2005) define o conceito de *reflexividade carnal*, ou seja, um conjunto de pensamentos e decisões baseadas na

incorporação de conhecimento e compreensão das suas lógicas que modificam e/ou mantêm as corporalidades de maneiras particulares. Esta perspectiva de leitura do corpo, designada por Ferreira (2013) de *paradigma da excorporação*, rompe com a inevitabilidade da ideia clássica de incorporação na construção social das corporalidades por exigências sociais e culturais. No entanto, é importante salientar que a incorporação não é o oposto da excorporação, partindo do pressuposto de que para excorporar é necessário ter incorporado técnicas, símbolos e representações. Mas, neste caso, não de uma forma naturalizada e inconsciente, mas mediada por processos de reflexividade carnal, subjacente a ações de consciência e voluntária com e sobre o corpo.

O corpo, nesta perspectiva, é compreendido principalmente como plástico, associado a um processo reflexivo de bricolagem das experiências e relações estabelecidas entre o agente e o seu meio social. Nas experiências das pessoas trans e travestis – eu diria também de todos os corpos generificados –, esta interpretação de construção das corporalidades pode ser percebida nos processos de reflexividade carnal que experimentam na encarnação das tecnologias de gênero. Deste modo, a construção de um tipo específico de feminilidade ou masculinidade tem como epicentro a (re)apropriação de tecnologias, símbolos, discursos e técnicas em processos de experimentação legitimados pelos agentes em seus meios sociais.

O paradigma da excorporação, ao possibilitar o entendimento do corpo para além de uma dinâmica de reprodução da estrutura social, retirou o caráter passivo da (re)produção das corporalidades. No entanto, imanente aos processos de reflexividade carnal está uma perspectiva de objetificação do corpo, transformado em acessório de si. Ora, esta perspectiva deixa de lado uma questão de suma importância sobre o corpo: os limitadores biológicos/sociais/culturais e os aspectos relacionados à assunção do corpo, ele próprio como sujeito que, longe de ser um objeto inerte, é matéria viva, vivida e em devir (Ferreira, 2013). Tentando romper com esta perspectiva sociocentrada do corpo e seu aspecto desmedido de plasticidade, o designado *paradigma da encarnação (embodiment)* (Ferreira, 2013) leva em consideração os assujeitamentos e os constrangimentos dos agentes sobre seu próprio corpo (aspectos orgânicos) e as desigualdades sociais, econômicas e culturais na constituição e materialização dos projetos corporais. Portanto, há os aspectos relacionados às questões dialéticas entre a Natureza, a Sociedade e a Cultura.

O paradigma da encarnação busca compreender a efetivação dos projetos corporais e suas relações com a estrutura social, a influência dos limites da materialidade corpórea e as desigualdades físico-orgânicas e sociais dos corpos. De modo analítico, podemos afirmar que o paradigma da encarnação é constituído pela relação dialética entre o projeto de corpo do

agente, as propriedades e desigualdades físico-orgânicas e/ou sociais do corpo e a estrutura social. Compreender o corpo pela ótica da encarnação é perceber os aspectos de criatividade dos agentes nas construções de suas corporalidades e projetos corporais, mas também, os constrangimentos que surgem das características do corpo e das desigualdades estruturais em que estão inseridos e que, frequentemente, são neles próprios expressas e reproduzidas. É notar como essas propriedades físicas são desafiadas e como isto possibilita a potencialização das capacidades do corpo no decorrer da vida em sociedade (Ferreira, 2013).

É no interior deste debate que Shilling (1991) afirma a importância das questões dialéticas sobre o corpo e o papel das desigualdades na (re)produção das corporalidades. Para o autor, o corpo não está apenas sujeito às estruturas, e não é apenas símbolo primordial unicamente sujeito, mas é também, ele próprio, sujeito que assujeita. Um material orgânico inserido na natureza e com suas lógicas próprias, mas que estabelece também interações com o mundo social. Logo, o corpo deve ser pensado como resultado dos processos de reflexividade carnal e constituído nas relações entre o agente e o seu corpo, os demais agentes e a estrutura social. Shilling (2008) compreende as corporalidades como encarnadas a partir dos resultados processuais, nos quais os agentes são sujeitos e/ou são assujeitados pelas capacidades, potencialidades e constrangimentos do seu corpo e do seu contexto social.

Nesta abordagem, as corporalidades são resultados das necessidades, potencialidades, limitações e interações relacionadas às questões de ordem biológica (físico e orgânico) e do local que a pessoa ocupa na estrutura social e que está relacionado aos entrelaçamentos dos marcadores sociais da diferença. Tal perspectiva realça a dupla capacidade do corpo de manifestar as lógicas de reprodução das estruturas sociais e/ou potencializar novas possibilidades que dizem respeito aos aspectos identitários, relacionais e de mudanças sociais. A estrutura social não corresponde apenas às forças que constroem as corporalidades, mas a um conjunto de regras e recursos que constroem os agentes e que, conseqüentemente, são reproduzidos por eles para facilitar as relações sociais. As estruturas são mais que regras e recursos, porque ambos são resultados da ação social. Por isso, as estruturas não somente determinam as ações humanas, mas também possibilitam processos de mudança. Por intermédio desta concepção, é possível compreender a sociedade não como estática, mas, principalmente, como espaço de oposições e movimentos (Shilling, 1991).

Na contemporaneidade, com a fomentação de diversos projetos corporais associados a excorporações políticas do corpo, o paradigma da encarnação torna-se fundamental na compreensão da (re)produção das corporalidades e suas relações com os assujeitamentos estruturais. Por exemplo, o papel de pessoas trans organizadas nos movimentos sociais

transfeministas que, na busca por reconhecimento político, desafiam as normas binárias e *cistêmicas* de construção dos corpos generificados¹, alteram não somente suas corporalidades, como também a estrutura social, por via das disputas políticas de reconhecimento coletivo das suas singularidades e necessidades corporais e subjetivas.

Com as perspectivas de excorporação e encarnação (*embodiment*) nas leituras socioantropológicas do corpo, emergiram novas ferramentas analíticas para compreender as corporalidades. O conceito de capital físico, formulado por Shilling (1991), e o de capital corporal, por Wacquant (2002), com base nas formulações da Teórica da Prática de Pierre Bourdieu, têm demonstrado ser uma ferramenta importante nas pesquisas socioantropológicas contemporâneas, que buscam compreender as realidades corpóreas. Compreender o corpo como um capital é perceber os processos de (re)produção das corporalidades, levando em consideração as desigualdades sociais e físico orgânicas.

Essas formulações buscam romper com a ideia determinista do *habitus* dos paradigmas da incorporação. O corpo é percebido como resultado de valores físicos e simbólicos, qualitativos e quantitativos, de recursos materiais e performáticos que podem ser investidos e capitalizados em determinadas dimensões da vida social (Wacquant, 2002). Ou ainda, o corpo vai para além dos paradigmas essencialistas e de reducionismo biológico (naturalistas) ou como resultado de discursos, linguagens e representações advindos das Teorias pós-estruturalistas (Shilling, 1991). Assim, na continuação das discussões socioantropológicas do corpo, busco conceituar teoricamente o conceito de capital corporal e capital físico e os modos de operacionalização analítica na compreensão dos processos de reflexividades carnis pelas mulheres trans e travestis desta pesquisa.

As teorizações de Bourdieu (2007) demonstraram os diversos modos de incorporação do capital cultural, ou seja, o acúmulo de cultura, recursos e competências que são adquiridos por meio do tempo e das experiências. Portanto, ele não pode ser transmitido instantaneamente, não pode ser acumulado para além da capacidade de acumulação de seu portador. Esta apropriação depende, principalmente, do capital cultural incorporado pela sua família. As ações pedagógicas do processo de incorporação são orientadas pelo *habitus*, ou seja, as estruturas objetivas incorporadas pelos sujeitos no processo de socialização que auxiliam as suas escolhas subjetivas. Portanto,

¹ Nas Teorias Transfeministas, a utilização do termo «cistema» busca enfatizar o caráter cis-supremacista do mundo ocidental moderno baseado no colonialismo, capitalismo e patriarcalismo, nos quais pessoas não cisgêneras são silenciadas e/ou excluídas e têm as suas corporalidades e subjetividades representadas pela abjeção (Bagagli, 2019; Vergueiro, 2015, 2014).

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está *ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação*. A acumulação de capital cultural exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, *custa tempo* que deve ser investido *pessoalmente* pelo investidor (tal como o bronzamento, essa incorporação não pode efetuar-se *por procuração* (Bourdieu, 2007, grifos do autor: 74-75).

Shilling (1991) ao refletir sobre as discussões bourdieusianas, formula o conceito de capital físico. Para o autor, o capital cultural incorporado torna-se capital físico, influenciado pelos constrangimentos e assujeitamentos estruturais da realidade da pessoa. O capital físico busca compreender os processos de (re)produção das corporalidades levando em consideração as desigualdades sociais e físico-orgânicas do corpo. O capital físico desenvolve-se nas inter-relações entre a localização social do indivíduo, o *habitus* e os gostos produtores de subjetividades distintas. O corpo assume valores diferenciados a partir das diversas esferas da vida social. A perspectiva de Shilling (1991) ressalta a importância do corpo na materialização dos estilos de vida e os processos de naturalização ou perpetuação das diferenças de classe, tornando-se primordial compreender os aspectos quantitativos e qualitativos relacionados à (re)produção do corpo. Assim, as corporalidades emergem como resultado dialético entre a estrutura social, as ações/desejos individuais e as propriedades – sejam de ordem físico-orgânicas, sociais, econômicas e culturais - do corpo da pessoa.

Um dos fatores de diferença será o tempo que a pessoa pode prolongar para investir na aquisição do seu capital físico. Este tempo depende da quantidade de capital econômico que a família da pessoa detém e que possibilita estar livre das necessidades econômicas, que é a pré-condição para uma acumulação inicial. Assim, o capital físico considera as inúmeras desigualdades físico-orgânicas e estruturais na obtenção do projeto de corpo. As desigualdades de classe tornam-se fundamentais para compreender os distintos tipos de corporalidades. Por exemplo, nas classes populares, devido à falta de tempo para o desenvolvimento do corpo como um capital, as corporalidades adquirem uma orientação instrumental. O corpo é compreendido e investido para uma determinada finalidade: trabalhar. Ele é força de produção. Nas classes dominantes, por sua vez, o corpo tem a possibilidade de se tornar um fim em si mesmo, focado no cuidado da saúde e da aparência, frequentemente a partir de noções hegemônicas de corporalidade. Assim, os gostos pelas atividades do corpo estão associados ao capital econômico (Shilling, 1991).

Nas classes dominantes isso fica evidente nas atividades que requerem muito dinheiro para a sua realização (golfe, caminhadas em lugares remotos, cirurgias estéticas etc.). Portanto, o capital físico demonstra também os valores de classe. Por exemplo, a habilidade das classes dominantes de definir as orientações do corpo e dos seus estilos de vida como superiores e dignos de recompensas por funcionarem metafórica e literalmente como a encarnação de classe, ou, ainda, a possibilidade das classes dominantes de converter capital físico para outras formas de capitais como, por exemplo, capital social e cultural devido ao investimento em atividades diferenciadas e diferenciadoras (Shilling, 1991). Logo, as desigualdades surgem também das diferentes oportunidades de converter capital físico para outras formas de capital.

As discussões de Shilling (1991) demonstram a relevância das desigualdades – sociais e físico orgânicas - na (re)produção das corporalidades, que pode ser compreendida como uma das propriedades do capital corporal. Paralelamente, Wacquant (2002) ao instrumentalizar a teoria bourdieusiana na compreensão do corpo como capital, colabora na compreensão das características de sociação e individuação do conceito de *habitus* e suas relações com o conceito de capital corporal². O aspecto de sociação está relacionado às categorias de juízos e ação dos agentes em sociedade que são compartilhados com todos que passaram por um processo social similar. Contudo, o *habitus* também favorece processos de individuação partindo do pressuposto que cada agente tem uma trajetória, localização e internalização únicas que possibilitam a combinação de incontáveis possibilidades de esquemas (estruturados e estruturantes). O processo de individuação não necessariamente precisa reiterar as normas sociais, mas pode possibilitar também o rompimento com a estrutura. Por exemplo, na obtenção de uma corporalidade não hegemônica. Para o autor, as relações entre o *habitus* e o capital corporal seriam sintetizados nos modos de ser e estar no mundo pelos agentes, por exemplo, como vestir, andar, comportar e gesticular. Esses modos de ser e estar são constituídos pela exteriorização das estruturas interiorizadas. As subjetividades seriam constituídas pelas experiências individuais e suas relações com o capital cultural.

Apesar do aspecto limitador do capital econômico na obtenção do capital corporal, não podemos afirmar que não existam possibilidades de materialização de um projeto corporal com poucos recursos financeiros, principalmente quando as corporalidades inserem-se em

² Wacquant (2002) prefere o termo capital corporal em detrimento do capital físico, por pensar a sua constituição a partir de questões materiais, simbólicas, performáticas e sensitivas. Partindo destes pressupostos, também utilizarei o termo capital corporal considerando que as formulações de Wacquant são mais próximas da minha problemática de pesquisa.

uma dimensão contra hegemônica. Por exemplo, apesar de as técnicas de construção de corporalidades de pessoas trans e travestis necessitarem de um determinado acúmulo de capital econômico para ser revertido em hormonização, cirurgias plásticas para obtenção de seios, nádegas, quadril etc. (técnicas que variam de acordo com o capital corporal, econômico, social e cultural inicial de cada pessoa), os agentes desprovidos de bens econômicos criam outros caminhos para a obtenção dos seus projetos e pagam alguns ônus por isso. É frequente a troca de informações entre pessoas trans e travestis sobre o processo de hormonização³ sem a consulta a um endocrinologista ou, ainda, a aplicação de silicone industrial pelas *bombadeiras*⁴, para obtenção das curvas tão desejadas. Esses procedimentos são acompanhados de alto risco para a saúde do corpo-sujeito, mas que, no entanto, não são deixados de lado devido ao desejo de materialização do projeto de corpo e encarnação da identidade/expressão de gênero. O mesmo ocorre com os agentes de outros grupos que não detêm capital econômico, mas buscam a obtenção de um capital corporal específico, como, por exemplo, as pessoas jovens que sonham em ter um corpo hipertrofiado em ginásios e a utilização de substâncias não regulamentadas pela Organização Mundial de Saúde, pessoas praticantes de *body modification*, entre outras.

Portanto, a constituição do capital corporal obedece a uma rede de relações entre todas as pessoas do grupo. É necessário que o *habitus* compartilhado pelo grupo seja incorporado no sentido de tornar-se natural para a pessoa. A naturalidade relacionada ao corpo é cultivada. É por meio das trocas de experiências e construção de laços de afinidade que são interiorizadas as primeiras técnicas corporais necessárias para efetivação do projeto. Essa é uma característica encontrada em diversos campos em que o corpo é peça chave. Nada é inato, mas adquirido e coletivamente produzido pela submissão prolongada do corpo a disciplinas e técnicas várias (Wacquant, 2002).

O cuidado de si torna-se fator fundamental na constituição de um determinado tipo de capital corporal. Assim, conhecer os limites do corpo, os seus pontos fortes e fracos na obtenção de um tipo de projeto corporal e a disciplina necessária para mantê-lo são frutos da observação sistemática e do cálculo que deve ser feito por meio de uma «ciência concreta» do

³ Algumas pessoas trans e travestis afirmam a superioridade entre o conhecimento adquirido pela experiência do grupo no processo de hormonização quando comparado com o conhecimento endocrinológico. Não é raro também os relatos da falta de preparo dos agentes do saber médico sobre as especificidades das corporalidades trans e travestis, ou ainda, a falta de empatia com as necessidades subjetivas relacionadas às técnicas de transformação do corpo.

⁴ *Bombadeiras* são pessoas que aprendem injetar silicone industrial em diversas partes do corpo no intuito de criar curvas. As partes preferidas pelas mulheres trans e travestis são o quadril e os seios. Porém, «Quando Paris era o sonho de ascensão das travestis, imperava também o estilo ‘traveção’: ancas fartas, muito seio, boca carnuda, coxas volumosas» (Pelúcio, 2007:110).

próprio corpo, de suas potencialidades e insuficiências. O capital corporal é constituído pelo que já se tem e pelo aperfeiçoamento por meio da encarnação da técnica e da experiência. Portanto, o capital corporal emerge de uma relação dialética entre o Eu e a Experiência (Wacquant, 2002).

Estes aspectos serão fundamentais para compreender as subjetividades, as experiências e as trajetórias subjacentes às biografias corporais de mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo. Compreender o corpo por esta perspectiva é perceber os aspectos da corporalidade como resultado da relação dialética entre o físico-orgânico e o social. Uma construção centrada na repetição milimétrica dos atos, gestos e técnicas, sempre tendo o cuidado de não «gastar» o corpo. O tempo é um inimigo literalmente mortal do capital corporal, porque, sendo também matéria orgânica, obedece a uma dinâmica própria de autodestruição (Wacquant, 2002).

Nesse sentido, podemos afirmar algumas propriedades do capital corporal relacionadas aos investimentos e às suas finalidades expressivas/instrumentais. Conforme salientado anteriormente, o capital corporal tem como base primária o corpo físico-orgânico da pessoa, que é utilizado como ponto inicial no processo de definição do projeto corporal e como limitador das práticas de transformação. Portanto, a primeira propriedade do capital corporal são suas propriedades físico-orgânicas e os questionamentos de como instrumentalizá-las: o que eu tenho? Como posso utilizar estes atributos no meu projeto de corpo? É a partir dessas reflexões iniciais e individuais que os agentes traçam as negociações consigo mesmos para pensar estratégias de construção de um determinado projeto corporal.

O capital corporal também está relacionado à sua forma/aparência na constituição de características individuais que têm relações coletivas, podendo ser compreendidas como a segunda propriedade do capital corporal. Principalmente no contexto contemporâneo marcado pela circulação mundial de pessoas, conhecimentos e objetos, o conhecimento acumulado pelo grupo é facilmente (re)distribuído e incorporado por fluxos tecnoinformativos. Portanto, a segunda propriedade do capital corporal está relacionada a questões identitárias. Assim, outras questões de ordem prática e de reflexividade carnal são colocadas ao agente: que corpo eu desejo? O que devo fazer para alcançá-lo? Essa propriedade é responsável por materializar o projeto no corpo por meio de técnicas específicas aprendidas com os outros agentes no campo e/ou grupo social de modo relacional. Logo, trata-se de internalizar a estrutura e exteriorizá-la de modo singular a partir dos objetivos individuais e especificidades subjetivas. A forma e a aparência também são importantes para o reconhecimento dos pares no campo e

são responsáveis por trazer segurança ontológica⁵: eu sou um corpo singular, mas também faço parte de um grupo específico que detém características deste capital corporal.

A terceira propriedade do capital corporal está relacionada à performatividade, à imagem e ao movimento: o que eu apresento/represento com o meu corpo? Como eu sou interpretado pelo capital corporal nos diversos espaços sociais? Essa propriedade obedece a um processo de encarnação dos gestos, práticas e movimentos do corpo. Além de questões relacionadas ao movimento, *hexis* corporal e sua segurança ontológica, a terceira propriedade do capital corporal também está relacionada às sensações que a corporalidade oferece ao agente na constituição da sua subjetividade como pessoa singular e pertencente a um grupo identitário. A obtenção de um projeto de corpo gera satisfação no que se refere aos aspectos da ordem social e da autoimagem.

Logo, o capital corporal emerge como resultado da relação dialética entre o agente e os assujeitamentos do seu corpo com os aspectos limitantes/limitadores por questões de ordem físico-orgânicas, sejam favoráveis ou desfavoráveis para a concretização do projeto corporal desejado. Também estabelece relações com a forma, aparência e aspectos identitários, resultados da relação dialética entre os membros do grupo que tendem a trocar experiências de técnicas de construções corpóreas e que promovem o reconhecimento dos pares e segurança ontológica. E por último, o capital corporal é performance, movimento e sensações, efeitos do processo de encarnação de gestos, práticas e movimentos colocados à prova por meio das relações sociais na interpretação da corporalidade e na conformação de uma subjetividade e autoimagem positiva de si.

Assim, o corpo é percebido com suas características físico-orgânicas, plásticas, cinéticas e sensíveis. Logo, o capital corporal é constituído pela repetição dos gestos, atos e técnicas, dos seus investimentos e formas de capitalização expressivas e instrumentais. Ele atesta a singularidade do corpo como algo encarnado pelas experiências dos agentes nas diversas relações que estabelecem consigo e o seu corpo, o seu corpo e a estrutura, o seu corpo e os demais agentes. Ao estabelecer relações entre os capitais econômico, cultural e social, o conceito de capital corporal possibilita o entendimento dos processos de constituição da materialidade corpórea e os diversos tipos de assujeitamentos que emergem dos seus processos de construção.

Portanto, os marcadores de desigualdades tornam-se aspectos imprescindíveis na compreensão da obtenção de um determinado capital corporal. Isso acontece pelas relações

⁵ A segurança ontológica é parcialmente garantida pelo reconhecimento e/ou confirmação da identidade da pessoa por outras pessoas do seu grupo social (Shilling, 1991).

que estabelecem com o capital econômico na encarnação e expressão de um determinado estilo de vida que é materializado no/pelo corpo, ou, ainda, pelas conexões que a classe estabelece com as características de racialização em uma sociedade marcada pela colonização europeia do mundo. Diante disso, é compreender como os distintos contextos de constituição das biografias corporais de mulheres trans e travestis estão relacionados às desigualdades e privilégios das suas trajetórias e na consubstancialização do capital corporal.

Neste ínterim, Crenshaw (1991), ao definir o conceito de interseccionalidade, demonstra as inúmeras dimensões de relação entre raça e gênero na constituição das experiências de mulheres negras, e como o feminismo e o antirracismo são limitados para compreender as especificidades dos processos de subordinação e de silenciamento das mulheres não-brancas. Na perspectiva da autora, mulheres não-brancas vivenciam o racismo de modo distinto de homens não-brancos e o sexismo de maneira diferente de mulheres brancas. Esta afirmação parte da constatação das análises unidirecionais dos feminismos sobre a categoria mulher relacionada aos não questionamentos da categoria raça, conjuntamente com os não questionamentos sobre o patriarcado pelos movimentos negros. Assim, ambos os silenciamentos posicionam mulheres não-brancas em situação de vulnerabilidade singular e nas margens dos movimentos feministas e antirracistas.

Portanto, para Crenshaw (1991), a interseccionalidade parte de uma análise das múltiplas dimensões que atravessam as experiências singulares dos atores, sendo fundamental para compreender a formação das identidades de um modo antiessencialista. O objetivo da autora é demonstrar como as políticas de identidade cometem falhas ao descrever limitadamente o conteúdo das categorias identitárias, privilegiando algumas experiências em detrimento de outras, como, por exemplo, nas narrativas sobre as subordinações de gênero que privilegiam as experiências de mulheres brancas e as de raça que, normalmente, estão relacionadas às experiências de homens negros. O conceito de interseccionalidade busca reconhecer e fundamentar as diferenças existentes entre um determinado grupo identitário para colaborar no entendimento de realidades complexas e negociar os meios de como essas diferenças devem ser expressas na construção de políticas públicas. Logo, as formulações de Crenshaw (1989) compreendem a interseccionalidade como um evento de intercruzamentos identitários.

Jasbir Puar (2013) afirma que a interseccionalidade reifica a diferença sexual, de gênero e de raça. Na perspectiva da autora, as teorizações feministas que utilizam a interseccionalidade continuam a projetar uma questão de diferença «em relação a», ou seja, a diferença em relação à «mulher branca». A crítica de Puar (2013) também está direcionada ao

modo que as análises interseccionais acabam sendo absorvidas e acomodadas pelo pluralismo neoliberal. As diferenças que surgem da análise interseccional multiplicam as exclusões para promover a inclusão: «A ‘diferença’ produz novos sujeitos de investigação que, assim, multiplicam infinitamente a exclusão para promover a inclusão. A diferença agora precede e define identidade» (Puar, 2013: 352-353). Além disso: «O sujeito X pode ser diferente em termos de conteúdo, mas, repetidas vezes, é idêntico quanto à forma» (Puar, 2013: 353).

Puar (2013), ao instrumentalizar as formulações feministas sobre a ciência e a tecnologia, constata que a matéria do corpo não é possível de ser capturada pelo posicionamento interseccional. O seu principal argumento diz respeito à não possibilidade de decompor o corpo em formações identitárias. Não é possível apreender as indeterminações e as constituições mútuas da corporificação do gênero, sexualidade, raça, classe, nação etc. Portanto, as discussões de Puar (2013) convergem para as argumentações de Haraway (2009) sobre a importância dos hibridismos como importante ferramenta na destruição das categorias naturalizantes e dicotômicas como, por exemplo, homem/mulher, branco/negro, cis/trans entre outras. Logo, para compreender o papel das diferenças na constituição das trajetórias e biografias corporais de mulheres trans e travestis, faz-se necessário identificar e analisar as dimensões de relações, conexões e entrelaçamentos entre classe, raça, identidade de gênero, entre outras, na constituição de privilégios e estratégias de resistência à subordinação.

As críticas de Puar (2013) estão relacionadas às determinações que o conceito de interseccionalidade realizam nas dimensões corporais das categorias identitárias como fundacionais e primárias. Ao definir cada vez mais sujeitos com especificidades identitárias, as análises interseccionais colaboram na atualização dos dispositivos da sociedade do controle exercidos pela governamentalidade⁶ (Foucault, 1986) e o capitalismo de mercado que funciona por meio da apreensão e da (re)produção dos corpos como informação. Na tentativa de romper com esses processos, a autora instrumentaliza o conceito de agenciamento (*assemblage*) para compreender as diferenças na constituição dos sujeitos, ou seja, focar as relações, as conexões específicas, os entrelaçamentos e os deslocamentos de fronteiras conceituais como constitutivos da realidade:

[...] a interseccionalidade tenta compreender instituições políticas e suas formas corolárias de normatividade social e administração disciplinar, enquanto o agenciamento, em um esforço de reintroduzir a política no âmbito político, indaga o que está antes e além do que acaba sendo

⁶ «São as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc.; portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade» (Foucault, 1986: 292).

estabelecido. Então, parece-me que uma das maiores vantagens de se pensar partindo do entrelaçamento das noções de interseccionalidade e agenciamento é que ele pode nos ajudar a produzir mais caminhos para essas relações não totalmente compreendidas entre disciplina e controle (Puar, 2013: 366).

Foi guiado pelos entrelaçamentos dos conceitos de *assemblage* e interseccionalidade que busquei compreender o impacto das desigualdades de classe e suporte familiar, características de racialização, geração, corpo plástico e corpo orgânico nas biografias corporais de mulheres trans e travestis. Assim, mais do que realizar determinações pelas dimensões constitutivas das categorias identitárias, tento perceber as relações, conexões e co-constituições destes indicadores na construção de uma biografia corporal específica, os seus privilégios e sujeições. Mas também busco compreender as estratégias de resistência das interlocutoras face à normatização dos seus corpos, às identidades/expressões de gênero e à sexualidade.

De modo analítico, podemos perceber, nas biografias corporais das interlocutoras desta pesquisa, uma diversidade de assujeitamentos e desigualdades na efetivação dos seus projetos corporais. Eles podem estar relacionados às discrepâncias naturais do corpo, como estatura, pilosidade, variação nos resultados dos processos de hormonização etc., ou, ainda, às diferenças nos tipos de corporalidades projetadas e encarnadas por questões de geração. Exemplo deste é a variação dos tipos de tecnologias desenvolvidas e utilizadas no contexto de constituição das suas corporalidades e os processos de (re)distribuição tecnoinformativos, bem como a variação dos próprios modelos corporais de referência para os projetos. Assim, as discussões apresentadas neste capítulo buscam compreender como a constituição do capital corporal das interlocutoras atestam as singularidades físico orgânicas, as desigualdades sociais do corpo na obtenção de um projeto desejado e o impacto das mudanças estruturais nas suas biografias corporais.

Suporte familiar, trajetória escolar e desigualdades de classe social

Conforme salientado anteriormente, uma das formas de desigualdade mais perceptível nas infâncias e adolescências das biografias corporais de mulheres trans e travestis são os aspectos relacionados à classe social e às desigualdades, que se traduzem nos tipos de suporte

familiar e de trajetória escolar no decorrer da excorporação da identidade de gênero subjetivamente valorizada. As etnografias brasileiras sobre travestis e mulheres transexuais retrataram majoritariamente os processos de exclusão da instituição familiar e da instituição escolar, bem como a necessidade/facilidade de entrada nos territórios do trabalho sexual para subsistência dos seus corpos e subjetividades (Benedetti, 2005; Duque, 2011; Silva, 1993). Parte considerável da bibliografia sobre as corporalidades de mulheres trans e travestis atestam a importância da pista⁷ no aprendizado das técnicas de modificação do corpo e *habitus* do grupo. Por exemplo, na etnografia elaborada por Benedetti. Segundo o autor, são:

[...] nesses lugares que aprendem os métodos e as técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *truques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais), aprendem o *habitus* travesti. Esse é um dos importantes espaços em que as travestis se constroem corporal, subjetiva e socialmente (Benedetti, 2005: 115).

Foi a ausência de questionamentos advindos da bibliografia brasileira que motivou a problemática da minha pesquisa de mestrado sobre as biografias corporais de mulheres trans e travestis que construíram suas corporalidades fora dos territórios do trabalho sexual. As conclusões a que cheguei demonstraram a importância do suporte familiar para a consolidação de outros tipos de trajetórias além da prostituição, como, por exemplo, o acesso à educação escolar e universitária, a uma maior preocupação com as técnicas de constituição do capital corporal centrado em seus valores expressivos de gênero em detrimento do seu valor instrumental, à encarnação de outros modelos de feminilidades e às subjetividades para travestis e mulheres trans (Pessoa, 2013).

Nas biografias captadas durante o trabalho de campo nesta pesquisa, existem diversos tipos de trajetórias com maior ou menor suporte familiar. Flora e Débora, apesar de não terem recebido apoio dos pais, receberam suporte afetivo de suas irmãs, que tiveram/têm uma grande importância em suas vidas. Diana, ainda que não encarnasse a feminilidade enquanto vivia na residência familiar, conseguiu terminar o ensino secundário recebendo apoio materno e paterno por meio de justificativas médico-científicas para o seu comportamento, com o «diagnóstico» da transexualidade. Tainá viveu sempre com a mãe e fez o processo de encarnação de sua identidade e expressão de gênero aos poucos, enquanto terminava o ensino universitário e conquistava sua autonomia financeira. Janaina também viveu sempre com a

⁷ Termo êmico para os territórios do trabalho sexual.

mãe que, no princípio da transição, não compreendia os desejos da filha. Mas com a interferência de familiares e pessoas próximas, compreendeu e respeitou a sua identidade de gênero e, posteriormente, a sua profissão como trabalhadora do sexo. Sheila aos 11 anos saiu da casa dos pais porque a mãe não aceitava os seus trejeitos femininos, mas recebeu apoio de uma família amiga com quem viveu até os 15 anos.

Enfim, com exceção de Safira e Yara, que foram expulsas de casa após a descoberta, respectivamente, pela mãe e pelo pai, e tiveram que recorrer ao suporte de outras mulheres trans e travestis e, posteriormente, à entrada no trabalho do sexo como forma de sobrevivência, todas as outras interlocutoras receberam algum tipo de suporte afetivo e/ou material de pessoas do núcleo familiar alargado. No entanto, um olhar mais direcionado sobre a importância da classe e do suporte familiar na construção do capital corporal, é dado a nós pelas biografias de Mariana e Dalila, que apresentam apoio, proteção e assistência na encarnação de suas corporalidades femininas. Assim, neste ponto, busco caracterizar, explorar e analisar suas biografias corporais e as consequências deste suporte na constituição dos seus capitais corporais e na conversão para outros tipos de capitais. Posteriormente, faço uma contraposição com as trajetórias de Safira e Yara, que adentraram o campo prostitucional precocemente devido às trajetórias de vida socialmente mais vulneráveis, em que o suporte familiar foi inexistente ou problemático, e as trajetórias escolares foram interrompidas.

Mariana e Dalila pertencem às classes médias urbanas, caracterizadas pelo elevado volume de capital cultural e econômico que suas famílias detêm. Dalila, 41 anos, branca, nascida no Rio de Janeiro - RJ, tem uma mãe psicóloga e um pai médico ginecologista. Somente a profissão de ambos já foi uma vantagem no processo de compreensão da subjetividade do quarto e último filho designado como menino ao nascimento. Dalila desde a infância recebeu apoio, respeito e consideração por parte dos seus pais e irmãos. A encarnação da sua corporalidade aconteceu dentro do paradigma médico da transexualidade, com acompanhamento psicológico/psiquiátrico. Além de preocupações com os tipos de procedimentos que seriam utilizados na construção da forma/aparência do seu capital corporal, a família de Dalila também interferiu nos tipos de performances de gênero que deveriam ser associados à sua feminilidade. Na fala de Dalila podemos perceber a importância destes fatores na encarnação da sua identidade de gênero, os processos de experimentação de Dalila na constituição da sua subjetividade e feminilidade e os gostos de classe da sua família:

Dalila: Eu tinha... 13 para 14. Eu já era trans.

Encarnando a europeia

Eu: Já usava roupa feminina?

Dalila: Já. A minha mãe já me chamava de Dalila, foi o nome que a minha mãe escolheu pra mim. Entende?

Eu: E como foi o processo assim?

Dalila: A minha mãe me perguntou. Eu não precisei chegar e falar: «Mãe, olha eu tenho uma coisa...». Não, a minha mãe sentou comigo no sofá...

Eu: Quantos anos você tinha?

Dalila: Eu tinha 9, sabe? E a minha mãe me perguntou. «Olha, eu preciso conversar contigo, eu quero saber o que é que acontece com você. E desde já, eu quero que você saiba que você pode falar o que for, que eu estou aqui para te ajudar. Nós somos sua família». Eu simplesmente abri um berreiro. Comecei a chorar. Falei para ela que realmente eu me via diferente, mas até então não foi uma coisa: «Ah, então, tá, mãe»; «Eu vou comprar um vestidinho para você». Aí ali foi a primeira libertação, porque o grande medo, desespero, eu não sei... Porque das trans é a família descobrir. Tanto que toda trans, às vezes, é mulherríma, aí na frente do pai e da mãe tenta se segurar. Então, essa libertação foi assim um passo muito grande, porque aí eu me livre das amarras. Já podia assim, sabe? Foi aí, foi aonde, eu me vi uma bixa escrota. Sabe aquela liberdade toda: «Meu amoor! Querida, foi babado!» A minha própria mãe me chamou a atenção. Uma vez eu cheguei muito eufórica, eu falei: «Mãe, queridaaa, nooossa eu parei um...» Minha mãe olhou pra mim e falou assim: «Você já se viu no espelho. Você falando? Você parece que levou um choque. Você quer ser tão mulher, você vê suas amigas falando assim? Você me vê falando assim? Você parece uma bixa eletrocutada». E aquilo, assim, me tocou muito forte assim. E eu comecei a me conter, entende?

Dalila começou a tomar hormônios femininos dos 10 para os 11 anos de idade. Assim, o suporte familiar recebido por Dalila propiciou intervenções tecnocientíficas ainda em sua pré-adolescência, o que possibilitou o bloqueio de suas características biomasculinas e a construção de um capital corporal trans com alto valor expressivo de gênero na obtenção de passabilidade⁸. Na fala de Dalila, é possível perceber o orgulho por ter conseguido construir o tipo específico de capital corporal que detém:

Dalila: Viciada em hormônio até os 25 anos. Entende? Aí depois parei. Mas, assim, não tenho pelo. [Som de mensagem]. Olha, pode passar a mão.

Eu: Mas, isso é porque você tomou muito cedo, não?

Dalila: Hormônio. É, então, assim, não me saiu. Passa a mão. Nunca tive!

Além de questões relacionadas à construção do seu capital corporal, o suporte familiar e o capital econômico da família propiciaram o ensino escolar completo e o respeito perante

⁸ A passabilidade é um termo utilizado para designar as pessoas trans e travestis que são «passáveis» dentro de uma lógica de identificação cisnormativa de corpo. No capítulo V, analiso algumas percepções sobre a passabilidade pelas interlocutoras desta pesquisa.

as pessoas colegas da escola e professoras, o aprendizado da língua inglesa e espanhola - o que posteriormente foi uma vantagem na indústria do sexo como atriz pornô e trabalhadora do sexo ao redor do mundo -, demonstrando as relações entre a conversão de capital econômico para outros tipos de capitais como corporal, social e capital cultural. Dalila tem consciência dos seus privilégios de classe na sua trajetória diferenciada e diferenciadora no grupo social de mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo:

Dalila: Então, assim, o que que acontece? Eu graças a Deus, assim, eu fui uma trans que eu fui à escola. Eu tive convívio familiar. Entende? Eu nunca sofri, assim, a rejeição de ser expulsa de casa pela minha sexualidade. Então, assim, eu me considero uma trans de muita sorte. Sabe? Porque, assim, existe valores que você só aprende dentro de casa. Infelizmente, a maioria, acho que 70% das trans, você para... Assim, até mesmo assim, parando para conversar, você consegue ver que aquela pessoa não tem uma formação cultural. Fala errado, não sabe se expressar, mas aí o que que acontece, você não pode cobrar de uma pessoa aquilo que ela não teve.

A trajetória de Mariana tem muitas aproximações com a de Dalila quando analisada a partir de uma perspectiva de desigualdades corporais por questões de classe e suporte familiar. Mariana, 24 anos, morena, nasceu no interior de Goiás, sua mãe era professora universitária e seu pai ocupava uma alta patente militar. Devido ao trabalho do casal na capital do estado, Goiânia, Mariana foi criada até os 15 anos por seus avós maternos com suporte econômico dos pais. Sua mãe imigrou para Portugal quando a filha tinha 11 anos. Com o início da excorporação da sua identidade de gênero e os problemas que isso acarretou na relação com os tios na casa dos avós, Mariana foi viver com o seu pai na capital do Estado, aos 15 anos.

O capital econômico e cultural da família propiciou a Mariana o acesso a diversos tipos de conhecimentos diferenciados e diferenciadores. Durante a sua infância e adolescência, teve acesso à educação em colégios militar e particular, cursos de línguas (inglês, espanhol, francês e italiano), computação gráfica, canto lírico, aprendizado de Karatê, Taekwondo, curso de estética e da arte de falar em público. Mariana também tem dimensão da importância dessas diferenças em sua trajetória de vida quando comparada a outras mulheres trans e travestis:

Felizmente ou infelizmente eu comecei muito cedo. E falar sobre esse tema e todo o acompanhamento fez com que eu... Tenho, né? Esse apoio de pai e dos meus avós, né? Da minha mãe, fizeram com que eu tivesse esse tipo de

Encarnando a europeia

pensamento. A qual a maioria não teve, né? A qual a rua ensinou e educou. Então, acho que isso é que pesou para muitas decisões, muitas posturas delas, né? Porque o próprio pai ou a própria mãe que apunhalou, que passou na rua e eu não passei por isso. Eu posso dizer que por mais retaliação que eu tenha sofrido, eu tive boas bases, né? E mantive elas e sei lá. Acho que a trans tem que ser muito estudada ainda. Elas próprias têm que se conhecer. A maioria não se conhece, porque é o meu... São certas coisas tão banais que elas ficam tanto... A qual eu nem, passo, passam tão enrolado, tão, tão banal pra mim que eu não vejo isso como um... Sei lá, acho que é por isso que eu não dou certo com muitas. Só, são poucas que eu falo muito abertamente. Porque gira sempre em torno do dinheiro, das marcas e da beleza. E esse tipo de assunto não é um assunto para mim...

O início do processo de transformação do corpo de Mariana ocorreu por intermédio de uma amiga trans do tio. Foi Vânia⁹ que ensinou a importância dos hormônios para construção de um capital corporal feminino e as especificidades de ser uma mulher trans. O contato recorrente com Vânia possibilitou a Mariana ter acesso aos hormônios aos 13 anos de idade. Aos 14 anos, em férias com o pai, ele percebeu as transformações corporais advindas com a hormonização:

Mariana: Ele assim: «O que está acontecendo com você?» Eu: «Nada. Eu estou bem». Ele: «Eu não vou te bater, eu não vou brigar com você, fala comigo!». Aí ele perguntava: «Fala comigo! Está tudo bem? Por que seu peito está deste tamanho? Você está tomando alguma coisa?». E eu: «Não, pai! Não é nada!». Eu comecei a chorar, né? Porque eu não sabia mentir. Era mais fácil contar as coisas para o meu pai do que para minha mãe. Eu morria de medo de contar alguma coisa para minha mãe, mas para o meu pai, eu contava tudo! Meu pai era o meu melhor amigo e é até hoje! Hã... E ele assim pra mim: «Fala pra mim!». É... então, eu falei para ele, eu contei para ele o que se passava, tudo. [...] E ele, tipo assim, estava em choque. E eu chorava, chorava, chorava... [repetição]. E ele vira e me abraça! «Você tem que fazer alguma coisa. Você não vai poder ficar na sua avó desse jeito, porque seus tios são completamente homofóbicos. São completamente transfóbicos, sei lá, preconceituosos. Vão te retalhar. Vão te bater como já aconteceu várias vezes».

Após esta conversa, o pai decidiu levar Mariana para viver em Goiânia, onde pode dar suporte ao processo de encarnação da identidade de gênero da filha. Mariana iniciou o acompanhamento médico/endócrino e continuava até o momento em que a entrevistei. «Eu ia pro psicólogo, eu tinha minha assistência médica e meu pai me acompanhando. Meu primeiro sutiã quem comprou foi o meu pai!». O pai de Mariana não apenas deu suporte ao processo de

⁹ Nome fictício.

constituição do seu capital corporal relacionado à sua forma e aparência, mas também aos aspectos relacionados à performance de gênero e aos gostos de classe:

Porque eu tinha meu pai me chamando a atenção: «Cuidado com a saia curtinha. Cuidado com o shortinho», entende? A cabeça do meu pai pensava no que ele via. Porque meu pai ele via, né? Como os amigos dele comentavam das meninas, né? E ele não queria que comentassem sobre mim. Então, aquilo fez com que me respeitassem mais. Eu gosto de vez em quando por um shortinho, uma sainha. Gosto! [...] porque meu pai dizia: «Você pode ser bonita sem ser vulgar. Você pode ser elegante sem ser vulgar. Uma mulher, ela não mostra muito, ela esconde».

A trajetória de vida de Mariana e o suporte que recebeu da família possibilitaram a constituição de perspectivas diferentes e diferenciadoras sobre os processos de construção do seu capital corporal e subjetividade. Esta visão positiva da sua corporalidade trans em devir e o acompanhamento médico viabilizou maiores preocupações com o tipo de procedimentos tecnocientíficos e performances na construção de si. A sua perspectiva de não necessidade de intervenções corporais a curto prazo é justificada devido a outros tipos de preocupação, como por exemplo, o bem-estar da mãe:

Mariana: Eu quero melhorar, mas no tempo certo. Mas, quando eu sentir necessidade. Quando eu me sentir: «Ai, não estou legal. Eu quero melhorar um pouco. [Tosse]. Eu quero me aprimorar. Eu quero... Eu quero ficar mais feminina. Eu quero ficar mais bonita».

Eu: E...

Mariana: Essa fase ainda não chegou. Entende? Então, quando essa fase chegar, aí sim eu vou dar um jeito, falar: «Não, espera. Chegou a hora. Olha, eu quero fazer uma rinoplastia no nariz, porque eu...». A rinoplastia que eu quero fazer é porque eu tenho desvio de septo nasal, respiro mal, sabe? É uma coisa de saúde, não é porque tem a ver com algo estético porque eu gosto do meu nariz. Entende? Annn... Se eu quero por um peito? Quando eu tiver com condições pra tal, porque eu tenho outras coisas mais importantes para tratar do que isso.

As biografias corporais de Dalila e de Mariana demonstram a importância do capital cultural e econômico da família no processo de encarnação das suas identidades de gênero. No caso de Dalila, ter uma mãe psicóloga e um pai médico - com patrimônios de disposições constituídos pelos discursos de verdade elaborados pelos saberes médico-científicos - possibilitou a operacionalização destes saberes na compreensão, justificativas e, posteriormente, suporte sobre os comportamentos da filha na primeira infância. Trajetória

semelhante ocorreu com Mariana. O capital cultural e econômico da família foi de mais-valia na constituição do seu capital corporal a partir de uma perspectiva médica sobre a transexualidade e a conversão de capital econômico para outros tipos de capitais.

Diana, 29 anos, branca, nascida no interior do Rio Grande do Sul, mãe comerciante e pai militar, também teve uma trajetória favorecida pelo capital cultural e econômico da família, representados principalmente pela preocupação da mãe com o comportamento da filha no início da adolescência. Na ausência de compreensão do tema, a família recorreu aos saberes das ciências psi¹⁰ que realizam o «diagnóstico» de transexualidade e possibilitam a justificação dos seus comportamentos femininos:

Diana: E tipo, é difícil e eu, como sempre, já botei isso pra fora já desde criancinha, desde criança. Então tipo... o meu pai teve que praticamente engolir isso, né? Porque...

Eu: E quando foi que você foi «diagnosticada»?

Diana: Ah, quando eu já tava, tipo, na escola... Já tava maiorzinho sim, mas sempre *afeminine*, não é, tipo...

Eu: Adolescente?

Diana: Quando eu comecei... Quando eu comecei a sofrer mais *bullying* assim, tipo, lá pelos, 12, 13 anos... Daí não tinha mais como, entendeu? Daí foi onde que eles decidiram me levar no médico pra saber o quê que eu tinha, porque que eu cortava o cabelo e ainda continuava parecendo a [irmã]? Era tipo assim, hã? Porque querendo ou não ah, eu já tenho 30 anos então é uma coisa ainda... É uma família do interior, uma família que não percebe... Tipo, meu pai e minha mãe tem estudo mas, querendo ou não, antigamente nem se estudava isso, tipo, como é que é isso?

Eu: Uhum.

Diana: Como é que a gente bota uma roupa de menino, a gente põe uma roupa de menino, e ainda continua parecendo uma menina? Não é que é sem vergonhice, tipo assim, tem alguma coisa de errado.

Porém, no caso de Diana, nenhuma intervenção foi realizada para a encarnação da sua corporalidade e subjetividade feminina. O suporte da família foi restrito ao ensino escolar e às suas necessidades básicas, mas que também favoreceram a acumulação de capital cultural como, por exemplo, o aprendizado do inglês e sua posterior instrumentalização no trabalho do sexo. Somente após o término do ensino secundário e a mudança para Itajaí-SC, a convite de uma amiga também trans, é que Diana teve a possibilidade de encarnar sua identidade de gênero na pista.

¹⁰ O termo é utilizado para designar os discursos médicos científicos elaborados pela psicologia e psiquiatria e saberes correlatos sobre os comportamentos e as subjetividades.

Estas três biografias demonstram a importância social e, mais especificamente, familiar e dos saberes médico-científicos sobre a transexualidade na legitimação das corporalidades e subjetividades trans. Os discursos das ciências médicas produziram um saber específico na separação de travestis, gays e lésbicas na busca de um/uma «transexual de verdade», que não tem nenhum problema biológico, mas está «preso em um corpo errado». A partir desta perspectiva, a única solução seria a cirurgia de confirmação de gênero, no intuito de alinhar as percepções de si com o corpo (Bento, 2006). Este «discurso de verdade», ao possibilitar a justificação da identidade e subjetividade transexual, limitou experiências que não estão encaixadas em suas definições como, por exemplo, as travestilidades¹¹, que acabaram sendo compreendidas como uma parafilia. Apesar das alterações na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), publicada em 2018 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que visaram retirar o caráter de doença mental relacionado à transexualidade, às corporalidades e às subjetividades transexuais, elas continuam controladas pelo poder médico com a definição de incongruência de gênero, na categoria de condições relativas à vida sexual e à disforia de gênero, segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5).

Os discursos médico-científicos sobre a transexualidade são incorporados nas subjetividades e na interpretação que fazem de si por algumas das entrevistadas. Diana, por exemplo, provida de uma quantidade expressiva de capital econômico e cultural e acesso aos saberes médicos sobre a transexualidade, expressa as classificações que faz entre as identidades transexual e travesti:

Diana: Eu sou de... Eu e minha irmã a gente estudou a vida toda no [escola adventista].

Eu: Ok.

Diana: A minha família é adventista.

Eu: Hum.

Diana: Então, tipo, é uma barra maior ainda. Porque minha cidade é pequena, os meus pais eram muito conhecidos, todas as famílias os conhecem porque eram todos de uma cidade muito pequena.

Eu: Esse é o ruim de todo mundo conhecer eles.

Diana: Entendeu? Então, aí, é difícil ser uma coisa numa cidade tão pequena e com uma família tão conhecida. E politicamente correta. Só que o quê que acontece? É como eu te disse, o meu caso, e meu pai também só aguentava

¹¹ O termo faz referência à pesquisa de William Peres (2005: 26), para «[...] contemplar uma maior variação das formas e modos de se constituir enquanto travesti, considerando que nem todas as travestis são profissionais do sexo, e nem todas têm aspiração para serem vedetes ou artistas. Trata-se de uma multiplicidade de possibilidades na qual nenhuma deve ser tomada como modelo absoluto, evidenciando processualidades infinitas de corpos que tomam a metamorfose como modos de felicidades.» Também para fazer contraposição aos saberes das ciências psis que continuam a utilizar o sufixo «ismo» que designa patologias.

Encarnando a europeia

mais firme porque eu fui considerada pelo médico e, ahmn... com... ahmn, é transexualismo. O meu diagnóstico é transexualismo. Tem vários tipos de gay, tem vários tipos de travesti, entendeu e eu não sou daquela... eu, eu me sinto... A minha cabeça é realmente... Tipo se alguém me olhar estranho na rua apesar de ter esse estilo, eu fico, eu fico chateada e já começo a pensar que é comigo porque a minha... Eu queria ser uma mulher e sei que não sou. Então, por mais que, muitas vezes, alguém não perceba, um olhar diferente, eu acho que percebeu e isso me machuca. Porque mulher é assim, mulher... Mulher, como é que eu vou dizer... Tem travesti que sai na rua quase com os peitos de fora. Pessoal rindo, não sei quê e elas acham o máximo. Essas, essas meninas não são diagnosticadas com transexualismo, entendeu?

A fala de Diana é muito expressiva para compreender a importância dos discursos médico-científicos na legitimação da sua identidade transexual para si e sua família. Diana, ao dizer que é sensível aos olhares acusatórios, legitima o seu gênero a partir de uma representação idealizada e binária do feminino – discreta, passiva, emotiva. Ela faz uma comparação com as representações sobre a travestilidade no Brasil, associada à marginalidade e à corporalidade, compreendida como vulgar e o trabalho sexual, ou seja, estabelece relações com as questões de classe. A «estilística corporal» de que Diana partilha é controlada e limitada na criação de uma performance de gênero que seja inteligível em uma lógica cisheteronormativa de corporalidade e performance de gênero. Bento (2006), ao analisar os processos de «aspepsia» do dispositivo da transexualidade nas performances de pessoas transexuais, afirma que:

Se uma mulher de verdade é discreta na forma de se maquiar e nos modelos das roupas, se fala baixo e gesticula comedidamente e tem uma voz que não lembra os falsetes das travestis, há então todo um conjunto de intervenções para construir um sujeito transexual que não tenha em suas performances de gênero nenhum sinal que os cite. A coerência dos gêneros está na ausência de ambiguidades, e o olhar do especialista está ali para limpar, cortar, apontar, assinalar os excessos, fazer o trabalho de aspepsia (Bento, 2006: 61).

Assim, o discurso médico-científico, ao criar o dispositivo da transexualidade, legitima a encarnação da identidade de gênero como processo terapêutico. A pessoa transexual pode ser «curada» pelos saberes médicos ao incorporar um «corpo generificado estável» denotado pela relação entre sexo anatômico, performance/identidade de gênero e a reprodução da heteronormatividade. Porém, ao operacionalizarem em suas corporalidades outros modos de operacionalização da tríade sexo/gênero/orientação sexual, as travestis são

relegadas para representações associadas ao estigma, à pobreza, à abjeção e ao trabalho sexual. O que denota que, além de questões relacionadas à incorporação dos saberes médicos, a diferenciação entre travestis e transexuais, no Brasil, também evidencia desigualdades de classe e de capital cultural.

Apesar das diferenças nas trajetórias de vida, das biografias corporais e da infinidade de divergências na obtenção do capital corporal trans ou travesti pelas interlocutoras desta pesquisa, é importante perceber quais são as que reconhecem a sua identidade de gênero como travestis. São elas: Flora, Janaina, Luna e Maya, que nasceram em famílias de classe popular. Com exceção de Janaina que nasceu no sul do Brasil majoritariamente branco, todas as outras três são afrodescendentes autodeclaradas como negra ou morena. Janaina e Luna estudaram somente até o 8º ano do Ensino Fundamental, nenhuma delas teve acompanhamento médico para a encarnação da identidade de gênero. Porém, quando analisamos todas as trajetórias de vida produzidas no trabalho de campo, as generalizações são pouco úteis. Por exemplo, no caso de Safira, que tem uma das biografias com maior nível de precariedade e vulnerabilidade, principalmente na infância, e reconhece sua identidade de gênero como transexual, ao justificar a sua identidade de gênero, é possível perceber a incorporação dos discursos de verdades médico-científicas e as representações associada à identidade travesti:

Safira: Travesti não, porque no meu entender, pela lógica da ciência da... do nome, travesti está dizendo bem claro: se traveste, né? Eu me considero uma transexual. Porque uma transexual, ela não é por causa que ela cortou o gene dela, mas porque ela realmente se transexualizou e encontrou, entendeu? Se adequou ao... à performance feminina e se identificou com o mesmo. Entendeu? Então isso é uma transexual, no comportamento, na estética, né? No socialismo [na vida em sociedade], né? No cotidiano do dia a dia. A travesti, ela se traveste, só que você vai perceber uma diferença das transexuais e das travestis. As travestis são mais ousadas, elas gostam de enfrentar a sociedade, elas gostam de mostrar a vulgaridade do corpo delas. As transexuais não, elas apenas querem ser elas, a pessoa delas sexualmente.

A fala de Safira demonstra os processos de estigma associados às travestilidades. A própria Safira já se reconheceu como travesti no passado. Porém, com as experiências adquiridas durante suas viagens ao redor do mundo, acesso aos discursos médico-científicos com suas amigas mulheres trans, e a incorporação de representações hegemônicas sobre o feminino e a feminilidade, ou seja, alterações muito relevantes nos seus patrimônios de disposições, Safira reconheceu que «não era mais uma travesti», mas uma mulher transexual. Ao ser indagada sobre os processos que modificaram as percepções sobre si e a sua identidade

de gênero é possível perceber, mais uma vez, as representações associadas à marginalização das travestilidades e sua oposição à transexualidade. A fala de Safira evidencia também as desigualdades, os gostos de classe e as representações de vulgaridade associados às travestilidades no Brasil:

Eu: Você disse que, no primeiro momento, se reconhecia como travesti e depois você passou a se reconhecer como transexual. Como foi esse processo? O que aconteceu pra você perceber isso?

Safira: Que... Com elas próprias. Elas me pegaram e disseram: «Olha, eu sou uma transexual. Você é um travesti». Eu falei: «Ué? Mas por quê que nós não somos travesti? E por quê que nós não somos transexual?». Aí, foi ali que ela me explicou aquilo como eu havia te dito, entendeu? Transexual, o que é uma transexual? Hum, aquela... como é o nome dela? Ariadne¹²! Pelo comportamento, pela profissão, como elas se impõem sexualmente na feminilidade delas. Isso é uma transexual. Aquilo que... aquilo não. Aquela pessoa que morreu lá em Fortaleza¹³, aquilo era um travesti, entendeu? A vulgaridade, a fraqueza da mente de se levar pelas drogas, entendeu? Até eu faço isso, mas eu não sou dependente, graças a Deus, eu não sou. Eu tenho um controle sobre as minhas ações, sobre as minhas escolhas, decisões. Quando eu acho que devo parar, eu devo. Se eu achar que eu aguento continuar, eu continuo. Então, vem muito da mente. Eu tenho uma mente transexualizada, entendeu?

Eu: Sim, sim...

Safira: Travesti é aquela que quer disputar com mulher, quer bater boca, quer... Sabe? Falar aquele monte de asneira.

Há dificuldades em se fazer generalizações sobre a incorporação do discurso médico-científico na legitimação da identidade transexual. Mas, pode-se afirmar que, por meio de uma análise qualitativa e focada na compreensão das trajetórias de vida, da quantidade de capital econômico e cultural disponível para conversão em outros tipos de capitais, da incorporação de discursos médicos-científicos, das representações hegemônicas e dos gostos de classe do gênero feminino, é possível compreender diferenças no processo de definição da identidade de gênero das interlocutoras entre travesti ou transexual¹⁴. Benedetti (2005) ao analisar estas diferenças também chegou a uma conclusão similar:

¹² Participante do *reality show Big Brother Brasil 11*.

¹³ Referência ao assassinato de Dandara na cidade de Fortaleza em fevereiro de 2017. O caso teve repercussão nacional após o vídeo com as imagens das agressões que retiraram a sua vida foi compartilhado na internet. <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> Acesso em 28 de agosto de 2017.

¹⁴ Salutares nesta discussão são as militantes transativistas/transfeministas que, dotadas de capital político e cultural, reconhecem suas identidades de gênero como travesti no intuito de tencionar as representações de estigma e marginalidade associadas às travestilidades no Brasil.

Essas concepções estão relacionadas à origem de classe. As informantes que se auto-identificam como transexuais possuem, via de regra, maior escolaridade; têm, portanto, acesso às bibliografias técnicas sobre o assunto com mais facilidade e situam-se mais próximas socialmente das explicações institucionais e científicas sobre a questão (Benedetti, 2005: 113).

O que as discussões sobre identificação com a identidade de gênero demonstram é a importância das posições no campo social, as experiências adquiridas no decorrer da trajetória de vida e as suas relações com a constituição de vários tipos específicos de patrimônios de disposições perante a identidade de gênero, que não são necessariamente estáveis e permanentes. É neste sentido que Bento (2006) afirma que não há uma identidade transexual, «mas posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de ‘verdade’» (Bento, 2006: 201). Posições que podem reconfigurar-se ao longo da trajetória de vida quando esta implica na alteração dos patrimônios de disposições subjacentes às representações e às valorações sobre corpos e identidades de gênero.

De modo específico, as famílias de Mariana e Dalila, com capital econômico e cultural expressivos na constituição dos seus patrimônios de disposições, deram suporte ao processo de encarnação das corporalidades trans de suas filhas. Isso possibilitou a construção de um capital corporal trans com alto valor expressivo de gênero e sua conversão para outros tipos de capitais. Mais do que isso, as trajetórias de ambas demonstram os processos de reprodução das desigualdades de classe nas sociedades contemporâneas, a conversão de capital econômico para outros tipos de capitais e as relações que estabelecem com as identidades transexual e travesti no interior de um *cistema* que afirma que a inteligibilidade do gênero está no corpo (Bento, 2006).

No entanto, conforme já mencionado, estas duas biografias corporais são exceções no rol de trajetórias de vida recolhidas durante o trabalho de campo. As biografias corporais de Yara e Safira, tratadas na seção seguinte, demonstram uma drástica oposição aos modos de suporte familiar recebido por Dalila e Mariana. Yara, 26 anos, branca, nasceu no interior do Pernambuco, sua mãe era atendente de farmácia, seu pai mecânico. Tem um irmão e uma irmã. Yara sempre soube que era diferente do irmão mais velho, homossexual, bem como dos seus amigos. A vida de Yara passou por uma mudança radical quando o pai ouviu uma conversa, em tom jocoso, entre ela e uma amiga travesti, sobre o desejo de passar pela cirurgia de confirmação de gênero. Após a descoberta pela família e as represálias que sofria

Encarnando a europeia

frequentemente, principalmente de sua mãe, Yara resolveu sair de casa para encarnar sua identidade de gênero:

Eu: Você tinha quantos? Uns 13 anos?

Yara: Uns 13 para 14 anos, por aí.

Eu: Ah.

Yara: Aí, ele: «Passa!» Aí daí eu fui apanhando já. Aí, foi quando ele perguntou: «Eu já sei que você é, eu só quero ouvir da sua boca: você é gay?!». Que ele nem imaginava travesti, eu: «Sim». Aí ele: «Pronto, a partir de hoje você não tem mais nada meu!» Mas também não foi um pai uó de colocar para fora de casa. Minha mãe é que ficava: «Aí, não aceito, não quero em casa, não sei o quê.» Até que eu disse: «Aí, então, tchau!»

Yara foi para Recife, em busca de realizar o desejo de encarnação da sua identidade de gênero. Sem possibilidade de emprego formal e sem terminar a educação escolar, recebeu suporte de amigas travestis e mulheres trans e iniciou o trabalho no mercado do sexo. Na pista, também aprendeu as técnicas de modificação corporal e começou o seu processo de hormonização. Neste primeiro momento, Yara tem uma corporalidade ambígua, o que ela define como «a metade do caminho»:

Eu: Mas, se prostituía como menininho ou como trans?

Yara: A metade do caminho. [Risos].

Eu: Ya, ok.

Yara: Aquela coisa assim sem ninguém entender o que é.

Eu: Se montava? Pá? E nesse período também foi o período que você começou?

Yara: Foi, foi quando eu comecei a me hormonizar. Porque eu olhava, eu dizia: «Eu quero ser». Então, corri atrás disso, não é?

Eu: E ficou quanto tempo se prostituindo em Recife?

Yara: Acho que uns 3 anos.

As relações de amizade, afeto e proximidade com outras mulheres trans e travesti na pista possibilitaram à Yara construir redes de apoio e cuidado. Assim, Yara, após completar 18 anos, recebeu de presente de aniversário de uma amiga travesti uma passagem para Paris. A biografia corporal de Yara demonstra então que, na falta de capital econômico e suporte familiar, o capital social representado pelas relações de amizade e afeto entre pares pode ser uma importante estratégia na obtenção de melhores condições de vida:

Encarnando a europeia

Yara: E eu já tinha uma amiga travesti, que já dizia: «Ai, quando tu ficar de maior vou te levar para Europa. Vou te trazer». Ai, [bate a palma da mão], foi tudo no ui! Foi tudo no embaló! Aí, eu saí de casa. Comecei a me prostituir na rua. Esperei ela chegar. E ela me trouxe para Europa a primeira vez.

A biografia corporal de Safira possibilita compreender a relevância das desigualdades de classe e suporte familiar, mas também colabora nos entrelaçamentos com o marcador raça, que será discutido na próxima seção deste capítulo. Safira, 37 anos, transexual, negra, ensino fundamental completo, nasceu no interior do Espírito Santo. A sua mãe era agricultora e seu pai pescador, tinha 4 irmãos, dois faleceram na infância em decorrência de desnutrição. Aos 8 anos já trabalhava como entregadora de leite para ajudar a mãe, que tinha problemas com o álcool. A sua trajetória de vida é marcada por inúmeras violências de ordem física e simbólicas, por exemplo, o primeiro abuso sexual aos 8 anos. Pobre, negra e travesti, Safira inicia o trabalho do sexo aos 11 anos. Dos 14 aos 15 anos, começou a utilizar indumentária feminina e o processo de encarnação da sua identidade de gênero, o que trouxe dificuldades acrescidas na relação com a mãe:

Safira: [Ela] Era totalmente homofóbica, pelo menos referente aos filhos dela, e isso veio acontecer de um dos filhos dela ser. Meu irmão me apoiou na época, minha irmã me apoiou, mas ela não. Ela revidou.

Eu: O que ela fez pra revidar?

Safira: «Se for pra ter um filho homossexual, eu preferia ter ele morto».

Eu: E você, o que fez?

Safira: [Risos] Eu falei pra ela ir pra aquele lugar... [risos] Entendeu? E fui embora.

Eu: Que foi aí que você foi morar com a travesti?

Safira: Fui morar com a travesti. Isso mesmo, que eu conheci, ela exatamente, entendeu?

Eu: Ok.

Safira: Aí, fui pra vida, fui pra vida, fui pra noite e conheci esta travesti [nome da amiga]. [...]

Eu: E aí você conheceu outras travestis?

Safira: Conheci, deixei minha parentela e fui viver entre eles. Aí fui... [risos]. Na verdade, eu já me prostituía, entendeu? Aos meus 14 anos, mas aos 15 anos, eu falei: «Não. Eu vou ser uma trans, não uma travesti!» Até então era travesti.

A falta de estrutura e suporte familiar de Safira foi determinante para o aumento da precariedade e da vulnerabilidade que viveu durante toda sua infância, adolescência e juventude e colabora na compreensão dos entrelaçamentos entre classe social e raça na

sociedade brasileira. Após sair da casa dos pais, Safira foi «adotada» por uma das travestis de outra cidade no interior do Espírito Santo, região metropolitana de Vitória, e passou a viver com ela e suas companheiras de casa, também travestis. Sua «nova mãe»¹⁵ ensinou os truques necessários para ser uma travesti de sucesso: «A me prostituir, a depender do meu corpo para sobreviver... A ser uma bixa em destaque, uma travesti em destaque entre as outras, entendeu? E a dar valor, não se importar com o que a sociedade fosse dizer, fosse me olhar, fosse me julgar e erguer sempre a cabeça pra cima». A encarnação da sua identidade de gênero também ocorreu por meio do aprendizado das técnicas de modificação corporal com outras travestis e a utilização de silicone industrial para construir seu capital corporal após a mudança para São Paulo - SP. Safira migrou para São Paulo buscando novas oportunidades como trabalhadora do sexo e do desejo de construção da sua corporalidade feminina:

Safira: Em São Paulo, coloquei primeiro no rosto, né? Depois coloquei nas nádegas.

Eu: Hum... E com quem você colocou?

Safira: Com uma travesti que hoje mora na Itália, ela é [nome da travesti].

Eu: E como... O que te levou a fazer isso? Como foi este processo?

Safira: Foi de olhar pro meu corpo e não estar satisfeito com ele... E tipo assim: «Mas tu é feia de corpo...»[risos] A cara é aquela coisa, «Mas tu é feia!» [Risos]. Ai: «Que eu posso fazer pra melhorar?» Ai: «Vamos, né, colocar um silicone aí.» E coloquei e foi uma experiência que eu, particularmente, não pretendo repetir.

Eu: Por quê?

Safira: É doloso...

Eu: É muito doloso?

Safira: Mesmo com a anestesia, é muito doloso.

Eu: E você fez junto às pernas e a...

Safira: Na nádega e vai espalhando para as outras partes do corpo.

Eu: Quando você fez, na casa dela?

Safira: Na casa dela, industrialmente.

Eu: Hum...

Safira: Na casa dela...

Eu: Sim, e você tinha 21 anos, colocou no rosto. No rosto você colocou onde?

Safira: No rosto, coloquei aqui, aqui e aqui.

Eu: No queixo, fez o queixo.

Safira: Sim, nessa...

Eu: No queixo e na maçã...

Safira: É, na maçã pra formar, né? Adequado.

¹⁵ «A mãe ou madrinha cabe ensinar à sua filha as técnicas corporais, a potencializar atributos físicos para que ela se torne cada vez mais feminina. Ela ensina a tomar hormônios, sugere que partes do corpo que a novata deve bombar e quantos litros pôr» (Pelúcio, 2007: 7).

O capital corporal de Safira é reflexo de uma biografia corporal demarcada por vulnerabilidades de classe e características de racialização. O seu capital corporal começou por ser construído por intermédio do conhecimento tecnocientífico leigo de outras amigas travestis e mulheres transexuais, auto ingestão de hormônios, moldada por silicone industrial e marcada por cicatrizes em decorrência de uma cirurgia de implantes mamários com complicações hospitalares que quase retirou a sua vida. No entanto, Safira é feliz com o capital corporal que construiu, orgulhosa das experiências que vivenciou e do conhecimento que incorporou:

Eu: Você falou da cirurgia e pá... Hoje, quando você olha pro teu corpo qual é o sentimento que você tem?

Safira: Realizado...

Eu: Realizado?

Safira: Esteticamente realizado. Poderia ser melhor, não me cuidei melhor esteticamente como, não deixar dar uma certa barriga e tudo. Mas estou bem, estou satisfeita.

Eu: Sim. O problema que você teve na cirurgia¹⁶?

Safira: Ah, me incomoda um pouco.

Eu: Te incomoda?

Safira: Sim, espero uma oportunidade, financeiramente, de poder fazer essa reparação, sim. Quem não quer se ver bem? Quem não quer estar bem? Quem quer... se ver chegar ao auge, ao máximo da perfeição, né? Da estética, do conhecimento, né? Então, eu também tenho isso comigo, mas me sinto realizada, sim.

Portanto, o capital corporal de Yara e Safira só pode ser compreendido a partir da análise da importância das sociabilidades de travestis e mulheres trans na elaboração de estratégias de subsistência e construção do capital corporal, na ausência de suporte familiar e dos privilégios de classe.

Culturas somáticas, corporalidades de referência e vivências geracionais

As pesquisas envolvendo corporalidades de mulheres trans e travestis atestam as diferenças nos projetos de corpo, no desenvolvimento das técnicas de modificação corporal e na percepção e valorização de determinados procedimentos e órgãos nas construções das suas

¹⁶Safira após realizar uma cirurgia de próteses mamárias contraiu uma infecção hospitalar em 2008 depois do seu primeiro trânsito para Espanha.

corporalidades durante as duas últimas décadas e meia no Brasil. Silva (1993) demonstra os inúmeros procedimentos com silicone industrial utilizados pelas travestis na fabricação de curvas no rosto, seios, glúteos, pernas, pés etc. no Bairro da Lapa nos anos 90, e já apontava, nessa época, mudanças nos tipos de corporalidades encarnadas pelas travestis mais jovens.

Pelúcio (2007) percebeu mudanças nos projetos de corpo travesti entre os projetos corporais das mais velhas, compostos por muitas curvas e volume, em contraposição aos projetos das mais jovens, com curvas enxutas, seios menores e roupas mais adolescentes, ou «fazendo a linha 'patricinha'»¹⁷. O mesmo me disse Dalila, 41 anos, que apesar de ter realizado alguns procedimentos estéticos para construção da sua corporalidade no decorrer da sua biografia corporal, tem dimensão da importância deste novo modelo de corpo no sucesso que teve na indústria do sexo no início dos anos 2000, conforme é possível perceber em sua narrativa:

Dalila: Sabe que se tomar os hormônios que estão cada vez mais fácil. Hoje em dia até com acompanhamento médico. Já não se existe mais aquela... como se fala? Aquela ditadura do corpão, quadrilzão, bunda. Então, agora, entrou numa academia, colocou uma prótese mamária, fez um clareamento dental, elas já são trans. Na minha época era tudo uma peregrinação, sabe? Você des...

Eu: Pra conseguir os hormônios...

Dalila: Você conseguir descobrir qual é o hormônio que faz efeito em você. Na época era uma coisa que era obrigatória: se você não tivesse silicone, você não era travesti. Você está entendendo? Coisa que isso, graças a Deus acabou, porque são coisas que te dá problema com o decorrer dos anos. Eu tive problema com o silicone [...] E assim, eu peguei a transição de travesti dinossauro para travesti princesa. Que até então, travesti era muito grande, era muito... era muito...

Eu: Década de 90.

Dalila: Sabe, era aquele cu desse tamanho, aqueles peito desse tamanho. Aqueles cabelos assim que você via que não era da pessoa. E eu peguei justamente a fase da travesti patricinha. Eu sou a primeira safra desse tipo de travesti. Entendeu? Então, foi aonde eu fiz o meu nome.

Duque (2011) também percebeu similaridades na sua pesquisa envolvendo travestis adolescentes. Segundo o autor, o silicone industrial para construção de curvas já não era uma prática recorrente entre as travestis adolescentes. Para o autor, as mulheres trans e travestis jovens têm *bombado* apenas pernas e glúteos e deixado a construção dos seios para as próteses de silicone. O uso de enchimentos para performatizar os seios é uma das opções encontradas pelas mulheres trans e travestis na constituição de um capital corporal feminino:

¹⁷ Termo para Betinha no Brasil.

«Essas práticas têm voltado junto às novas travestilidades, há um retorno ao corpo magro e sem grandes curvas siliconadas» (Duque, 2011: 98).

Com efeito, podemos constatar por meio das trajetórias das mulheres trans e travestis desta pesquisa que o grupo composto pelas três interlocutoras mais novas - Mariana (24 anos), Verônica (25 anos) e Yara (26 anos) - constituíram as suas corporalidades somente com terapia hormonal, indumentária e procedimentos estéticos menos invasivos, como, por exemplo, depilação a laser. Nas falas de Mariana e Yara, podemos visualizar os procedimentos que realizaram na construção do seu capital corporal:

Mariana: Ah... Só depilação na cera, eu fiz duas... Uma sessão de laser no corpo inteiro, só. Mas, nunca tive pelos. Nunca... com Androcur¹⁸, eu comecei... Como eu tomei a vida toda, então, não teve tempo para ele se desenvolver.

Eu: Aham.

Mariana: Não deu. Minha produção hormonal masculina é muito baixa.

Eu: E o lance do teu corpo assim, o que mais você... Só colocou... Continua se hormonizando?

Yara: Aham.

Eu: Silicone, tu não tem?

Yara: [faz som com a boca negando]. Não.

Eu: Fez laser?

Yara: Faço.

Eu: Faz sempre?

Yara: Faço, constante ainda.

Eu: Constante ainda?

Yara: Estou fazendo.

Eu: E tu faz laser onde?

Yara: No rosto.

Eu: Só no rosto?

Yara: No rosto e no peitoral. Nas outras partes do corpo são mais lisinhas. Acho que até por conta do hormônio não tem.

Eu: Sim, sim. O hormônio já ajuda.

Yara: Esta parte (passa a mão no peito). Porque a gente, ai, tem que gozar tanto¹⁹ [Risos].

Se por um lado, uma análise simplista dos dados poderia afirmar que esta constatação advém de um menor tempo na obtenção de modificações corporais, por outro lado uma análise pormenorizada das suas percepções sobre os projetos de corpo e identidades que têm

¹⁸ Hormônio feminino.

¹⁹ É comum, nos territórios do trabalho sexual, mulheres trans e travestis alegarem que os hormônios femininos são expelidos no esperma, o que dificulta as transformações corporais com a comercialização de performances sexuais.

Encarnando a europeia

em mente possibilita afirmar que esta escolha e a reflexividade carnal que lhe é subjacente é justificada por critérios que remetem para diferentes contextos históricos na produção e idealização dos seus projetos corporais, associados a diferentes culturas somáticas. Yara colabora na compreensão deste argumento quando questionada sobre as próteses de silicone:

Eu: Você não quer pôr silicone, então?

Yara: Não.

Eu: Não?

Yara: Não. Silicone industrial não. Silicone, se eu...

Eu: Mas, se você pôr... Você colocaria nos seios?

Yara: Sim, mas não industrial. A prótese. Silicone industrial jamais colocaria.

Eu: Por que assim?

Yara: Ai, porque eu já vi tanta amiga sofrer pondo silicone. Ter problema, ter reação. Então, vai que não dê certo comigo. Vai que meu corpo reage também àquele líquido ali. Então, fico com medo.

Eu: Prefere não correr o risco?

Yara: Sim...

Eu: Sim.

Yara: Quietinha. Estou feliz assim, então, não vamos mexer. Agora se eu me sinto desconfortável... «Ai, está faltando isso. Está faltando aquilo». Ai, até agora não está, então...

Eu: Hum, hum.

Yara: Não pretendo colocar não. Só estou agoniada com o meu cabelo, conversando com você, ele tende a ir ficando ao natural, e «Ai!».

Portanto, na narrativa de Yara é possível perceber um maior conhecimento e preocupação com os tipos de procedimentos utilizados na modificação do corpo. Os medos/receios são justificados pelo conhecimento de experiências malsucedidas de amigas próximas, os riscos e os efeitos colaterais do silicone industrial. O capital corporal é mais que desejos individuais, também colabora o conhecimento coletivo acumulado e partilhado pelo grupo que é encarnado individualmente. Mariana auxilia no entendimento das representações que o grupo de pessoas trans e travestis mais jovens têm sobre os procedimentos executados por *bombadeiras*:

Mariana: Eu sempre tive medo, né? Eu já vi fazerem, então, eu já vi gritarem de dor, eu já vi como é que... Não. É algo que eu não teria coragem de fazer.

Eu: Ah, ok. Você acha que muito está relacionado a este medo?

Mariana: Sim. Ai eu já vi amigas minhas passarem mal com aquilo, então...

Eu já vi conhecidas, né? Ah... Por exemplo, fazendo... Vi na [amiga]! Ela:

«Ai, amiga, vamos ali» e não sei o que mais. E ela pegar o carro e a gente ir. E de repente, chegar lá, ela está deitada, uma rapariga deitada, e a bombadeira bombando ela. E eu ver aquilo sendo injetado, ela mordendo

Encarnando a europeia

uma toalha, aquilo para mim depois... Botando uma cinta modeladora xpto, não sei o que mais. E ela, nossa, [som de mensagem] ela roxa de tanta dor e, a forma... a não higienização que aquilo... Ai não! Não. Aquilo não.

Além de questões relacionadas aos riscos e às preocupações com os procedimentos de construção do capital corporal, este grupo de mulheres trans e travestis valoriza e tem por referência um modelo de corporalidade diferente do modelo partilhado entre as gerações passadas. Yara, ao pensar nos modelos de feminilidade que inspiram seu projeto corporal, recusa encarnar no seu corpo esse modelo que ela designa de «travão», dando conta da clivagem geracional entre diferentes culturas somáticas:

Eu: Ah... Mas, do tipo, quais são os modelos de mulher ou do tipo, quais são os tipos de mulher que lhe inspiram ou... ou não?

Yara: Inspira. Porque varia. Às vezes, eu olho: «Ai!», mas eu gosto mais de vestido apertado.

Eu: De coisa apertada?

Yara: É, coladinho. Eu acho mais, como eu não tenho silicone...

Eu: Ah...

Yara: Como um travão, então...

Eu: Mas você queria ter esse corpo? Travão?

Yara: [Faz som negando].

Portanto, nas falas das interlocutoras é possível aferir a existência de uma nova referência de modelo de corporeidade entre as mulheres trans e travestis, cuja adesão é expressa principalmente nos discursos das mais jovens. Se até os anos 90 as mulheres trans e travestis investiam em inúmeros procedimentos tecnocientíficos para a produção das suas identidades e corporalidades. Nas duas últimas décadas, é possível notar que a nova percepção sobre as modificações corporais para a expressão das identidades de gênero não implica necessariamente em intervenções de modificação corporal tão invasivas e estruturantes da morfologia como no passado recente. Mariana, ao refletir sobre o estereótipo das corporalidades de mulheres trans e travestis das décadas passadas, colabora no entendimento de ruptura com esse modelo de projeto corporal ao refletir sobre seus sentimentos e *hexis corporal*:

Mariana: Ai eu gosto do meu corpo como ele é! Ai, porque todo mundo fala: «Ai, o estereótipo da trans tem que ter peito, tem que estar bombada». Foda-se, isso é problema seu, na sua cabeça, porque a mulher pra mim... a

Encarnando a europeia

feminilidade da mulher está na cabeça dela, nas atitudes que ela tem. Essa... Não... Não... Não nos 100 litros, 500 ml, ou sei lá quantos litros de hidrogel ou metacril, ou seja, lá o que for.

Podemos, portanto, afirmar que as mulheres trans e travestis mais jovens desta pesquisa detêm uma outra percepção da encarnação da identidade de gênero. Uma percepção que demonstra uma maior preocupação na constituição do capital corporal na propriedade relativa às performances e aos sentimentos. Por outras palavras, valorizam corporalidades de mulheres trans e travestis representadas por movimentos e sentimentos que atestem feminilidade, em detrimento dos inúmeros signos materializados outrora em suas corporalidades. Na fala de Mariana podemos perceber a importância destes fatores na constituição da sua feminilidade e as relações com o trabalho sexual:

Eu: E o que que você tem de cuidados com teu corpo? Você toma hormônio?

Verônica: Ah, tomo hormônio.

Eu: O que mais que tu já fez?

Verônica: Nada. Deus já me deu tudo isso. [Risos].

O «nada» de Verônica corresponde a técnicas invasivas do corpo, uma vez que, na sua concepção, roupas, acessórios e performances não retira o caráter de «naturalidade» do seu corpo e identidade. A secundarização do valor expressivo das modificações corporais mais invasivas na construção da sua identidade de gênero, bem como a própria secundarização do valor instrumental do capital corporal investido por mulheres trans e travestis da anterior geração no trabalho do sexo, podem ser percebidos na fala de Mariana:

Eu: Mas, você quer por uma prótese?

Mariana: Não.

Eu: Não.

Mariana: Porque a maioria... É assim, a maioria das pessoas que eu conheço falam pra mim não pôr, porque já está bom. Meu peito está bonito assim. Se eu estou bem assim... Não estou mal. Se eu estivesse me sentindo mal, já teria colocado!

Eu: Ya.

Mariana: «Ah, por que que você não bomba?». Ai, eu gosto do meu rabo assim. Está bom.

Eu: Aham.

Mariana: Quem come está contente! [Risos].

Eu: [Risos].

Encarnando a europeia

Mariana: É isso para mim é que importa! E outra coisa. Eu não trabalho com meu rabo, é com meu pau²⁰! Então, pra mim o rabo é...

Eu: Você... você?

Mariana: É um efeito secundário! [Risos]. É... e... Pelo menos para mim. Eu vejo as coisas dessa maneira!

Mariana, Verônica e Yara pensam os seus projetos de corpo a partir de novas concepções, geracionalmente diferenciadas sobre a corporalidade trans e travestis e suas relações com a construção de gênero. O corpo desta nova geração de mulheres trans e travestis tem como referência simbólica um modelo de corporalidade com poucas curvas, seguindo os modelos hegemônicos de beleza emanados sobre a corporalidade cis e atualmente expressos pela indústria da moda e do design corporal.

A hegemonia deste novo modelo de corporeidade é também sentida entre algumas das interlocutoras mais velhas, cujo corpo foi construído a partir de outros modelos de referência, enraizados em outros contextos históricos. Tainá, 35 anos, ao olhar para o seu corpo tem dimensão dos riscos que corre/correu com o uso de silicone industrial no seu rosto, nádegas e braços:

Tainá: Eu amo meu corpo. Eu me acho perfeita. Eu quero só um retoquezinho, porque eu fiz muita bobagem no meu corpo.

Eu: O que que você fez de bobagem?

Tainá: Ah, eu botei silicone, né? Silicone, ele tem os seus males. Querendo ou não ele tem os seus males. Eu tenho silicone até no braço.

A corporalidade de Tainá, construída principalmente a partir dos modelos brasileiros da década de 90, expressam um outro tipo de feminilidade e as possibilidades que outrora havia para a sua construção, através de biotecnologias leigas partilhadas entre mulheres trans e travestis. Tainá tem dimensão das desigualdades geracionais e de classe que atravessam a sua corporalidade no início da sua biografia corporal, e os limites do capital corporal que investiu na encarnação dos outros modelos mais recentes:

Tainá: Eu vou te dizer uma coisa... é... é... Eu, quando eu falo do meu corpo, o corpo que eu construí, por incrível que pareça, não foi algo que foi assim, tão importante... Não, é importante. Claro que é! Claro que é, como a

²⁰ Para compreender a importância do pênis como parte do capital corporal e seus valores instrumentais no trabalho do sexo por mulheres trans e travestis ver o Capítulo V desta tese.

Encarnando a europeia

construção do corpo de qualquer pessoa. É que foi acontecendo muito já pensando. Não foi espontâneo. Eu queria. Quando minha amiga falou assim: «Se tu quiser, eu boto agora»; eu falei: «Vamos lá comprar o óleo!». Eu já sabia todos os males, todos os... já sabia tudo o que podia acontecer. Eu sabia que eu podia morrer ali com ela, naquele momento. Mas, eu queria tanto ter aquele corpo. Não é porque eu via a outra, e a outra não... A gente vê! Mas, eu queria ter mesmo o meu corpo. E eu queria que ele ficasse mais moldado, feminino. Eu fui usar desse mecanismo, era o que eu tinha. Por exemplo, se você falar assim: «Você construiria seu corpo hoje?». Tipo, construiria meu corpo hoje, novamente, mas não da forma que eu... não, pelos recursos que eu tinha. Por exemplo, hoje, eu não queria ser assim, mais tipo corpo *Playboy*, porque eu sou bundudinha, eu tenho pernã. Se eu engordar eu fico toda rechunchudinha, como os portugueses diz, sabe? *Eu sou o tipo Carla Perez, porque eu sou dessa geração. Se você ver o meu corpo, meu corpo é baseado no corpo de Carla Perez e Sheila Carvalho.* Porque tem os padrões da época. E esse é o padrão da época que eu comecei a bombar. Agora, hoje, nos padrões de hoje, eu não aplicaria silicone. Não, porque é algo muito ruim. Hoje é bem pior ainda, porque não é mais o mesmo produto, o produto piorou. Mas, porque hoje eu acho tão bonita as *tops* assim, as mulheres magras. Eu quero usar aquelas calças soltas, eu já sou baixinha e bundudinha, então, não fica bonito, tipo, macaquinho. *Tem certo tipo de moda que eu quero usar, de padrões que eu quero entrar e eu não posso entrar, porque eu não consigo voltar. Eu só consigo aumentar. Diminuir eu acho que não conseguiria [grifos meus].*

Processo similar ao de Tainá, aconteceu com Diana, 29 anos, nascida em uma família de classe média no interior do Rio Grande do Sul e acostumada com alguns privilégios de classe e a não necessidade de «provar nada para ninguém». A vida e o corpo de Diana foram modificados após a saída da casa dos pais e o início do percurso como trabalhadora do sexo, que, na sua perspectiva, foi caracterizado pela rivalidade sentida entre o grupo de mulheres trans e travestis na pista em Balneário Camboriú-SC. Para Diana, a sua corporalidade é o reflexo da tentativa de demarcar poder através da conversão de capital econômico em capital corporal, com a encarnação das suas próteses de seios e bumbum aos 20 anos. Mais tarde, esta situação trouxe-lhe alguns arrependimentos:

Diana: [...] me arrependo, se tu quer saber? Me arrependo de ter feito coisas tipo, pros outros, tipo assim, ah... Botar silicone fazer coisas tão rápido pros outros, pra mostrar que podia. Entendeu? Porque eu sempre, eu sou de uma família que não é... mas tipo, sempre vivi bem e nunca precisei provar nada pra ninguém e, claro, hoje em dia vejo que tinha inveja de outros meninos por... ah... por dentro, e tipo, eu não tinha noção disso. E eu fui ver esse tipo de coisa quando eu era um travesti. Cresci tendo tudo nas mãos e tipo, aquilo não era nada pra mim porque na minha cabeça nunca funcionou assim e daí tipo, depois assistir, ter que depois de grande, ter que mostrar pros outros que eu ganhava e coisa assim, isso eu aprendi, isso é muito feio.
Eu: Ah, mas foi aprendizado... [...]

Encarnando a europeia

Diana: Isso é um dos arrependimentos que eu tenho... tipo assim ó... tipo, fiz tudo muito cedo. E tudo muito pelo que impressionaria os outros e não a mim. Se fosse hoje em dia eu ia ter peito pequenininho, eu teria menos corpo, eu teria me adequado a minha cabeça. Porque a minha cabeça é de mulher. Só que eu...

Os arrependimentos de Diana não atravessam somente questões relacionadas à sua corporalidade, mas também ao modo de interpretação que ela e os «outros» fazem do seu capital corporal e do seu valor instrumental no mercado do sexo. Ao construir um corpo com muitas curvas, Diana acreditava que se aproxima da identidade travesti e distanciava-se da sua identidade como mulher transexual, demonstrando mais uma vez a relação entre a constituição de um projeto de corpo e a influência do grupo de pares. Por fim, a fala de Diana expressa também os novos significados das modificações corporais na constituição do capital corporal trans feminino:

Eu: Você se considera uma mulher transexual ou uma travesti?

Diana: Não, eu não sou travesti. E é isso que eu tô dizendo... meu arrependimento é esse. Eu fiz um corpo de travesti porque, pra mostrar pras outras que eu tinha mais corpo, era mais não sei o quê. Fiz pros outros e não fiz pela minha cabeça. Hoje em dia, se tem uma coisa que eu me arrepen... nesse sentido, é de não ter feito, ter uma cabeça de mulher e não hum... e pela, e não pra prostituição o corpo. Isso eu me arrependo um bocado.

Eu: Sim, mas o que que é ser... o que você faria? É que teria um corpo menor tu acha?

Diana: Sim, aham. Tipo, eu teria um corpo menorzinho. Apesar que os homens gostam, né? Mas eu faria por mim. [...]

Eu: E assim, do tipo, você faria mais algum tipo de mudança no teu corpo e pá?

Diana: Tiraria todos os silicones sim, porque é o que eu quero fazer.

Eu: Você quer tirar?

Diana: Uhum. Quero tirar e botar nas bochechas. Alocka.

Eu: Mas por quê? Isso lhe incomoda às vezes?

Diana: Sim, porque eu acho que eu ficaria mais feminina com menos. Menos é mais. Entendeu?

Enfim, as narrativas de mulheres trans e travestis demonstram as transformações geracionais havidas nos projetos de corpo e nas técnicas de modificação corporal, associadas a culturas somáticas que se transformaram nos anos mais recentes, em termos de corporeidades de referência e de atitudes perante determinadas técnicas de modificação corporal, outrora partilhadas entre mulheres trans e travestis. As experiências das interlocutoras atestam também uma maior preocupação com os tipos de procedimentos

utilizados na encarnação da identidade de gênero, reflexo das inúmeras histórias de procedimentos malsucedidos com a utilização do silicone industrial pelas gerações anteriores.

Desigualdades por racialização e entrelaçamentos de vulnerabilidades sociais

As análises sobre as desigualdades de classe e o suporte familiar nas biografias corporais de mulheres trans e travestis demonstram as diferenças e assujeitamentos na constituição do capital corporal e a importância do capital econômico e cultural na conversão para outros tipos de capitais. No entanto, analisar as biografias corporais das interlocutoras desta pesquisa é também compreender a importância das características de racialização como produtora de diferenças e desigualdades nos modos de constituição do capital corporal e processos de subjetivação. Como formulado por Mbembe, «por princípio de raça se deve entender, aliás, uma forma espectral da divisão e da diferença humana, suscetível de ser mobilizada para fins de estigmatização, de exclusão e de segregação, por meio das quais se busca isolar, eliminar e até mesmo destruir fisicamente determinado grupo humano» (Mbembe, 2018a: 106). Deste modo, compreender as biografias corporais de algumas mulheres trans e travestis passa também por questionar como as violências estruturais racistas em um mundo global marcado pelo colonialismo e o eurocentrismo legitimam desigualdades, estigma e assujeitam trajetórias.

Mbembe (2018a) - ao utilizar as análises foucaultianas sobre saber, poder e produção de discursos de verdade e os Estudos Pós-Coloniais - demonstra que a criação da categoria raça pelos discursos tecnocientíficos modernos legitimou a exploração, as técnicas de governo centradas na violência e a submissão de povos não europeus/não brancos ao redor do mundo. A epistemologia cartesiana criadora das oposições/binarismos entre as categorias natureza/cultura, mulher/homem, negro/branco, homossexual/heterossexual, transgênero/cisgênero etc. legitimou o «homem-branco-cisheterossexual-europeu-classe-media» como detentor da episteme e como responsável pela colonização do mundo. Assim, os discursos sobre subalternidade de pessoas negras e/ou não-brancas foram utilizados como instrumento na naturalização da opressão, escravização, violência colonial e controle reprodutivo:

Na ordem colonial, a raça operava como princípio do corpo político, permitindo classificar os seres humanos em categorias distintas, supostamente dotadas de características físicas e mentais próprias. A burocracia emergiu a partir daí como um dispositivo de dominação, enquanto rede que ligava a morte e os negócios operava como matriz essencial do poder. A força passou a ser a lei, e a lei passou a ter por conteúdo a raça (Mbembe, 2018a: 109).

Pode-se citar como exemplo os discursos eugênicos do final do século XIX, início do século XX, representados no Brasil pelas discussões envolvendo propriedades fisiológicas com características morais e sobre a importância do embranquecimento da população brasileira, sendo Nina Rodrigues (1956) um dos seus principais representantes.

No Brasil, as questões relacionadas à raça estão intrinsicamente ligadas à classe e aos processos de exclusão e marginalização da população negra, reflexos da colonização e da escravização. O país é composto majoritariamente por afrodescendentes (53,6%) – em que apenas 8,9% da população auto identifica-se como «preta» –, e 76% da população mais pobre é composta por pessoas afrodescendentes²¹. Portanto, compreender os processos de exclusão de pessoas afrodescendente no Brasil é perceber como os discursos de verdade elaborados pela ciência moderna e sua visão cartesiana de mundo foram/são utilizados nos processos de exclusão, marginalização e silenciamento de pessoas não brancas. Por exemplo, na criação do mito da democracia racial pelas elites brancas brasileiras que buscou invisibilizar as desigualdades e estigmas associados às pessoas negras e afrodescendentes no país (Sales Junior, 2006; Carneiro, 2003).

As tecnologias de racialização são facilmente perceptíveis no Brasil contemporâneo. Jarrin (2017b), ao desenvolver uma pesquisa sobre as cirurgias plásticas no Brasil, demonstra como a desvalorização estética dos corpos negros está imbrincada com outras realidades materiais, como a violência policial, falta de acesso à educação e à saúde, e naturaliza as diferenças entre pessoas de pele clara e pessoas negras. Os cirurgiões plásticos, no Brasil, contribuem para reproduzir e representar as características de racialização como traços a serem corrigidos, por exemplo, o nariz de pessoas afrodescendentes que são considerados «feios» e estão relacionados a pessoas de classes desfavorecidas. Portanto, os discursos de cirurgiões plásticos demonstram o desejo biopolítico de produzir uma nação homogênea

²¹Dados do IBGE em 2014. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>
Acesso em 12 de junho de 2019.

(Jarrin, 2017a), o que possibilita aproximações com o mito da democracia racial e de embranquecimento da população.

Nesta pesquisa, apenas Safira e Luna se auto identificam como negras, reflexo dos processos de vulnerabilidade, marginalização e representações atribuídas a ambas durante suas trajetórias de vida. Conforme já salientado, a trajetória de Safira, 37 anos, negra, 8ª série do Ensino Fundamental, tem uma biografia corporal entrelaçada pelos marcadores de classe e raça. A situação de vulnerabilidade vivenciada pelos pais de Safira, agricultores, negros, pobres e sem direito à terra evidencia a marginalização da população negra após abolição da escravidão. Com o fim do período de escravização, não foi criado nenhum tipo de política de integração econômica e social do negro na sociedade brasileira. Pelo contrário, foram adotadas políticas de embranquecimento respaldadas por discursos científicos eugênicos e, com isso, foram dados benefícios aos imigrantes europeus brancos, durante o final do século XIX e início do XX (Fernandes, 1978).

Neste sentido, a realidade da população afrodescendente no Brasil estabelece relações com o que Butler (2017a) denomina como condição precária, ou seja:

[...] a condição politicamente induzida da qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção. A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não tem opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção. Em outras palavras, elas recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas (Butler, 2017a: 47).

A trajetória de vida de Safira somente pode ser compreendida por meio dos processos de precariedade, exclusão e marginalização da população negra e pobre no Brasil. Com a mãe alcoólatra e o pai ausente, Safira teve que viver parte da sua infância na rua em situação de fome, frio, cometendo pequenos delitos e recorrendo ao trabalho sexual durante a infância para manter a subsistência do seu corpo. A constituição da sua corporalidade – como analisado anteriormente - ocorreu por intermédio de técnicas de modificação corporal advindas do conhecimento acumulado pelo grupo de mulheres trans e travestis do seu círculo social, com o uso de silicone industrial. Assim, a sua subjetividade e a sua corporalidade só podem ser compreendidas a partir dos inúmeros processos de precariedade e vulnerabilidade social experienciadas durante sua trajetória de vida, a começar logo na infância:

Encarnando a europeia

Eu: Por que você foi parar no orfanato?
Safira: Porque eu roubei uma padaria, né? [Risos]
Eu: [Risos]
Safira: Fui roubar pão pra comer e não sabia correr... Aí a polícia me pegou.
Eu: A sua infância foi bem difícil, como foi?
Safira: Foi difícil, mas foi muito interessante também.
Eu: Difícil em que sentido?
Safira: Ah... Dificuldade, né? Pra sobreviver, a fome, né? O frio...
Eu: Você passou fome?
Safira: Claro! Faz parte, não venho de uma família de burgueses, né? Uma família... Como que se diz... Com renda per capita boa, estruturada, nada disso. Família bem humilde mesmo[...]. Já me prostituía. Até antes de conhecer São Paulo, eu me prostitui e depois que eu conheci ele também. Aí a prostituição já fazia parte do meu cotidiano.
Eu: Sim, você aprendeu a se prostituir com aquela travesti, lá na sua cidade?
Safira: É... Não, na verdade eu aprendi, eu descobri um posto de gasolina na minha cidade e me metia no meio das bixa.
Eu: Com quantos anos?
Safira: Com 11 anos de idade.
Eu: Você já...
Safira: E eles olharam assim e tal, «Ó, vem pra cá!». E como eu era novinha, os homem tudo queria me enrabar [risos]. Então ali eu já... Desde cedo a prostituição já fazia parte da minha vida.

Safira não teve direito à infância, ao suporte familiar, não teve acesso à educação escolar, ou qualquer apoio do Estado com relação à precariedade, à vulnerabilidade e à marginalização do seu corpo trans racializado: «Afirmar que a vida é precária é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver» (Butler, 2017a: 40). Assim, na ausência de qualquer tipo de apoio, Safira foi obrigada a criar estratégias de sobrevivência e resiliência, como, por exemplo, ignorar o racismo - apesar das inúmeras violências racistas que viveu -, e incorporar discursos que pudessem legitimar sua negritude frente às situações racistas da sua vida pessoal e no trabalho do sexo:

Eu: Você falou também da questão do preconceito por ser negra, tipo, o que você acha disso?
Safira: Bom, hoje melhorou bastante. Não tudo, né? Mas melhorou bastante, mas antes era bem pior. E, como enfrentei, nesse motel, enfrentei aqui, mas eu sempre ignorei. Eu sempre fui uma pessoa que sempre soube cuidar de mim, de uma certa forma eu sabia me cuidar. Então, essas coisas não me influenciavam. Magoava, mas não influenciava.
Eu: Sim...
Safira: Então, sempre procurei superar. Mas, enfrentei sim... a cor, a diversidade, enfrente até hoje. Tem uns clientes que fala assim: «Você não é muito negra!» «Bom, eu sou negra brasileira...» «E, como é as negras

Encarnando a europeia

brasileiras?» «É uma mistura de raças. Na verdade, somos todas índias. Vocês foram pra lá, cruzaram com a gente, espanhóis cruzaram com a gente, alemães cruzaram com a gente, e a gente virou uma mistura de raças. Então, temos a cor mais bonita do que...» Aí, eles: «Ah! É verdade!». Mas é um certo preconceito deles. Alguns, às vezes, me chamam de crioula, entendeu? Então, assim... Isso tudo faz parte.

Mbembe (2018a) afirma que o humano é plástico por definição. As experiências vividas por Safira, no Brasil e nos diversos lugares do mundo durante sua trajetória como trabalhadora do sexo, possibilitaram constituir e performatizar outras percepções sobre si, após a acumulação de capital econômico e cultural. A sua trajetória de vida, entrelaçada pelos marcadores de classe, raça, identidade de gênero e nacionalidade, e marcada pelos seus respectivos processos de exclusão e silenciamento, foi sendo ressignificada em cuidados de si, da autoestima, da valorização da sua trajetória e da subjetividade: «O sujeito humano por excelência é aquele capaz de se tornar outro, outro alguém que não ele mesmo, uma nova pessoa. É aquele que, compelido à perda, à destruição e ao aniquilamento, faz surgir desse acontecimento uma nova identidade» (Mbembe, 2018a: 235). Assim, Safira, apesar de todas as adversidades enfrentadas, construiu justificativas para compreensão de si:

Eu: Qual foi a coisa mais importante que você acha que aprendeu em todas essas viagens?

Safira: A me respeitar. A me valorizar. A me priorizar acima de tudo. Esse foi o valor mais importante em tudo. No sentimento diante das pessoas, diante a minha cor... Se eu não nasci branca é porque eu tinha que nascer negra; se eu não nasci alta é porque eu tinha que ter estatura mediana; se eu não nasci mulher é porque eu tinha que ser homem, tinha que ter essa opção sexual de vida... Por alguma razão, por alguma lição... Por algum propósito maior do universo. Então, com isso, eu aprendi a me respeitar e vou me respeitando a cada dia mais. Essa é a maior lição de todas que eu aprendi.

A biografia corporal de Luna também colabora na compreensão das relações e conexões entre raça e classe social nos assujeitamentos e desigualdades sociais e corporais de mulheres trans e travestis. Trajetória marcada por exclusões e silenciamentos desde muito cedo e no decorrer do seu percurso de vida. Luna, 38 anos, negra, nasceu e viveu toda a sua vida na periferia de Campinas –SP. A sua mãe era empregada de limpeza em um hospital e seu pai, trabalhador em uma cerâmica. O casal teve sete filhos biológicos – entre eles Luna - e adotaram mais duas crianças após a morte do último filho, aos dois anos e meio de idade. Luna estudou somente até à 8ª série do Ensino Fundamental. O motivo da evasão escolar

foram as ameaças de violência relacionadas à sua sexualidade e à negritude, considerando as representações hegemônicas que sobre ela recaíam relacionadas às interconexões dos marcadores de negritude, masculinidade e cisheteronormatividade:

Luna: Aí quando eu saí dessa escola que eu sempre estudei até a 8ª série, que eu fui pra outra escola fazer o gina... o colegial, aí eu saí por conta de preconceito. *Porque a gente indo pra escola, eu e um outro amigo meu gay também, negro também, tipo a gente passou na rua e tinha uns outros rapazes negros e falou que ia quebrar a gente no pau, que a gente... que era um absurdo a gente ser negro e ser gay...* E aí tipo eu não fui mais pra escola, esse meu amigo continuou indo pra escola...

Eu: Você estava em qual ano do, do...?

Luna: Eu ia começar a fazer o 2º grau, o 1º ano do 2º grau.

Eu: Então você não terminou o ensino médio.

Luna: Não. Não terminei. Aí tipo assim, eu tenho o diploma porque eu fui lá e comprei, entendeu?

Eu: Ok. Depois disso, mais velha...

Luna: Aí depois disso eu saí dessa escola, meu amigo continuou, foi agredido por essas pessoas, entendeu, mas ficou por isso mesmo [grifos meus].

A fala de Luna demonstra como a cisheteronormatividade opera de modo distinto nas vidas da população LGBTQIA+ negra. É neste sentido que Megg Oliveira (2017: 174) afirma que: «Os mecanismos de controle que incidem sobre um gay afeminado, viado e bixa preta adulta são observados durante suas infâncias com a intenção deliberada de assegurar a cis heteronormatividade branca como única existência possível». Luma de Andrade (2012) também colabora no entendimento da transfobia institucional existente no espaço escolar. A pesquisadora conclui que a evasão escolar das travestis é resultado dos estigmas e das representações como desviantes e indesejadas. O abandono dos estudos é compreendido como se fosse escolha das travestis, na tentativa de ocultar o fracasso da escola na gestão das diferenças e para camuflar a evasão involuntária induzida pela própria instituição.

Apesar das dificuldades enfrentadas na instituição escola, Luna sempre recebeu afeto e apoio dos pais e das suas irmãs e irmãos. Com exceção das adversidades econômicas enfrentadas durante a sua trajetória de vida, o espaço familiar foi sempre um ambiente seguro e compreensivo para as experiências de corpo e gênero de Luna. A sua infância pode ser descrita como um momento de proximidade com a mãe e irmãs na organização do espaço doméstico, e as diferenças de atividades entre ela e os seus irmãos designados pelo gênero masculino ao nascimento. Os fortes laços familiares entre os membros da família é o aspecto centralizador da vida de Luna, conforme a narrativa:

Encarnando a europeia

Eu: Quando você começou o processo de transicionar para o gênero feminino? De usar roupa e pá...

Luna: Então, eu sempre tive assim, tipo assim em casa mesmo eu não estando 24 horas de mulher, den... em casa eu usava roupa de mulher.

Eu: Desde quando?

Luna: Sempre. Roupa da minha irmã, aquelas blusas cortadas assim... Tipo shortinho mais feminino. E aí tipo assim, que nem minha mãe vendia roupa quando chegava roupa nova, ela vinha e falava: «Chegou umas roupas novas», mas ela nunca, tipo assim, mostrou pra mim uma cueca, não. Era camisola, era conjuntinho de dormir. Então, até minhas amigas ía em casa, tipo, tiravam sarro porque chegava em casa eu tava de menino, mas de pijama de mulher me sentindo assim, uma garota, entendeu?

A constituição do capital corporal e a encarnação da identidade de gênero de Luna passou por inúmeros processos de negociação entre ela, a sua família e os seus trabalhos. Assim, aos 16 anos, ela inicia o processo de hormonização por intermédio de uma prima travesti e suas amigas. Neste momento, Luna, tem receio de vivenciar a experiência de modificação do corpo na casa dos pais, então resolve ir viver com a prima e sua tia. «É... eu ia na casa, eu tinha uma amiga que era travesti, aí tinha as amigas dela e ficava no meio, e aí ganhei uma cartela de Diane 35²²». Durante este período, Luna inicia também o trabalho do sexo: «É aí tipo assim, eu saía, fazia programa, mas não era nada assim... tipo, fazia por curtição, saía, achava legal ganhar um dinheiro e durante um tempo eu fiz programa e depois eu parei». Aos 18 anos, após algumas alterações no seu corpo, Luna resolveu deixar o tratamento hormonal feminino e começou a utilizar hormônios masculinos, decidindo voltar a viver na casa dos pais:

Luna: Tomei, senti aquelas pedrinhas crescer, achei aquilo um máximo e aí eu fui tomando. Só que eu tive problema, um problema sério por conta de hormônio, que eu tomava hormônio... porque assim, eu tomei hormônio masc.. feminino, aí depois resolvi que eu não queria mais ser travesti, aí eu comecei a tomar hormônio masculino.

Eu: Com quantos anos?

Luna: Eu me assumi com 16, aí fiquei um tempo como Luna...

Eu: Com 16 começou a tomar hormônio e vestia roupa de mulher?

Luna: Isso, andava 24 horas de mulher. Aí depois, quando fui morar com a minha mãe, aí eu tirei o cabelo que eu usava, que era um aplique, mas eu ficava de mulher mesmo coisa, roupinha de mulher, tudo. Aí depois eu parei de usar roupa de mulher, só usava roupa de... Aquela coisa gay. Tipo aí, agora eu resolvi que vou ser... Aquela época dos *clubbers*, sabe? Vou ser *clubber* agora. Lente azul, pus *piercing*: «Ah, agora vou ser *clubber*». Aí eu fiquei um tempo nessa.

²²Pílula anticoncepcional utilizada por algumas mulheres trans e travestis no processo de hormonização.

No entanto, após a mãe descobrir que Luna fumava maconha, ela resolveu mais uma vez sair da casa dos pais e viver com algumas pessoas amigas. Durante este período, Luna trabalhou como atendente de telemarketing e complementava sua renda financeira realizando shows e performances em casas noturnas LGBT's em Campinas-SP, juntamente com sua prima. Entretanto, devido ao pouco dinheiro advindo do trabalho formal (R\$ 350,00 reais), Luna começou a traficar drogas por intermédio das pessoas companheiras de casa. A renda do tráfico era revertida frequentemente em festas, namorados e ajuda financeira para os seus pais, que acreditavam que Luna fazia sucesso como performer. Após três anos no tráfico de drogas Luna foi presa em flagrante, aos 21 anos:

Eu: Você traficou quanto tempo?

Luna: Uns 3 anos.

Eu: Foi bastante tempo.

Luna: Só que eu só... Mas não usei minha cabeça, queria fazer a linda, entendeu? E não usei a cabeça, que nem ganhei muito dinheiro, alugava chácara 3 dias, bancava tudo e ia lá muita, muita droga, que a pessoa só levava a carne e a cerveja. O resto era tudo por minha conta, gastava, gastava, gastava... Fui roubada várias vezes, por homem que me apaixonei, levei pra dentro de casa e aí o homem me roubou.

A situação de cárcere foi um ponto de viragem na vida de Luna. As experiências adquiridas na prisão fizeram Luna repensar as suas ações e a importância do afeto familiar na constituição da sua subjetividade. Apesar do momento de crise na relação com a família, a sua mãe continuou a dar-lhe suporte afetivo: «A gente vai te ajudar, todo mundo erra, você é uma pessoa boa, a gente sabe disso, a gente vai te ajudar». Na narrativa de Luna, é possível perceber o aspecto centralizador da família no modo de racionalizar a sua vida e as alterações dos seus patrimônios de disposições com a experiência prisional:

Luna: Na cadeia, tipo assim, é aquela coisa assim, ou você fala assim: «Não vou sair pra rua e vou, e vou aprontar com todo mundo». E vou ser pilantra e você trafica ou então, você, que nem pra mim serviu, tipo, eu vi que era uma coisa que não, pra mim não servia. Eu vi que pra mim é uma coisa que não serve, entendeu? Tipo a vida do crime pra mim...

Eu: E foi daí que...

Luna: É, eu vi que depois que eu passei em cadeia, que eu vi minha mãe indo lá me visitar, eu ficava pensando: «Olha o que eu tô fazendo para minha mãe». Porque eu não sabia... Que nem, minha mãe é evangélica. Eu sabia que ela ia ter que tirar a roupa, que nem eu nunca vi... Eu sei que minha mãe

Encarnando a europeia

usa ponte²³, mas eu nunca vi a minha mãe sem ponte. Lá eu sabia que ela tinha que tirar, sabe assim, coisas que, que nem o dia que ela falou assim pra mim: «Ai tirar a roupa pra mãe não é tão ruim, igual ter que tirar a ponte». Sabe aquilo, eu falava: «Olha o que que eu tô fazendo à minha mãe, minha família não merece». Então, eu decidi que a gente... Que não há nada melhor do que você ser uma pessoa do bem. Uma pessoa trabalhadora, uma pessoa honesta, sabe? Que nem tipo assim, você vê eu in... e às vezes eu fico até, falo assim, nossa é muita rasgação de seda. Você vai na casa da minha mãe, é muito... «Aqui oh», é muito tipo sabe, aí falando de mim, que eu sou isso, que eu sou um exemplo. Sabe assim? Às vezes, eu fico até sem graça de ver tanto que minha mãe me elogia pros outros, às vezes a minha irmã fala pra mim assim... Ai, tem uns primos meu que às vezes, dá uma cabeçada, apronta umas coisas. Fala assim: «Ai dá conselho pra eles». Eu falo assim: «Gente conse... não adianta dar conselho, acho que as coisas tem que partir da pessoa». Igual eu falei: «Eu vou mudar». Quando tava lá dentro. Que nem eu falava assim... que nem tipo tinha pessoas que me conheciam que falavam pra mim assim: «Você não vai mudar». Pessoas que sabiam, me viu roubando, que me viu traficando, me viu tipo a ganância que eu tinha por dinheiro, queria ganhar dinheiro, queria ganhar dinheiro.

Luna ficou 4 anos em situação de cárcere. Após a saída da prisão, ela voltou a viver com a família e a trabalhar: «E aí tipo, tudo que eu podia fazer pela minha família, eu faço. O que eu posso ajudar eles, eu ajudo, e aí graças a Deus eu fui an... Fui caminhando. Aí eu arrumei esse serviço, esse serviço que eu falei, fiquei 9 anos nesse serviço [em uma empresa de segurança]». O baixo salário era insuficiente para pagar suas despesas pessoais e familiares, além de ela não poder vivenciar sua feminilidade no local de trabalho. Assim, Luna resolve regressar ao trabalho do sexo durante a noite no Jardim Itatinga²⁴ e levar «uma vida dupla»: de dia era um trabalhador em uma empresa de segurança e de noite uma trabalhadora do sexo:

Luna: Mas as pessoas sabiam que eu traba... que à noite, que eu não ficava de mulher 24 horas, de dia...

Eu: Ah, tu ficava no monta e desmonta?

Luna: É de dia... Eles viam, tipo assim, via que era um gay, mas eu não andava assim de Luna 24 horas, entendeu? Aí eu trabalhava até às 18, aí chegava em casa por volta das 19. E aí, me produzia e ia pra rua. Trabalhava até uma meia noite, uma hora, e no outro dia tinha que trabalhar. A minha vida era assim.

²³ Termo utilizado para designar a dentadura no Brasil.

²⁴ O jardim Itatinga é conhecido como a maior área de trabalho do sexo a céu aberto da América Latina. Para saber mais, recomendo a leitura da tese de doutorado de Diana Helene Ramos: «Preta, pobre e puta: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga». Defendida em 2015 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2016/Teses-Premiadas/Planejamento-Urbano-Regional-Demografia-Diana-Helene-Ramos.PDF>

Entre perucas, maquiagens, auto-hormonização e silicone industrial, Luna investia no seu capital corporal de modo provisório, uma vez que ela nunca teve a possibilidade de vivenciar totalmente sua identidade de gênero e feminilidade no ambiente de trabalho ou em casa²⁵. Assim, o capital corporal de Luna demonstra o aspecto plástico e técnico do gênero, mas mais do que isso, demonstra também como o *cistema*, a transfobia e o racismo impossibilitam muitas pessoas travestis e transexuais de exteriorizarem suas identidades de gênero em sua plenitude. O seu capital corporal é resultado das técnicas de modificação do corpo com silicone industrial desenvolvidas por mulheres trans e travestis brasileiras, com alto risco para a saúde. Esses riscos são deixados de lado devido ao baixo custo do procedimento e o desejo de materialização do projeto de corpo, conforme é possível perceber em sua narrativa:

Luna: Eu tenho silicone no corpo.

Eu: Você tem aonde, silicone?

Luna: Na bunda, 2 litros.

Eu: E você fez com, no Brasil isso?

Luna: É, fiz na minha casa mesmo.

Eu: Tinha uma amiga bombadeira?

Luna: Fui lá e ela queria sab... Mostrar pras pessoas que ela sabia fazer e ninguém dava crédito. E aí eu fui corajosa e falei pra ela, você... Ela falou: «Você compra o silicone, eu coloco em você». Aí eu fui lá e comprei o silicone e ela foi lá na minha casa e colocou

Eu: Se tinha...

Luna: Eu fui fazer um preço pra ver quanto era a prótese do glúteo era 12 mil reais, eu falei: «Nossa, eu não tenho esse dinheiro». E eu queria fazer, eu queria...

Eu: Você tinha quantos anos?

Luna: Ah, faz pouco tempo também que eu bombei, já bombei com uns 30, uma coroa gostosa, entendeu? [Risos]

Eu: Yah!

Luna: Aí tipo fui comprei o silicone e a minha amiga bombou em casa. Paguei 127 em tudo, pra pessoa tipo, pra pessoa ir buscar e mandar para mim por correio. Tudo, eu paguei 127 reais. E a pessoa foi lá na minha casa e colocou, comprei agulha. Aquelas agulhas de dar injeção em cavalo, seringa [...] E aí eu fui morar sozinha e essa minha amiga depois, tipo ela foi lá pôe em mim, cuidou de mim nos primeiros dias e graças a Deus, tipo, eu adoro a minha bunda. Adoro meu corpo. Não sei se eu faria de novo.

Eu: Por quê?

Luna: Ah então porque, porque hoje eu leio muita coisa assim sobre o silicone industrial, e tal.

²⁵ Experiência que terá somente após a mobilidade para Europa e que será um dos focos de análise no próximo capítulo.

O entrelaçamento dos marcadores de classe, raça e identidade de gênero trouxe não somente limitações ao processo de constituição do capital corporal de Luna, mas também à subjetividade e às representações que faz de si: «Tipo, eu saio na rua, eu sei que chamo atenção. Eu sei, tipo, eu tenho quase 2 metros de altura, sou negra, gosto de usar cabelo claro, então eu sei que eu chamo atenção, entendeu?». Os medos e receios de Luna foram construídos durante toda a sua trajetória como travesti, negra, pobre, trabalhadora do sexo, pessoa que viveu em situação de cárcere²⁶ e as violências de ordem física e simbólica que marcaram o seu corpo e a sua subjetividade pela condição precária. Além dos estigmas associados à sua corporalidade, as violências trouxeram receios de acessar o espaço público, devido ao medo de sofrer violências físicas e/ou simbólicas, principalmente quando está com membros da sua família, conforme a narrativa:

Luna: Já aconteceu, tipo assim, de eu estar no centro da cidade passar um ônibus e as pessoas, tipo, me xingar: «E aí viado, filha da puta, seu negão, seu não sei o que, seu não sei o que». Mas me agredir mesmo, uma vez só que eu tive problema, mas as pessoas acabou se arrependendo porque arrumou pra cabeça, entendeu? Mas aqui [em Portugal], que nem eu falo, aqui tem o preconceito, mas é um preconceito mais velado²⁷. [...] Mas assim, porque tipo assim, que nem a gente ia no centro, normal, mas assim, que nem geralmente as minhas irmãs me chamam pra ir em lugares assim, tipo balada²⁸, sabe? Na balada as pessoas tá descontraídas assim, sempre tem aquelas pessoas que gostam de fazer umas gracinhas. Eu falo assim, eu tenho medo de uma situação assim, entendeu? Que nem: «Ah vamos no samba?». A gente entra lá no samba e tem aqueles negão, que eles olham e falam assim: «Pu...» A gente tem, sabe assim, e eu sou uma pessoa, tipo assim, que eu sei que eu... Quando eu acho que a coisa tipo passou do limite, eu vou lá e eu dou show, entendeu?

Eu: E você tem medo de ter que...

Luna: Eu ter que dar um show.

Eu: Com a tua irmã?

Luna: É, porque sei lá, né? Eu falo: «Nossa, chateada». Que nem eu falei, se eu vejo que a pessoa tá olhando, tá comentando, mas não é nada assim fora do normal, mas se eu vejo que é uma coisa que me incomoda, eu vou lá e... Então, eu prefiro já não ir nesses lugares assim. Já mesmo por essas situações, mas aí agora eu não sei, tipo, agora...

²⁶ Segundo o Informe da Anistia Internacional de 2017-2018, o Brasil tem uma população carcerária de 727000 pessoas, das quais 64% são afrodescendentes. Os dados afirmam também uma taxa de homicídio de 30 mil jovens na faixa de 15-29 anos por ano, dos quais 77% são pretos e pardos. Disponível em: <https://anistia.org.br/entre-em-acao/carta/informe-anual-20172018-o-estado-dos-direitos-humanos-mundo/>

²⁷ Análises sobre o racismo e as representações sobre ser brasileira na Europa mais adiante.

²⁸ Termo utilizado no Brasil para designar festas noturnas.

Enfim, as identidades travestis e transexuais só podem ser compreendidas em sua totalidade quando relacionadas a outros marcadores sociais da diferença. As trajetórias de vida e de biografias corporais de Safira e Luna no Brasil demonstram a complexidade em analisar vidas vividas a partir dos marcadores de classe e raça e as exclusões e os silenciamentos da população pobre e negra. Além das desigualdades corporais e subjetivas, suas trajetórias demonstram também como, desde o início da vida, os processos de agência e resiliência de pessoas que não estão no centro do *cistema*-econômico-étnico que (re)produz a estrutura social excludente.

Negociações entre corpo-projeto e corpo-sujeito

Além das desigualdades estruturais de classe, suporte familiar, raça e geração na encarnação das corporalidades de mulheres trans e travestis, é recorrente, nas narrativas sobre suas biografias corporais, os assujeitamentos e limites que o corpo orgânico impõe ao desenvolvimento de projetos de corpo. As negociações que mulheres trans e travestis realizam com suas corporalidades demonstram as características distintivas e conflituosas entre o corpo que vai sendo projetado e o corpo sujeito. Ou seja, por um lado, existe um corpo entendido como um acessório a ser construído por diversas lógicas de reflexividade carnal, assumido como passível de modificações, receptivo a projetos distintivos e intervenções biotecnológicas. Por outro lado, está um corpo que tem suas lógicas orgânicas próprias, finito, vulnerável, vivo e em devir até ao seu fim com a sua morte. Nesta perspectiva, busco nesta seção analisar as especificidades das negociações entre os projetos de corpo que mulheres trans e travestis almejam para si e as imposições que o corpo sujeito inflige sobre suas biografias corporais.

As preocupações com os processos naturais de autodestruição do corpo foram recorrentes nas narrativas de mulheres trans e travestis, por exemplo, com relação aos limitadores colocados ao corpo com a eminência do processo de envelhecimento. Se por um lado, o tempo é um inimigo na construção do capital corporal, por outro, ele é a peça chave para adquirir habilidades específicas devido ao processo lento de incorporação e somatização. Dalila, com 41 anos e uma longa carreira no mercado do sexo, colabora no entendimento destas questões com relação às imposições dos territórios do trabalho sexual: «Corpo é uma coisa que eu sofro muito, principalmente, de pessoas que me conhecem pelo meu material de

trabalho, filme, revista, essas coisas. Tem gente que querem me cobrar uma beleza de 20 anos atrás. E eu, assim, eu envelheci 20 anos. Eu vivi 20 anos!».

Tainá, 35 anos, também demonstra preocupações sobre o devir do corpo orgânico e correlaciona às discussões com as necessidades dos cuidados que tem diariamente com o seu capital corporal:

Tainá: Então, eu quero que o meu corpo acompanhe a minha mente pra mim não me frustrar, porque acho que a velhice, ela vai frustrar. Frustra, claro! Porque você vai deixar de fazer muitas coisas que você fazia antes, porque o teu corpo não vai deixar você fazer. De repente, pode ser que eu não consiga pegar nem uma escada rolante do metro. Essa semana, quando eu fui pra faculdade, a velhinha tadinha, ela foi pegar na escada rolante, ela caiu, eu segurei ela pelo casaco. Eu também... eu vou cair também. Eu até quero cair um dia também ali, mas eu quero estar preparada com o meu corpo. Porque é ele que me mantém viva. Eu tenho que cuidar do meu corpo. Eu sou muito cuidadosa com o meu corpo, com tudo.

A fala de Tainá e Dalila demonstra a lógica de construção do capital corporal centrada em uma relação de preservação e maximização das habilidades, considerando os limites naturalmente dados pelo corpo com sua própria tendência de envelhecimento. Logo, o corpo controla a ação do agente e impõe limitações às estratégias individuais, a partir das suas próprias experiências, dos demais agentes do grupo, das tecnologias disponíveis em uma determinada cultura somática historicamente situada, e das desigualdades econômicas, culturais e sociais que assolam as biografias de cada agente. Dalila também tem dimensão dos limitadores que o corpo impõe na constituição dos projetos corporais, ao recordar do derrame que sofreu após realizar duas cirurgias estéticas em um curto espaço de tempo. Sua fala demonstra também os seus privilégios de classe e suporte familiar:

Dalila: Eu sofri um derrame. Toda torta!

Eu: Na Suíça?

Dalila: Não, no Brasil. Toda torta por causa desse nariz.

Eu: Por quê?

Dalila: Eu tomei duas anestésias em menos de 6 meses. Eu fiz o peito e fui pra Suíça.

Eu: Ah.

Dalila: Quando voltei da Suíça, imagina, eu estava rica. Eu vou te mostrar aqui uma foto. Eu tinha o nariz grande. E eu era considerada Deusa. O meu nome estava no meio das 10 mais da época. E aí eu pensei assim: «Imagina, se eu sou belíssima com esse nariz grande, imagina depois que eu fizer o meu nariz de boneca». Você vê, não é um nariz feio, mas eu vou te mostrar uma foto. [...] A minha sorte é que pelos meus pais trabalharem na área

Encarnando a europeia

médica, eles sabiam todos os recursos que poderiam ser feitos comigo. Então, o que que acontece? A primeira coisa tiraram do... porque entraram no hospital público, né? Me tiraram do hospital público e colocaram no particular. Eu tinha dinheiro, podia pagar, né? E assim, eu fiquei, eu perdi 5 anos da minha vida pra mim me recuperar, entende?

A primeira propriedade do capital corporal está relacionada às suas características físico orgânicas. Portanto, para mulheres trans e travestis o biótipo do corpo pode trazer facilidades ou assujeitamentos na construção de um determinado tipo de feminilidade. Débora, 35 anos, nascida em Fortaleza - CE, transexual, ensino secundário completo, mãe comerciante e pai garçom, colabora no entendimento da problemática sobre o corpo «natural» ao relembrar das represálias que sofreu de outras mulheres trans e travestis após migrar para São Paulo e ainda não ter modificações corporais. No entanto, as representações sobre ela mudaram após a retirada da sua roupa em frente das colegas de casa e do reconhecimento por parte destas do seu corpo «naturalmente» feminino, demonstrando a importância do reconhecimento do grupo no seu sentimento subjetivo de segurança ontológica:

Débora: Aí elas disseram pra mim: «Nossa [dona da casa] isso é o homem que veio de Fortaleza? Nossa, não vou nem tirar a roupa na frente deste homem, isso é um homem». Ai eu quietinha. A [dona da casa]: «Coloca as coisas ali, aqui é 10 reais por dia, quando for noite eu vou te levar pra rua. [Amiga de Débora] ajuda a sua amiga que veio de Fortaleza, vai... Coloca ela no lugar e tudo ok». Fui me ambientando, tudo, aí elas todas olhando pra mim, eu fui pro quarto porque eu estava muito cansada e quando eu tirei a blusa elas: «Ah, ela tem corpo de mulher, ela aiii». Ai todo mundo já queria ficar minha amiga porque eu já era assim ó, que nem uma Barbie. A cara que tipo... Tinha a mudança dos hormônios, mas não tinha...

Eu: Você tinha barba?

Débora: Nunca tive, eu tenho aqui ó, tipo aquelas penugens que tenho aqui no braço. [...] Mas eu sempre tive uma coisa, eu já nasci com cintura fina e meu quadril é largo, sempre muito quadril, muito cabelo.

Dalila é outro exemplo de como o biótipo do corpo colabora na constituição de um capital corporal específico. Para Dalila, a sua estatura é um elemento facilitador na materialização do seu projeto corporal e na passabilidade, partindo do pressuposto que mulheres cis são geralmente mais baixas. Sua fala demonstra também a importância da passabilidade como uma estratégia de invisibilidade perante a transfobia social:

Encarnando a europeia

Dalila: Eu tenho uma facilidade, uma coisa que me ajuda muito, que é o tamanho. Eu tenho 1,63m. Sou pequenininha, sabe? Sou bem-feitinha de corpo. Então, assim, eu fico invisível na rua. Pra pessoa realmente ter a certeza, ela tem que me olhar muito, ela tem que estar procurando alguma coisa...

Eu: Procurando alguma coisa para te ver.

Dalila: É. Porque eu sou invisível. Eu tenho amigas assim, que são mais volumosas, que são grandonas.

As narrativas de Dalila e Débora demonstram as negociações entre o corpo que têm e o capital corporal que almejam. Ser baixa, ter um corpo com curvas e não ter barba é compreendido como uma vantagem por Dalila e Débora, na obtenção de uma corporalidade feminina, quando comparadas com outras mulheres trans e travestis que conhecem. No entanto, os assujeitamentos do corpo também estão relacionados às representações que o seu grupo de pares detêm sobre o corpo ideal e à referência para o seu projeto corporal. Se para ambas os assujeitamentos do corpo foram utilizados de modo positivo na constituição de suas corporalidades, para outras mulheres trans e travestis as características físico orgânicas do corpo podem ser um empecilho na obtenção do projeto.

Por exemplo, no caso de Luna: «E eu tenho um trauma imen... Nossa eu odeio ser alta, eu não suporto ser alta, eu não suporto essa minha altura. Na minha casa só eu sou alta! Tipo, meus irmãos são todos pequenos, meu pai, minha mãe é pequena, mas a minha vó...». Estas questões objetivas servem de base para as ações futuras e estão relacionadas com a primeira propriedade do capital corporal. No entanto, o capital corporal também é performance e movimento colocado em prova nas atuações em vida social. Luna, ao refletir sobre como expressa sua feminilidade, explicita as relações entre o capital corporal e a *hexis* corporal:

Luna: Eu acho que, apesar de ser grandona, eu sou delicada assim, sabe assim.

Eu: Sim

Luna: Eu gosto do meu jeito. Que eu me porto, o jeito que eu... me expresso. Eu acho que isso, mostra assim, tipo a minha feminilidade assim, nisso também. Mas tem vezes que eu olho assim pra mim, que eu me acho machuda. Sabe, tem vez que eu olho assim pra mim: «Ai hoje estou bonita». E, tem dia que eu olho pra mim eu falo assim: «Nossa, Jesus, machuda. Como que eu vou sair pra rua com essa cara de homem». Não sei se é porque não... Tem esse negócio de eu querer fazer feminilização no meu rosto, entendeu? Mas o que eu acho assim que eu apesar de grandona, que eu vejo assim, eu acho que eu tenho jeito... sabe assim?

A performatividade feminina e as suas disposições específicas foram encarnadas por Luna de um modo em que não é necessário pensar ou racionalizar os movimentos do seu corpo. O que era uma ideia, tornou-se matéria/ação. O corpo como signo é significado nas relações sociais que estabelece. Portanto, o capital corporal passa a ser lido a partir dos signos que apresenta e, neste caso, dos movimentos que realiza na corporificação de uma representação. Luna, ao performatizar os movimentos relativos ao seu capital corporal, é interpretada em seus locais de inserção social como feminina, o que cumpre os seus objetivos de investimento corporal. Em uma análise macro, o corpo e a performance de Luna demonstram os processos ficcionais de (re)produção de corpos generificados. O gênero é uma ficção política concebida pela incorporação de tecnologias, signos, representações e performances (Preciado, 2014, 2018; Butler, 2010).

Alguns dos assujeitamentos do corpo, na constituição do projeto corporal, podem ser resolvidos por procedimentos biotecnológicos. Normalmente os procedimentos mais invasivos e, conseqüentemente, mais dispendiosos, do ponto de vista econômico, são realizados quando as bases do projeto corporal estão «lapidadas» e existe um maior conhecimento sobre os procedimentos necessários para materialização do projeto. É o caso de Maya, 48 anos, nascida no Rio de Janeiro – RJ, travesti, ensino secundário completo, mãe e pai comerciante, e que, depois da hormonização e próteses de silicone nos seios, resolveu passar por uma redução de estômago. Sua fala demonstra também as imposições de beleza e suas relações com a gordofobia:

Eu: Você estava falando da cirurgia, e o que isso mudou na relação você e seu corpo?

Maya: Ah... Mudou 100%. Eu tinha vergonha de ir pra uma praia, de botar um biquíni, pensa numa bixa imensa com biquíni, igual a um elefante?

Eu: E, como era isso pra você, sendo trabalhadora do sexo e ser gordinha, o que você sentia?

Maya: Quando eu resolvi vir pra Itália, antes de eu vir, eu já comecei a fazer uma dieta, eu já vim bem mais magra... Bem mais magra. Eu ia ganhar o que aqui? Nada! E, naquela época corria da polícia, na Itália, a polícia prendia sem documentos, já ia expulsar pro Brasil, né? Eu gorda igual uma vaca ia correr como? Como eu ia correr?

Eu: Uhum. Então, você não teve 140 kg ontem, você teve 140 kg há muito tempo atrás?

Maya: Há muito tempo atrás. Aí fiz uma dieta antes de vir pra cá, entendeu? E depois eu vim fazendo as cirurgias, com as condições financeiras depois que eu cheguei aqui, né? Aí, fiz a lipo um ano depois, fiz depois de seis meses, entendeu? Então, eu fui aos poucos lapidando meu corpo, entendeu?

As imposições do corpo sujeito são negociadas por intermédio das possibilidades ofertadas para o desenvolvimento de um corpo plástico na encarnação do projeto. A obtenção do capital corporal almejado possibilita uma autoimagem positiva de si. Na fala de Flora podemos compreender o papel da materialização do projeto corporal no sentimento de autoestima e satisfação pessoal após obter as suas próteses mamárias:

Flora: Quando eu me olho no espelho, todos os dias, tirando o fato de estar acima do peso alguns quilos, só isto que me incomoda (tom de voz com risada), eu sou totalmente realizada quando eu vejo minhas mamas, meus peitos, eu fico: «Ai, ai, ai que felicidade». Que isso é uma realização tão grande dentro de mim, que me dá até força no momento que eu estou triste, abalada, com... Com o mundo que vai me... A vida, as pessoas que vão jogando a gente às vezes... Um pouco para baixo, que acontece, ninguém tá sempre para cima todos os dias, um dia você tá o uó, como se diz. Esta realização quando eu vou no espelho e vejo, eu fico feliz, me muda, já volta a Flora: «Ahhhh, tá gostosa querida, tá com peitão, quer mais o que? Tá reclamando, não tinha peito, agora você tem». E aí, bota um decote, bota... Eu falo comigo mesma. Para mim me ultrapassar, né?

Os limites do corpo também estão relacionados ao processo de hormonização. A auto-hormonização é uma prática recorrente entre mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo, normalmente relacionada à falta de acesso aos serviços públicos de saúde. Ademais, algumas das interlocutoras utilizam o Viagra²⁹ conjuntamente com os hormônios, para viabilizar melhores performances sexuais nos territórios do trabalho sexual. No caso de Luna, o coquetel farmacopornográfico auto administrado, composto por estrogênio, progesterona, testosterona e Viagra, levou o seu corpo ao extremo: «[...] mas até então, eu não imaginava que fosse por causa dos hormônios, porque, tipo assim, às vezes quando eu ia fazer programa eu, às vezes, eu saía com mulher. Então, pra atender mulher, às vezes eu tomava um Viagra. Então, na minha cabeça aquele enjoo que eu sentia era por causa daquele azulzinho do comprimido». Após passar mal algumas vezes, ela resolveu consultar um médico e recebeu o diagnóstico de arteriosclerose:

Fui pro hospital e fui procurar, aí o médico: «Ah já vi, já o que você tem, você tá com uma veia entupida». Aí eu peguei e fui, comecei a tomar uma medicação super cara, mas aí, minha família me ajudou, eu consegui comprar. Comecei a tomar essa medicação e realmente achei que eu tinha melhorado. Eu achei que eu tava bem já. E aí, eu peguei nesse dia, eu fui pra minha casa. E aí, eu dormi e acordei sentindo uma falta de ar que eu não

²⁹ No Capítulo V analiso a utilização do Viagra como uma prótese/estratégia do trabalho sexual centrada no pênis e suas secreções.

sabia explicar da onde eu tinha essa falta de ar. Só que aí como começou a me incomodar muito e eu moro perto de um hospital, eu fui no hospital. Aí chegou lá no hospital quando eu comecei a fazer o eletro, eu enfartei. [...] Aí a moça falou pra mim que eu tinha um problema sério no coração, que eu não podia levantar, que eu não podia fazer nada, que eu ia fazer um cateterismo, aí foi fez um cateterismo. Aí no dia do cateterismo, eles viram que eu não estava com uma veia entupida, eu tava com 3 veias entupidas, por conta do bendito hormônio, entendeu? Aí teve, tive que...

Eu: Nossa

Luna: Tive que abrir aqui [aponta para o peito e mostra uma cicatriz]. E agora não posso mais tomar hormônio.

Os problemas de saúde enfrentados por Luna devido a autoadministração de hormônios são frequentes entre as interlocutoras. Por exemplo, Safira, Maya e Flora deixaram de tomar hormônios devido à falta de ereção no trabalho sexual³⁰. Mariana foi recomendada pela sua endocrinologista a fazer uma pausa dos 17 aos 19 anos, depois de ter problemas no pulmão e no fígado, além das alterações de humor: «É como se fosse uma TPM (Tensão Pré-Menstrual), porque é quando eu sinto cólica. É quando eu estou com enxaqueca, é quando eu estou mal-humorada». Tainá finalizou o processo de hormonização depois de ter depressão em 2012, por receio de agravar sua saúde mental. Janaína e Sheila também pararam após a cirurgia de próteses mamárias de silicone. Verônica, já no início do processo de hormonização, reclamava do *stress*, das espinhas e das tonturas. Enfim, com exceção de Mariana, Verônica e Yara, que continuam a hormonização e também não realizaram cirurgias estéticas «mais invasivas». Conforme discutido anteriormente, todas as outras interlocutoras afirmam que, apesar dos benefícios da hormonização no início da produção do capital corporal e sua importância como rito de passagem identitária, após a realização de cirurgias estéticas permanentes, a hormonização é deixada de lado devido aos efeitos colaterais e/ou receios com a saúde a longo prazo.

Enfim, os assujeitamentos e as diferenças nas biografias corporais perpassam os entrelaçamentos e negociações entre as desigualdades de classe social, o suporte familiar, as características de racialização, as técnicas de modificações corporais disponíveis nos contextos históricos com suas respectivas culturas somáticas e as diferenças geracionais relacionadas a estes enquadramentos na constituição de disposições para a modificação do corpo, que consubstancializam o projeto de corpo. Portanto, o capital corporal é constituído a partir dos limites econômicos, sociais, físico-orgânicos de cada corporalidade e as

³⁰ Análises sobre a relação entre uso de hormônios, falta de ereção e o trabalho sexual estão também no Capítulo V desta tese.

possibilidades biotecnológicas disponíveis nos distintos contextos de circulação no tempo e no espaço. Logo, nos próximos capítulos, busco compreender como a mobilidade para Europa torna-se um ponto de viragem nas trajetórias de vida e biografias corporais em função dos diferentes projetos de mobilidade, com a acumulação dos capitais da vida e com as alterações nos patrimônios de disposições advindas com o trânsito geográfico.

Capítulo III

Mobilidades geográficas de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras

*Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus*

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
(Luedji Luna, Um corpo no mundo, 2017).*

Este capítulo busca compreender e analisar a importância da mobilidade para a Europa na percepção de mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo. Assim, apresento as teorias que colaboram para a compreensão da mobilidade na contemporaneidade e o conceito de capital de mobilidade. Posteriormente, identifico as experiências de algumas das interlocutoras nos campos prostitucionais brasileiros e a relação que estabelecem com as redes de pessoas, lugares e capital social na conversão deste para capital de mobilidade. Paralelamente, analiso os distintos modos de obtenção deste capital específico na efetivação do trânsito geográfico e as motivações para realização da mobilidade.

Capital de mobilidade: redes de informações, pessoas e lugares

A mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis para Europa demonstra a importância das redes de apoio e/ou capital social na efetivação do projeto migratório. No entanto, antes de adentrar as trajetórias de vida das interlocutoras é necessário compreender o papel da migração, da globalização e da mobilidade na realidade contemporânea. Assim, nesta seção, busco apresentar as distintas perspectivas sobre o

trabalho do sexo transnacional pelos Estados, Movimentos e Teorias Feministas e as discussões, conceitos e abordagens sobre a mobilidade de pessoas nas Ciências Sociais.

As discussões sobre a prostituição transnacional de pessoas trabalhadoras do sexo são permeadas por discursos divergentes sobre migração e Direitos Humanos. No decorrer da década de 90, ocorreu uma intensificação das preocupações dos Estados sobre o tráfico de pessoas para a indústria internacional do sexo. Isso ocorreu, principalmente nos países do continente europeu, que intensificaram as operações policiais justificando a necessidade de combater a exploração de mulheres de países pobres por meio de discursos relacionados à vitimização e à criminologia (Piscitelli, 2007). Apesar das ambiguidades e desacordos entre os diferentes grupos de interesse, foram tomadas disposições legais como o Protocolo de Palermo «[...] elaborado em 2000, que é o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, repressão e Punição do tráfico de pessoas, em especial mulheres e crianças*» (Piscitelli, 2007, s. p.). Piscitelli (2007) salienta que a principal preocupação dos Estados Europeus com a violação dos direitos de migrantes é a obsessão com a situação irregular das pessoas de países pobres.

Assim, foram criadas políticas nacionais e internacionais que impedem a mobilidade de pessoas que vivem em países subdesenvolvidos, como, por exemplo, a América Latina, a África e o Leste Europeu. Os discursos dos países ricos cometem equívocos no conceito de tráfico de pessoas e transformam-no em justificativa para o aumento da violência e das perspectivas anti-imigração (Silva, 2010). No contexto brasileiro, o Código penal não contempla a possibilidade de migração para exercer o trabalho do sexo e proíbe o recebimento de auxílio de outras pessoas para efetivação do projeto migratório. Tal fato gera um processo de criminalização das estratégias de acionamento das redes de pessoas e colabora para o aumento da marginalização de mulheres trans e travestis (Teixeira, 2008). Portanto, as abordagens dos Estados deixam de lado as motivações racionais e subjetivas das pessoas envolvidas no mercado internacional do sexo e reitera o interesse dos países desenvolvidos.

No interior dos Movimentos Feministas, encontramos também posições díspares. A concepção abolicionista, desenvolvida principalmente pelas feministas radicais durante as décadas de 60 e 70 do século XX, associa o trabalho do sexo à diminuição do estatuto social

* (Nota da autora) De acordo com o Protocolo de Palermo a expressão «tráfico de pessoas» significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo a ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares à escravidão, a servidão ou a remoção de órgãos (Artigo 3-a).

da mulher, que se torna um objeto a ser comercializável e não reconhece a diferença entre trabalho forçado e trabalho voluntário (Ramalho, 2012). As críticas também são direcionadas aos Estados que regularizam, toleram ou legalizam o trabalho do sexo, uma vez que estariam violando os Direitos Humanos.

Por outro lado, temos a concepção dos movimentos de pessoas trabalhadoras do sexo e feministas liberais na década de 70, que compreendem a prostituição como forma de trabalho e tecem diferenças entre a ocupação forçada e a voluntária, reconhecendo o poder de escolha e a autonomia das pessoas que desempenham o trabalho do sexo. Esta perspectiva reivindica também direitos para as pessoas trabalhadoras do sexo, a melhoria das suas condições de trabalho, segurança, cidadania e o reconhecimento social da ocupação profissional (Ramalho, 2012). Nesta abordagem, o tráfico e a exploração não se vinculam automaticamente com a prostituição internacional (Piscitelli, 2007). Portanto, para o entendimento da problemática, é necessário compreender os interesses e as motivações subjetivas das pessoas inseridas no trabalho do sexo, que estão além dos discursos que criminalizam ou vitimizam quem vive esta realidade, ouvindo suas inquietações, desejos, expectativas etc. No fundo, há a reflexividade que é construída acerca e por meio dos seus trânsitos. Esta foi uma das questões chave no momento da produção dos dados.

As discussões sobre emigração também têm gerado debates nas Ciências Sociais nas últimas décadas e colaborado na compreensão das desigualdades entre o Norte e o Sul do globo terrestre (Bauman, 2003; Cohen, 2005; Jensen, 2011). A globalização diminuiu as fronteiras entre os espaços geográficos e sociais, possibilitou processos de interação cultural e evidenciou a complexidade dos problemas globais, como, por exemplo, as crises humanitárias, políticas e do mercado financeiro, as mudanças climáticas e o aprofundamento da pobreza em diversas regiões do mundo (Bauman, 2003). Se, por um lado, o desenvolvimento das tecnologias de transportes possibilitou a circulação constante de pessoas ao redor do globo, por outro, nunca foi tão evidente que esta possibilidade está disponível sobretudo a uma elite com acúmulos de capitais de ordem econômica, cultural e/ou social (Cohen, 2005; Cresswell, 2010). É interessante notar, porém, que não é somente a elite financeira que tem acesso facilitado à mobilidade, mas inúmeros agentes bem posicionados em seus campos, devido ao processo de democratização da mobilidade e devido à crescente interconexão dos campos profissionais locais com o contexto global, como algumas das trabalhadoras do sexo desta pesquisa, nômades digitais, artistas criativos etc.

As pesquisas envolvendo a mobilidade têm demonstrado que a possibilidade de efetivação do trânsito geográfico é um recurso, um capital. Uma prática que reflete as

estruturas hierárquicas de poder, geradoras de status e demarcadas pelos marcadores de racialização, gênero, idade e classe (Hannan, *et. al.*, 2006). Como tal, é uma prática investida como um recurso a ser capitalizado em outras dimensões da vida e, simultaneamente, uma prática que precisa de recursos diversos e desigualmente distribuídos para ser concretizada. Compreender a mobilidade como um recurso é perceber o papel das forças internas e externas nas motivações para realização do trânsito, mas também o papel da conversão de capitais (recursos) acumulados durante o percurso de vida para efetivação do projeto de mobilidade.

Nesta perspectiva, a mobilidade é compreendida como um fator de impacto na vida subjetiva, social e coletiva, demarcadora de diferenças e desigualdades nas trajetórias de vida das pessoas na contemporaneidade. Assim, compreender a mobilidade como capital é perceber que pessoas são encorajadas e têm suas mobilidades legitimadas. Compreender também quais pessoas têm os seus trânsitos negados e percebidos como inaceitáveis, ou ainda, como as mobilidades de algumas pessoas estão relacionadas à imobilidade de outras (Cresswell, 2009, 2010).

No interior deste debate, Oliveira e Kulaitis (2017) definem o *capital de mobilidade* como os conhecimentos adquiridos com pares/rede de pessoas e informações, familiares, acúmulo de experiências migratórias e de suas formalidades administrativas, conhecimento de idiomas que possibilitam e facilitam a efetivação do trânsito. Mais do que isso, o capital de mobilidade também está relacionado a questões jurídico-políticas que legitimam a circulação da pessoa. Este capital está materializado em passaportes e em documentações necessárias para a obtenção da cidadania no país de destino. Assim, podemos pensar em um patrimônio de disposições¹ para a mobilidade, ou seja, disposições que são produzidas e cuja (re)produção depende das experiências vividas, acumulativas, transferíveis e reflexivas adquiridas durante a trajetória de vida e que favorecem a possibilidade real e o desejo cultural de efetivação da mobilidade e circulação pelo globo terrestre.

Como exemplificação deste patrimônio de disposições, pode-se citar rede de informações e pessoas, compreensão da diversidade cultural, observação e sistematização do sistema de crenças, modos de pensar e agir que constituem a reflexividade e que são instrumentalizados para efetivação do projeto de mobilidade e inserção no país de destino. O capital de mobilidade «reflete-se no aumento da capacidade individual de integração, de empregabilidade, de mobilidade e/ou de migração. Em associação com os capitais cultural,

¹ Oliveira e Kulaitis (2017) ao utilizarem a Teoria da Prática de Pierre Bourdieu definem o *habitus* migrante. No entanto, não incorporam as críticas de Lahire (2005) ao conceito do *habitus*, relacionadas à falta de reflexividade, conforme discutido no Capítulo I desta tese.

simbólico, social e econômico, tende a produzir indivíduos-mundo» (Oliveira; Kulaitis, 2017: 42-43). Portanto, as experiências vividas, os capitais acumulados e os patrimônios de disposições com seus respectivos processos de transferibilidade, adaptação, validação e conversão dos capitais tornam-se questões-chave para compreender a trajetória da pessoa migrante.

Além destes indicadores, questões macro e micro sociológicas são determinantes para compreender os fatores contextuais/motivacionais da mobilidade. Neste sentido, as teorias macrossociológicas da migração evidenciam a força da estrutura no condicionamento das escolhas da pessoa, como, por exemplo, o contexto econômico e social no processo de tomada de decisão, e as teorias microsociológicas que evidenciam os motivos individuais da ação dos agentes (Peixoto, 2004). Especificamente sobre a mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras para o mercado sexual Europeu, tornam-se preponderante trazer para esta discussão as questões políticas sobre o trabalho sexual e os direitos de pessoas transgêneras no país de destino, os acordos bilaterais entre os vários países do continente europeu e o Brasil, as representações sociais sobre o Brasil, a brasilidade, a Europa e o racismo.

Pelúcio (2011) demonstra que as viagens à Europa são interpretadas pelas travestis como a possibilidade de conhecer novas culturas, de conseguir um companheiro que as assumam publicamente², e de prosseguir com a construção das suas corporalidades, devido ao acúmulo de capital econômico e à sua conversão em capital corporal. Imaginam, assim, a possibilidade de construção de uma história positiva de si – que não necessariamente se realiza –, em contraposto à situação de abjeção que vivenciam no Brasil. No fim dos anos 60, Paris tornou-se o primeiro destino das mulheres trans e travestis brasileiras na Europa, inicialmente para apresentaram-se nas casas de cabaré. A liberdade que tinham na capital francesa, o acesso às técnicas de feminilização, o respeito pela sua identidade de gênero e a possibilidade de vivenciarem a feminilidade 24 horas por dia, eram os principais motivos para a realização da mobilidade. Com a saturação da presença de travestis e mulheres trans brasileiras nos cabarés, o trabalho sexual nas ruas tornou-se um modo de ganhar muito dinheiro, o que intensificou o fluxo na década de 70. A partir de 1984, o Estado Francês

²As percepções das mulheres trans e travestis desta pesquisa sobre esta temática são díspares. Por exemplo, Luna ficou surpresa com os inúmeros convites de clientes para jantar, enquanto Yara diz que: «[no Brasil] lá é diferente, querendo ou não, mesmo gayzinho, eles já namoravam, andavam de mãos dadas. Hoje, aqui, um homem, ele gosta de ficar com uma travesti, mas você não vê um português, muito difícil, com uma travesti perante a sociedade. Aí, é mais fácil ver um brasileiro, que meta a cara e conviva com a travesti».

começa a pedir vistos de ingresso para entrada de turistas, o que dificultou a entrada no país (Vale, 2005; Vartabedian, 2010).

Na década de 90, o principal destino das trans, que se aventuravam nesse tipo de mobilidade, era a Itália, apontada como referência de *glamour* e de sucesso. A repressão do Estado italiano sobre as pessoas trabalhadoras do sexo, as políticas de Berlusconi e o grande número de profissionais nas ruas italianas, fez com que o fluxo de emigração dispersasse por outros países da Europa do Sul, como Madrid e Barcelona. Com o desenvolvimento da crise europeia em 2008, a solução encontrada pelas mulheres trans e travestis foi intensificar o deslocamento entre inúmeros países da Europa, na tentativa de diminuir as perdas de lucros (Pelúcio, 2011).

Foram estas mudanças contextuais que inseriram Portugal no fluxo de mobilidade de mulheres trans e travestis, conforme será possível perceber no decorrer deste capítulo. No entanto, as pesquisas que abordam especificamente a mobilidade para Portugal são ainda muito poucas,³ o que torna a minha pesquisa relevante para compreender as reconfigurações nos fluxos de mobilidade de mulheres trans e travestis brasileiras para o mercado sexual europeu, nomeadamente em circulação por Portugal/Lisboa.

Se os fluxos de mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras podem ser estruturalmente compreendidos à luz dos contextos histórico, político e econômico dos países envolvidos, as discussões sobre trabalho sexual demonstram a importância do capital de mobilidade como um recurso e a circulação por diversos territórios do trabalho sexual como um desejo. Nesse sentido, Agustín (2000: 2) afirma que:

El hecho de tener un trabajo dentro de la industria del sexo no le quita al migrante su papel transnacional. Además, los prostitutas y las prostitutas migrantes son un fenómeno especial: es normal que no se asienten en un lugar a vivir. Siguen migrando o, mejor dicho, siguen viajando. A la trabajadora sexual que hoy encuentras en Madrid puedes encontrarla mañana en Paris, el próximo mes en Amsterdam y al año otra vez en España. Y no es el resultado sólo de esfuerzos de esquivar los controles policiales; existe una cultura en la que se quiere conocer Europa y en la que se tiene sus sitios preferidos. Aunque son a menudo pobres e ilegales, muchos viajan de manera cosmopolita (Augustin, 2000: 2).

³ A pesquisa produzida recentemente por Belizário (2018) sobre emigração para Península Ibérica, com foco nas discussões pós-coloniais e queer na compreensão das experiências trans e travesti, teve o seu trabalho de campo concentrado nas cidades do centro e do norte de Portugal e em Barcelona, na Espanha.

Portanto, a história da mobilidade de travestis e mulheres trans brasileiras para a Europa evidencia as políticas dos Estados Nação como limitadores na busca por melhores oportunidades da inserção nos campos do trabalho sexual, das estratégias de circulação na busca por melhores oportunidades financeiras e, em suma, da própria agência da trabalhadora do sexo.

Outro aspecto importante para compreender os fluxos de mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras para a Europa, está relacionado com a importância das redes na efetivação do projeto migratório. A teoria das redes migratórias sublinha o papel ativo da rede na escolha do local, na recepção da pessoa no país de destino e inserção no mercado de trabalho (Peixoto, 2004; Piselli, 1998). As trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras não atuam sozinhas, mas estão inseridas em uma rede de pessoas, familiares, conterrâneos ou agentes/conhecidos promotores da imigração, que fornecem informações, escolhas disponíveis, apoio jurídico e outro tipo de apoios para efetivar a mobilidade temporária/permanente no local destino.

As redes de sociabilidade também colaboram na produção, transferência e atualização dos patrimônios de disposições para a mobilidade, por exemplo, com os conhecimentos necessários para efetivação do projeto migratório. É com as amigas, *mães* ou *madrinhas* que as travestis e mulheres trans mais jovens conseguem informações sobre o mercado do sexo, local para trabalharem no país de destino e/ou dinheiro para financiarem sua viagem para a Europa (Silva e Ornat, 2012; Pelúcio, 2010; Carrijo, 2011; Teixeira, 2008). Conforme salientado por Arango (2003: 19):

Las redes migratorias pueden definirse como conjuntos de relaciones interpersonales que vinculan a los inmigrantes, a emigrantes retornados o a candidatos a la emigración con perientes, amigos o compatriotas, ya sea en el país de origen o en el de destino. Las redes transmiten información, proporcionan ayuda económica o alojamiento y prestan apoyo a los migrantes de distintas formas (Arango, 2003: 19).

Piscitelli (2007) reverbera estas afirmações em suas pesquisas sobre a inserção das pessoas trabalhadoras do sexo brasileiras na Europa. Em seu trabalho de campo, em Espanha, constatou que as trabalhadoras envolvidas no mercado do sexo chegavam ao país por meio do acionamento de redes informais. Piscitelli (2007) verificou também que, apesar das trabalhadoras em situação de mobilidade terem de pagar juros pelos preços da passagem e do local de trabalho, isto não é visto como exploração, mas como *ajuda*. Somente quando os

juros são muito altos é que elas consideram a situação como exploração. Assim, neste capítulo, busco demonstrar como o capital social das mulheres trans e travestis brasileiras funciona como compensação da falta de capital econômico para alcançarem a mobilidade, tornando-se numa questão-chave para compreender esta problemática.

Se a *ajuda* enfatiza a importância do coletivo no sucesso do projeto migratório, o termo êmico *juízo* reconhece a relevância das ações individuais no sucesso da mobilidade e está relacionado principalmente ao controle de si. A categoria *juízo* pode ser compreendida como a sabedoria necessária para ter triunfo na mobilidade: por exemplo, ter cuidado ao usar drogas com os clientes, não tornar-se dependente, não envolver-se afetivamente com clientes, cumprir as regras da pista no convívio com clientes e outras pessoas trabalhadoras do sexo, ter responsabilidade com os ganhos e gastos de dinheiro, com o investimento do capital econômico adquirido na Europa em um negócio rentável no Brasil, com o envio de remessas para a família etc. Ou seja, o *juízo* torna-se a uma categoria moral e neoliberal significativa de que o coroamento de sua experiência na Europa depende apenas de si. Por exemplo, a volta para o Brasil sem dinheiro em decorrência da dependência química é frequentemente interpretada como falta de *juízo*⁴ (Teixeira, 2011).

A identificação da importância das redes na encarnação das identidades trans e travestis são recorrentes nas pesquisas sobre este grupo social (Silva, 1993; Benedetti, 2005; Vale, 2005; Bento, 2006; Pelúcio, 2007; Kulick, 2008; Duque, 2011; Pessoa, 2013). Conforme discutido no capítulo anterior, é com outras mulheres trans e travestis, normalmente mais velhas e experientes, que as jovens aprendem técnicas de modificação corporal, modos de apresentar as suas feminilidades, construindo relações de amizade e afeto, em contraposição ao escárnio que algumas recebem da família biológica quando começam a excorporar atributos de feminilidade. O mesmo ocorre na efetivação do projeto migratório para a Europa. São com as amigas trans e travestis que já retornaram ou estão na Europa que elas alimentam o sonho da mobilidade. Há a representação no interior do grupo de que a experiência de mobilidade possibilitaria não só a ascensão econômica pela via do trabalho do sexo, mas também a acumulação/conversão de capital corporal, social e cultural, conforme será possível perceber no decorrer deste capítulo e no próximo.

O transnacionalismo favorece não somente as trocas econômicas entre os países, mas também a transformação cultural, o sistema de valores e o cotidiano com a circulação de pessoas de um lugar para o outro (Piscitelli, 2007). Eu acrescentaria também a esta lista, no

⁴ Silva e Ornat (2012) afirmam existir a omissão das experiências fracassadas no interior do grupo. Os motivos, quando são elencados, estão sempre relacionados à incapacidade pessoal e não aos elementos sociais.

caso específico da mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras, as biografias corporais, as representações sobre os diversos locais que circulam, as suas disposições para a sexualidade com as experiências advindas com o trabalho sexual etc. Além disso, nos discursos das interlocutoras, é possível perceber a hierarquização entre o Norte e o Sul do mundo, onde «nas comparações com o Brasil é acionando todo um léxico que reproduz hierarquias globais, ao identificarem a Europa com a ‘civilização’ e sua população como mais ‘evoluída’ do que a de seu país de origem» (Pelúcio, 2011: 187). Por outro lado, o Brasil é caracterizado pela pobreza material e cultural, e a Europa é compreendida como luxo e *glamour*:

O glamour é uma categoria nativa que expressa sucesso na feminilização, o reconhecimento público de suas qualidades, sobretudo artísticas e criativas e a possibilidade de materializar isso em bens que remetem ao consumo de luxo. Ao mesmo tempo, o glamour tem sido um operador capaz de criar um contraponto entre as experiências de sucesso e aquelas da abjeção (Pelúcio, 2010: 42).

Portanto, a Europa é compreendida pelas mulheres trans e travestis como o coroamento não só de ascensão social, mas também de melhores possibilidades de aquisição de bens de consumo de grifes internacionais - roupas, sapatos, bolsas, relógios e joias (Pelúcio, 2011) – e de construção das suas biografias corporais. É nesse sentido que Vale (2005) denomina essas viagens como «vão da beleza». Para o autor, a transgressão das fronteiras do corpo e do gênero assume, na experiência de deslocamento transnacional, um sentido específico na construção das feminilidades e subjetividades. Assim, como veremos, a mobilidade possibilita compreender os processos de alterações nas disposições estéticas e biografias corporais e suas relações com a obtenção de um espaço de poder nos territórios do trabalho do sexo.

Trabalho sexual no Brasil e redes de mobilidade interna

Compreender a mobilidade como um capital é perceber como as trajetórias de vida possibilitam o acúmulo de recursos para efetivação do projeto migratório. Todas as interlocutoras da pesquisa acumularam durante seus percursos de vida, no Brasil, capitais de

ordem econômico, e/ou cultural, e/ou social, e/ou corporal que foram convertidos em capital de mobilidade. Ademais, o início no trabalho do sexo de mulheres trans e travestis ainda no Brasil é caracterizado pela mobilidade interna, em algumas trajetórias motivadas pela necessidade de sair do interior para encarnar a identidade gênero e/ou na busca de melhores oportunidades financeiras nas grandes cidades. Assim, nesta seção, busco aprofundar a compreensão sobre a importância das experiências no trabalho do sexo no Brasil, a acumulação de capitais corporal, e/ou econômico, e/ou social, e/ou cultural e suas conversões para capital de mobilidade na efetivação do trânsito para Europa.

As trajetórias de Verônica, Yara, Diana, Débora, Tainá, Janaina, Safira e Dalila no Brasil evidenciam a importância da mobilidade interna para acumulação de capitais. Também podemos perceber, em suas trajetórias, que as experiências no Brasil propiciaram a constituição de disposições para mobilidade. Pode-se citar como exemplo, o entendimento de aspectos relacionados à diferença cultural e às especificidades de funcionamento do campo prostitucional em nível local, ou seja, disposições para a mobilidade (re)produzidas no Brasil e que vão ser transferidas e adequadas na efetivação do projeto migratório e no trabalho sexual. Para este grupo de interlocutoras, a mobilidade para a Europa foi apenas mais uma etapa nos processos de trânsitos geográficos/corporais e seus respectivos processos de alteração, adaptação dos patrimônios de disposições relacionados ao trabalho do sexo e/ou mobilidade e à acumulação/conversão de capitais.

As trajetórias de Verônica e Tainá, nascidas na região norte do Brasil, e Yara e Débora, na região nordeste do país, servem como exemplo. Verônica nasceu em Manaus, no estado do Amazonas, iniciou suas viagens como trabalhadora do sexo aos 17 anos. Suas experiências no campo prostitucional brasileiro incluem os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Foi em Salvador que Verônica desempenhou pela primeira vez uma performance feminina no trabalho do sexo. Tainá também nasceu em Manaus. Apesar de realizar alguns procedimentos de modificação corporal e vivenciar sua feminilidade por meio dos concursos de *drags* da cidade, foi somente com o fim da graduação e a mobilidade para São Paulo para atuar na sua área de formação que a encarnação da sua identidade de gênero adquiriu um caráter permanente. Foi também na maior cidade do Brasil que Tainá teve suas primeiras experiências no trabalho do sexo, apesar de não depender da prostituição para sua subsistência.

Processo semelhante ocorreu com Yara, nascida no interior de Pernambuco e expulsa da residência familiar pelo pai, aos 15 anos. Assim, o trabalho sexual em Recife possibilitou iniciar a encarnação da sua identidade de gênero com a rede de apoio de outras trabalhadoras

do sexo mulheres trans e travestis. Yara descreve este período como sendo o mais feliz da sua vida, caracterizado pelo hedonismo e a ausência de responsabilidades. Débora, nascida em Fortaleza – Ceará, também precisou sair da casa dos pais para excorporar sua identidade de gênero permanentemente. Na ausência de referências trans e descontente com as possibilidades de futuro na sua cidade natal, Débora vendeu algumas perucas, sapatos de salto alto e um celular que ganhou da irmã para migrar para São Paulo, aos 17-18 anos:

Débora: Um dia eu senti no meu coração que lá eu ia acabar sendo, porque eu sabia que em Fortaleza eu ia virar um gay. Estava fazendo o curso de cabeleireiro e tudo. Eu sabia que em Fortaleza eu ia virar um gay angustiado com salão, com minha mãe dentro do salão pra ser companhia da minha mãe, eu não queria isso.

Em São Paulo, Débora conhecia apenas uma amiga, que também havia migrado de Fortaleza. Foi na capital Paulista que ela aprendeu as primeiras estratégias do trabalho do sexo, algumas técnicas de modificação corporal e adquiriu autonomia financeira: «Então, daquela época eu aprendi a capacidade de me manter, a capacidade de ganhar dinheiro, a capacidade de poder acordar no outro dia e ter o meu dinheiro, e gerir a minha vida [...]». Safira também colabora para o entendimento destas questões quando narra as motivações do seu trânsito do Espírito Santo para São Paulo, aos 19 anos: «Eu falei com ele [amigo]: ‘Eu quero ir embora pra São Paulo, aqui não dá mais pra mim eu quero conhecer o mundo, eu quero conhecer a vida, eu quero.... Ir mais além’. Aí eu fui pra São Paulo... Aí, ali começou minha história de vida».

O que as trajetórias de vida de Verônica, Tainá, Yara, Débora e Safira demonstram são os contextos de violência, intolerância, preconceito e tradição existentes em diversas regiões do Brasil e que dificultam e/ou impossibilitam as experiências trans e travestis. Mais do que isso, as trajetórias das cinco interlocutoras certificam as dificuldades de encontrar referências para encarnação da identidade de gênero e a importância das grandes cidades na construção de horizontes mais alargados para pessoas trans e travestis brasileiras. Mulheres trans e travestis são impelidas à mobilidade devido às dificuldades de encontrar referências positivas para constituição das suas subjetividades e corporalidades (Vartabedian, 2018). Portanto, os trânsitos internos nos territórios do trabalho sexual no Brasil colaboram para a constituição de disposições para a mobilidade, podendo também ser compreendidos como um ponto de viragem para acumulação de experiências e capitais a serem mobilizados no exterior.

A mobilidade pelos territórios do trabalho sexual no Brasil, além de colaborar na obtenção de disposições para a mobilidade, colabora na acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal. A trajetória de Diana é mais um exemplo de como a falta de referências nos interiores do Brasil e as associações entre travestilidade/transsexualidade com o trabalho sexual favorecem a entrada na prostituição devido à ausência de outras possibilidades de obtenção de capital econômico. Conforme discutido no capítulo anterior, a família de Diana ofereceu suporte familiar recorrendo a justificativas médico-científicas relacionadas à transsexualidade. Porém, não colaboraram na encarnação da sua identidade gênero. Assim, Diana, resolveu sair da casa dos pais aos 18 anos para viver no interior de Santa Catarina. Foi em uma cidade de 200 mil habitantes que Diana encarnou sua identidade de gênero com o suporte de uma pessoa amiga que conheceu na internet. A descoberta da possibilidade de obter capital econômico com a venda de performances sexuais pode ser compreendida em sua narrativa:

Eu: Me conta um pouquinho sobre o que você aprendeu em [nome da localidade] nesse um ano?

Diana: O que que tu acha que eu aprendi lá? (com voz melosa) [risos].

Eu: [Risos].

Diana: Daí fui pra casa do [amiga], esse menino. Que também estava no processo assim, vamos dizer... Foi ele que me deu a primeira peruca

Eu: Aham, a primeira peruca a gente nunca esquece!

Diana: [...] E daí, aí, foi a parte que... foi a parte que eu comecei, tipo, quando saí com ele a primeira vez vestido pra... [...] Tem umas boatezinhas que é tipo puteiro e coisa assim. Só que eu até então não me prostituía. Porque... Não me prostituía porque acho... Que nem aquela da minha cidade [primeira travesti que conheceu] nunca se prostituiu... Tipo assim, cidade muito de interior, né? Que eu nem imaginava que podia ganhar dinheiro fazendo...

Eu: Fazendo isso...

Diana: Entendeu? Eu só lembro tipo depois de maiorzinho tipo 16, 17 anos, eu chupava o pau de um cara e tipo, na minha cidade mesmo. «Se tu me vê, tu atravessa a rua senão eu te mato». Tipo assim, chupava, fazia, chupava e me ameaçava... Essas coisas eu lembro assim, mas não lembro nunca ter pedido nada, assim, entendeu? Quando eu queria dinheiro, eu roubava da bolsa da minha mãe [risos].

Eu: [risos]. Era mais fácil... [risos] e mais seguro...

Diana: [risos] Sim... Mas daí quando chegou lá... Daí até saiu assim, estava eu e ela e daí chegou um cara assim perto e falou: «Tu é linda». Tipo, eu lembro bem direitinho assim: «Nossa, tu é linda, quanto que é?». Ah?! Tipo, inocente né? «Quanto que é?». E daí, já a minha amiga: «É, dá dinheiro... pega...». Daí, tipo assim, dinheiro pra quê gente? Eu era muito do mato... Tipo, muito ignorante, entendeu? Ignorante não, do mato mesmo sem...

Eu: Não tinha...

Diana: «Não, quanto que é?». Daí eu disse: «Quanto que é o que?». Não sei? Não tô vendendo nada, eu não sei... Daí a minha amiga: «Ai, cobra! A gente

Encarnando a europeia

precisa de dinheiro mesmo...». Daí tipo, se eu disser que me lembro do dinheiro...

Eu: Não lembra...

Diana: Mas ah...

Eu: Foi a primeira vez?

Diana: Sim. Sim. Por dinheiro sim... Já tinha dado, já estava larga.

Eu: Isso eu não tenho dúvidas gata! [risos].

Diana: [Risos] Mas tipo assim, foi... querendo ou não, daí tipo não tava em casa, não tinha mais a ajuda da minha mãe. Em casa nunca me faltou nada, entendeu? Mas fora de casa eu já não tinha mais a ajuda de ninguém. Daí foi aonde que tipo, que...

Tô bonitinha e ainda posso ganhar dinheiro, assim?

Eu: Humm...

Diana: Foi a perdição.

O relato de Diana demonstra a ausência de experiências e a vulnerabilidade que vivenciam muitas travestis e mulheres trans brasileiras no início do processo de encarnação da identidade gênero. A falta de suporte familiar potencializa a precariedade da vida e torna-se um fator de grande constrangimento para o princípio das atividades no trabalho do sexo no Brasil. No entanto, é nos territórios do mercado do sexo que travestis e mulheres trans adquirem capital econômico, agência, autonomia e representações positivas de si. Após as experiências no campo do trabalho do sexo no interior de Santa Catarina, Diana migrou para Balneário Camboriú, cidade litorânea do mesmo estado e um polo turístico da região Sul do Brasil. O sucesso no trabalho do sexo possibilitou a acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal: «Noossa, Camboriú, foi dali que eu tirei o dinheiro do meu peito. Nossa, aquilo ali é uma mina de dinheiro. E querendo ou não, novinha... Tipo, eu bonitinha, né? Necuda⁵. Tipo, rapidinho eu me criei, rapidinho...». A acumulação e conversão de capitais por Diana também podem ser compreendidas como um reflexo do seu *juízo*, patente na sua racionalidade econômica:

E eu tinha uma coisa em vantagem, é que não era tonta, não gastava em besteira. Tipo, dinheiro eu guardava, sempre tive conta no banco do Brasil. Entendeu? Desde pequeno. Então, eu já era mais atiradinho assim porque a maior parte das travesti é meio burrinha pra essas coisas, entendeu? E acaba gastando em bobagem... Eu sempre fui assim, atravessava o rio com o Sonrisal⁶ na mão.

⁵ Termo êmico para pênis.

⁶ Antiácido e analgésico efervescente utilizado contra azia e a dor de cabeça. A frase é um ditado popular brasileiro, simbolizando uma pessoa excessivamente econômica.

Encarnando a europeia

Conforme discutido anteriormente, a biografia corporal de Diana foi reflexo das tentativas de demarcação de poder nos territórios do trabalho sexual com a conversão de capital econômico para capital corporal. O sucesso rápido no trabalho do sexo possibilitou a aquisição de capital corporal materializado pelas próteses de silicone nos seios e nas nádegas e plástica no nariz. No entanto, as disputas no território da prostituição trouxeram dificuldades e violência na relação com outras trabalhadoras, que na perspectiva de Diana, estavam relacionadas ao seu sucesso e sua beleza. A violência sofrida em Balneário Camboriú colaborou na motivação para o trânsito geográfico para Europa. Além disso, Diana conhecia outras mulheres trans e travestis que haviam realizado a mobilidade para o exterior e acumulado capital econômico. Assim, o capital corporal e a posição de sucesso que Diana ocupava no território do trabalho sexual no Brasil chamaram atenção de uma conhecida que financiava passagens, conforme a narrativa:

Eu: Uhum... E, e como que era a ação com as outras trans por exemplo, em [interior de Santa Catarina]? Em Balneário Camboriú?

Diana: Por isso também que eu vim embora. Levei 7 facadas.

Eu: Foda...

Diana: Tem um trocadinho, mas também tem um...

Eu: Mas o que aconteceu?

Diana: Até hoje não sei direito, pra ser bem sincera. Mas é provável inveja assim... ou picuinha de gentalha sabe? Tipo, achar que... [silêncio].

Eu: E você conhecia essas pessoas?

Diana: [silêncio] Da rua.

Eu: Ahmn...

Diana: Da rua [voz baixa].

Eu: E foi sério? Foi muito sério?

Diana: Sério. Foi muito sério.

Eu: Você já tinha os peitos, não?

Diana: Tinha recém acabado de fazer o peito. Sim. Perfurou minhas costas, eu tenho... olha o meu pulmão aqui ó... Entrou água, saindo do meu pulmão [...]

Eu: E foi por isso também que lhe motivou a sair de lá?

Diana: Sim. Também porque aí eu já escutava, já conhecia bixas que tinham ido e que nem eram tão bonitas, e que rapidinho compraram casas, carro no Brasil. Sabe, querendo ou não, né? [...] É como eu te disse, eu num curto espaço de tempo, eu botei, eu fiz tudo o que tinha pra fazer, porque era bonitinha e ganhava dinheiro, e querendo ou não, até pra mostrar pra outras, porque como eu sofria na mão delas, baixinha e por ser feminina, hã, tipo a maior parte era tudo, tipo, eu não uso, eu tenho esse estilo, mas não bebo e nunca usei drogas, não é da minha... Talvez eu fui criado numa cidade muito pequena, não, nunca tive curiosidade, nunca fumei maconha na minha vida. Nunca fumei. Não é de mim. Não sei porquê, mas não gosto. Apesar de ter chance, mas... [...]

Eu: Tu tem... O que que tu tem?

Diana: Botei bunda e botei peito e fiz o nariz.

Eu: Fez tudo isso no Brasil?

Encarnando a europeia

Diana: Tudo no Brasil. E querendo ou não, tipo, não são todas que conseguem se fazer tão rápido. Porque se tu se fizer rápido assim no meio da gente significa que tu ganha realmente bastante dinheiro, é por isso que elas são tão invejosas [...]

Eu: Você ficou quanto tempo no Brasil, ali no Sul? Dois anos?

Diana: Eu fiquei, um pouquinho mais e daí logo conheci a travesti que ofereceu, se eu queria pagar os 10 mil pra ir pra Itália que foi como eu fui a primeira vez. Por isso que eu te falo...

Eu: Ah...

Diana: Eu fiquei pouco tempo.

Eu: Depois de tudo você devia ter 21...

Diana: Mas tudo... É eu já tava, tinha uns 22... Como eu falei sou de [cidade do interior do Rio Grande do Sul], mas tudo... [tosse]. Vim sabendo o que eu ia fazer e vim por isso.

As trajetórias destas interlocutoras, no Brasil, demonstram a relevância de investimentos no capital corporal antes da efetivação do projeto migratório. As biografias corporais de Dalila e Janaina demonstram que o sonho de mobilidade é acompanhado pela necessidade de chegar à Europa com uma corporalidade que faça jus ao sonho de ser europeia. Dalila migrou do Rio de Janeiro para São Paulo aos 17 anos e obteve sucesso no cinema pornô. O capital econômico e social acumulado com as experiências no cinema para adultos possibilitou a conversão destes para capital corporal e de mobilidade. Assim, antes de ir para Suíça, com informações de uma amiga que também fazia parte da indústria pornô, Dalila investiu em seu capital corporal, materializado pelas próteses de silicone de «algas marinhas francesas»:

Dalila: Nenhuma trans fez a quantidade de filme que eu fiz até hoje. Porque você vê falar: «Ah, sou atriz pornô». Fez um filme, dois, três. Eu trabalhei. Fui contratada pela Buttman. Eu sou a única travesti que fez *private*. Sabe aqueles filmes que parece um sonho? Que você começa de batom e termina de batom? Que você sua, que você não transpira? Sabe? Que você está linda ali, com a luz que te deixa com um corpo, sabe, aquele sexo que parece que a pessoa está sonhando? Eu fui a única trans que fez isso. [Descreve uma cena que contracenou com um ator pornô famoso e sua importância na consolidação da sua carreira]

Eu: Que maravilhoso!

Dalila: Sim! Então, o que que acontece? Com 18 anos, eu fiz uma amizade. E, assim, eu me considero uma pessoa muito iluminada, sabe? Eu sou uma pessoa que faço amigos fácil, sabe? Assim, eu pouquíssimas vezes passei por situações assim de falar assim: «Ai, meu Deus, e agora o que que eu vou fazer?». Porque eu sempre, no final, no último fôlego, quando eu estava prestes a cair no fundo do buraco, sempre eu consigo encontrar uma mão que me tira. Graças a Deus eu sou muito abençoada por isso. [...] Quando eu conheci essa amiga minha, ela já tinha vindo para Europa. Imagina?

Eu: Com 17 anos, você conheceu ela em São Paulo ou no Rio?

Encarnando a europeia

Dalila: Não, eu já tinha 18. Em São Paulo. Já fazia filmes, já era Dalila. Eu fui miss São Paulo. Está entendendo? Então, assim, já era alguém. E ela... Nós fizemos uma amizade muito legal. Ela falou: «Amiga, por que você não viaja para Europa?». Eu falei: «Ai, amiga, sério?». Ela falou: «Sério, amiga. Vai pra Suíça. Você vai ganhar milhões lá». Juntei o dinheiro e fui pra Suíça. Eu: Sozinha?

Dalila: Sozinha. Ela me deu o contato de tudo. Aonde eu ia ficar, mas assim, sem saber falar. Fui pra um lugar que eu nem sabia o quanto eu ia pagar.

Eu: E o seu corpo até então? O que que você tinha?

Dalila: Já era... Não. Eu já tinha silicone.

Eu: Tu...

Dalila: Eu botei as minhas próteses... Eu botei as minhas próteses pra viajar pra...

Eu: Pra Suíça?

Dalila: Pra Suíça. Porque na época, até então, não tinha peito.

Eu: E as suas próteses foi com cirurgião?

Dalila: Claro. É algas marinhas. Aperta só! Você já pegou em um peito de silicone?

Eu: Poucas vezes. Peguei em algumas trans.

Dalila: É duro!

A trajetória de Dalila possui algumas similitudes com a de Janaina, em relação à conversão de capital social para capital de mobilidade e o investimento no capital corporal antes da efetivação do projeto migratório. Janaina, nascida no interior do Estado do Paraná, adquiriu informações sobre o campo prostitucional da Suíça com uma amiga que já havia realizado a mobilidade. Após adquirir as informações necessárias e a realização dos trâmites legais de inserção no país, Janaina decidiu investir recursos no seu capital corporal:

Eu: Ok. Aí botou o seio pensando mesmo em ir pra Suíça?

Janaina: Isso.

Eu: E como você...

Janaina: Eu operei meu seio dia... 3 de outubro, dia 26 de novembro eu fui pra Suíça. Antes de operar meu seio eu já tava mexendo com meus contratos, mandando fotos. Assinava contrato mandava pra lá, que eu fui legalmente. Fui com visto de bailarina de cabaré.

Eu: Ah, ok. E como você conseguiu esse contato?

Janaina: Com uma amiga que trabalhou nisso e ela vivia na Suíça.

Eu: Ah, você tinha alguém lá? Essa amiga é de [cidade do interior do Paraná]?

Janaina: [Cidade do interior do Paraná]. Ela era travesti na época que ela trabalhou disso. Colocou seios e tudo, depois ela tirou os seios. Deixou de ser travesti, que ela fez travesti só pra trabalhar na putaria. Ganhou o dinheiro dela, hoje ela já deve tá com 50 e poucos anos, 60 beirando já. Então, ela aproveitou esse dinheiro... Quando a Suíça dava muito dinheiro atrás. Ela aproveitou ficou anos trabalhando nisso, tirou o peito e foi de hominho pro Brasil passear. A família... Quando ela me conheceu, recém conhecida ainda, tinha acabado de conhecer, ela falou: «Janaina, por que que você não faz, isso, isso e isso». Ela começou me explicar, ela falou eu tô

voltando pra lá, eu falo com ele. Ela voltou, falou, me fez o contrato, mandou, eu assinei. Mandava... Eu fui em São Paulo peguei meu visto.

As experiências de Janaina e Diana, além de evidenciarem a importância da acumulação e conversão de recursos, especificamente capital corporal, capital social e saberes de experiência constituídos nos territórios do trabalho sexual no Brasil para capital de mobilidade, também realçam como a mobilidade é estimulada por histórias e experiências de outras trabalhadoras do sexo trans e travestis, que obtiveram capital econômico, corporal, sucesso e amores na Europa. Logo, os trânsitos geográficos e corporais são mais do que desejos. A mobilidade é um ponto de viragem nas trajetórias e biografias corporais de mulheres trans e travestis. É responsável por alterar as percepções sobre si, ressignificar suas relações com o Brasil e seus familiares, como veremos mais adiante.

Diferentes formas de obtenção do capital de mobilidade

Compreendida a importância dos trânsitos geográficos no Brasil na constituição de disposições para a mobilidade, nesta seção, analiso os processos de obtenção de capital de mobilidade. As trajetórias das interlocutoras desta pesquisa demonstram que a constituição do capital de mobilidade pode ocorrer de distintas formas. Podemos perceber quatro tipos de experiências com seus respectivos processos de acumulação de capitais e conversão para capital de mobilidade que possibilitaram a efetivação do projeto de mobilidade. Mariana e Leila chegaram em Lisboa, respectivamente com 17 e 21 anos, por intermédio do capital econômico e de redes de apoio familiar, pessoas que já residiam na cidade. Suas trajetórias são demarcadas inicialmente pela inserção no mercado de trabalho formal em Portugal e, posteriormente, a entrada no trabalho do sexo devido à maior possibilidade de acumulação de capital econômico. Essas duas trajetórias demonstram a transferência do capital de mobilidade pela rede familiar na efetivação do projeto migratório.

Flora, Tainá, Maya e Sheila também não exerciam o trabalho do sexo no Brasil⁷. Elas realizaram a mobilidade com capital econômico próprio e transferência de capital de

⁷ Flora e Tainá tiveram algumas experiências no trabalho do sexo no Brasil, mas não dependiam dele para subsistência. Flora, aos 22 anos, depois de 3 meses trabalhando na pista em Belo Horizonte - MG foi assaltada e violentada por clientes, a experiência traumática teve forte influência nos receios de desempenhar o trabalho do sexo no Brasil. Tainá somente recorria aos territórios do trabalho sexual em São Paulo para as despesas

mobilidade pela rede de pessoas conhecidas e/ou amigas. Flora chegou em Lisboa em 2010, aos 24 anos. No Brasil trabalhava em um salão de beleza e acumulou capital econômico para a cirurgia de próteses mamárias. No entanto, devido ao convite de um amigo que vivia em Lisboa, resolveu adiar o sonho e investir o dinheiro em uma «nova vida». Na chegada em Lisboa, Flora buscou trabalho em salões de beleza, mas devido aos baixos salários e a falta de documentos recorreu ao trabalho sexual. Tainá chegou em Lisboa aos 34 anos, em 2016, para cursar um mestrado. Depois da acumulação/conversão de capitais corporal, cultural, social e econômico como técnica superior no Brasil, resolveu cursar um mestrado em Portugal com ajuda/informações de uma amiga também trans e mestranda. Após algumas tentativas frustradas de trabalho formal, os baixos salários, que impossibilitavam a sua subsistência e o pagamento dos seus estudos, Tainá decidiu iniciar o trabalho do sexo em Lisboa, com o suporte de uma amiga. Maya, aos 30 anos, em 1999, proprietária de um salão de cabelereiro no Rio de Janeiro, foi convidada por uma amiga/prima trabalhadora do sexo para ir para a Itália. Essa amiga colaborou com informações, com ajuda na compra da passagem e com a identificação dos locais do trabalho sexual em Milão. Sheila, aos 36 anos, em 2001, depois de 13 anos trabalhando em uma fábrica de tecidos no interior do estado do Espírito Santo e realizar a cirurgia de confirmação de gênero no Brasil, foi convidada por uma amiga a vir para Portugal. Durante os primeiros 7 anos, Sheila trabalhou na prestação de serviços de limpeza e, posteriormente, iniciou o trabalho em casas de alterne, *sites* de acompanhantes e, finalmente, o trabalho do sexo na pista. Essas cinco trajetórias são demarcadas pela autonomia financeira na compra das passagens, o trabalho do sexo como estratégia de sobrevivência e melhores condições de vida durante a mobilidade e a importância das redes de apoio e capital social na conversão para capital de mobilidade na efetivação do projeto migratório.

Verônica, Yara, Janaina e Dalila foram trabalhadoras do sexo no Brasil, com acúmulo de informações e rede de amigas que já haviam efetuado o trânsito para Europa. Verônica, aos 25 anos, em 2017, viajava/trabalhava frequentemente no Brasil com uma amiga trabalhadora do sexo cisgênera, responsável por incutir a ideia da mobilidade e ajuda necessária para chegar em Espanha e, posteriormente, Lisboa. Yara recebeu de presente de aniversário, aos 18 anos, uma passagem para Paris, de sua amiga também trans e trabalhadora do sexo. A amiga,

relacionadas ao seu lazer, conforme a narrativa: «Tainá: Era pra mim não gastar o meu salário nas minhas despesas. Amiga, eu sempre fui assim: ‘Ah, eu acho um desperdício gastar dinheiro com discoteca, com bebida. Ai, não!’. Eu não gastava. Aquilo parece que não era um salário pra mim. Aí botava anúncio, pagava R\$20 em um... um... na Folha de... na Folha de São Paulo não, era outro nome, jornal pequenininho. Aí eu fazia assim, R\$50,00 ou R\$100,00 eu já nem atendia o telefone, eu já queria... ir pra manicure, fazer manicure, escovar o cabelo, o dinheiro tinha que dar pra fazer cabelo, manicure, comprar uma roupinha, se eu não tivesse e ir pra The Week dar close, dizer que era rica! Eu: [Risos]. Tainá: [Risos]. Não tinha nem um centavo no bolso».

que já estava na capital francesa, foi responsável por ensinar a Yara os conhecimentos necessários sobre o território do trabalho sexual em França. Janaina, aos 22 anos, em 2003, adquiriu informações com uma amiga travesti que trabalhava na Suíça e que foi responsável por realizar contato com o «cabaré» onde trabalhou 8 meses durante a sua primeira vez na Europa. Dalila, aos 20 anos, em 1999, depois de acumular capital econômico, experiências no trabalho do sexo e como atriz pornô, foi aconselhada por uma amiga a ir para a Suíça. Por intermédio desta amiga, também adquiriu informações de como realizar o trânsito e onde trabalhar. Essas quatro trajetórias demonstram a transferência do capital de mobilidade acumulado pelas redes de amizade e/ou capital social no trabalho do sexo no Brasil na efetivação do projeto migratório.

Diana, Débora, Safira e Luna, também trabalhadoras do sexo no Brasil, tiveram suas passagens financiadas por amigas ou pessoas conhecidas durante suas experiências nos territórios do trabalho sexual brasileiro, demonstrando mais uma vez a relevância da acumulação de capital social nos campos prostitucionais brasileiros e sua conversão para capital de mobilidade. Diana, aos 22 anos, teve sua passagem financiada por 10 mil euros para Milão por uma travesti que conheceu no interior de Santa Catarina e que agenciava trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. Ela também acumulou/investiu em um capital corporal que chamava a atenção de outras trabalhadoras do sexo. Débora teve sua passagem para Lisboa financiada por 3 mil euros, aos 21-22 anos, por uma amiga, também trabalhadora do sexo, em São Paulo e que havia realizado a mobilidade um ano e meio antes. O valor do financiamento, que pode ser considerado «baixo», foi justificado pelos fortes laços de amizade entre elas: «[...] a gente era mesmo muito amiga, a gente era amiga... tipo assim, inseparável». Safira, desprovida de informações legais sobre como efetuar o trânsito, mas com algum capital econômico devido à pensão que recebia do seu companheiro falecido, aos 25 anos, foi para Espanha pagando 25 mil reais para uma conhecida, que também ficou responsável por receber sua pensão no Brasil. Luna chegou em Lisboa, aos 37 anos, em 2016, por intermédio de uma pessoa conhecida de uma amiga, que financiava viagens para trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis para diversos locais na Europa:

Luna: Aí o Brasil entrou nessa crise terrível que as coisas começaram a ficar mais difícil ainda, foi quando me vi desesperada e falei, vou pra Portugal. Aí eu entrei pro... Aí a primeira proposta que eu tive foi ir pra Alemanha.

Eu: E como você conseguiu essa proposta?

Luna: Então, eu tinha uma amiga minha que conhecia uma pessoa e às vezes eu falava pra ela que eu queria muito vim, que eu queria. Aí ela falou: «Ah amiga vou te ajudar». Aí um dia tinha uma amiga dela que tinha uma casa na

Encarnando a europeia

Alemanha e queria levar umas travestis, ela perguntou se eu não queria ir. Aí a princípio eu arrumei tudo pra ir pra Alemanha. [...] E aí como eu, tipo assim, eu nunca tinha saído do Brasil, eu nunca tinha viajado. Tipo, o lugar mais longe que fui, tipo no Brasil, foi pra Brasília. Então, eu fiquei com um pouco de receio de sair logo pra Alemanha. Aí eu fui e falei pra minha amiga, porque você não fala pra essa moça, se ela não compra minha passagem pra Portugal. [...] E aí, a minha amiga conversou com essa mulher e ela resolveu comprar minha passagem, mas tipo eu nunca vi ela, eu conheço ela, por tipo, porque eu tenho ela no meu face e pouquinho de conversar com ela por telefone, mas tipo eu nunca vi, ela não me conhece, mas ela comprou minha passagem.

Eu: E tipo, cobrou quanto pra isso?

Luna: 4 mil

Eu: 4 mil euros?

Luna: É, 4 mil euros.

As trajetórias das interlocutoras evidenciam a importância do termo êmico *ajuda* para compreender as redes estabelecidas pelas mulheres trans e travestis na efetivação do projeto migratório. O conceito de *ajuda* pode ser definido como as trocas geralmente assimétricas que podem envolver questões de ordem financeira e/ou demais benefícios. Servem como exemplo, empréstimo de dinheiro para conseguir migrar, inserção no campo do trabalho sexual na Europa, presentes, remessas para a família no Brasil, colaboração de clientes mais próximos na locação de apartamentos na Europa, casamentos com homens europeus, informações sobre onde e como trabalhar, companhia em momentos de tristeza etc. Enfim, a *ajuda*, como todo sistema de dádiva, cria obrigações de reciprocidade e laços de afeto entre ambas as partes e torna-se uma questão-chave no sucesso da mobilidade (Patrício, 2009; Piscitelli, 2011; Pelúcio, 2011; Teixeira, 2011).

Tainá, 35 anos, demonstra na sua narrativa as conexões de *ajuda* entre as trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras na Europa. A *ajuda*, na perspectiva de Tainá é fundamental para o sucesso do projeto migratório. Mais do que isso, a *ajuda* possibilita a criação de laços de afeto e a constituição da família de eleição. O apoio recíproco entre as pessoas da rede facilita a obtenção de informações para aquisição de cidadania e suporte nos momentos de fragilidade emocional:

Eu: E qual é a relação que você tem com as outras meninas aqui, do Brasil?

Tainá: Sabe que é muito engraçado, porque essa coisa de rede, como eu estou lendo, eu estou falando o que eu estou lendo muito. Mas, é muito engraçado. Nesse sítio aqui, nesse apartamento, você vai encontrar muitas pessoas da região do Rio de Janeiro. No [número da porta], você vai encontrar muita gente de São Paulo. No outro, muita de não sei de que. Por quê? Porque a dona da casa, ela é carioca. Ela veio com uma cafetina que é

Encarnando a europeia

carioca, que trouxe outra carioca. E acabou sendo a referência. Então, as cariocas passam muito por aqui e as amigas da carioca, como é o meu caso. A minha amiga é amiga da carioca, que me indicou pra carioca. Então, a gente cria um grau tão grande de afinidades e sentimentos por uma pessoa que você nunca imaginou que ia surgir na tua vida. Porque o nosso grau de sentimento por uma e pela outra é muito grande, porque a gente constrói o novo núcleo familiar. A gente passa a dividir relações, os defeitos, as angústias, tudo na mesma casa. Eu com a dona da casa muito mais, porque eu moro aqui. As meninas só estão de passagem. A gente só ouve as histórias delas. A gente não vê a vida toda, agora eu e a dona da casa, a gente já tem uma relação de amor, porque eu já sei tudo sobre a vida dela. E ela sabe sobre a minha vida. E as relações com as outras vai aumentando, porque vão passando, aí contam um pouquinho da vida. Aí, mês que vem, vem de novo, aí conta mais, daqui a pouco... é uma família grande. Quando você vai ver, quando você vai voltar pro Brasil, você não quer nem ir pra casa da família, quer ir conhecer a casa de todas.

Eu: Então, você se dá bem com as outras meninas?

Tainá: Sim, com todas. Com todas, com todas [repetição]. Algumas a gente acaba dando umas orientações: como abrir a conta do banco, algumas que não tem conta, a gente empresta a conta.

Eu: Essa rede que você fala é legal, isso é legal, porque você tem dimensão do que a gente está falando.

Tainá: Sabe o que é legal, só pra concluir: eu não sei definir isso. Mas, por exemplo, você faz parte dessa rede, tipo, você passou aqui pela casa e tal, mas você aprontou, fez alguma coisa que não foi legal e aí de repente, você está precisando de um apoio de alguém dessa rede. Por mais que ninguém te queira perto, a gente te acolhe e «vai pro teu canto». Eu não tinha visto ainda. A gente faz, porque eu quero ser incluída nesse meio. Elas fazem esse tipo... teve uma que aprontou tudo, mas ainda dá um direcionamento. Não abandona: «Ah, pra ti, fechou as portas». Não é fechou as portas: «Eu estou te ajudando, agora tu segue o teu rumo. Não tem como você se prejudicar, só se você quiser. Se você quiser, aí já era. A gente te deu o rumo». Existe isso. Eu acho que é por esse grau de afinidade, de afeto, que vai se criando.

Eu: Afinal, todo mundo precisa se apoiar. E você conseguiu... qual é a importância da rede pra você se efetivar aqui no seu espaço?

Tainá: Muito, eu estava na rua, sem as informações de amigos, porque até então pra onde eu ia?

Eu: Você ficou no aeroporto... Sim.

Tainá: Entende? Em último plano, lógico que eu ia buscar um hotel. Mas, quando eu estivesse no hotel, eu também ia buscar a rede. Não tem como ela é importantíssima. Eu acho que pra qualquer pessoa que migra de um lugar pro outro.

Portanto, as trajetórias de todas as interlocutoras demonstram a conversão de recursos econômicos e/ou sociais para capital de mobilidade e a importância do capital social, das redes migratórias e da *ajuda* na efetivação da mobilidade para o continente europeu.

Motivações para efetivação do projeto migratório para Europa

As motivações do trânsito geográfico por trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis perpassam questões de ordem subjetivas, materiais e estruturais. Em um contexto macro, a situação de vulnerabilidade, abjeção, falta de inserção no mercado de trabalho, violência, ausência de políticas públicas, estigma e preconceito são alguns dos motivos para deixar o Brasil e tentar construir uma história positiva de si no continente europeu. As marginalizações das suas existências e experiências iniciam-se frequentemente na família e expandem-se por toda a estrutura social, cultural, política e jurídica brasileira. O Brasil é o país com o maior índice de assassinatos de pessoas travestis e transexuais no mundo. Segundo os dados da Transgender Europe (TGEU), entre 2008 e setembro de 2018 foram assassinadas 1238 pessoas transexuais e travestis no país⁸. Os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais no Brasil (ANTRA)⁹ afirmam respectivamente que em 2017 e 2018 foram assassinadas 179 e 163 pessoas transexuais e travestis. A organização afirma também que a expectativa de vida do grupo social de mulheres trans e travestis no Brasil é de 35 anos de idade¹⁰.

O contexto de exclusão, violência e morte de pessoas trans e travestis no Brasil remete mais uma vez para o debate de Foucault (1999) sobre o biopoder e as técnicas de governo dos Estados de «fazer viver, deixar morrer». Mbembe (2018b) ao refletir sobre as técnicas contemporâneas da colonialidade que «subjagam a vida ao poder da morte» define o conceito de necrobiopoder. Para o autor, a ocupação colonial da Palestina pelo Estado de Israel demonstra umas das formas mais bem-sucedidas de necropoder na atualidade. No entanto, Bento (2018) salienta que mais do que técnicas de matar instrumentalizadas pelos Estados contra populações que «devem morrer», há também políticas de cuidado da vida sendo implementadas para outras populações que «devem viver». Neste debate, Bento propõe nomear estes dispositivos da governabilidade como necrobiopoder, ou seja, «[...] um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver» (Bento, 2018, f. 7).

⁸Disponível em: https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT_TMM_TDoR2018_Tables_EN.pdf. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

⁹Disponível em: <https://antrabrasil.org/mapadosassassinatos/> Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

¹⁰Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relate3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> Acesso em 11 de agosto de 2019.

Encarnando a europeia

Neste sentido, somente as técnicas de vigilância, violência e morte que experienciam pessoas trans e travestis no Brasil justificariam o desejo de deixar o país. No entanto, na fala de Janaina, 36 anos, travesti, natural do Paraná, podemos equacionar as motivações da mobilidade com outros aspectos, como as relações com capital econômico, estigma, preconceito e melhores oportunidade de vida:

Eu: Qual é a importância pra você, do tipo, por que a motivação de vir pra Europa?

Janaina: [faz sinal de dinheiro com a mão]

Eu: Aqué¹¹. Sim. sim.

Janaina: A vida também é melhor né? Tipo, tenho medo do preconceito de lá, né? Querendo ou não. Bom, Portugal me disseram que é um pouquinho mais fechado também igual o Brasil, mas na Espanha não [...]

Eu: Você já morou na Suíça, Espanha e agora Portugal. O que você acha que é diferente? Você prefere viver aqui, ou não, do tipo, me fala um pouquinho de...

Janaina: Prefiro viver na Europa.

Eu: Prefere viver na Eu... Por que que você prefere viver?

Janaina: Por causa do preconceito. É outra vida pra gente aqui fora.

Eu: Humm. Sim...

Janaina: É outra vida. Portugal eu ainda não sei te falar, né? Porque são poucos dias aqui mas, por... Por Suíça e por Espanha, pelo que eu passei. Eu posso te dizer que mil vezes. Todas trans que você conhecer que vieram pra cá não querem voltar. Não tem vontade de viver mais no Brasil. Vai no Brasil vê família, fica um pouco, mas chega no Brasil dá duas semanas no máximo você já cansou de todo mundo. Você já fica louca pra vim embora. Já que tá aqui, já não quer tá lá. Então, é o que acontece bastante. É outra vida pra gente aqui.

Maya, 48 anos, trabalhadora do sexo em Itália desde 1999, também colabora no entendimento das motivações subjetivas e estruturais da mobilidade para Europa. Em sua perspectiva, o respeito à identidade de gênero, o reconhecimento e a liberdade de vivenciar a feminilidade, o tratamento no convívio social e a beleza dos homens italianos foram os motivos de retornar a Milão e posteriormente a Lisboa, depois de viver novamente no Brasil entre os anos de 2011-2016, devido a problemas de saúde de um familiar próximo:

Eu: E o que te motivou a voltar, o que aconteceu pra Maya voltar?

Maya: O que me motivou é que eu senti falta, os italianos são muitos gostosos, a vida também aqui é muito boa, de modo que nós aqui temos uma certa liberdade que nós não temos no Brasil, né? A liberdade que nós temos... A diferença daqui é que nós não temos a liberdade do Brasil e... de se expor, de andar a vontade, o modo que você é tratada nas lojas, aqui te

¹¹Termo êmico para dinheiro.

Encarnando a europeia

tratam como senhora, senhorita, né? Na Itália, e no Brasil é chamado como um homem normal, né? Aqui é tratado como uma mulher. Então, tem essa grande diferença do modo de ser tratada no Brasil pra Europa, as travesti gosta de viver na Europa. Eu conheço travesti que tá há 25 anos e não quer nem saber de Brasil.

Para algumas mulheres trans e travestis a segurança ao acessarem o espaço público pode ser compreendida como uma das maiores motivações para efetivação da mobilidade. Para outras em situação de maior vulnerabilidade social, o trânsito geográfico também pode ser compreendido como um importante ponto de viragem na encarnação da identidade de gênero na biografia corporal. Por exemplo, Luna, a interlocutora que realizou a mobilidade com maior idade, aos 37 anos, no Brasil, negociava constantemente sua expressão de gênero entre o trabalho formal em uma empresa de segurança, o trabalho do sexo e a vida em família. Na sua fala, podemos compreender os receios e os motivos destas negociações. Ademais, a sua narrativa elucida o medo da humilhação, do insulto e da violência em acessar o espaço público no Brasil, devido aos vetores de raça, classe e identidade de gênero que demarcam sua trajetória e biografia corporal:

Luna: Então, aí que nem tipo assim, eu lá no Brasil era Luna só à noite, mesmo todo mundo sabendo que eu era assumida, tipo sabia que eu... Que às vezes eu ia pra rua, passava na casa da minha mãe, quando eu voltava tipo de Luna não entrava na casa da minha mãe, mas tipo eu ia, passava lá, chamava minha irmã, o pessoal ía lá, conversava comigo. Tinha uns que brincava, e aí Luna tudo... E agora tipo assim, minha experiência vai ser tipo, quando eu voltar. Porque eu pretendo voltar de novo e ficar de Luna 24 horas, entendeu?

Eu: Por que até então você nunca ficava de Luna 24 horas?

Luna: É. Eu fiquei, às vezes, tipo assim, às vezes, eu saía montada, às vezes estava de folga e eu precisava ir a algum lugar, eu ía de dia de Luna, mas 24 horas assim igual eu fico aqui. [...] Eu não fico, porque no Brasil é complicado. No Brasil não é igual aqui, tipo você vai na rua aqui, você não vê uma pessoa te xingando, buzinando... As pessoas te apontando, igual tipo, que nem eu sei que eu chamo muita atenção, aonde eu vou eu chamo muito a atenção, mas eu vou nos lugares aqui, sabe? E eu não vejo as pessoas me xingar, me ofender. Outro dia estava no transporte público, coisa que no Brasil eu não faço, entendeu? Mas eu já tô indo meio que preparada, né?

Eu: Sim.

Luna: Que é complicado. Mas que nem eu falo pra minha família que aqui quem gosta, gosta e quem não gosta, respeita. Aqui onde moro é uma zona tranquila, eu tenho sei lá... Lá no Brasil eu pretendo continuar a minha feminilização, entendeu?

Eu: E você tinha medo disso?

Luna: Então, às vezes pra não ir, pra não, pra não criar caso, ou pra não passar por situações desagradável, eu preferia...

Eu: Não ir.

Encarnando a europeia

Luna: Não ir, entendeu? Às vezes, que nem às vezes, eu tenho... Minhas irmãs vai em casa de samba lá e me chamam pra ir. Eu fico com receio, falo assim: «Ai, vai que eu vou e chega lá e acontece alguma cena desagradável e eu vou por eles numa situação». Mas agora eu não sei. Porque dá impressão que tipo no Brasil quando eles vê, tipo assim, logo um travesti, eles respeitam mais do que um gayzinho, entendeu? Porque no Brasil as travestis geralmente são vistas como um marginal, como louco, como cortar... Então, eles ficam com receio, mas eu não sei. Eu tô bem ansiosa.

Eu: Vai dar tudo certo!

Podemos afirmar que, apesar do Brasil ser reconhecido mundialmente pelas agressões transfóbicas, as vulnerabilidades que pessoas trans e travestis brasileiras vivem são potencializadas quando entrelaçadas com as características de racialização, classe e passabilidade. Se para Luna, travesti, negra, pobre e periférica, e com pouca passabilidade, o seu capital corporal impossibilitava o acesso aos diversos espaços da vida pública, as percepções de Mariana, proveniente de uma família mais favorecida e acúmulos de capitais corporal, econômico, cultural e social, são diferentes. Na narrativa de Mariana podemos perceber a distinção com relação aos aspectos limitadores da sua identidade de gênero e às experiências vividas no Brasil:

Eu: Você acha que eles [pessoas portuguesas] são diferentes em quê?

Mariana: A forma de pensar; a forma de agir, a forma de falar. Muitas coisas que eu via no Brasil, que eu vejo as meninas comentando muito, é que lá eles apontam muito e eu... Não sei se é... não sei se eu tive sorte ou foi azar, por causa da minha família ou por causa da minha postura também fez com que eu não fosse tão maltratada, com que eu não sofresse preconceito, com que eu não passasse por muitas que as outras passaram, né? Quando eu vou falar sobre esses temas de casa, família, Brasil, elas perguntam: «O que você já passou no Brasil?». Eu digo: «Nada».

As motivações para efetuar a mobilidade não perpassam apenas as diferenças com relação ao estigma e à abjeção no convívio social, mas também as melhores condições de exercer o trabalho do sexo. Yara, 26 anos, com experiências nos territórios do trabalho sexual no Brasil, em Recife-PE, em Portugal e na França, colabora na compreensão da problemática: «Dá segurança de trabalhar sem medo... Não totalmente sem medo, não é? Porque a gente nunca sabe quando vai abrir a porta, o que é que vai encontrar, não é? Mas, fora isso...». As diferenças não estão apenas relacionadas à segurança na prestação do trabalho sexual, mas também aos tipos de relações que são estabelecidas com os clientes. Para Luna, além de não

ter receio de utilizar os espaços públicos, a sua satisfação com a mobilidade está relacionada às distintas experiências com os clientes:

Os homens vêm, chamam de meu amor e tudo. Quer levar pra jan... aqui também eu acho [que o] legal é isso, os homens daqui convidam a gente tipo, pra ir jantar e se a gente quiser ir, eles levam mesmo. Sabe, assim, tipo no Brasil nunca um homem me chamou pra jantar. «Ai quero levar você pra jantar.». Que nem aqui: «Ah, vamos jantar?».

Tainá, 35 anos, apesar da pouca experiência no trabalho do sexo no Brasil colabora na compreensão do contraste das relações estabelecidas com clientes portugueses e brasileiros, o que pode ser compreendido também como um aspecto motivacional para a mobilidade. Para Tainá, o fator mais importante são as diferenças no modo de percepção dos clientes portugueses sobre o trabalho que executa, em comparação à concepção de marginalidade que está associada a prostituição trans e travesti no Brasil:

Eu: E o que você acha que é diferença da prostituição aqui da prostituição no Brasil?

Tainá: Ah, eu não tenho muita experiência do Brasil, né?

Eu: Sim, sim. Mas, dessas poucas vezes, assim...

Tainá: Das minhas poucas vezes... Por exemplo, o que que eu acho diferente? Eu não sei te dizer, diferente... Os homens são iguais. Por exemplo, eu acho que aqui a gente pode... Eu acho que aqui... A diferença eu acho que é mais de suporte. Eu sei que vai vir um homem aqui, eu tenho certeza que ele não vai me fazer mal. Olha aconteceu um caso ou outro aqui na Europa, mas alguma coisa... tem uma história por trás. Mas, o homem quando ele vem no teu apartamento, ele quer receber carinho, ele quer o teu serviço. Outra diferença aqui, eles conseguem te ver como serviço. No Brasil, acho que eles não veem as meninas como serviço.

Eu: Você acha que vê como?

Tainá: Vadiagem. Como dizia antigamente. Elas estão ali, porque elas são... Elas gostam de sexo. Travesti ainda é vista como o símbolo do sexo: «Ela está ali, porque ela gosta muito de sexo, por isso que... É um gay, que quer virar mulher para poder ter muito sexo». Eu acho que os clientes... pode até ter... mas, tem muitos clientes que veem você como profissional. Tem cliente que pergunta: «E aí, como andas a faculdade, miúda? Estas bem? Estas a gostar?».

Enfim, as motivações para efetivação do projeto migratório por mulheres trans e travestis demonstram como a transfobia promove abjeção, vulnerabilidades, violência e silenciamentos nas trajetórias de vida das interlocutoras. O trânsito geográfico é percebido como um ponto de viragem no percurso de vida porque possibilita vivenciar a identidade de

gênero sem os receios frequentes de sofrer violências físicas e simbólicas no espaço público. Paralelamente, as narrativas das interlocutoras demonstram também as diferenças no modo de experienciar o trabalho do sexo e que ainda serão exploradas nos próximos capítulos.

Capítulo IV

Corpos em movimento: «puxar mala» e acumular recursos no/pelo continente europeu

Mas um corpo precisa ser capaz de se mover. Um corpo é feito, antes de mais nada, para se mover, para andar. É por isso que só existe sujeito itinerante, que vai de um lugar a outro. A viagem enquanto tal pode não ter um destino preciso: pode-se também entrar e sair à vontade. Pode ser que existam etapas já fixadas previamente. O caminho, porém, nem sempre conduz ao lugar desejado. O que importa não é o destino, mas sim o que se atravessa ao longo do caminho, a série de experiências das quais se é ator e testemunha e, sobretudo, a parte imprevista, aquilo que acontece quando menos se poderia esperar. Trata-se, portanto, de prestar mais atenção ao caminho em si e aos itinerários do que à destinação. Daí a importância da estrada (Mbembe, 2018a: 252).

Este capítulo identifica e analisa os distintos modos de circulação pelo continente europeu e o impacto nas biografias corporais de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. A mobilidade para a Europa é percebida como a possibilidade de ressignificação positiva sobre a identidade de gênero, o trabalho do sexo, as experiências sociais na vida pública e a compreensão da diversidade cultural. As experiências das interlocutoras demonstram a importância do capital de mobilidade na obtenção de um lugar/posição de sucesso nos territórios do trabalho sexual. Paralelamente, busco apreender como a mobilidade frequente pelos campos prostitucionais torna-se um ponto de viragem nos percursos de vida, nas ressignificações das trajetórias e das biografias corporais com a acumulação de capital econômico e a conversão para capital corporal. Além disso, a circulação pelos distintos territórios do trabalho sexual possibilita a elaboração de estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico.

(I) mobilidades: tipos de circulação pelos territórios europeus do trabalho sexual

As trajetórias e biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras demonstram a importância da circulação pelo continente europeu na constituição de agência por meio dos vários tipos de capitais da vida e das suas biografias corporais. No entanto, o acesso aos territórios do trabalho sexual com maiores vantagens econômicas está disponível apenas para algumas das interlocutoras, com elevada acumulação/conversão de capitais, e colabora na compreensão das desigualdades do continente europeu e os contrastes da acumulação de capitais pelas interlocutoras. A obtenção de capital de mobilidade materializado em passaporte, documentos de residência/cidadania, o domínio de línguas (capital cultural e de mobilidade) possibilitam as trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis obterem sucesso nos territórios da prostituição na Europa. Assim, nesta seção busco compreender e analisar as estratégias de circulação pelo Norte da Europa, as representações das mulheres trans e travestis sobre estes territórios privilegiados e as mudanças nos patrimônios de disposições com as experiências adquiridas nestes contextos diferenciados e diferenciadores.

As mulheres trans e travestis desta pesquisa podem ser divididas em quatro grupos distintos, caracterizados pelas práticas diferenciadas de circulação, quantidade de capital de mobilidade acumulado, experiências nos distintos territórios do trabalho sexual no continente europeu e as motivações para escolha de uma cidade/país como residência. Assim, o primeiro grupo pode ser designado de práticas de circulação sedentária: composto por trabalhadoras do sexo residentes em Lisboa e que não praticam a circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa, ou seja, com poucas disposições para a mobilidade e/ou por motivos relacionados à legalidade da mobilidade. São elas: Mariana, Tainá, Sheila e Maya. As motivações de Mariana para viver em Lisboa estão relacionadas à relação com a mãe, que também reside na cidade e à ausência do desejo de «puxar mala» ou, por outras palavras, ausência de disposições para a mobilidade. Além disso, no momento da entrevista, Mariana estava à espera da documentação como residente em Portugal, pertencente ao agregado familiar da sua mãe, o que impossibilitava a saída do país. Tainá, também executa o trabalho do sexo somente em Lisboa, devido ao mestrado em curso, o que impede a circulação por outros campos prostitucionais. No momento da entrevista, Tainá estava à espera do seu visto de estudante e já havia realizado viagens turísticas por Bélgica e Espanha. Sheila, residente em

Encarnando a europeia

Lisboa desde 2001, nunca saiu do país devido à falta de documentos. Na sua narrativa, podemos dimensionar as motivações para viver sempre em Lisboa e da sua imobilidade:

Sheila: Eu fui presa há 15 dias, a [amiga em comum] não falou?
Eu: Ela comentou meio por cima, inclusive quero saber disso também, mas você ainda não conseguiu a cidadania?
Sheila: Eu não consegui... Eu nunca fiz nada.
Eu: Ah.
Sheila: Eu nunca fiz nada, no começo era que eu queria que ninguém soubesse onde eu trabalhava porque eu tinha documento de homem, depois fui levando... Eu troquei de nome quando já estava no bar, seu [dono do bar] queria porque queria. E lá eu trabalhei e ninguém nunca descobriu nada...[...]
Eu: Isso que eu ia te perguntar, você nunca foi trabalhar em outros lugares?
Sheila: Não.
Eu: Só aqui em Lisboa?
Sheila: Ilegal como é que eu vou?

Maya, durante os seus 12 anos em Itália, adquiriu documentos por intermédio de um contrato de trabalho. O capital de mobilidade de Maya possibilitava a ida constante ao Brasil para visitar sua filha. Apesar da possibilidade de circulação pelo continente europeu, Maya, não apresenta muitas disposições para a mobilidade, visto que somente trabalhou em Espanha por 6 meses e realizou viagens turísticas por Inglaterra, França e Egito. Sua narrativa elucida os meios utilizados para conseguir o seu contrato de trabalho e uma das motivações da mobilidade para Portugal:

Maya: Eu sempre viajava, eu ia duas vezes pro Brasil. Eu sempre tive documento Italiano, agora eu não tenho mais.
Eu: Por que você tinha documento Italiano?
Maya: Porque eu tinha contrato de trabalho.
Eu: Ahhhh... Ok.
Maya: Eu tinha *permesso di soggiorno*. Então, eu ia pro Brasil duas vezes por ano. [...]
Eu: Nesse tempo inteiro então você ficava indo duas vezes ao ano..
Maya: Duas vezes ao ano, porque eu tinha documento, né? Então eu podia ir e voltar...
Eu: E como conseguiu esse documento?
Maya: Fiz contrato de trabalho, conheci um brasileiro que... Era casado com uma italiana e eles tinham uma confecção, entendeu? Aí, me empreguei como costura, como auxiliar de costura.
Eu: Teve que pagar alguma coisa pra ele?
Maya: Paguei, paguei... Eu pagava tudo, paguei contributos, eu paguei o contrato de trabalho e consegui o documento de trabalho [...] Mas eu quero ficar aqui em Portugal. Aqui é mais tranquilo, não tem tanta criminalidade. Lá está tendo muito negócio de roubo... É muito marroquino, cigano, entendeu? Agora em Milão porque invadiram, então é morte de madrugada na rua durante a noite, já mataram muita bixa na Itália. Não tanto quanto no

Encarnando a europeia

Brasil, né? Mas vira e mexe umas pancadas, uma coça, outra foi roubada ou levou facada. Contudo, isso menos que o Brasil, não tão arriscado quanto no Brasil.

O segundo grupo pode ser caracterizado pelas práticas de circulação restrita. Composto pelas interlocutoras que, apesar de terem realizado a mobilidade pelos territórios do trabalho do sexo na Europa durante algum momento das suas trajetórias, no período da produção dos dados estavam fixas em Portugal e apenas circulando dentro do território português, por motivações relacionadas ao seu estatuto ilegal/falta de documentos para sair do país. São elas: Luna, Flora e Janaina. Luna não tem documentos, vive em Lisboa e circula por Portugal frequentemente. Durante os primeiros três meses com o visto de turista, Luna viajou para Bélgica, na tentativa de acumulação de maior capital econômico com *ajuda* de sua prima mulher trans e trabalhadora do sexo. No entanto, a falta do domínio de línguas foi um empecilho na adaptação e execução do trabalho no país. Flora também vive em Lisboa, e frequentemente viaja por Portugal em busca de melhores oportunidades nos territórios do trabalho sexual. Na chegada a Lisboa, Flora adquiriu um contrato de trabalho por intermédio de um amigo português. Na tentativa de obter cidadania e poder circular por outros países, ela e o amigo casaram-se. Contudo, após alguns meses e desentendimentos, o companheiro deixou o apartamento alugado por Flora sem antes dar entrada na documentação necessária para aquisição dos documentos. No momento da entrevista, Flora aguardava atendimento no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) para retirada do seu cartão de cidadã portuguesa, apesar dos receios da burocracia e das indisposições com o atual companheiro. A falta de documentação impede que Flora circule pelo continente europeu tornando um fator preponderante para os seus problemas econômicos:

Flora: Porque eu me enga... Enfiei neste relacionamento, neste casamento e ali eu não sei mais, fiquei aqui tratando disso tudo e tô até hoje tentando vingar isso tudo para poder minha vida melhorar realmente e eu voltar a guinar minha vida e ter outros objetivos, que eu já tenho, porém falta esta peça chave para poder continuar a caminhada.

Eu: Que é conseguir o passaporte?

Flora: O passaporte, o visto de... Cidadã europeia.

Eu: Por que você já está aqui há este tempo todo?

Flora: Eu preciso disso porque minha vida está parada. Olha, eu queria estar com meu carro, ter minha carta de condução, não posso, queria ter a oportunidade comprar um apartamento, pagar um imposto para poder ter uma segurança social, para ter uma vida social garantida na minha velhice porque eu sou um ser humano, eu vou envelhecer, eu vou precisar de cuidados na minha velhice, eu vou precisar de dinheiro. [...] Então, falta isso

Encarnando a europeia

aí do documento, aí o que eu fiz, voltei para Portugal, não viajei mais, fiquei aqui, tô até hoje tratando disso. Me virando como posso aqui, graças a Deus sempre consegui, até o dia de hoje sustentar minha vida aqui, com vermelhos, não vermelhos, vermelhos, não vermelhos, assim [fala sorrindo], em trancos e barrancos, graças a Deus.

Eu: Todos...

Flora: E isso o que aconteceu, por isso que eu não viajei.

Flora, também teve uma experiência no campo prostitucional na Bélgica. No entanto, na sua perspectiva, a mobilidade foi positiva devido a possibilidade de conhecer um país «escândalo» e «fino». A narrativa de Flora elucida as motivações de mulheres trans e travestis brasileiras para executarem a mobilidade relacionadas a realização do seu *self*, os projetos de si e as diferenças do trabalho do sexo entre Norte e o Sul da Europa. As narrativas de mulheres trans e travestis sobre os territórios do trabalho sexual na Europa demonstram que o grupo classifica o continente europeu somente em duas regiões, o Norte e o Sul. O Sul é composto pelos países mediterrânicos (Portugal, Espanha, França e Itália), o Norte são os países restantes do continente com exceção do Leste Europeu. Esta divisão não é apenas a demonstração de uma categoria geográfica, mas está relacionada principalmente às desigualdades econômicas do continente e o preço de comercialização das performances sexuais. Na fala de Flora, é possível equacionar os acordos entre as pessoas proprietárias de casas/apartamentos no Norte da Europa com as trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras:

Flora: Fiquei lá nesta casa 25 dias, foi uma coisa assim de louco porque lá, eu não falava.... Lá fala francês, né? Eu não falava francês, ela atendia o telefone e mandava o homem vir na porta, no quarto, eu atendia o cara. O cara entrava, tinha que estar sempre bem vestida, maquiada, arrumada, com a roupa da foto, para poder atender os clientes. E ali eu atendia e ali era dinheiro, não é igual aqui em Lisboa. Lá era uma hora 150 euros e meia hora 100 euros.

Eu: Uhol! E você ganhava quanto disso?

Flora: Era meio a meio, 50 por cento.

Eu: Ok

Flora: E a comida por minha conta

Eu: E a comida por sua conta.

Flora: Não pagava hospedagem, anúncio, não tinha despesa nenhuma, a não ser a minha comida.

Eu: Aí você ficou estes 25 dias?

Flora: 25 dias.

Eu: E esta experiência foi boa?

Flora: Foi boa, foi ótima porque eu conheci um país que nunca imaginei na minha vida ir conhecer, na Bélgica, aquilo lá é muito legal, é uma outra cultura, é um país assim escândalo, eu achei escândalo, muito assim... Muita

Encarnando a europeia

fineza, o povo muito assim, entendeu? Muito fino, todo mundo ali tem, tem.... Você não vê gente assim, sei lá, eu não sei te explicar, é... As pessoas, os homens, lá não tem tanto preconceito, lá ninguém falava que eu era travesti. Eu passava na rua, senhora, aqui, até em Portugal. A Europa para este lado das travestis.... Porque que elas migram.... Aí, você me perguntou aqui... Eu já estou mudando, né? Mas eu já vou lá...

Eu: Não, sim, não tem problema.

Flora: Você perguntou assim, né? *Porque que ela vem de lá para cá, por causa do corpo? É por causa do corpo, porque elas querem almejar ter dinheiro poder mudar o seu corpo e se realizar todas, como eu me realizei. Na verdade, para mim não foi só isso porque eu poderia ter feito isso no Brasil também como todas. Vem porque aqui a gente tem aquele misticismo aqui das bixas que a gente é bem tratada, o homossexualismo aqui não é tão visado, discriminado publicamente como no Brasil.* A gente são n pessoas, que às vezes tem uma visão que olha, fica um pouco assim, curioso daquela pessoa ali, quem é aquele ser que está ali, o que é aquilo, é homem? É mulher? Que diabo que é, né? Então, as pessoas olham muito, mas ninguém caga a gente assim não, as pessoas têm curiosidade, é só mesmo os pé no saco que são, que vem aprontar, que as outras se revoltam e vão em cima. [...] Aí da Bélgica, conheci, foi ótimo a experiência, trabalhei lá, ganhei dinheiro e vim embora, depois voltei para Espanha, trabalhei, não foi muito bom, penei igual uma cachorra, voltei sem nem um tostão no bolso, deven.... Com menos do que eu tinha.

Eu: O que aconteceu na Espanha?

Flora: Não trabalhei, eu não tive sorte.

Eu: Não arrumou cliente?

Flora: Não vingou, não foi, o telefone tava com anúncio, tava com tudo, mas não iam, era uma porra de uma paradeira.

Eu: Isso foi em que ano?

Flora: Foi há dois anos atrás, vai fazer três anos que eu fui, a última vez que eu fui para.... Que eu sai do país, depois não sai mais.

Eu: 2013... [grifos meus]

A primeira experiência de Janaina na Europa foi na Suíça, no ano de 2003, durante oito meses. O segundo trânsito foi para Espanha, em 2004, durante nove anos, três destes anos Janaina desempenhou o trabalho do sexo por inúmeras cidades do país e 6 anos viveu em Alicante, com um companheiro espanhol e lecionando aulas em um ginásio/academia esportiva. Os motivos da imobilidade pelos territórios do trabalho sexual na Europa estavam relacionados também à falta de documentos. No momento de produção de dados, Janaina estava apenas há uma semana em Lisboa e planejava adquirir maior capital de mobilidade por intermédio da sua descendência, conforme a narrativa:

Eu: Você ficou onde em Espanha?

Janaina: Eu rodei a Espanha toda.

Eu: Ahmn, nesses 9 anos também, e estava... Como tu fazia com relação aos documentos do tipo...

Janaina: Ilegal.

Encarnando a europeia

Eu: Ilegal? Sim, sim, sim.

Janaina: Agora que eu tô pra mexer, que minha mãe por fim conseguiu achar um documento do meu avô que é italiano e eu vou pedir a nacionalidade.

Eu: Sim, ok.

Janaina: Mas até então eu tava ilegal, e lá era bem tranquilo quanto a isso. [...]

Eu: E você entrou como turista, aqui em Lisboa?

Janaina: Aham.

Eu: Sim. Tem direito de 3 meses. Sim.

Janaina: É. Aí, eu tô com isso que eu te falei do... Eu tô com amigo que daí ele mexe com nacionalidade, ele tá com o papel que a minha mãe achou do meu avô, o documento do meu avô, e eu vou fazer a nacionalidade italiana. Que aqui na Europa diz que sai mais rápido do que lá no Brasil, que o Brasil é anos. Pra conseguir sair. E aqui é meses, diz que é de 3 a 6 meses pra ter a nacionalidade.

Eu: Aham e tu queria ir pra Itália pra resolver isso?

Janaina: Não, não. É ele que vai fazer tudo pra mim daí. Eu pago pra ele, ele que faz tudo. Eu não tenho vontade de ir pra Itália. Eu quero ter o documento italiano, mas daí eu posso tá na Europa toda, né?

O terceiro grupo de interlocutoras pode ser caracterizado pelas práticas de circulação arriscadas. Composto por trabalhadoras do sexo com disposições para mobilidade, mas com pouco capital de mobilidade, devido à falta de documentos. São elas: Yara, Verônica e Safira. Yara foi primeiramente para Paris, aos 19 anos. A mudança drástica de contexto de trabalho, das ruas de Recife para a prostituição de apartamento em Paris, foi um empecilho na adaptação dos seus patrimônios de disposições, culminando no seu regresso após aproximadamente 1 ano:

Yara: Aí, voltei com um ano. Fiquei muito depressiva.

Eu: Por quê? O que que aconteceu? Você veio para Paris com 19 anos?

Yara: Aquilo ali me prendeu! Ter que ficar dentro de um apartamento assim, aquilo, não é? Aquela... sem coisa, eu passei pouco tempo e voltei.

Eu: E o que... foi, o que que você não se adaptou para ali?

Yara: Acho que o lugar me assustou, porque tirou minha privacidade. Eu fiquei presa.

Após 5 meses em Recife, Yara retorna a Paris, mais uma vez, com a *ajuda* de sua amiga, porém com o pagamento do empréstimo referente a passagem. Posteriormente, Yara, trabalhou durante 2 anos na cidade e uma das motivações para viver atualmente em Lisboa é o relacionamento atual com um homem português. No momento de produção dos dados, Yara estava há 6 meses em Lisboa. A narrativa dimensiona também suas experiências pelos territórios do trabalho sexual no continente europeu:

Encarnando a europeia

Yara: Primeiro, porque eu conheci um português. [Risos].
Eu: Ahm.
Yara: Que me trouxe para cá. E segundo, porque eu... sempre estou lá, sempre volto, volta e meia eu vou para lá.
Eu: E era Paris? Onde tu foi?
Yara: Paris. Eu optei por viver aqui. Volta e meia dá uma voltinha lá. [...] Ai, Bélgica, tudo! Fui para Bélgica, fui para Espanha e, por último Portugal.
Eu: Bélgica e Espanha. E na Bélgica...?
Yara: Eu fui 2 meses.

O domínio da língua do país de destino não é garantia de agência e de autonomia na execução do trabalho do sexo na Europa. Por exemplo, no caso de Yara, apesar de compreender minimamente a língua francesa, devido à sua experiência em Paris, a inserção no campo prostitucional na Bélgica foi realizada por um acordo entre uma pessoa proprietária do apartamento e Yara. Os acordos, apesar de facilitarem o aspecto organizacional do trabalho, retiram mais-valia das trabalhadoras do sexo. A narrativa de Yara elucida as diferenças entre os distintos tipos de trabalho e suas relações com autonomia e agência:

Yara: [Em Paris] pagam, pagam bem e não é tão penoso como lá na Bélgica.
Eu: Ah, na Bélgica é mais penoso?
Yara: [Risos].
Eu: [...] E na Bélgica você falava francês também?
Yara: Francês. Na Bélgica eu trabalhava não por minha conta. Eu trabalhava com outra pessoa.
Eu: Ah, ok. Você ficava num apartamento, num quarto?
Yara: «Tal cliente, vai lá, vou abrir».
Eu: E para você compensa mais trabalhar assim ou trabalhar que nem você está trabalhando agora?
Yara: Às vezes, não é? Porque é dolorido você faz uma certa quantia e vai metade para aquela pessoa. E outra, é bom porque você fica... não tem preocupação de estar, ai, telefone, ter que estar falando, nada. Só quietinha ali, esperando. [Risos].
Eu: Aham, e metade seu, metade dele, mas tudo incluído, o seu apartamento?
Yara: É, eu não pago nada.
Eu: Nem a comida?
Yara: Não, a comida é pessoal.
Eu: Pessoal, ok.
Yara: Isso é por minha conta, mas apartamento... você só paga a passagem. A passagem é por conta da gente.
Eu: A passagem para ir para Bélgica?
Yara: Aham, ou pra ir para qualquer lugar, mas o resto não, o resto não.

Encarnando a europeia

As motivações de Yara pela escolha de Portugal como seu país de residência não estão relacionadas apenas com a sua relação com o namorado, mas também pelas proximidades culturais entre Brasil e Portugal. Na sua perspectiva, a língua comum possibilita o estreitamento dos laços afetivos com o país, conforme a narrativa:

Eu: Ahm. Ok. E você gosta de Portugal?

Yara: Amo Portugal.

Eu: Ama?

Yara: Amo, amo, amo [repetição]. Muito mais do que qualquer outro país aqui na Europa. Ai, Portugal é tudo!

Eu: Por que que você acha que Portugal é melhor do que os outros países?

Yara: Ai, pra se viver, não é? A gente mata um pouco da saudade do Brasil aqui, não é? Se sente mais abraçada, sei lá, porque lá pra fora... Até o idioma acho que já ajuda muito, não é? Você está ouvindo português, está entendendo todo mundo, está falando, não é? Acho que aqui te acolhe mais.

As experiências de Safira com a mobilidade para o continente europeu e os Estados Unidos da América demonstram a importância da conversão de capital econômico para capital de mobilidade. Os vistos de turismo para os EUA, em 2014-2015, e Londres, em 2015-2016, foram em virtude da pensão que recebe mensalmente devido à morte do seu companheiro no Brasil. Em seu primeiro trânsito no continente europeu, em 2006, para Espanha, Safira não regularizou a sua situação, o que ocasionou problemas com a imigração do país, conforme a narrativa:

Eu: A vez que você foi à Espanha, a primeira vez, você tirou o visto?

Safira: Não...

Eu: Só chegou, ficou lá?

Safira: Passa no aeroporto... ou entra ou não entra, entrei.

Eu: E ficou lá sem renovar visto, nada, voltou?

Safira: Em confiança.

Eu: E não teve problema nenhum?

Safira: Babado nenhum... porque quando a polícia me pegou eu já tava com a passagem de volta pra comprar.

Eu: Aonde isso? Em Espanha?

Safira: Me pegaram em [nome da localidade]

Eu: E aí, o que que aconteceu?

Safira: Ah, me levaram pra delegacia...

Eu: Hmm...

Safira: Aí, só assim...«Deste suerte! Tiene suerte! Que suerte que já está... já, já correndo tu bilhete, sí, para volver a tu país. Pero, algo tiene que hacer para nosotros». Aí pediram pra mim sambar, entendeu? Pra eles... aí eu sambei. Falei «Quer que eu fique de calcinha?». «Não, não, não!». [risos].

Eu: E aí...por que você já tinha os bilhetes comprados?

Safira: Já tinha, mas aí eles me acompanharam até Barajas.

Encarnando a europeia

Eu: Humm...

Safira: Não me acompanharam, é... Eu fiquei livre, mas tinha... quando eu cheguei em Barajas tinha pessoas me esperando da... estrangeira. Aí confirmaram, constataram que eu realmente estava...

Eu: Tava voltando...

Safira: Voltando normal...

As experiências de Safira com os Serviços de Imigração trouxeram alterações nos modos de organizar os seus trânsitos para Europa, ou seja, contribuíram na constituição de disposições para a mobilidade. Assim, por intermédio de um advogado, Safira adquiriu informações que poderiam possibilitar a obtenção da cidadania na Europa por intermédio da sua pensão no Brasil. A sua narrativa demonstra também as suas preocupações com a legalidade, a burocracia migrante e as estratégias/recursos disponíveis para obtenção de capital de mobilidade/cidadania e agência:

Safira: Na área nobre, aluguei... eu alugo quarto para as meninas tenho meu apartamento lá, dei entrada nos meus papéis lá no Porto.

Eu: Entrada pra que?

Safira: Pra legalização.

Eu: E como você está tentando a legalização?

Safira: Pois é...foi uma lei que nem eu sabia, meu advogado é muito bom...é, eu tenho... eu tenho liberdade suficiente pra ser independente... pra me manter pelo menos num país como Portugal, se fosse outro país não, mas Portugal pela parceria de Portugal-Brasil. Eu não posso nunca se for aceita... eu não posso nunca pedir ajuda de Portugal, porque eu mostrei que eu tenho condição de viver aqui.

Eu: E ai você consegue um visto?

Safira: Haã... um visto de residência, principalmente por causa do meu benefício... Somando tudo deu mais que um salário mínimo.

Eu: Aí você pode ficar só em Portugal?

Safira: Não! Na Europa tudo, documento é igual...o que eu não posso é pedir ajuda social de Portugal.

Eu: Hum...

Safira: Aí eu quebro aquele termo, aquela cláusula entendeu... como se eu tivesse mentido mesmo... forjado tudo esses papéis, aí está neste tramite aí. Enquanto isso eu vou rodando... [...]

Eu: Sim... Sim... Sim. E tu quer ficar aqui por esse tempo... em Portugal, pra depois...

Safira: Sim, sim, quero. Tô aguardando a resposta do processo e se for aprovado... Eu, como eu disse, eu tenho um motivo, uma razão pra criar um histórico de vida aqui. Nunca pensei em ficar fora do meu país ilegal. Não importa, por mais que o país seja... um país que te aceita, num te expõe, num te persegue... Mas eu acho que, quando você está da forma legal, você tem várias opções, entendeu? Se eu tiver de uma forma legal eu posso declarar meu imposto de renda aqui, eu posso participar dos direitos de cidadão, entendeu? Como qualquer outro português, como qualquer outro estrangeiro legal aqui. Agora, ilegal não. Até certo limite eu vou, até outros não.

As motivações de Safira na escolha de Portugal como seu país de residência têm muitas proximidades com as de Yara. Na sua chegada em Lisboa, no final do ano de 2015, a cidade não correspondeu às suas expectativas com relação ao trabalho do sexo e aos clientes, motivando o seu trânsito para Londres. No entanto, após ser assaltada na Inglaterra, Safira ressignifica as experiências que vivenciou em Portugal e resolve regressar ao país por razões de segurança. Na concepção de Safira, as semelhanças culturais entre o seu país de origem e Portugal é uma facilidade no convívio social. Sua narrativa elucida também as dificuldades relacionadas ao aprendizado da língua e à comunicação com os clientes nos diversos países que trabalhou:

Safira: E aí aqui eu vi, e na verdade eu nunca aceitei... a realidade de Portugal, pelo menos naquela época.

Eu: Por que? Isso era 2015?

Safira: 2015... eu nunca aceitei, eu achava muito pobre Portugal.

Eu: Hum...

Safira: Mas, eu não imaginava que a minha história de vida ia se dar aqui.

Eu: Por quê, o que aconteceu aqui?

Safira: Não... aí tá, fiquei, fui nos lugares vi o preço tal, porque são... difícil de lidar com eles.

Eu: Por que é difícil lidar com eles?

Safira: Como cliente é... choram muito, são falso, são hipócrita e você sabe eles tem um sistema muito difícil de lidar, morre de inveja de nós brasileiros... e então aproveita que nós estamos no país deles, e querem maltratar... são poucos que você pode realmente...dizer : «Pô esse português aí ele é fixe». Falei: «Quer saber, eu não sou obrigada». Tive um outro contato, minha mesma amiga, não... minha outra amiga de Londres me deu um contato, fui pra Inglaterra de novo [...] Viver em Portugal é como você viver num pedaço do Brasil, eu pelo menos acho. Primeiro porque você fala a mesma língua; segundo que é mais fácil pra você se relacionar com as pessoas, pelo menos, nesse sentido de expressão. Eu vi que a Espanha que é sério... séria dificuldade.

Eu: Tinha dificuldade em Espanha? Por que?

Safira: Pela língua, entendeu? Falava coisas, como falo o espanhol. Mas, tipo assim, a dificuldade... Aí tinha algumas vezes que o meu espanhol passava arranhado e eles: «No! No entiendo! Que hablas?». Entendeu? E aqui não, aqui não ocorre deles não entender. Aí falou: «Olha! É assim, assim e assim». Aí: «Aaaaahhh...». E, às vezes, em espanhol eu não tava conseguindo puxar aquela... Então isso... Outro fato de eu não falar inglês. Parei, né? Porque eu aprendi na América e minha dificuldade foi a língua também... Tanto que eu gostei da Flórida e gostei da Califórnia porque é a maior parte lá fala tudo espanhol.

O último e quarto grupo pode ser caracterizado pelas práticas de circulação itinerante. Composto pelas interlocutoras com elevado capital de mobilidade e de forte disposições para

a mobilidade. As experiências de Leila, Diana, Débora e Dalila na Europa demonstram a importância destes indicadores na obtenção de sucesso nos vários territórios internacionais do trabalho do sexo, na acumulação elevada de capital econômico, corporal, social, cultural - com seus respectivos processos de conversão entre si - e, também, em termos de agência e autonomia. Suas trajetórias possibilitam compreender, do mesmo modo, quais os acontecimentos e/ou estratégias que possibilitaram a obtenção desses recursos que consubstanciam o capital de mobilidade (disposições para a mobilidade, cultura linguística, documentos de cidadania etc.) e as consequentes alterações nos patrimônios de disposições com a circulação pelos heterogêneos territórios do trabalho sexual no continente europeu e/ou no mundo.

Leila chegou em Lisboa, aos 21 anos, a sua trajetória de 11 anos em Portugal e nos campos prostitucionais na Europa somente foi possível devido à aquisição de capital de mobilidade. A obtenção da cidadania, por intermédio do matrimônio com um namorado português, possibilitou explorar o campo prostitucional de 12 países no continente europeu, entre eles: Espanha, Grécia, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Áustria e Irlanda do Norte. Apesar do término da relação amorosa há um ano, Leila e seu companheiro estabeleceram laços de amizade e afeto, conforme a narrativa:

Eu: Ahn. Mas, você está casada com ele ainda?

Leila: Sim.

Eu: Ya. Ok. E como é a relação de vocês?

Leila: Amigos, hoje em dia amigos.

Eu: Ah, sim.

Leila: Ao menos eu acho que sim.

Eu: Ah, sim.

Leila: Porque eu não quero nenhum mal para ele. E acho que ele para mim também. [...]

Na perspectiva de Leila, a mobilidade para Portugal, conjuntamente com as experiências e dificuldades relacionadas ao trânsito geográfico, possibilitou a constituição de responsabilidade (*juízo*) e capital cultural. Ao mesmo tempo, a circulação itinerante por diferentes contextos sociais, culturais e políticos possibilitou inúmeras mudanças nos seus patrimônios de disposições constituídos no Brasil, nomeadamente as disposições para a reflexividade com as experiências diferentes e diferenciadoras pelos países que visitou/trabalhou e as disposições para a cultura e a educação. Sua narrativa também equaciona as diferenças culturais entre Portugal e os outros países que conhece:

Encarnando a europeia

Eu: E assim é, o que que você acha que tu mudou desde que veio para cá? O que mudou?

Leila: Responsabilidade.

Eu: Responsabilidade.

Leila: Caráter, eu sempre tive, mas responsabilidade, centramento, educação, não é que no Brasil a gente não tem educação; não é que a gente não foi educado, não é que a gente não sabe... Tipo os europeus, muitas coisas boas eu aprendi.

Eu: Ahn. E dessas coisas o que que você acha que foi a mais importante?

Leila: Aprendi, como também tive que aprender.

Eu: Por que?

Leila: Porque eu também tive, porque tinha que ser. Porque eu não tinha responsabilidade quando eu vim para cá, como eu tinha, para mim voar, para mim ter o que eu queria eu tinha que ter responsabilidade. Eu tinha que trabalhar, eu tinha que fazer as minhas coisas. Como é que uma pessoa... não poderia não.

Eu: Sim.

Leila: Responsabilidade. E aprendi mais, tipo, a cultura, aprendi. Aqui em Portugal ainda o pessoal tem a mente um pouco meio fechada, mas quando você vai lá para fora você aprende mais ainda.

Diana adquiriu cidadania por intermédio da sua descendência italiana. Ela colabora no entendimento da importância deste recurso na obtenção de agência no trabalho do sexo e acumulação de capital econômico. Além disso, a conquista dos documentos lhe traz segurança nas possíveis situações estigmatizantes perante a sua nacionalidade e identidade de gênero. Ao mesmo tempo, a sua narrativa equaciona a importância do domínio da língua inglesa em sua autonomia pelos territórios internacionais do trabalho sexual, na contraposição das representações da colonialidade com relação à brasilidade e na compreensão da importância deste aspecto quando comparado às experiências de Flora e de Luna na Bélgica.

Eu: E de Portugal, você estava falando... Que que você acha? Como é ser trans e ser brasileira aqui?

Diana: (silêncio) Depende, tipo... Ahn... Em termos de... Tipo, eu cheguei aqui já com documento, daí eu fiz a minha residência aqui, em termos disso fui fazer porque querendo ou não eles gostam de te humilhar por esse lado. Então, como eu tinha a possibilidade, eu vi que tinha uma possibilidade de tá... De ficar bem, entendeu? Mas eles são preconceituosos aqui, igualmente com brasileiros tanto com travesti, entendeu? E mais uma vez eu tô repetindo isso, tu és aquilo que tu tem. *Então, se serve de alguma coisa ter documento? Serve pra isso, serve pra mim ir viajar, serve pra mim... eu conheço Londres, conheço a Finlândia, conheço vários países assim... Serve pra isso. [...]*

Eu: E, aprendeu aqui ou aprendeu lá no Brasil?

Diana: Não, já falava um pouquinho do básico, verbo *to be*, tudo no Brasil.

Eu: E como você acha que isso facilitou a tua vida?

Encarnando a europeia

Diana: Ah, facilitou porque eu tinha pro lado da prostituição, era um pouco assim negativo em termos que sofria na mão dos outros, mas o que eu tinha aprendido na escola me serviu pra muita coisa, porque... eu conheci pessoas... Ter um diálogo. Porque eles têm, e principalmente europeu, ele tem a impressão de que todo mundo... que todo brasileiro é índio. Tipo, não... tipo assim pela... Entendeu? É que nem eu falo às vezes pros portugueses, nem todo mundo que vem do Brasil é índio, amor, mas eu não falo. Apesar que o Rio Grande do Sul é bem racista... e meu pai é racista. Tinha uma família de negros lá perto da minha casa, num raio de 1000 km, tudo o que acontecia era aquele homem. A minha vida toda eu cresci ouvindo isso. [grifos meus].

Um dos principais aspectos diferenciadores dos países do Norte da Europa em comparação ao Sul são os valores pagos pelos clientes na compra das performances sexuais. Assim, a obtenção de capital de mobilidade possibilita o acesso a estes territórios tornando-se um aspecto de suma importância para acumulação de capital econômico pelas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. Diana, em sua narrativa, proporciona o entendimento desta problemática ao realizar comparações sobre o preço das performances entre os diversos países que circula no continente europeu. Sua fala dimensiona também o modo de organização dos trânsitos geográficos, o que pode ser compreendido como uma das estratégias do trabalho do sexo:

Eu: E você no norte... Você gostou muito do norte?

Diana: Gosto porque... aqui o convívio custa 50 euros. Fora daqui, tipo, na Suíça eu cobro 150, 200. Ahmn, na Finlândia 250.

Eu: E por que que você não fica mais lá? O que que lhe...

Diana: Não, mas eu vou sempre pra lá. Tipo, de 3 em 3 meses eu tô girando. Eu vivo aqui, mas eu tô sempre girando.

Eu: Ah ok.

Diana: Eu tô sempre girando.

Eu: Ok.

Diana: Mas aqui eu descanso, entendeu? Aqui eu fico e jogo meu anúncio também que eu não tô morta...

Eu: Sim, sim, sim. Mas você acha que onde compensa mais é no norte?

Diana: É, nos outros países, né? Com certeza absoluta. Mas também se gasta mais, né? Porque eu tenho que pagar apartamento, eu tenho que...

Desculpa... tenho que pagar anúncio, entendeu?

As diferenças do Norte da Europa não estão apenas relacionadas a maior possibilidade de acumulação de capital econômico pelas trabalhadoras do sexo. Um dos aspectos reiterados frequentemente pelas interlocutoras que circulam por estes países são as diferenças associadas às sociabilidades na vida pública. Assim, na narrativa de Diana, podemos compreender outras

Encarnando a europeia

motivações para os trânsitos constantes para os países do Norte. Sua narrativa colabora também para a compreensão das diferenças culturais do Sul da Europa:

Eu: E com relação a transfobia. Tu acha que Brasil, Portugal, Itália... como você sentiu isso nos lugares?

Diana: Eu sinceramente, eu nunca passei, eu acho que por ser mais feminina, eu acho que eu nunca passei, mas eu te digo que é muito chamativa assim, as pessoas são más, são más no olhar, são más no comport... e assim, no Brasil ou na Europa. Só não são assim no Norte da Europa. Vê uma pessoa... Tu pode, tu pode tá vestido de mulher com barba, tu não, no Norte tu não vai vê nada. Tipo, na Holanda esses países nórdicos assim, tu não vai vê uma pessoa te olhando assim ou assado. Pra eles tanto faz, tu és aquilo que tu és. É o único lugar, que o resto... Pra cá, que são um europeu mais latino, tipo aqui, e na Espanha, que são esses europeus mais latino, esses sim, são que nem os brasileiros com os outros, entendeu?

Apesar das vantagens econômicas associadas aos territórios do trabalho sexual no Norte da Europa, Diana prefere viver em Portugal. A motivação para escolha do país de acolhimento é similar às narrativas de Yara e de Safira e estão associadas às proximidades culturais entre Brasil e Portugal:

Diana: Ah, eu já tenho só aqui em Portugal, eu tô já uns 4 anos, mas fiquei 1 ano e meio lá na Itália, fiz meu documento e depois...

Eu: Ah, aí você veio pra cá?

Diana: Ah, eu vim pra ficar na casa de uma... pra ficar três dias...

Eu: E nunca mais voltou...

Diana: Ah, é porque aqui é bem mais parecido com o Brasil, né?

A importância simbólica do passaporte pode ser percebida mais uma vez na narrativa de Diana sobre os territórios do trabalho sexual no Norte da Europa. Sua fala evidencia também as estratégias das trabalhadoras do sexo na defesa do campo prostitucional em países onde a prostituição é legalizada. Além disso, Diana reitera como a circulação de trabalhadoras sexuais brasileiras é limitada nestes territórios, devido à ausência de capital de mobilidade:

Diana: Só que lógico, já aconteceu também de ir pra países de as travesti chamar a polícia pra cima assim, mas como eu tenho passaporte a polícia num pode me fazer nada. Entendeu? Ah, tipo, eu gosto de ir... Eu fui pra Suíça, eu fui pra Zurich. Lá se inscreve. Lá é bom. É, só que, sempre tem as coisas assim, tu chega, mesmo estando inscrita a polícia do nada, as travesti velha que ligam pra polícia pra ver se tu realmente tá cadastrada... se não tiver cadastrada a polícia te manda embora, daí te dá uma expulsão.

Encarnando a europeia

Eu: Ahhh, Ok.

Diana: E a Alemanha também é bom por causa disso. Tu chega já se inscreve, tipo, lá é bom e tal. Os países que é... Que é legalizado assim são os melhores, porque tem pouca brasileira. Porque só com passaporte europeu mesmo.

Assim, o passaporte europeu adquire propriedades de capital simbólico e de segurança na circulação pelos territórios do trabalho sexual no continente europeu. Oliveira e Kulaitis (2007) afirmam que a obtenção de passaporte possibilita o aprendizado das regras do jogo migratório e as estratégias de ganho e conservação de recursos socialmente valorizados, como a cidadania. Esta possibilita maior facilidade no processo de integração e na efetivação de outros projetos migratórios. A fala de Diana expressa também a importância da regulamentação do trabalho sexual na obtenção de segurança e de cidadania para as pessoas trabalhadoras do sexo.

A trajetória de Débora também colabora na compreensão da importância da obtenção de cidadania para a acumulação de capitais e para a circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa. Conforme salientado, Débora chegou em Lisboa em 2003 e a obtenção dos documentos ocorreu por intermédio do casamento com um namorado português. Suas experiências de circulação itinerante pelos territórios do trabalho sexual incluem Espanha, França, Noruega, Finlândia, Emirados Árabes, entre outros países. Isso possibilitou a acumulação de capital econômico e a sua conversão para capital corporal em uma trajetória ascendente no campo prostitucional. No momento da produção dos dados, Débora estava à espera da emissão do seu passaporte português. Sua narrativa demonstra também as relações entre as trabalhadoras do sexo e homens europeus com o conceito de *ajuda*:

Eu: E tu tá em Lisboa há quanto tempo?

Débora: Já faz, olha... Eu sou... Eu sou casada, Emerson, com uma pessoa aqui...

Eu: Aaah...

Débora: No começo era amor mesmo, mas hoje em dia é mais conveniência, sabe? Já fazem muitos anos. Meu número de contribuinte daqui é desde 2003, daí tu tira: 2003!

Eu: Três?

Débora: Eu cheguei antes do que isso! [...] Pois é... O meu relacionamento com ele é assim, cara. No começo era bem, mesmo, amor. Quando a gente é novinha tudo é amor. Depois de um tempo, virou...

Eu: Mas vocês estão juntos ainda?

Débora: Como amizade, sim.

Eu: Não vivem mais juntos?

Encarnando a europeia

Débora: Não. Namorar com homem bonito dá trabalho. Depois de muitas brigas, muitas linhas, eu tô com ele, tô dando até uma ajudinha para ele porque ele está sem trabalhar, mas eu quero meu passaporte que vai sair agora. Saindo... Eu já dei entrada, tô esperando um papel meu do Brasil que tá vindo. Já faz muitos anos que eu troquei meu nome.

As motivações de Débora pela escolha de Lisboa como residência demonstram mais uma vez a importância dos laços culturais entre Portugal e Brasil e as proximidades linguísticas. A fala de Débora exprime também os fortes laços estabelecidos por ela com Portugal, apesar da constante circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa:

Débora: Mas, não te nego, amigo, adoro Lisboa, adoro viver aqui e gosto dessa tranquilidade, dessa... que quer queira, quer não, Portugal... é o Brasil dentro de Portugal, né? Não tem jeito, não tem jeito! Se Portugal não tivesse ido lá, talvez a gente tivesse uma cultura, um jeito de ser diferente. Mas, não tem como negar...

Eu: Você se sente super acolhida?

Débora: Acolhida, sim! Por exemplo, eu vivi cinco anos em Paris, só que aqui você sabe falar português, tá finíssimo! [...] E lá no aeroporto, assim: «Olá, senhoras e senhores! Vamos preparar para aterrar em Lisboa. Temperatura local». Ai, você já sente: «Ai, tão bom! Lugar bom!».

Dalila também tem uma trajetória ascendente no trabalho do sexo no continente europeu, resultado da acumulação de capitais de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural. Sua trajetória nos territórios do trabalho sexual ao redor do mundo demonstra a importância da acumulação de capital econômico na criação de justificativas para fazer parte do mercado do sexo perante sua família de classe social mais favorecida. Conforme salientado anteriormente, seu primeiro destino na Europa foi a Suíça, em 1999, onde ficou por três meses. Esta primeira experiência possibilitou uma nova perspectiva sobre o trabalho do sexo para os seus pais e irmãos:

Eu: Você... Vou tentar voltar! Então, aí, você foi pra Suíça. Ficou lá quanto tempo? Me conta um pouco.

Dalila: Fui pra Suíça. Em três meses, eu saí da Suíça com 280 mil euros.

Eu: Wow.

Dalila: E no Brasil com 280 mil euros. Isso, na época, um euro estava 4 reais. Então, assim, a primeira vez que eu fui pra Europa, eu já voltei rica. Foi aonde a minha família começou a entender que nesse mercado eu conseguiria me impor. Porque a minha mãe tinha medo de quê? De que eu fosse explorada, agredida, que eu fosse violentada. Tinha aquela imagem do submundo, parado na esquina morrendo de frio e parando carro e eu falando

Encarnando a europeia

não. Sabe? Quando eu cheguei, eu fui pra Europa brigada com a minha mãe. Eu já tinha 18 anos. Eu falei pra ela: «Olha, eu ajetei tudo, a viagem e tudo, e estou indo pra Eu...». Nossa, assim, foi um desespero, minha mãe... Não sei se ela armou, se ela fingiu, sabe? Se jogou no chão e tudo. E eu fui assim mesmo.

A obtenção dos documentos por Dalila também foi por intermédio do matrimônio com um homem europeu, que passou do estatuto de cliente para o de companheiro durante o seu segundo trânsito para o continente europeu, aos 25-26 anos. Sua narrativa demonstra também as dificuldades de circular pela Europa sem documentos e a importância dos laços de amizade e afeto entre trabalhadoras do sexo e clientes na obtenção de agência:

Dalila: Aí, eu conheci um cliente, entendeu? Aí, a gente começou a sair. Aí, os 6 meses que eu fiquei lá na Dinamarca, olha, nos últimos 4 meses ele saía comigo diariamente. Sabe? Saindo, saindo, saindo [repetição]. O que é que aconteceu? Começou a ter controle na Dinamarca, aí eu peguei e falei: «Bom, antes que eu seja pega novamente, né? E aí eu expliquei, dessa vez, não é verdade? Eu vou embora». Aí eu falei para ele que eu ia embora, que estava com medo de ser controlada. Aí fui para Espanha. Esse homem foi para Espanha. E ele falou: «Olha, tem uma forma muito simples de você ficar na Dinamarca». Eu falei: «Qual?». Ele: «Casando». Entendeu? Aí, até então, aí, eu falei: «Ah, eu caso». Daí, então, ele é muito sério. Dois meses depois estava com tudo pronto para mim casar, entendeu? E aí assim, nós nos casamos. É... Ele foi...

Eu: Você tinha um sentimento por ele?

Dalila: Ele era um cliente, entendeu? Agradável, gostoso, eu gostava do sexo entre nós. Mas, até... Era um cliente, entendeu? E que virou um amigo. Ele é o meu melhor amigo. É uma pessoa assim que eu posso contar com ele para qualquer coisa.

Eu: Qualquer coisa.

Dalila: Tanto que assim quando, na Dinamarca depois de 5 anos de casada. Tem que ficar 5 anos casada. Se você ficar 3, você perde. Nós ficamos juntos 2 anos e meio.

Eu: Morando junto?

Dalila: É...

Eu: Você parou de trabalhar?

Dalila: Não.

Eu: Não?

Dalila: Não. O que que acon... Dois anos e meio. E aí, quando a gente separou, ele mesmo, ele falou: «É legal a gente continuar casado porque se entrar com o divórcio a gente... você perde tudo». Eu falei: «Não, para mim, eu que pergunto se você aceita, né? Ficar casado comigo». Ele: «Não, pode. Não vou casar com mais ninguém». Aí casou. Ficamos os 5 anos, até eu pegar o passaporte...

Eu: E depois separou?

Dalila: Separamos.

Esta complexidade de interesses envolvendo pessoas trabalhadoras do sexo e homens europeus sublinha a necessidade de uma análise destas relações para além de uma perspectiva marcada por interesses econômicos e/ou trabalho do sexo. As experiências de Leila, Débora e Dalila salientam a importância do conceito de *ajuda* e o papel do *respeito*, da consideração, do amor e das reconfigurações do afeto. Assim, as relações estabelecidas entre estas três interlocutoras com os seus companheiros/clientes/amigos «[...] remete a alterações nas articulações entre sexo, dinheiro e benefícios, acionadas para satisfazer necessidades de diversas ordens e desejos, produzindo diferentes modalidades de afeto» (Piscitelli, 2011:576).

A trajetória e experiências de Dalila possibilitam compreender também as diferenças e desigualdades existentes nos territórios do trabalho sexual. Paralelamente, a aquisição de autonomia e agência lhe permitiu a circulação e a escolha dos melhores lugares para viver e trabalhar. As motivações de Dalila para viver na Dinamarca estão relacionadas aos valores da comercialização das performances sexuais. Além das vantagens econômicas, suas experiências possibilitaram compreender as diferenças culturais da Europa. Assim, na sua fala, podemos notar similitudes com as experiências de Diana e Leila, no Norte da Europa:

Eu: E preconceito por ser brasileira?

Dalila: Não existe. Não existe?

Eu: Você acha que sofreu preconceito?

Dalila: Brasil, olha, Dinamarca, Dinamarca é um país onde eu acho que essa palavra foi meio que extinta. Primeiro que assim, a única coisa que eu não gosto lá, é você pode sair na rua linda e você pode sair na rua de pijama que é a mesma coisa.

Eu: Ninguém te olha?

Dalila: Não. Ninguém te olha! Passa merda no cabelo que ninguém vai dizer que está sentindo cheiro de bosta. Ninguém vai fazer. Vai ficar excluída, mas ninguém vai reclamar que está sentindo cheiro: «Que cheiro de merda é esse? Hmmm, você está sentindo esse cheiro de cocô? Uhhh». Não existe. Sabe, paquera, essas coisas acontece em discotecas, acontecem em bares, e em eventos assim, lugares que as pessoas estão a vontade, na rua...

Eu: Nunca?

Dalila: Não.

As experiências de Dalila nos diversos territórios do trabalho sexual durante os quase 20 anos de circulação no continente europeu e pelo globo terrestre possibilitaram a constituição de uma perspectiva sobre o fluxo de mobilidade de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. O conhecimento adquirido viabilizou também a constituição de estratégias do trabalho do sexo, por exemplo, com relação à importância da

circulação itinerante por diversos países e às desvantagens do mercado do sexo em Portugal quando comparado com outros locais do mundo:

Eu: E o que é que você via na Europa antes de vir essa primeira vez? O quê que vinha na tua cabeça quando você pensava nisso?

Dalila: Meu bem, você sabia que ia vir e ia fazer alguma coisa. Antigamente sim. Vim por uma questão de prosperar, entende? Teria que ser muito penosa¹ para nada, entendeu? Ou se perder nas drogas ou se meter com homem. Porque antigamente você vinha para Europa, você sabia que você ia voltar com dinheiro pra comprar uma casa, você sabia que ia voltar com dinheiro pra comprar um carro. Isso era certo! Hoje em dia isso... Hoje em dia pra você ganhar dinheiro aqui você tem que estar puxando maleta. É 15 dias mais 15 dias em um outro. Aí vai para uma cidade 15 dias, depois vai... Porque, sabe o que acontece? O fluxo agora está muito grande.

Eu: Concorrência então?

Dalila: Muita! E a concorrência é desleal. Aqui mesmo, se todo mundo cobrasse 80, eles iam pagar 80, mas têm as que cobram menos, têm as que cobram 40, têm as que cobram 50. Você está entendendo? Então, assim, elas preferem fazer 10 de 30... [...]

Eu: E por que você acha que têm tantas meninas aqui?

Dalila: É muito fácil viver em Portugal. Aqui em Portugal sem dinheiro você aluga um apartamento, você abre uma conta em um banco, está entendendo? Você vive, você sai, você come, está entendendo? Para muitas delas que não conhecem dinheiro, fazer 200 euros por dia é muito.

Além destas questões, as experiências de mobilidade pelo continente europeu e/ou mundo colabora na compreensão do papel da globalização, do acúmulo de capitais econômico e de mobilidade na caracterização de uma elite que circula constantemente pelo globo terrestre. Por exemplo, as experiências de circulação itinerante de Dalila, desde 1999, incluem Espanha, Dinamarca, Emirados Árabes, Estados Unidos da América, Andorra, Catar, China, Ilhas Maldivas, Grécia, República Checa, Bélgica, entre outros países. Portanto, as experiências de Leila, Diana, Débora e Dalila demarcam as inúmeras diferenças e desigualdades existentes entre o grupo de pessoas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. Estas quatro interlocutoras fazem parte de uma elite no trabalho sexual, desempenhado por mulheres trans e travestis com elevada acumulação de capital de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural que possibilita a circulação internacional pelos campos prostitucionais do mundo. Estas trajetórias e experiências possibilitam algumas aproximações com as constatações de Bauman (2003) sobre o estilo de vida cosmopolita de uma elite econômica na contemporaneidade. No caso das trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras, na circulação pelos diversos territórios do mercado do sexo, além de

¹ Pessoa que não trabalha e/ou depende das outras.

possibilitar a acumulação de capital econômico, a própria mobilidade é mobilizada como aspecto de classe na tentativa de elitização das suas trajetórias perante outras pessoas do seu círculo social:

O mundo habitado pela nova elite não é, porém, definido por seu “endereço permanente” (no antigo sentido físico e topográfico). Seu mundo não tem outro “endereço permanente” que não o e-mail e o número do telefone celular. A nova elite não é definida por qualquer localidade: é em verdade e plenamente *extraterritorial* (Bauman, 2003 [grifos do autor]: 53).

Circulação geográfica e alterações nas biografias corporais

Conforme discutido no Capítulo II, as biografias corporais somente podem ser compreendidas em sua totalidade e especificidades articulando-as com os processos de encarnação e os seus respectivos contextos sociais/culturais, as desigualdades e os privilégios na obtenção de um capital corporal específico. Portanto, apreender as biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras em mobilidade transnacional é também percorrer as trajetórias de vida das interlocutoras na busca de significantes e significados nos processos de encarnação, e as alterações nos patrimônios de disposições com os trânsitos para Portugal e/ou outros países do continente europeu. As experiências no mercado do sexo europeu possibilitam a acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal, ou seja, é um ponto de viragem nas biografias corporais. A encarnação da experiência europeia adquire significados no/pelo corpo, seja pelas alterações no projeto corporal e/ou pelo acesso às biotecnologias de transformação do corpo. Portanto, nesta seção, analiso a influência da mobilidade nas biografias corporais e na atualização das disposições estéticas das interlocutoras com as experiências da mobilidade e da circulação itinerante.

A trajetória e a biografia corporal de Flora, em que o desejo da mobilidade adiou a cirurgia de próteses mamárias é um exemplo do que foi exposto anteriormente. Assim, um dos primeiros objetivos de Flora, após acumulação de capital econômico por intermédio do trabalho do sexo, foi a realização deste sonho: «[...] eu me sentia feia, me sentia esquisita, não podia comprar uma roupa, não podia botar um decote, não podia nada. E aquilo ali me afetava psicologicamente, não gostava, mas aí quando... aí fui e coloquei o peito, comecei a ganhar dinheiro, fui para Espanha e coloquei o peito». Foi a intermediação de uma amiga trans e

trabalhadora do sexo, em Barcelona, que possibilitou Flora trabalhar na cidade e acumular o restante do dinheiro para realizar a cirurgia. Além da importância das próteses na constituição da sua feminilidade e representação positiva de si, a cirurgia de Flora demonstra, mais uma vez, a relevância das redes de amizade e *ajuda* nas experiências transnacionais de travestis e mulheres trans brasileiras:

Eu: Você foi primeiro para aonde?

Flora: Primeira cidade que eu viajei internacional, foi Espanha, Barcelona, foi quando eu botei o peito, foi a primeira viagem.

Eu: Você colocou o peito e foi para Barcelona linda? Ou não, foi em Barcelona para colocar?

Flora: Foi assim, fui sem peito. Eu estava com dinheiro guardado, tinha aí uma grana guardada, engraçado, eu tinha uns 2000 mil euros guardados, o peito era 3500, eu tinha 2000 guardados. Fui para Barcelona com esta minha amiga que me convidou, ela tava.... Ela se casou com... Um espanhol, fui para casa dela e fiquei lá 15 dias. E ela sempre me deu força para colocar este peito logo, infelizmente eu não tinha condições financeiras, até então. Esta amiga me deu muito apoio. O que ela fez, eu trabalhei na casa dela.

Eu: Ela é trans também?

Flora: Ela é trans e trabalha também. Ela fez o seguinte, eu trabalhei na casa dela, lá eu fiz o restante dos 1500 e ela me levou para médica dela. Na casa dela trabalhando, eu fiz lá os 1500 euros, em 15 dias.

Eu: Ela tinha um apartamento onde atendia os clientes?

Flora: Na casa dela, ela vive lá na Espanha e na casa dela ela trabalha. E lá eu ganhei estes 1500 e juntei o dinheiro e ela me levou na médica, não paguei consulta nem nada, porque a médica, ela já tinha uma consulta, que ela estava tratando de um problema que ela teve na prótese. A médica me examinou e eu decidi pôr. Fiquei com um pouco de medo, mas era uma realização tanta que eu estava tão feliz, que eu nem quis saber da dor, eu não quis saber de nada. Até então, a minha cirurgia foi com anestesia local.

No caso de Flora, a mobilidade, a *ajuda* e as redes de pessoas e lugares foram de fundamental importância na constituição do seu capital corporal. Conforme já salientado, as próteses mamárias, na percepção de Flora, são um dos aspectos mais importantes da sua biografia corporal e da sua feminilização. Além da relevância das próteses na constituição de uma imagem positiva de si, as próteses representaram também a autoconfiança para explorar outros territórios do trabalho do sexo em Portugal:

Flora: Durante estes seis anos logo a seguir ao peito que eu tive mais... Logo a seguir ao peito foi que eu comecei a viajar de verdade, me senti mais corajosa para colocar um anúncio e realmente me lançar nestas cidadezinhas para poder trabalhar, porque o peito abriu portas. É melhor, o trabalho do programa, da prostituição. Os homens gostam mais, se sentem mais atraídos.

Encarnando a europeia

É, para eles aquela visão ali de um ho... Um corpo feminino com seios e um pênis é o que eles querem.

Assim, a trajetória de Flora no mercado do sexo na Europa demonstra as conexões entre a mobilidade, a acumulação de capital econômico, a sua conversão para capital corporal e a obtenção de agência no campo prostitucional. É neste sentido que Vartabedian (2010: 49) afirma que: «El bienestar simbólico, social y el embellecimiento corporal son algunos de los factores que contribuyen a que se entiendan sus migraciones a Europa como un proyecto de empoderamiento personal».

Porém, quando analisamos as trajetórias das interlocutoras, são as biografias corporais de Débora e Luna que ilustram a profunda importância da mobilidade na acumulação/conversão de capital econômico/corporal e a constituição de uma imagem positiva e de autoestima sobre a identidade de gênero. Conforme já mencionado, Débora, nasceu em Fortaleza-CE, saiu da casa dos pais motivada a viver sua identidade de gênero feminina em São Paulo. Débora, chegou em Lisboa em 2003, aos 21-22 anos, depois de quatro a cinco anos vivendo/trabalhando na capital Paulista. Por intermédio do mercado do sexo no Brasil, Débora acumulou capital econômico e sua conversão para capital corporal, representado pelas próteses de silicone no seio e silicone industrial no quadril. Foi também por meio do trabalho do sexo que ela conseguiu autonomia, segurança financeira e capital de mobilidade, conforme discutido anteriormente. Após algum tempo trabalhando em Portugal, Débora circulou pela Espanha durante um ano, antes da crise de 2008: «Quando eu tive na Espanha, que foi aquela parte que eu te falei lá, eu tive em todos os interiores da Espanha. E na Espanha a gente ganhava muito dinheiro, Emerson, era aquela época da vaca gorda também». Esta viagem foi responsável pela acumulação de capital econômico para compra de uma casa em Fortaleza, no mesmo bairro dos pais e irmãos, e pela sua cirurgia plástica no nariz. Naquele momento da vida de Débora, a cirurgia representava o seu sucesso como trabalhadora do sexo trans e a encarnação do sonho de ser uma Barbie:

Débora: Ninguém tinha plástica no nariz, então poucas trans tinham. E lá tinha um cirurgião muito famoso que era o doutor [nome do médico], e eu: «Quanto é um nariz?». E ele: «Ah, 2500, 2000 Euros». E eu: «Eu quero fazer uma plástica no meu nariz». O meu nariz não era feio, mas era um nariz de bofinho². E daí ele era conhecido como se ele fosse um dos melhores, sabe? Daí, na hora que eu tava operando ele falou assim pra mim: «Você é tão linda!». «Ah, obrigada!». «Você quer nariz de mulher ou quer

² Termo êmico para homem bonito.

nariz de boneca?». E eu: «Eu quero nariz de boneca!». E ele: «Boneca Barbie³?». E eu: «É, é!» [risos]. Quando eu acordei, o meu nariz inchado, ele falou assim: «O teu nariz vai ficar lindo!». E eu: «Ai, tomara! Tomara!». E quando eu voltei pra Portugal, eu já voltei... loira eu sempre era, mas voltei com um nariz assim, lindo, pequenininho, e todo mundo: «Olha, teve sorte, hein!». E daí eu fiquei aqui por um bom tempo.

Os primeiros três anos de Débora na Europa foram responsáveis pela acumulação de capital de mobilidade, corporal, econômico e cultural. As experiências nos campos prostitucionais no continente europeu incitam a necessidade do aprendizado da língua inglesa. «Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura» (Fanon, 2008:50), mais do que isso, a língua possibilita o acesso ao estatuto de sujeito pela pessoa migrante (Mombaça, 2015). Assim, Débora começou a estudar inglês por conta própria em Lisboa, e a acumulação deste recurso possibilitou a sua conversão para capital de mobilidade. Foi por intermédio, mais uma vez, das redes de amizade/ajuda e de capital social com outras trabalhadoras do sexo que Débora teve a possibilidade de trabalhar na Grécia e na França:

Eu fui porque... Uma amiga minha me viu falando inglês porque... Aqui em Lisboa, eu comprei uns livros de inglês e comecei a estudar inglês em casa, fazer exercícios, estudar e tudo. E daí, fui tendo sucesso. Quando as pessoas ligavam pra mim, que era de fora, que falava inglês, eu já respondia. Então, isso era bacana porque eu tinha comunicação. Então, um dia a minha amiga que já falava muito bem o inglês, ela pegou e falou: «Ah! Olha, eu escutei você falando inglês e você fala bem». E eu disse «Ah, não é tão bem, mas vai sim». Aí, daí ela falou assim: «Olha, eu tinha uma viagem pra fazer pra Grécia. Você não queria ir?». Aí, eu disse: «Eu queria!». Aí, ela organizou toda a viagem pra mim ir pra Grécia e nessa viagem eu fui pra Grécia e pra Paris também.

A mobilidade para Paris, aos 24-25 anos, é outro ponto de viragem na biografia corporal de Débora. Na capital francesa, ela trabalhou como stripper e nos territórios do trabalho sexual. Isso criou possibilidades de conhecer mulheres trans de diversas nacionalidades e expandir sua rede de pessoas, *ajuda* e capital social, e ao, mesmo tempo, alterar suas disposições estéticas. Foi por intermédio do sistema de saúde francês que Débora teve acesso ao processo da cirurgia de confirmação de gênero, após realizar um teste de HIV em um centro de apoio a pessoas trabalhadoras do sexo:

³ A boneca Barbie é uma referência constante nas narrativas de Débora. Durante o momento de entrevista em seu apartamento Débora mostrou sua coleção de *Barbies* em uma parte especial do seu guarda roupa.

Encarnando a europeia

Eu: Desde quando que você tem esse desejo de... tinha o desejo de fazer a cirurgia?

Débora: Foi assim: uma amiga minha, ela tem... ela é da... HIV positivo... Soropositivo. E daí, uma vez ela falou assim: «Ah, Débora, é... será que tu quer ir lá no hospital pra tu fazer teu exame?». «Por que?». «Porque se tu tiver, é bom que aqui na França eles te dão apoio, eles te dão uma carta de...». Lá eles chamam *Carte de Séjour* que é... Como é que eles chamam aqui? É o... Que é uma residência que te dão... é a residência, poder ficar vivendo lá... «Vai ser bom... não sei o quê... pá-pá-pá». Eu disse: «Olha, não entendo muito o que você quis dizer 'tenho ou não', mas vamos ver... talvez possa até ter». E eu fui fazer o exame. Quando eu fiz o exame deu negativo, e como eu não falava francês, eu tava lá com a [amiga tradutora] que é uma tradutora... é uma travesti portuguesa que vive lá... e ela quem traduzia pra doutora. Então, a doutora viu meu exame, me olhou: «Deu negativo o teste, tudo. Ela não tem nada». Aí, a [amiga tradutora] me disse e eu disse assim: «Ah, [amiga tradutora] pergunta pra doutora... eu queria muito me operar. O que eu posso fazer pra fazer uma operação?». Ela: «Ah, ok. Você pode fazer isso, isso, isso e isso». E ela já começou a assinar os papéis todos e me deu o encaminhamento pra eu ir... fazer naquele mesmo prédio... pra eu operar. Eu disse: «Ah, é isso que eu quero».

Com a possibilidade de realizar o seu sonho, a cirurgia de confirmação de gênero, Débora investiu em recursos como tempo e dinheiro para realização do procedimento. Nas suas experiências em Paris, ela atualizou as disposições para mobilidade, as disposições estéticas, a acumulação de capital econômico por meio do trabalho do sexo e o aprendizado da língua francesa com o auxílio de políticas públicas oferecidas pelo Estado francês, ou seja, acumulação de capital cultural e também de mobilidade. Ao ser indagada sobre a importância deste acontecimento em sua trajetória de vida, é possível perceber a relevância desta experiência como símbolo do seu sucesso:

Débora: É... endocrinologista, psicólogo, é tratamento médico. E lá, eles também exigiram que eu fizesse... que eu fizesse... A prefeitura de polícia de lá, me exigiram que eu fizesse um curso de francês pra comunicação com os doutores, com todo mundo, porque não adiantava nada ir pra uma consulta e chegar lá eu ah, ah, ah, ah... e sair... você sabe francês é difícil. E daí eu fiz... Eu realmente vivi aquilo, acordava cedo, eu ia pra o curso, eu adorava aquilo, por cima de neve, no calor, e era de graça também. Eu não podia rejeitar aquilo, era uma... Naquela época eu tirava muito dinheiro aqui, tudo era muito bonito, era muito... era demais eu tá vivendo tudo aquilo. E eu curti tudo aquilo.

Após um ano e meio em acompanhamento médico, em consultas, que algumas vezes impossibilitavam o seu trabalho, a cirurgia foi marcada. Uma semana antes da data, Débora recebeu a notícia que não seria possível realizar o procedimento devido a ausência de uma junta médica. Comprometida a realizar a cirurgia naquele momento da sua trajetória de vida e com capital econômico para realizá-la em um hospital privado, Débora solicitou o seu dossiê e entrou em contato com alguns cirurgiões em Bangkok e em Londres. O que demonstra, mais uma vez, a conversão de capital econômico para capital corporal. A cirurgia de confirmação de gênero foi realizada na capital da Tailândia, Bangkok. Além do procedimento, Débora realizou um implante facial para arredondar as maçãs do rosto, conforme a narrativa:

Débora: E não conseguia trabalhar! Daí, eu consegui... aí depois desse um ano e meio, quando eles marcaram e que não deu certo, eu falei pra eles: «Olha, então faz o seguinte: me dê meu dossiê que eu vou entrar em contato com os cirurgiões de fora e vou fazer com eles...». «Ah, não faça isso! Aqui você vai fazer gratuito!». Só que a gente tinha muito dinheiro, eu não queria saber, eu queria aproveitar àquela altura. «Ah, não faça isso. Aí você vai perder tudo gratuito e tudo...». E daí, eles me deram meu dossiê e eu entrei em contato, acho que com uns quatro, uns quatro cirurgiões de fora... [...]

Eu: Você fez em Bangkok? Aonde foi?

Débora: Foi em Bangkok, eu fiz... e cheguei, fui super bem recebida, realmente o doutor lá, um doutor muito querido, é uma pessoa muito querida também e mesmo com meu pouco inglês eu tinha comunicação com ele. [...]

Débora: E também, lá, eu olhei pra ele e falei assim: «Doutor, eu queria fazer alguma coisa no meu rosto que eu ficasse mais, mais feminina». E ele colocou, eu tenho prótese aqui, ó.

Eu: Ah, pra fazer a maçã...

Débora: É, eu tenho prótese aqui. Aí, ele colocou essa prótese também meu rosto ficou mais inchado, depois foi desinchando. E daí, eu fiquei um mês.

O capital corporal de Débora demonstra os inúmeros *insights* no processo de reflexividade das suas experiências dados por outros modelos de feminilidades durante a mobilidade, por exemplo, com relação à sua cirurgia de feminilização facial. Foi por intermédio de uma amiga, que em sua perspectiva «tinha um rosto muito masculino» e que adquiriu bons resultados com a realização do procedimento com um cirurgião peruano, que Débora foi motivada a investir/converter mais recursos em seu capital corporal. Após entrar em contato com o cirurgião e definir as especificidades da intervenção, Débora viajou para Lima, conforme sua narrativa:

Débora: Fui pra lá, pro Peru. Quando eu chego no Peru...

Eu: Em Lima?

Débora: Em Lima. Fui na clínica dele no outro dia... Uma clínica muito bonita, tudo. E eu gostei dele porque quando eu fui consultar, eu disse: «Olha, doutor, eu tenho uma testa muito grande. Eu não gosto! Eu já fiz uma cirurgia aqui, mas eu acho que ele não deixou bem minha testa». Ele disse: «Olha, o que eu posso fazer assim na sua testa, eu vou diminuir esse osso aqui. A gente coloca uns fios de ouro aqui pra sua sobrancelha não cair, ficar alta. Essas duas próteses... e colocar mais aqui, mais feminina». Aí, ele falou assim... [...] «Olha, tem uma coisa que tá pesando muito no seu visual, que é... que se você fazer, você vai ficar muito mais feminina». E eu: «O que, doutor?». Aí, ele: «Olha, eu vou fazer a sua parte da testa, tudo. A gente vai colocar uns fios aqui pra sua sobrancelha ficar alta, e a sua boca». Aí, eu: «A minha boca?» É porque eu tinha colocado silicone e a minha boca tava assim (puxa o lábio superior para baixo). Quando uma mulher fala, que você não vê os dentes de cima é porque tá exagerada a boca. E eu: «É mesmo, né?». Ele disse: «É! Então, eu vou fazer tudo isso seu, e vou fazer a tua boca». Eu disse: «Ah, ok!». Aí, fiz lá. Ele costurou toda a minha boca aqui por dentro, ele tirou o silicone. Abriu e tirou. Costurou toda a minha boca por dentro e levantou aqui, ó!

Eu: O seu nariz? Não, a boca.

Débora: A boca. Ele costurou aqui e fez um lifting na minha boca também, que era pra quando eu falasse desse pra ver os meus dentes. Porque eu ficava assim, e parecendo boca de velho, ficava muito velho. Daí, fiz e adorei! Ele é um cirurgião que diz assim «É isso!». [...] Ele foi direto e reto: «Você precisa disso!». Então, eu gostei muito e voltaria lá se eu precisasse.

A fala de Débora, além de expressar a complexidade das biotecnologias encarnadas na sua biografia corporal, também explicita as minúcias das negociações reflexivas na obtenção do seu projeto de corpo. A feminilidade é significada por intermédio de atributos, códigos e significantes expressos pelo capital corporal e sua performance. Assim sendo, a pessoa os decodifica reflexivamente para posteriormente encarná-los. Além dos aspectos relacionados à beleza e à feminilidade, a narrativa expressa a importância do capital de mobilidade e econômico na obtenção do seu capital corporal, e as preocupações de Débora com a juventude, bem como as tentativas de reparar as intervenções no capital corporal realizadas com disposições estéticas do passado.

Portanto, a biografia corporal de Débora é resultado do seu trabalho como trabalhadora do sexo, dos inúmeros investimentos em biotecnologias que o seu trabalho permitiu e da circulação global que o seu trabalho implicou. O seu projeto de corpo advém da constituição de disposições estéticas constituídas pelas experiências com outras mulheres trans e travestis ao redor do mundo. Sua trajetória ascendente no campo prostitucional possibilitou a acumulação elevada de capitais econômico, corporal, social, cultural e de mobilidade e a recorrente conversão entre estes recursos. As racionalidades econômicas e estéticas, subjacentes aos patrimônios de disposições, as recorrentes preocupações de Débora

Encarnando a europeia

com o seu capital corporal e a importância dele para acumulação de capital econômico podem ser percebidos na narrativa sobre a sua última intervenção corporal, o implante capilar:

Débora: E daí, eu disse assim: «Poxa, chuchu eu tô... Eu com umas entradas». Eu já tava passando lápis preto nas entradas. Aí, eu disse: «Não, não é a mesma coisa». Daí a gente viu umas clínicas em Lisboa, em Porto também, só que elas eram muito caras!

Eu: Muito caras?

Débora: Muito cara e muita exigência. Daí a gente entrou em contato com essas clínicas de Istambul... Que eles são os pioneiros, eles sabem fazer mesmo o negócio todo.

Eu: Eles implantam o folículo capilar?

Débora: Eles tiram daqui de trás pra colocar na frente. Olha o meu de trás como já tá grande.

Eu: Ahhh... Saquei.

Débora: O meu cabelo tá pouco. O meu cabelo mesmo tá lá em casa, um pedaço assim, que eles cortaram, amarraram e tiraram. O meu cabelo é aqui, ó! Eu sou a legítima morena brasileira com cabelão na bunda. [...] E daí... Os implantes estão crescendo já, mas são seis meses pra crescer um pouco mais de volume. Sinto-me muito bem... Eu tive que abdicar da vida da noite, mesmo quando eu não pagava entrada na discoteca, mas... [...] Vai juntando, vai colocando na ponta do lápis... Pra mim que tava na... Não ficava, mas ficava...

Eu: Você gastava tudo...

Débora: Se você não meter no cofrinho você nunca mais vê aquilo ali render e aumentar, não é verdade?

Eu: Yeah, com certeza.[...]

Débora: Tipo, eu disse: «Agora eu vou sentar. Vou ficar em casa e não vou sair». Sabe quando vem aquela abstinência, só que eu já não namorava mais com...

Eu: Isso foi quando? Foi por agora?

Débora: Foi. Faz uns 6, 7 meses que eu não saio.

Eu: Ahhh.

Débora: Eu fiz meus dentes, fiz clareamento agora... Eu não tinha essa pedrinha aqui [piercing dental]

Eu: Ooh! Acho linda!

Débora: Daí tô fazendo agora todos os meus dentes. *Tô sempre investindo em mim, Emerson, sabe por quê? Porque eu trabalho com beleza. Por exemplo, eu tô aqui agora contigo, mas eu tô em um trabalho social porque pode passar um homem e me ver...* [grifos meus].

A fala de Débora sobre o tipo específico de capital corporal encarnado colabora no entendimento das representações sobre a brasilidade e sua utilidade como recurso no trabalho do sexo desempenhado por mulheres trans e travestis brasileiras na Europa. No entanto, antes de adentrar esta discussão, é necessário analisar a importância da mobilidade na trajetória e biografia corporal de Luna.

Luna chegou em Lisboa, aos 37 anos, é a interlocutora que realizou a mobilidade com maior idade, por intermédio das redes de *ajuda*. Como analisado anteriormente, a trajetória e a biografia corporal de Luna ilustram as desigualdades das características de racialização e classe nas biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras. Sua biografia corporal sublinha as constantes negociações entre a identidade de gênero, o trabalho formal, a instituição família e o trabalho do sexo, este último sendo o único espaço possível para vivenciar sua identidade de gênero feminina. O seu capital corporal, no Brasil, era encarnado de modo provisório. Conforme salientado no capítulo II, a única intervenção realizada por Luna foi a constituição de nádegas e quadris por intermédio do silicone industrial e auto hormonização. Assim, a mobilidade para Portugal representou um importante ponto de viragem na vida de Luna com a encarnação permanente da sua identidade de gênero:

Eu: E você acha que... O que você aprendeu nesse um ano aqui? O que você acha que você era e não é mais? O que você deixou pra trás?

Luna: Então, eu acho que eu deixei pra trás, que eu acho que eu vou deixar pra trás é o [nome designado ao nascimento]. Sabe assim, que nem tipo não quero mais chegar... E minha família, que nem minha irmã fala assim pra mim: «A gente aceita você do jeito que você é, mas a gente nunca vai conseguir te chamar de Luna». Mas eu queria, não queria mais ter o [nome designado ao nascimento]. Lá no Brasil, tipo era o [nome designado ao nascimento] de dia e a Luna à noite, não quero mais isso pra mim. Eu quero ser vista, eu quero tá de mulher 24 horas. Eu estou indo preparada pro Brasil, pra ficar de mulher 24 horas, entendeu?

Eu: Você acha que aqui então foi uma preparação pra isso?

Luna: É, porque que nem eu já falei pra você, eu já tive essa experiência no Brasil de ficar 24 horas de mulher, mas depois que eu fui presa, que eu saí, eu não tinha mais essa experiência, entendeu?

A fala de Luna realça as dificuldades que muitas mulheres trans e travestis brasileiras vivenciam para encarnarem suas identidades de gênero. A mobilidade para Portugal possibilitou a Luna construir uma autoimagem positiva de si e confiança para exteriorizar sua identidade de gênero para seus familiares. Ademais, a mobilidade e o capital econômico advindo com o trabalho do sexo possibilitaram o acesso às biotecnologias e ao cuidado de si. Assim, a narrativa de Luna demonstra mais uma vez os processos de conversão de capital econômico para capital corporal e as desigualdades de classe no acesso às biotecnologias na sociedade contemporânea:

Eu: Quanto que é uma sessão de laser aqui?

Encarnando a europeia

Luna: No rosto 80. Pago 80 Euros. (Balbucios) Tipo aqui é 45, tem uns que fazem o pacote dependendo do... sabe assim? Então, tem um monte de coisa que eu não fazia aqui, que nem no Brasil, eu nunca fui num salão de cabeleireiro no Brasil e fazer tipo pé, mão, sobrancelha, cabelo e... Nunca fiz isso, aqui eu faço, que nem tem um dia que eu tiro e vou no salão, faço tudo.

Na percepção de Luna, as principais diferenças e vantagens entre as experiências que vivenciou no Brasil em comparação à vida em Portugal são as possibilidades de ter acesso às biotecnologias, o respeito a sua feminilidade e identidade de gênero. O desejo de regressar ao Brasil é motivado devido aos fortes laços com sua família e com o namorado. Em sua percepção, o trânsito para Portugal não trouxe alterações em sua subjetividade, no entanto, na compreensão de uma amiga também trabalhadora do sexo no Jardim Itatinga, Campinas-SP, Luna modificou o seu modo de ser e de estar com as experiências da mobilidade, conforme a narrativa:

Eu: Então, você acha que vive melhor aqui do que no Brasil?

Luna: Vive, aqui, eu acho assim, se você é uma pessoa que tem sua família aqui... Que nem se eu tivesse meu namorado aqui, eu não voltaria pro Brasil. Se eu tivesse minha família. Porque assim, eu volto mesmo pro Brasil por conta da minha família. Se eu tivesse uma família que tipo não me aceitasse, se eu não me desse bem com minha família, se eu não tivesse meu namorado, eu acho que não voltaria nunca mais pro Brasil. Só volto, estou voltando mesmo pro Brasil por conta da minha família. Vive melhor, mais respeitada. As coisas aqui são mais acessíveis, que nem lá no Brasil, eu nunca consegui fazer uma sessão de laser, porque lá era um absurdo. Aqui eu faço uma sessão de laser, tipo uma vez por mês, 2 vezes por mês. Coisas que no Brasil eu não fazia. [...]

Eu: O quê que você ganhou?

Luna: Então eu acho assim, eu vejo que eu não mudei nada que... a única pessoa assim, tipo assim, só vejo tipo que fico de mulher 24 horas. Mas eu tenho uma amiga minha que veio pra cá, e ela falava assim pra mim: «Nossa Luna, você está muito diferente». Sabe, ela ficou esse tempo sem me ver, e aí ela veio pra cá agora e ela fala pra mim assim: «Nossa você tá muito diferente, Luna. Nossa, seu jeito». Só que eu vejo assim, eu não vejo nada de diferente em mim, mas ela fala pra mim que eu tô muito diferente. «Nossa, você tá muito diferente, seu jeito, seu jeito de se portar». Não sei, acho que ela tava acostumada a ver, eu sou a Luna, a gente se via na rua trabalhando, então, eu não sei, ela fala pra mim que eu tô diferente. Mas eu não vejo assim que eu mudei...

Luna não consegue dimensionar as alterações que o trânsito geográfico acarretou no seu modo de ser e estar, porém, tem dimensão do papel da mobilidade na constituição da reflexividade, na acumulação de capital econômico e na sua conversão para melhores

condições de vida para si e sua família, ou seja, *ajuda* e responsabilidade (*juízo*). Tem dimensão também das melhores possibilidades de constituição do seu capital corporal. Na narrativa de Luna, podemos perceber também a importância da mobilidade na obtenção de segurança financeira, sucesso, orgulho de si perante a sua família e da família perante a comunidade:

Luna: Mas, eu aprendi a ser mais econômica. Eu penso mais, tipo, eu vim pra cá, faz um ano que eu tô aqui, tá? Um ano, um mês e acho que 10 dias, mas eu quero olhar pra trás e poder falar assim: «Eu deixei minha família, eu fiquei um ano longe da minha família, um ano longe do meu namorado, mas eu consegui fazer um monte de coisa». E eu quero olhar pra trás, igual tipo assim, eu vou, eu sei que eu vou ter o maior orgulho de chegar na frente da casa da minha mãe e ver a casa dela do jeito que eu tava... Que tá hoje. Como era antes... Entendeu? Eu sei que vou ter... Poder deitar no travesseiro tranquila, que eu não tinha paz de tanta conta que eu tinha, eu não tinha paz. Que nem eu quero fazer e ter condições de fazer meu peito. Que eu não faça o meu nariz e peito de uma vez, mas pelo menos o meu peito eu quero colocar, entendeu? Então tipo, eu quero, eu quero voltar e poder ver as coisas que eu fiz... Então, hoje eu vindo pra cá, eu dou mais valor no meu dinheiro, entendeu? E aí é isso. [...] O dia que eu sai de lá, eu falei pra minha mãe: «Eu vou viajar, vou deixar a casa da senhora, a casa mais bonita da rua. Eu quero que quando as pessoas, pergunta assim: ‘Onde dona [nome da mãe] mora?’ Eu quero que as pessoas falem assim: ‘Ah [nome da mãe] mora na casa mais bonita da rua.’ ‘Pode descer aqui, quando che...». E realmente a casa da minha mãe ficou linda... Sabe, eu sempre falei assim, eu quero quando as pessoas perguntar, falar: «Foi o filho que era...». Que nem minha irmã fala assim: «A mãe tem maior orgulho em falar: é meu filho, é o filho». «Ai, mas qual filho da senhora?». «Aquele que é homossexual». «Mas qual filho da senhora?». «Aquele que fez isso na casa da... é meu filho». E a minha irmã falou assim: «Nossa, você precisa de ver a mãe, mas qual filho dona [nome da mãe]?». «Aquele que é homossexual».

Enfim, as experiências de Débora e Luna demonstram o impacto da mobilidade para a Europa nos percursos de vida e biografias corporais de mulheres trans e travestis brasileiras. As dificuldades sofridas no Brasil, as vulnerabilidades de classe e/ou características de racialização e a transfobia estrutural são ressignificadas com as experiências positivas na Europa e com a acumulação de capital econômico em uma auto-imagem positiva de si e sobre as trajetórias de vida.

Estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica.

A circulação pelos distintos territórios do trabalho sexual no continente europeu possibilita a criação/aprendizado de diferentes estratégias da prostituição que serão abordadas no próximo capítulo. No entanto, algumas destas estratégias estão relacionadas ao espaço geográfico, às suas respectivas leis estatais e ao impacto no campo prostitucional. Assim, nesta seção, busco resgatar o conceito de estratégia da Teoria da Prática e como as experiências das interlocutoras nos distintos territórios do trabalho sexual possibilitam obter vantagens perante outras trabalhadoras do sexo.

O trabalho do sexo, como qualquer outro tipo de negócio inserido em uma lógica capitalista de mercado, necessita de estratégias para obtenção de clientes e acumulação de capital econômico. Estas estratégias são constituídas pela acumulação anterior de um dos diversos tipos de capital em disputa no campo e são geradas pelas disposições criadas anteriormente, que sobrevivem no presente e possibilitam uma certa antecipação do futuro (Bourdieu, 1996). Quanto maior a acumulação destes capitais – por exemplo, o social, que possibilita informações sobre os territórios do trabalho sexual na Europa - e dos conhecimentos estratégicos utilizados por outras pessoas no campo, maior será a possibilidade de incorporar práticas que auxiliem no «jogo» (Bourdieu, 1983). Portanto, o aprendizado/utilização de estratégias provisórias, além de possibilitar vantagens perante as outras pessoas do campo, com o passar do tempo, atualizam os patrimônios de disposições, que auxiliam na manutenção do local de poder/posição. Logo, as estratégias podem ser percebidas como reflexo do aprendizado e como produto do senso prático com as disputas do/no campo ao longo da trajetória (Bourdieu, 2004).

Os campos prostitucionais na Europa foram impactados com o advento da crise financeira, em 2008. Uma das soluções encontradas pelas mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo foi movimentar-se pelos diversos países do continente em busca de melhores oportunidades financeiras (Pelúcio, 2011). O que as trabalhadoras do sexo buscam com a circulação é fomentar o aspecto da «novidade», tão importante na comercialização das performances sexuais. Flora, por exemplo, imagina o tipo de raciocínio que é utilizado pelos clientes quando buscam uma acompanhante:

Flora: Sim, você chega em numa cidade você trabalhando assim, você tem sua publicidade. Você chega numa cidade, você sendo uma novidade que nunca teve ali, os clientes que habitualmente frequentam este tipo de serviço, vão lá naquela pessoa, vão lá na pessoa. «Quero conhecer esta trans nova que chegou, quero ver se ela realmente é ativa».

Encarnando a europeia

As interlocutoras desta pesquisa sabem que na capital Lisboa existem muitos clientes em potencial, porém, a sedentarização diminui a curiosidade dos clientes. Assim, mudar periodicamente de uma cidade para outra possibilita captar clientes novos e causar «saudade» nos antigos. Luna também tem dimensão da importância do aspecto de novidade no trabalho que exerce e utiliza esta dimensão como uma estratégia:

Luna: Eu trabalho bem melhor... Aqui em Lisboa é o lugar que eu trabalho melhor. Aqui é a única cidade que eu fico 2, 3 semanas.

Eu: E tu sai simplesmente porque é bom pra dá uma esfriada?

Luna: É bom pra, é exatamente pra dar uma esfriada na cidade. Que nem tipo que eu quero ir pra Aveiro. Aveiro, o dia que eu fui, eu fui num sábado e vim embora num domingo. Então, tipo é uma cidade que eu não sou conhecida. Geralmente eu gosto de ir pra cidades que eu não fui ainda. Que nem de Aveiro, eu quero ir pra Torres Vedras, eu iria pra Caldas da Rainha, mas falaram que não.

Se trabalhar em uma capital europeia possibilita o acesso a mais clientes devido à dimensão população/novidade. Por outro lado, a concorrência com outras trabalhadoras do sexo torna-se um importante fator nas dificuldades em captar e fidelizar clientes. Assim, algumas das interlocutoras preferem somente trabalhar em cidades pequenas, onde o contato com os clientes é mais íntimo e viabiliza a fidelização. Janaina, por exemplo, em sua terceira vez na Europa, prefere trabalhar em cidades do interior em detrimento das grandes cidades Europeias:

Janaina: É, é então eu gosto mais de trabalhar em cidade menor. Tem mais trabalho que em cidade grande.

Eu: Tu acha?

Janaina: Eu nunca trabalhei em Barcelona nem em Madrid, na Espanha. Sempre nas cidadezinhas pequena.

Compreender a geografia da cidade e os serviços que são oferecidos na vizinhança do apartamento da trabalhadora do sexo também podem ser estratégias na captação de clientes. O centro da cidade pode ser um bom local caso a acompanhante decida ficar somente algumas semanas. No entanto, descobrir locais de circulação frequente de turistas ou pessoas que visitam a cidade a trabalho pode favorecer a captação de clientes e logo a acumulação de capital econômico. Maya, por exemplo, prefere viver na região lisboeta, repleta de hotéis, em

detrimento do centro. A justificativa pela escolha do local está relacionada à rotatividade frequente de clientes pela região:

Maya: Então, os clientes aqui... é rotativo.

Eu: Tem muito hotel nessa rua, verdade...

Maya: Os clientes são tudo rotativo. Os clientes que estão aqui só vem aqui pra gozar, passar a noite, entendeu? Então, você consegue muito cliente, você consegue muito cliente.

Eu: Ah...

Maya: Então você consegue muito cliente porque se você vai nessa rua aqui de trás tem hotel. Aqui, próximo de onde a gente tá, aqui tem um monte de hotel aqui, né? Aí, tem virando ali, então... Todo o giro aqui do centro, entendeu?

Eu: Sim, sim, é uma boa zona.

Maya: Então, daqui vai até o centro. Aqui você pega os clientes rotativo, entendeu? Quem tá viajando, quem tá vindo passear, passar uma semana. Então, os clientes saem muito fora do centro, eu falo dos clientes daquelas cidadezinhas...

Eu: Que é... Que é de Lisboa?

Maya: Que o giro é menor. Então é os clientes que moram ali. Então se você fez uma semana ali...

Eu: Acabou...

Maya: A segunda semana você não ganha mais dinheiro.

Eu: Porque todo mundo já te conhece...

Maya: Todo mundo conhece eu: «Esse aí já veio», entendeu? Uma semana tá bem, na segunda semana você não faz um giro legal. Na segunda semana fica mais ou menos, e na terceira semana você pode sair fora porque já não trabalha mais.

As estratégias do trabalho do sexo centradas no espaço geográfico podem ser melhor elaboradas se a acompanhante consegue circular por outros países do continente europeu, onde os preços das performances sexuais são elevados. No entanto, para circular para outros países europeus com segurança é necessário ter um «passaporte vermelho», termo êmico para o passaporte europeu. Conforme salientado anteriormente, Diana, depois de conseguir nacionalidade italiana por via da sua descendência, escolheu viver em Lisboa devido às familiaridades com a cultura local. Porém, de três em três meses explora o mercado do sexo em países mais atrativos:

Diana: É tipo, eles gostam, mas cobra mais, aqui em Portugal eles num pagam. Aquele um pagou pra mim e pronto.

Eu: E no norte do tipo?

Diana: Lá eles gostam muito sim, gostam. Que mijei. Eu num faço nada disso, num, Deus me livre. Mijar em mim, na minha cara?

Eu: Sim...

Diana: Não, toda sujeira do corpo tá na urina.

Encarnando a europeia

Eu: Na urina...

Diana: É claro que eu faço. Mas eu cobro, se pagarem mais... é 100 a mais. Quer? Porque num é uma coisa que eles fazem normalmente. Então, eles pagam pra ter o que eles querem, entendeu? Como gozar na boca deles e essas coisa.

Eu: Tu cobra a mais aí?

Diana: Lógico. Jogar meus hormônios fora?

A narrativa de Diana demonstra a importância da especialização em tipos específicos de performances sexuais na acumulação de capital econômico, que serão discutidas no próximo capítulo. Sua narrativa demonstra também que Portugal, apesar de ser o destino de muitas mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo brasileiras, devido aos acordos bilaterais entre os dois países e proximidade cultural e linguística, é o país que tem o preço dos convívios mais baixos se comparado aos outros países da Europa. Dalila, nos seus 22 anos de experiência como trabalhadora do sexo ao redor do mundo, passaporte brasileiro e dinamarquês e em sua terceira vez em Lisboa, ajuda a compreender o campo prostitucional em Portugal:

Eu: Quanto tempo, essa segunda vez que você passou aqui?

Dalila: Já tem quatro anos.

Eu: Ah. E você ficou quanto... Ah, sim. 4 anos sem vir?

Dalila: Sem vir pro... Sem vir pra Portugal. Rodando pela Europa. Porque Portugal não é viável. É barato! E o mesmo programa que você faz aqui com um cliente é a mesma coisa que você vai fazer em outro lugar pra ganhar 4, 5 vezes mais. Então, é uma questão de inteligência. Para quê que eu vou estar aqui, se eu posso estar ali? E o que eu vou fazer aqui pra ganhar 50 eu faço ali pra ganhar 380?!

Assim, conhecer os preços das performances sexuais em outros países e poder circular pela Europa legalmente é uma vantagem no entendimento do campo prostitucional europeu e favorece a operacionalização de estratégias do trabalho do sexo mais avançadas. A crise não modificou apenas o modo do trabalho na Europa, mas também o preço dos convívios. Dalila, bem posicionada no campo prostitucional europeu, acredita que parte dos motivos que levaram ao declínio dos valores das performances sexuais em Portugal está relacionado à racionalidade utilizada por parte das trabalhadoras do sexo e dos clientes portugueses:

Eu: *A la passion*. Tu foi a Paris já?

Dalila: Já trabalhei em Paris. Já trabalhei na Europa inteira. Então, o que que acontece? Eu vou chegar assim pra você que quero que você retrate bem

Encarnando a europeia

isso, que você faça essa observação, tá? Que é a questão de mercado. Entende? Uma coisa que me deixa muito triste aqui em Portugal, uma não, duas. Primeiro: é extremamente barato. Entende? A faixa de preço é de 50 euros. Mas, tem quem faça por 30, faça por 40. A primeira vez, que eu vim a Portugal, em 2005, era 80 euros o convívio.

Eu: Wow.

Dalila: E pra você gozar, pra você...

Eu: Era mais caro?

Dalila: Era... assim, 100 você gozava, entendeu? Então, assim, os clientes vinham. Aonde a culpa dessa queda de preço não é dos clientes. É das próprias travestis, entende? Como não trabalhou hoje, aí amanhã um homem liga, oferece 40 pra ela, ela pega porque não fez nada no dia anterior. Então, 40 já é lucro. Aquele homem que dá 40 à ela, dificilmente vai pagar 50 a alguma ou pra ela mesmo, nunca mais vai pagar esses 50. Ela sai por 40. Ele pode ter 500 euros na carteira. Porque uma coisa que elas não pensam muito é que sexo é vício. Eles deixam de comer. Eles deixam de comprar coisas pra dentro de casa para gozar. Você está entendendo? Pode não vir com a mesma frequência. Poderia vir 2x na semana pagando 30, pra mim vem uma vez só pagando 50. Mas, é 50 aquilo.

As estratégias centradas no espaço geográfico não são apenas direcionadas às escolhas dos melhores lugares para realizar o trabalho. Parte dessas estratégias, depois da compreensão do campo prostitucional e a escolha de um bom local para exercer o trabalho do sexo, é direcionada à proteção do território. Nesse sentido, é comum que as interlocutoras acompanhem os anúncios das concorrentes por meio de site de anúncios, jornais etc. Dalila, por exemplo, depois de conseguir seu passaporte dinamarquês, ficou conhecida pelas outras trabalhadoras do sexo como prefeita de Copenhague. Esta alcunha/apelido lhe foi dada devido às «fiscalizações» constantes que faz dos preços dos convívios na cidade. Seu objetivo é não deixar que os preços das performances sexuais declinem.

Dalila: Eu abro o site. Tem lá o site. Eu pelo menos, eu olho o site todo dia. Eu quero ver quem é que está na cidade. Eu quero ver quem é que é minhas concorrentes, entendeu? Chegou uma menina nova, eu pego o meu telefone e falo: «Olha, liga pra essa menina aqui e vê quanto que ela cobra». Se ela atende o telefone e se ela cobra o mesmo do que eu, deixa a menina trabalhar. Ela tem dias, vai ficar no máximo um mês, depois ela vai embora. Agora se ela cobra menos do que eu, primeiro eu converso.

Eu: Isso na Dinamarca?

Dalila: Na Dinamarca. Eu primeiro converso. Eu ligo para ela: «Olá, fulana. Eu sou a Dalila [sobrenome], tudo bom? Assim, eu trabalho há muitos anos, olha, eu vivo aqui. Então, olha só, por favor, o preço aqui é 350. Então, por favor, não, não pegue os de 300; não pegue os de 250. Porque assim você não acaba o trabalho só pra você. Tem trabalho para mim e para as outras. Então, por favor, eu estou de olho. E da mesma forma que eu mandei ligar, várias outras pessoas vão ligar, e não é só mandada por mim, porque eu não sou a única que está vendo isso».

As dificuldades em implementar estratégias centradas no espaço geográfico não perpassam apenas a necessidade de documentos para circulação no continente europeu. Este obstáculo pode ser superado com a entrada no país com o visto de turista, normalmente valido por 3 meses, devido aos acordos bilaterais do Brasil com inúmeros países da Europa, ou ainda, permanecer na ilegalidade. A questão linguística torna-se fundamental para realizar o trabalho em outros países não falantes do português. Não falar a língua local pode colocar a trabalhadora do sexo em uma situação de vulnerabilidade e diminuir os seus ganhos econômicos por não conseguir administrar o seu próprio negócio. As trabalhadoras do sexo que se aventuram sem o conhecimento linguístico necessitam de uma pessoa tradutora para intermediar os convívios, o que diminui drasticamente a aquisição de capital econômico com as performances sexuais. Assim, o conhecimento de idiomas torna-se uma variável importante na disputa por um bom local no campo prostitucional. Luna em sua tentativa de trabalhar a Bélgica colabora para o entendimento desta problemática:

Luna: [...] mas eu acho tipo assim, na Bélgica pra quem não fala inglês ou francês a pessoa fica muito limitada.

Eu: Por que você acha que a questão da língua foi que lhe...

Luna: É, eu não trabalhava bem, que nem tipo assim, que nem aqui. Aqui às vezes, eu atendo, eu não falo inglês, mas eu vejo um americano, me chama no *Whatsapp*, eu converso no *Google Tradutor*, entendeu? Lá, tipo assim, a gente, eu fui pra uma casa onde, eles faziam um negócio lá, que eles faziam meio a meio, tipo assim, eu não pagava nada, só que tudo o que eu fazia, eu tinha que dar metade pra mulher. Mas ela que atendia meu telefone, ela que via os meus anúncios. Então tipo assim, eu não sabia nem em que sites eu tava anunciando, entendeu? E como eu não falava francês e nem inglês eu nem procurava nada. Aí eu fiquei uma semana, vi que não trabalhei bem.

Eu: Você voltou?

Luna: Voltei pra cá.

Eu: E como você conseguiu esse contato no Bélgica?

Luna: Eu... uma prima minha, essa minha prima que vem pra cá.

Aventurar-se por outros países sem o conhecimento do idioma local torna-se um desafio para as trabalhadoras do sexo. Se, no caso de Luna, a ida à Bélgica foi uma tentativa sem muitos sucessos, para algumas trabalhadoras do sexo as dificuldades podem ser superadas com muita resiliência e o aprendizado da língua do país. O conhecimento da nova língua pode ser incorporado de modo instrumental, como, por exemplo, apenas aprender dizer os valores e as práticas executadas no campo prostitucional. Janaina, durante os 8 meses na

Suíça, no ano de 2003, conseguiu aprender francês com a colaboração de uma amiga e alguns clientes. Em sua fala podemos compreender as dificuldades enfrentadas e os modos utilizados para permanecer trabalhando no país:

Janaina: Primeira coisa que a gente aprende no idioma é falar o dinheiro. Aí foi quando eu comecei, só que daí eu desesperava, porque eles começavam tagarelar um monte e eu ficava assim, falando: «meu Deus por quê que você não tá falando?». Aí chegou noite de eu chorar, de eu falar: «Poxa eu vou ter que voltar pra minha casa. Por quê que eu vou ficar fazendo aqui, que esses homem fala e eu não entendo nada, não tô nem trabalhando bem». Aí quando eu pensei e eu falei: «Não, eu tô aqui. Então, eu preciso me virar, né? Pra trás eu não posso voltar». Aí tudo que eles falavam pra mim eu ia guardando na cabeça algumas coisas. E no dia seguinte eu ligava pra minha amiga e falava: «O quê que é isso? O quê que é isso? O quê que é isso?». Aí ela ia me explicando, me explicando e todo dia eu fazia isso. E se não quando era isso, eu perguntava para o cliente. Eu falava: «O quê que é isso?». Aí ele começava me explicar com gesto o quê que era, aí eu conseguia entender. Nisso no começo eu ia formulando, né? Fala... Formando frase, falando: «Ah, essa palavra é isso, essa é isso, com isso dá isso...». E então eu ia juntando. Aí deu 2 meses já tava falando francês já. Eu tava falando francês. Não assim né, o 100%, mas eu já tava dando uma boas classe de francês já. Falava super bem.

No entanto, não são somente as trabalhadoras do sexo que estão em países não falantes de português que enfrentam dificuldades nas relações estabelecidas com os clientes estrangeiros. A circulação facilitada de pessoas do continente europeu e o processo de turistificação de Portugal nos últimos anos fizeram com que a cidade de Lisboa recebesse milhares de turistas por ano e, conseqüentemente, potenciais clientes para as trabalhadoras do sexo. Se as tecnologias de informação, como, por exemplo, o *Whatsapp* e o *Google Translate*, facilitam a conversação entre a trabalhadora do sexo e os clientes, por outro, no momento do encontro real algumas estratégias podem ser utilizadas. No caso de Maya, que não compreende inglês, uma das soluções encontradas é a universalidade da linguagem corporal/sexual após a negociação do seu contrato de trabalho com o cliente:

Maya: Essa semana mesmo um inglês... Daquele hotel aqui, hospedado, veio um aqui comigo. Ele mandou mensagem, ele falou pelo tradutor... Eu não sabia nem que o homem era...

Eu: Inglês?

Maya: Era inglês, né? Falou pelo tradutor, falou pelo *WhatsApp* normal, né? Quando chegou aqui: «Olá, tudo bem?». [balbuciando]... Não falo nada!

Eu: [risos]

Maya: Aí, ele: «No, no, no, no...».

Eu: O corpo fala, né?

Encarnando a europeia

Maya: Eu falei «Não». Ele queria ligar o celular pra gente poder conversar. Porra! Vou perder meu tempo de ligar o celular pra ele falar o que ele tá falando? Não, vamos fazer uns gestos... Não sei o quê lá.

Eu: [risos]

Maya: Entendeu? Ligar o telefone pra gente conversar? Não, já conversamos o que tinha que conversar antes dele chegar. Os assunto tudo direitinho. Quantas horas ele queria ficar, quanto ele iria me dar. Eu não sabia que o homem era inglês, né? Pra mim era normal porque tava falando tudo em português no... Pelo *WhatsApp*, mas ele tava falando comigo pelo tradutor. Aí, quando chegou aqui... O homem tava enrolando a língua, eu falei: «Caralho!». né? Eu falei: «Ah, foda-se!». Aí ele falou: «Ah, usar... ». E eu falei: «Não, não. Eu quero fuder... Pá... Vamos!».

Eu: Fudeu, foi embora...

Maya: É: «Tira a roupa!» E pronto! Eu já levo pra sacanagem, eles começam a rir também.

As estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico demonstram a importância das experiências e dos recursos acumulados pelas interlocutoras na obtenção de um bom local/posição de poder nos campos prostitucionais da Europa. Porém, muitas destas estratégias estão relacionadas ao corpo e à sua utilização como um recurso/instrumento nos territórios do trabalho do sexo e que serão discutidas no próximo capítulo.

Capítulo V

(Inter)subjetividades e estratégias no/do trabalho do sexo

Digamos sem rodeios: na economia pornô, não há trabalho que não seja destinado a levantar o pau, a manter ereto o pau global; que não desencadeie a secreção de endorfinas, que não reforce o sentimento da onipotência do consumidor heteromacho padrão. Nossa forma atual de capitalismo ou de produção poderia ser definida como uma economia da ejaculação. A única e autêntica mais-valia é o índice de elevação do pau, sua dureza e rigidez, o volume de suas ejaculações espermáticas. (Preciado, 2018: 308-309).

Pelas experiências das trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis, é possível perceber inúmeras estratégias que têm como intuito: a captação, a fidelização, a satisfação dos clientes e o desenvolvimento de um rol de especializações em práticas sexuais que facilitem a obtenção destes objetivos. As estratégias normalmente são adquiridas e atualizadas a partir da experiência nos territórios do trabalho sexual no Brasil e/ou na Europa, por meio de conversas informais com outras trabalhadoras do sexo, ou ainda pelas experiências subjetivas das interlocutoras para além do trabalho sexual. Portanto, as experiências e as narrativas das mulheres trans e travestis demonstram a importância do sentido prático nos processos de aprendizado de estratégias, na acumulação e na conversão dos capitais em disputa nos territórios do trabalho sexual.

Nos discursos das acompanhantes contatadas nesta pesquisa, é possível inferir que quanto maior a reflexividade destas estratégias, melhor o posicionamento da trabalhadora do sexo nos territórios da prostituição. Assim, conhecer e levar em consideração os aspectos geracionais dos clientes, conhecimentos sobre a cultura local onde comercializa as performances sexuais, conhecimento de idiomas, compreensão do campo prostitucional local, especialização em tipos de fetiches e práticas sexuais, modos de ser, estar e falar, são detalhes importantes no trabalho que realizam. Mais que cuidados de si, ou cuidados com o outro, neste caso, os clientes, as estratégias subjacentes ao trabalho do sexo tornam-se uma valiosa ferramenta de obtenção de agência pelas trabalhadoras do sexo travestis e mulheres trans nas relações que estabelecem no campo prostitucional.

Além das estratégias, as experiências das interlocutoras no mercado do sexo, na Europa, demonstram também os processos de alteração/atualização dos patrimônios de disposições que foram constituídos no Brasil. É possível afirmar que, por meio das experiências adquiridas no mercado do sexo, as suas subjetividades são alteradas pelas tensões das forças intersubjetivas. Pode-se citar como exemplo as práticas sexuais que são constituídas como estratégias do trabalho do sexo e que, com as experiências vividas, tornam-se parte das suas disposições para a sexualidade. Assim, nas experiências no campo prostitucional, os patrimônios de disposições das mulheres trans e travestis são atualizados ao nível das disposições para a modificação do corpo, da percepção sobre suas identidades de gênero e das disposições para a sexualidade. O objetivo deste capítulo é discutir a (re)produção, a adaptação e a atualização dos patrimônios de disposições das mulheres trans e travestis brasileiras com as experiências nos distintos territórios do trabalho sexual e quais os tipos específicos de estratégias que são utilizadas por elas na obtenção de sucesso.

Publicidade e comunicação com os clientes: a relevância física e performática do capital corporal como estratégia do/no trabalho do sexo

Com a crise econômica no ano de 2008 e o aumento da fiscalização/criminalização do trabalho do sexo no continente europeu, o trabalho nas ruas tornou-se mais difícil e pouco rentável. O medo da fiscalização realizada pelos Estados fez com que grande parte das pessoas trabalhadoras do sexo modificassem as suas estratégias de captação dos clientes. Em Lisboa, existem poucos locais com mulheres trans e travestis disponibilizando performances sexuais nas ruas e os que restaram abrigam poucas trabalhadoras¹. É o caso da Rua do Conde Redondo, nas mediações do Marquês de Pombal, zona central de Lisboa, onde no fim do ano de 2016 havia entre quatro a oito trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis durante as noites frias de inverno. A Rua Artilharia 1, nas mediações do Shopping Amoreiras, também possuía algumas trabalhadoras, no entanto, é um espaço misto de mulheres cis e trans². Nas

¹ Informações detalhadas sobre o trabalho de campo e primeiros contatos com as interlocutoras desta pesquisa no capítulo I.

² Este era o local que Sheila trabalhava no momento da entrevista. Apesar de existirem algumas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis no local. Sheila não informava às colegas de trabalho e clientes que era uma mulher trans. Sheila, semanas antes da produção dos dados, havia sido abordada por policiais, presa por uma noite e recebido uma carta de deportação por estar ilegal no país.

poucas tentativas frustradas de realização de trabalho de campo na região, encontrei de duas a três trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. Algumas vezes também notei a presença de acompanhantes mulheres trans e travestis nas mediações do Martim Moniz, local principalmente frequentado por trabalhadoras do sexo em condições de vulnerabilidade e precariedade corporal, falta de segurança e uso de drogas. As falas de Sheila e Luna colaboram na compreensão das mudanças nos territórios do trabalho sexual em Lisboa:

Sheila: Eu faço beijinho³, vários beijinhos. Tem noite que faz 200 euros só fazendo beijinho. Minha filha, hoje em dia você só ganha dinheiro fazendo aos pouquinhos, ninguém te dá dinheiro, grande dinheiro, igual antigamente, um homem te levava para o motel te dava 500 euros para passar a noite, hoje cadê? Onde que eles estão? Perderam emprego, vai pagar como? Ou foram para outro país trabalhar. Entende? Ficou muito difícil.

Luna: Então, o pessoal... Umam falam que na rua, tipo eles querem pagar super bem mais barato, entendeu? Que nem tipo, aqui no site paga 50 e o jornal, eles cobram, eles pagam 40. Tem homens que tipo, vê um telefone da gente no anúncio no site e liga pelo número do jornal, porque eles sabem que pelo jornal a gente cobra mais barato, entendeu?

Eu: Por que, ah, você tem telefone pro jornal e um telefone pro site?

Luna: É, eu tenho tipo assim, o site é 50, e o jornal é 40, aí eu tenho um outro celular, que é daqueles desses aplicativos, mais poc-poc, igual a 69, classificado x, esse tipo, aí é 40. «Ah, mas não, só tenho 30. Aí eu tenho só 20. Ah, só faço um oral». Sabe assim?

Eu: Que é umas coisas tipo assim, beijinho. O famoso beijinho. Faz um beijinho.

Luna: É, então tem esse celular pra essas coisas assim.

O preço baixo oferecido pelas performances sexuais nas ruas e os perigos da fiscalização realizada pelo Estado fez com que as pessoas trabalhadoras do sexo em Lisboa ficassem reclusas ao trabalho de apartamento. Deste modo, a maneira mais eficaz para a captação dos clientes foi a publicação de anúncios em sites especializados de acompanhantes, em jornais e em redes sociais. Em Portugal, os dois maiores sites são o *Vip transex* e o *T-gatas*, que concentram grande parte das trabalhadoras do sexo travestis e mulheres trans do país. O Jornal Correio da Manhã⁴ e a plataforma virtual Classificados X também possuem espaço para anúncios de pessoas trabalhadoras do sexo. Conforme dito por Luna e confirmado pelas outras interlocutoras desta pesquisa, cada plataforma tem um valor para publicação do anúncio, tipo específico de cliente e preço das performances sexuais. Assim, a primeira

³ Termo êmico para designar o sexo oral.

⁴ Entrei em contato com Verônica por meio deste canal de anúncio.

estratégia do trabalho do sexo a ser apreendida na chegada em Portugal é o valor do convívio de acordo com o canal de captação de clientes. Devido a isso, todas as interlocutoras tinham mais de um telefone celular, cada um deles associado a um canal de divulgação. Maya, 48 anos, com experiências em Itália e Portugal, me disse o seguinte quando indagada sobre por que ter três telefones sempre ao seu lado e como aprendeu a lógica do mercado do sexo local:

Maya: O Correio da Manhã é esse aqui. Esse aqui é do Vip Trans, esse aqui do T-Gatas [...]. Então, quer dizer. Eu sei de onde vem. Então, por exemplo, esse jornal aqui eu tenho que cobrar 40 a 30, que é o que vem desse jornal. Se eu pedir 50, eles não vêm.

Eu: Hum...

Maya: Aqui eu já posso pedir 50 pelo T-gatas... Que é o site mais caro que tem. Não sei por que essa diferença aqui, porque o cliente que vê o jornal, ele vê todos os sites. Então, não sei por que essa palhaçada aqui, mas o ritmo daqui é esse e eu tô acompanhando o ritmo daqui de preço.

Eu: E você aprendeu isso com quem?

Maya: Minha amiga que me ensinou. A minha amiga que me trouxe me falou, me explicou como é que funcionava aqui os preços. Então, eu dou 50 pra cair pra 40. Às vezes, tem aqueles que nem choram, que dá 50. Deixa aqui, dependendo... Como eu sou muito, super simpática, uma palhaça, né?

Conforme já mencionado, a maioria dos primeiros contatos para produção dos dados foram realizados por intermédio do site Vip transex⁵. Os anúncios do site Vip transex tem o seguinte *layout*: no topo da página existem entre três ou quatro fotos⁶ simultâneas da trabalhadora do sexo, na criação de uma espécie de «capa» para a divulgação. Neste retângulo constituído pelas fotos, são colocadas em destaque as características físicas e a feminilidade da mulher trans ou travesti. Com exceção de Débora, Flora e Mariana, todas as outras entrevistadas nesta pesquisa, com anúncios na plataforma⁷, tinham uma foto do pênis ereto na criação da capa. Na imagem criada, são informados o nome, telefone, cidade e alguma referência pessoal da trabalhadora do sexo. As informações inscritas na imagem informam alguma característica singular sobre a anunciante, na criação de uma narrativa de si, ou ainda pode ser visto o *slogan* da trabalhadora do sexo, como, por exemplo: «Top trans. Disponível para sua satisfação»; «1ª vez em toda Europa. Massagista terapeuta e relaxante»; «Trans

⁵ Apesar de ter conseguido o contato de Débora por intermédio de um amigo, ela também possuía anúncio no Vip transex.

⁶ Optei por não utilizar as fotos das entrevistadas para salvaguardar suas identidades e não colaborar na criação de um discurso de exotização das corporalidades de mulheres trans e travestis.

⁷ Somente Verônica e Sheila não tinham anúncios no site Vip Transex. Conforme salientado anteriormente, Verônica foi contatada pelo anúncio no Jornal Correio da Manhã e Sheila foi apresentada por uma pesquisadora amiga.

experiente»; «Corpo escultural. Travesti negra»; «Gulosa. Ativa completa e com leitinho sabor a mel»; «Novidade»; «Hablo Español. Speak English. Deslocação 24 horas. Gosto de ser meiga, carinhosa e atenciosa»; «Trans operada. Uma nova mulher sexy e elegante»; «Sou um vulcão de leite»; «Boneca insaciável»; «A mais porca de Portugal» etc. Ou seja, destacam o aspecto de novidade, a especialização em práticas sexuais e fetiches, os aspectos do capital corporal, entre outras questões que serão analisadas no decorrer deste capítulo.

Abaixo da capa existe o nome centralizado da anunciante e uma sessão intitulada «Sobre mim». Neste local, é inserido um curto texto publicitário que pode conter as qualidades e as características físicas, as práticas sexuais disponibilizadas, as características do apartamento, o tamanho do pênis, ou dote, o temperamento da trabalhadora do sexo. Em seguida ao texto publicitário, existe uma foto da silhueta da anunciante do lado esquerdo. Ao lado direito, há a sessão «Perfil», com informações padronizadas sobre: nacionalidade, idade, altura, peso, busto, pês, pênis, olhos, signo, idiomas, atendimento a (homem, mulher ou ambos), disponibilidade (Horário de atendimento), local de atendimento, deslocções e posição sexual. Todas as anunciantes afirmam ser brasileiras. Leila, além de informar a sua nacionalidade, coloca entre aspas o seu estado: «Bahia». Isso atesta que a brasilidade é uma característica importante a ser salientada pelas anunciantes, a ser discutida no decorrer deste capítulo.

Após as informações de perfil, são disponibilizadas aos clientes fotos e/ou vídeos. Somente Diana tem um vídeo caseiro masturbando-se e faz questão de deixar evidente que: «Minhas fotos são naturais e reais, assim como meu vídeo caseiro para mostrar como realmente sou e não ter imaginações». Todas as anunciantes entrevistadas têm fotos que aparentam ter sido capturadas por um fotógrafo profissional. Algumas das trabalhadoras do sexo incluem também fotos tiradas por elas mesmas ou *selfies*. Essas fotos destacam a feminilidade e os atributos do capital corporal da anunciante, tais como seios, nádegas, pênis e vaginas em sua forma, volume e comprimento. As visualidades criadas para o ensaio fotográfico perpassam o burlesco composto por cinta-liga, roupas de banho, lingerie, corpetes, vestimentas de couro com a temática dominatrix.

Todas as anunciantes, após mostrarem a silhueta corporal em poses sensuais, utilizam também fotos mais explícitas do pênis e das nádegas para chamar a atenção dos clientes. As fotos do pênis normalmente são as últimas. Algumas preferem utilizar somente uma, outras expõem o órgão sexual em diversas posições, fotos aproximadas da *neca* e imagens contendo sêmen para atestar a veracidade e autenticidade da performance e do órgão. Débora, por já ter passado pela cirurgia de confirmação de gênero, têm três fotos onde é possível observar sua

vagina. Apesar de ter publicidade no site Vip Transex, ela também anuncia em plataformas de mulheres cis e sabe que os clientes que contratam os seus serviços pela plataforma trans estão em busca da sua feminilidade e do seu capital corporal específico:

Débora: Eu tenho um anúncio no site de meninas mesmo, e tenho um anúncio no site das trans também. O homem que vem ter comigo no site das trans, já fazem muitos anos que eu operei, então eu não ganho por causa do meu pau, não existe esta palhaçada comigo, ele vem atrás de beleza mesmo. Ok. O homem que vem ter aqui comigo pelo site trans, ele vem, ele me adora, eu me maquio, eu recebo ele com uma lingerie maravilhosa! Beijo.

Nos anúncios retratados no site, as trabalhadoras do sexo exploram as potencialidades do seu capital corporal e suas especialidades em diversos tipos de performances sexuais. Todas as mulheres trans e travestis com material publicitário no *site* e que estavam na Europa e/ou em Portugal pela primeira vez, fazem questão de salientar esta informação em seus anúncios. Isto constata a importância do aspecto de novidade dado à trabalhadora do sexo no seguimento trans do campo prostitucional, conforme discussão realizada na seção *Estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica*.

Todas as entrevistadas diminuíram a idade em seus anúncios. Quanto mais velha é a trabalhadora do sexo, maior é a quantidade de anos subtraídos da sua idade. Inclusive a mais jovem, Mariana, que com 24 anos, afirma ter 22, ou Maya, 48 anos, a entrevistada mais velha com anúncio na plataforma, onde informa ter 30. Assim, os anúncios demonstram que mais do que ser jovem, o importante é aparentar juventude por intermédio das fotos e discursos, o que revela a importância da codificação etária do corpo (Ferreira, 2011). Entretanto, o pênis recebe destaque por meio de fotos e vídeos. O seu tamanho é visto como primordial para o sucesso da anunciante. A fala de Maya colabora no entendimento desta problemática entre a idade e o pênis no trabalho do sexo desempenhado por mulheres trans e travestis:

Se o seu pau passou de 18 cm, 16 cm, você ganha dinheiro, se for pau pequeno você vai passar fome, a bixa vai passar fome porque ele não vem. Os clientes gostam de bixa ativa, eles querem saber do seu pau, não quer saber da sua cara, você pode estar com a cara toda enrugada igual a papel crepom de festa, entendeu? Que eles não vão ligar, pode estar com 100 anos, mas se o seu pau tá subindo, e seu pau é grande, aí você trabalha de qualquer jeito. Tem bixa na Itália, que tem 70 anos lá, e está trabalhando. Elas tomam o Viagra delas, têm o pauzão delas e trabalham.

Todas as anunciantes afirmam ter um pênis com pelo menos 20 cm e o máximo de 24 cm. Flora disse-me o seguinte quando lhe perguntei sobre a importância do tamanho do pênis na captação de clientes: «O pau chama. 21 x 3 é o que mais bate pra mim, que eles gostam de ouvir, de ver lá escrito. 21 x 3 é a medida que eles falam que é exata, que não machuca o cu, e não é muito grande, nem muito grosso. Eles falam assim por telefone, então, essa é que é a coisa do pau».

O primeiro contato feito com o cliente pelo telefone é um aspecto importante na captação e fidelização. É por meio dele que a trabalhadora do sexo percebe as intenções do potencial cliente, ou seja, se é alguém que de fato está interessado em contratar um serviço ou é apenas um curioso, ou ainda alguém que deseja estímulo para masturbar-se do outro lado da linha. Durante a produção dos dados, presenciei algumas das trabalhadoras do sexo irritadas com homens que queriam apenas passar tempo ou serem excitados com relatos sobre as performances sexuais que poderiam ser executadas durante o convívio. Dalila, 41 anos, depois da sua vasta experiência recebendo dezenas de ligações por dia, reconhece facilmente o cliente em potencial ou «uma perda de tempo», e sabe da importância de ter uma estratégia na conversa realizada por telefone:

Dalila: Que veja bem, eu não estou fazendo nada, estou aqui sozinha.

Eu: Sim.

Dalila: Geralmente, eu estou chapada. Aí começa a conversar, não tem... Mas, eu também sei que quando já está nessa.

Eu: Você já fica nervosa?

Dalila: Aí, é. Eu já corto logo também, não fico batendo palma pra maluco dançar. E pela conversa você sente quando o cliente está [...]. É muito difícil você se enganar, às vezes se engana. Você vê pelo timbre, né? O assunto que é. Os que ficam perguntando: «Ah, mas você goza muito leite? E você vai me dar leite na boquinha? E no cuzinho você também dá?». É cliente que não quer nada [...] O cliente quer saber aonde você está; o que você faz, aí você pode incrementar com um comentáriozinho, entendeu? Para mostrar a objetividade do seu trabalho. Você tem que passar segurança, é que nem eu falo: «Meu amor, se você chegar aqui e meu pau não ficar duro, você não paga». Tenho certeza que vai estar duro, eu tomo um Viagra. Entendeu?

Durante os momentos de produção dos dados, tive a possibilidade de presenciar inúmeras ligações entre a trabalhadora do sexo e os potenciais clientes. As acompanhantes mulheres trans e travestis utilizam de um discurso estruturado, em que são colocados em destaque os atributos físicos, performáticos e sensitivos do seu capital corporal, as práticas sexuais que executam e as condições do seu contrato de trabalho. Após estas informações, a

Encarnando a europeia

conversa pode se estender para as minúcias dos desejos eróticos do potencial cliente ou brincadeiras proferidas pela trabalhadora do sexo que tem como intuito excitar o desejo do cliente na compra da performance sexual. Na conversa de Maya com um potencial cliente, podemos perceber a importância das informações que foram analisadas até aqui, com relação ao preço do convívio, à plataforma de anúncio, às performances sexuais oferecidas, à importância das fotos, à relevância material e simbólica do pênis e às relações com a estimulação do ciclo de excitação/frustração do cliente materializado pelo esperma:

Sim, tudo bom meu amor... Você viu meu anúncio onde meu amor? Classificados, meu convívio é 40 euros, completo, sou ativa e passiva completa, gosto de 69, beijo de língua e oral natural até o final se for limpinho. Sou alta magra, 180, peitos grandes e 21 de dote... Estou na Praça [***], Avenida ***, e sou bem ativa, tá? E as fotos são minhas mesmo, sou eu mesmo na foto... O que você gostou mais nas fotos?... De qual parte das fotos você gostou mais?... *Ah do pau [risos] o pau é o mesmo, é o meu mesmo, tá? E pra você usar, pode vir brincar com ele... Eu não trabalho por horário e sim por condição de prazer, se você goza acabou o trabalho.* Pode ser 15, 20, meia hora. Não, eu não trabalho com tempo, eu gosto de fazer minhas coisas bem tranquila, bem à vontade... A que horas você vem? Meia hora? Então, me avisa 15 minutos antes, é que eu tenho uns horários marcados hoje, tá bom meu amor. [ligação termina]

Eu: E sempre para o pau?

Maya: Eles só vêm pra isso, né? [grifos meus]

Outras trabalhadoras do sexo preferem deixar evidente o diferencial dos serviços que oferecem. Por exemplo, Tainá, 35 anos, que utiliza do marketing de suas competências como massagista na captação dos seus clientes:

Tainá: Sim, tudo bem. Claro, meu amor. Hoje eu tô na Avenida ***. Como você viu, eu não só trabalho com massagem, meu amor. Massagem relaxante, massagem tântrica feita na marquesa. Durante a massagem eu também fico nua pra você massagear meu corpo, pra você ficar mais à vontade e no final a gente faz uma brincadeirinha pra você gozar, meu amor. Sou ativa, passiva, beijo na boca, dou carícias, deixo você bem à vontade. O valor é €50. [...] Eu vou estar disponível daqui a 40 minutos. [...] Está ok! Ah, perfeito, pode ser sim. Está bem? Então, até já, até logo, fico aguardando.

(Inter)corporalidades, cuidado de si e cuidado do outro: o corpo acessório na (re)produção do desejo

O corpo no trabalho do sexo adquire um caráter de acessório, uma programação somatopolítica na produção de performances sexuais. Assim, é no corpo que algumas das estratégias da prostituição serão incorporadas por mulheres trans e travestis. O controle reflexivo do corpo pelas acompanhantes tem como intuito camuflar sua naturalidade e seus processos orgânicos para transformá-lo em uma biomáquina sexual. Neste sentido, os cuidados de como preparar o corpo para receber o cliente, tipos de roupas, odores que exalam do corpo e de suas secreções etc. tornam-se questões de preocupação pelas interlocutoras. Nos discursos captados é recorrente a necessidade de um tempo mínimo de preparo do corpo antes de receber o cliente. A ausência deste tempo para algumas trabalhadoras do sexo pode ser motivo para recusa do convívio. A justificativa da negativa está relacionada com a possibilidade de não prestar um serviço satisfatório e rebaixar a imagem da anunciante no campo. Portanto, o corpo torna-se um instrumento de trabalho. É no/sobre o corpo que elas irão operacionalizar técnicas, práticas e conhecimentos de reflexividade carnal para disputar um bom lugar no campo prostitucional. Para Dalila, a primeira e mais importante técnica é a higiene, acompanhada de todo um ritual de potencialização do seu capital corporal:

Dalila: Primeira coisa que eu penso: higiene. Que já tem que começar pela minha parte. Se eu fiz 10 programas, eu tomo 10 banhos. Banho: água, sabão, saio do chuveiro, hidrato a minha pele, boto... [...] Eu sinceramente, se um cliente me ligar agora e falar assim: «Você pode me atender em 10 minutos?». Eu vou falar para ele que não. Porque em 10 minutos eu não vou conseguir botar lente de contato, eu não vou conseguir tomar banho, eu não vou conseguir botar a lingerie. Eu não vou conseguir botar peruca. Você está entendendo? Então, eu prefiro perder ele, que ele vai e não me veja assim, do que ele ver. Porque assim, se ele vir e eu abrir a porta, ele vai entrar do mesmo jeito. Ele vai fazer o programa do mesmo jeito. Ele vai gozar do mesmo jeito. Só que se um dia, ele estiver pensando em sair com uma travesti. Aí, ele vê a minha foto e fala: «Não. Eu saí com essa aí. Não, essa não é assim. Essa não é desse jeito. Vou ver se essa aqui é assim. Se essa aqui... Não, essa aqui parece que...». Entende? Então, assim, eu não quero, eu prefiro perder o dinheiro dele naquela hora, do que perder o dinheiro dele sempre, porque o quê que acontece, ele vai sair comigo uma outra vez; se ele realmente estiver com vontade de sair comigo em uma outra oportunidade, ele vai tentar de novo. Aí vai me encontrar daquele jeito. E se ele se dispor a pagar o preço que eu cobrei a ele no telefone, olha, nem Jesus Cristo agradou a todos, mas eu me esforço. Tem que ser bom. É por isso que eu cobro. Se eu acho que 50 é pouco então, eu cobro 200, faço um serviço digno. Eu cobro, eu cobro... Eles pagam o preço que eu cobro. Eles me perguntam. Eles ligam

Encarnando a europeia

para mim pra saber quanto que eu cobro. Se ele está procurando uma de 30, ele não vai sair comigo. Mas, se ele se dispor a pagar o preço que eu cobro...

A preocupação sobre a higiene não perpassa somente o corpo da trabalhadora do sexo. O asseio do corpo do cliente também é uma preocupação das interlocutoras, uma vez que um corpo não limpo pode limitar a qualidade das práticas sexuais que serão executadas durante o convívio. Aprender como dizer sobre um aspecto íntimo do corpo alheio perpassa também uma dimensão de intercorporalidade nas relações estabelecidas entre as trabalhadoras do sexo e os seus clientes, conforme salientado por Dalila e Luna:

Dalila: Se chega aqui um homem e ele não está asseado devidamente, com muita delicadeza, com muito *savoir-faire*... Eu digo a ele gentilmente para ele tomar um banho ou pra se lavar. Eu até lavo para ele se for o jeito. Eu até prefiro, porque eu sei como que eu vou lavar aquilo. Se ele falar que não precisa, vou devagarzinho, vou lá ponho a mão na piroca dele e enfio no nariz e falo assim: «Meu amorzinho, olha como está».

Eu: Ya.

Dalila: Eu assim: «eu não vou conseguir fazer gostoso. Assim, eu não vou conseguir enfiar seu caralho todo na minha garganta. Como é que eu vou meter a minha cara aqui no meio do saco. Desse jeito não dá. Vamos lá. Tem aqui ó, tem toalha limpinha, tem gel de banho. Vamos lá. Lava». Ali, você já quebra as pernas do homem. Ele vai lavar, porque ele viu que está fedendo. Está entendendo? E ali ele vai lavar, vai voltar limpo. Eu vou conseguir trabalhar como tem que ser feito. Ele vai sair satisfeito. Agora se eu falar: «Hmm, pelo amor de Deus, sua maricono nojenta, olha só como é que está isso. Cheira aqui! Ai, que nojo! Vai lavar esse pau! Vai! Ai, seu porco!». Até vai, mas ali ele já está totalmente constrangido...

Luna: Mas assim aqui, os homens daqui, que nem tipo assim, os homens daqui... É assim de pagar são alguns, não é todos, porcos. Sabe, às vezes uns chegam assim e você fala assim, ah você não quer usar a casa de banho. Não tem necessidade. Aí a hora que a pessoa tira a roupa...

Eu: Tá fedido?

Luna: Tá, aquele mal cheiro, sabe? Mas aí a gente é profissional, né? Fala assim: «Ah amor dá uma lavadinha, não tá muito...».

Eu: E é numa boa?

Luna: É... é igual tipo assim oh, que nem... No Brasil se ele te suja, ele fica super desconcertado.

Eu: E aqui não?

Luna: Aqui é normal pra eles, entendeu?

Além de apresentar uma corporalidade que seja atrativa aos clientes, as trabalhadoras do sexo necessitam levar em consideração a vida privada do cliente e as consequências dos

preparos com o corpo após o convívio. É recorrente ouvir nos relatos proferidos pelas interlocutoras a ideia de que a maioria dos homens que compram as performances sexuais são casados ou não assumem os seus desejos por mulheres trans e travestis. Assim, os cuidados do corpo devem ser pensados minuciosamente para não trazer problemas futuros para o cliente, como por exemplo, o uso de perfume excessivo que pode ficar impregnado na roupa de um cliente comprometido, após o convívio. Muitos destes aprendizados são adquiridos pelo erro, como disse-me Maya, enquanto hidratava o seu corpo para realizar um trabalho:

Maya: Perfume eu não uso, porque eles não gostam...

Eu: Ah, porque se você tem um cheiro muito forte...

Maya: Então, os clientes não gostam porque se eles estão saindo do trabalho, passa aqui, estavam comigo, com perfume, chega em casa pra mulher com cheiro de perfume diferente. Então, eu não uso perfume nem desodorante. Muito pouco o desodorante que eu uso porque os clientes não gostam. Eles não gostam de pegar uma travesti perfumada. Eles mandam você tomar banho, eu já tive que tomar banho pra tirar o perfume...

Eu: Ah...

Maya: Pra não pegar o cheiro no corpo dele nem na roupa. Por que se ele chegar em casa cheirando vai falar o que pra mulher? Entendeu? Então, você tem assim... Já que não posso usar perfume, tenho que usar um hidratante. [Maya me oferece o braço para sentir o cheiro do hidratante]

Eu: É, fica com cheirinho fraquinho...

Maya: Cheirinho fraquinho... Mas é bem suavinho...

Se o odor do corpo deve ser cuidadosamente pensado para não trazer problemas futuros aos clientes, o mesmo ocorre com outros tipos de produtos utilizados com frequência pelas trabalhadoras do sexo, por exemplo, o batom, que pode ser uma tecnologia de gênero na constituição de performances de feminilidade. No entanto, também é um detalhe não muito aconselhável nas performances sexuais, devido à possibilidade de no decorrer do convívio, resquícios do produto ficarem fixados na roupa do cliente. Maya também incorporou este conhecimento com sua vasta experiência de aproximadamente 20 anos como trabalhadora do sexo:

Maya: [...] que nem batom, eles perguntam, eu não uso batom. Quando eu boto batom, eles mandam tirar. Então, já nem boto batom pra não ficar sujo na roupa, não deixar marca, entendeu? Então, tem todos esses detalhezinhos que a gente tem que enfrentar dos clientes, entendeu? Porque eles não gostam. Tem coisas que eles não gostam.

Além das questões relacionadas à materialidade corpórea e as tecnologias que são acopladas ao corpo, existem estratégias relacionadas à compreensão da linguagem corporal. As experiências variadas adquiridas no mercado do sexo possibilitam interpretar a *hexis* corporal dos clientes e os tipos específicos de estímulos necessários para a satisfação deles, atendendo as especificidades dos seus corpos e desejos. Este conhecimento não só colabora no sucesso profissional da trabalhadora do sexo, como também demonstra o poder sobre o cliente na relação estabelecida durante o convívio. Dalila e Mariana colaboram no entendimento desta questão:

Dalila: Eu, assim, eu sou muito dominante na relação. Não fico esperando um cliente falar o que quer ou me pedir. Então, eu já vou, sabe, eu tomo conta da situação. Eu faço todo um envolvimento que acontece a coisa.

Mariana: É muito raro eles falarem, entende? E eu como sou muito dominante, eu vejo pela expressão corporal ou pela expressão facial, a morfologia da pessoa, o que é que ela quer. Ela não tem que me dizer.

O desenvolvimento de estratégias relativas aos modos de se relacionar (inter)corporalmente com os clientes durante o convívio são constituídas por meio das experiências na prostituição. No entanto, não necessariamente o conhecimento é adquirido no papel de trabalhadora do sexo. Maya e Dalila aprenderam sobre a fidelização de clientes, modos de ser e estabelecer relações com as pessoas que atendiam quando contratavam *michês*⁸. Neste sentido, não é somente a reflexividade que atua na criação das estratégias e elaboração de performances, mas também a alteridade:

Maya: Quer dizer, então eu aprendi muito com os *michês* que eu ia pra fuder, o modo que eles me tratavam... De modo que não voltava mais pra eles, porque não era bem tratada. Você pensa bem, você rala, passa a semana inteira, você trabalhando. Então, um dinheiro seu, você ir fuder com uma pessoa, você pagar sem sair satisfeita, você não vai mais voltar pra aquele rapaz, né? É a mesma coisa os clientes pensam da gente. Então, eu saía com os clientes... Saíam comigo e eu não tratava eles bem. Eu via que eles não voltavam. Eu comecei a trabalhar a perceber que eu também já passei por isso, de pagar e não voltar, não ser bem tratada... Eu mudei meu jeito de trabalho. Um dia, há anos no caso... Eu sempre tratei meus clientes bem, de modo que... Eu brinco, sacaneio, faço cosquinha, entendeu? «Nossa, que lindinho! Ai, que bumbum lindo!». Então, eu faço sempre aquela palhaçada,

⁸ Trabalhadores do sexo que performatizam masculinidades.

Encarnando a europeia

né? Todo aquele espetáculo, faço o que eles adoram, né? Igual, ser elogiado... Pode tá com a barriga imensa, né?

O tipo de visualidade/estilo criada também é um aspecto que é levado em consideração na obtenção de clientes. É recorrente um tipo de corporalidade mais hegemônica com relação à feminilidade construída pelas mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo, como, por exemplo, um corpo curvilíneo e ditado pelos padrões hegemônicos da indústria da moda/beleza e pornografia. No entanto, ter um estilo *outsider* pode colaborar na captação de tipos específicos de clientes. É o caso de Diana, cuja corporalidade com muitas tatuagens pelo corpo, cabelos coloridos, inclusive um pequeno desenho tatuado no rosto e piercings faciais, auxiliam na captação dos clientes mais jovens:

Eu: E seus clientes têm mais ou menos qual idade? Você tem clientes fixos?
Diana: Tenho. Sim, sim. Te falei que tem os que vêm sempre. Mas ah, tipo, vem muito jovem comigo, até pelo meu estilo. Porque eu sou mais diferente das outras travestis. Tenho mais tatuagem, estilo assim mais... Os caras gostam... E as paneleirinhas mais jovens se sentem mais seguras assim, quando tem muito mais estilo não sei quê.

As estratégias não são centradas somente nos aspectos manipuláveis e transformáveis do corpo, algumas podem estar relacionadas a algum aspecto biológico do corpo das trabalhadoras do sexo, por exemplo, ter um tipo específico de estatura ou características de racialização. Utilizar destas características físico orgânicas como recurso a ser capitalizado no trabalho do sexo pode ser uma estratégia na obtenção de clientes. Luna, por exemplo, antes de ir para uma nova cidade observa a quantidade de mulheres trans e travestis negras nas plataformas de anúncio. Assim, a etnia de Luna torna-se uma vantagem na obtenção de um tipo específico de cliente:

Luna: Isso que eu acho bom que nem, o bom de ser negra, que nem aqui todo lugar que você vai, você trabalha. Eu sempre olho nos lugares assim quando eu vejo cidade que tem mais... de um travesti eu já pergunto uma coisa: «Mas tem alguma que é negra?». «Ah, não tem nenhuma negra». «Ai então eu vou».⁹

⁹ No verão de 2018, Luna fez algumas postagens em sua página no *Facebook* com fotos sensuais do seu corpo com a *hashtag* trans negra e a localidade que estava.

Pênis, Viagra e secreções: a veracidade do desejo e sua produção performática e biomolecular

As narrativas que as mulheres trans e travestis proferem sobre as práticas sexuais que executam no campo prostitucional demonstram a centralidade do pênis e da ejaculação no mercado do sexo. Conforme salientado anteriormente por algumas das interlocutoras, o pênis é um dos atributos mais relevantes do capital corporal e é instrumentalizado como um recurso no trabalho sexual desempenhado por travestis e mulheres trans que não passaram pela cirurgia de confirmação de gênero. É sobre o pênis que o desejo de muitos clientes estará direcionado. Assim, uma parte das estratégias constituídas no mercado do sexo será orientada para o pênis da trabalhadora do sexo.

Isto fica explícito nos anúncios publicados na internet, em que o pênis adquire local de destaque com fotos e/ou vídeos, ou, ainda, nas conversas por telefone antes do convívio. Vartabedian (2019) ao realizar um estudo comparativo entre os sites de anúncios por trabalhadoras do sexo trans e travestis em Portugal e Reino Unido, também percebeu a importância do pênis no mercado do sexo desempenhado por mulheres trans e travestis. Segundo a autora, enquanto no Reino Unido 15% dos anúncios analisados descreviam as características do pênis, em Portugal, 78,5% das anunciantes disponibilizavam fotos do órgão genital. Os clientes normalmente desejam saber o tamanho do órgão, ou ainda a quantidade de esperma que produz. Esta situação é vista por algumas das interlocutoras com certo tipo de ressentimento. Flora me disse o seguinte quando lhe perguntei da importância das suas próteses mamárias no trabalho: «Independente de peito ou não, eles iam querer porque eles queriam rola¹⁰, queria sexo». Diana, fez a mesma observação, ao ser questionada sobre a importância da sua feminilidade na captação de clientes:

Diana: Isso esquece porque o homem que vem comigo nenhum deles quer pegar no meu peito, entendeu?

Eu: Por que?

Diana: Porque eles vêm por causa do pau entendeu? Não pela feminilidade.

Dalila, por exemplo, tem dimensão que um dos motivos do seu sucesso como atriz pornô e trabalhadora do sexo está relacionado ao tamanho do seu pênis e relembra os momentos de ouro que viveu no início da sua carreira:

¹⁰ Termo brasileiro para pênis.

Encarnando a europeia

Dalila: Eu sou bem dotada. Então, o que que acontece? Aquela química esplendorosa, com aquele caralho de 21cm no meio das pernas, o que que um homem podia querer mais? Via aquele bebê, aquele pau duro. Eu era assim a realização de uma fantasia.

Se algumas das mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo não têm, ou passam a não ter, problemas com o próprio pênis e o papel que ele ocupa nas práticas realizadas no convívio, o mesmo não ocorre com as mulheres trans que desejam passar pela cirurgia de confirmação de gênero. O possível descontentamento de algumas mulheres transexuais com esta parte anatômica do corpo acarreta dificuldades no trabalho. No entanto, algumas técnicas são utilizadas para reverter esta adversidade. Débora, 35 anos, relembra dos sentimentos que tinha ao utilizar o seu pênis nas performances sexuais e a técnica que utilizava antes de realizar a cirurgia de confirmação de gênero:

Débora: Eu me achava assim usada, eu me achava usada, abusada, eu achava aquilo terrível, mas aquela velha história: Eu precisava. Uma vez uma amiga minha falou assim ó: «Concentra assim, fecha o olho e trabalha a tua cabeça, o que vier na sua cabeça você pode comandar tudo». Aí essa frase ficou na minha cabeça: «Fecha o olho». Eu fechava. «Trabalha a sua mente». E eu pensava nas minhas melhores fodas [risos].

Eu: [risos].

Débora: E no final trabalhando com a cabeça você pode tudo, eu pensava nisso, pronto ficava de pau duro, fazia o que tinha que fazer.

Eu: Ganhava sua grana e vazava.

Débora: Aí já conseguia fazer normalmente e não sentia mais aquela... Aquela travada, não me sentia mais mal de fazer aquilo e botava a minha corrente pra frente e funcionava e pronto.

Sheila, que também passou pela cirurgia de confirmação de gênero, demonstra ressentimentos perante a centralidade do pênis nos territórios do trabalho sexual de mulheres trans e travesti. A justificativa para omitir aos seus clientes e colegas de trabalho sobre sua identidade de gênero está relacionada à centralidade do pênis. Em sua perspectiva, ser uma mulher trans que passou pela cirurgia não lhe traz nenhuma vantagem no campo prostitucional devido à ausência do pênis:

Eu: Sim, mas quando você coloca um anúncio você fala que é uma mulher trans?

Sheila: Não, eu não posso fazer isso porque eu tenho meus clientes na rua. Tentei fazer isso, mas não posso.

Encarnando a europeia

Eu: E você não acha que isso é um chama?

Sheila: Por que eu sou trans?

Eu: Sim.

Sheila: Em um buraco deste?

Eu: Em Lisboa?

Sheila: Em um lugar atrasado como este?

Eu: Não...

Sheila: Se eu tivesse um pau de 20 cm eles vinham, só querem pau, uma cambada de viado. Queridinho, olha, é assim, é uma cidade que é praticamente só gay, trans vai fazer diferença? Trans é mulher.

Se o pênis adquire importância no trabalho do sexo, suas secreções também são motivo de fetiche para alguns clientes. Nas narrativas proferidas pelas mulheres trans e travestis, é possível notar diferenças entre as experiências com clientes brasileiros e europeus com o papel da ejaculação e do esperma no convívio. Luna, que no momento da entrevista trabalhava pela primeira vez na Europa, ajuda a compreender a centralidade do pênis e do esperma no campo prostitucional:

Luna: Quer saber tamanho, se fica duro, se tem leitinho.

Eu: É o famoso leitinho...

Luna: É. Eles engolem o leitinho inteiro aqui, eles não cospem. Eles não cospem. Tem um... Quando eu cheguei aqui eu gozava em todos os programas. Estava ficando até desidratado já. Que nem um falou pra mim assim: «Nossa, Luna, mas você demora um pouco, você demora no programa». Eu falava: «Ah amiga é porque eles querem que eu goze». E ela falava: «Mas não precisa gozar em todos os programas». Eu gozava em todos, tipo se fizesse 10 programas, eu gozava nos 10 programas.

Eu: Mas aí cobrava mais?

Luna: Não, cobrava o preço, tipo assim, porque eles falavam: «Ah, mas 50 já tá o leitinho incluído».

Eu: Ah...

Luna: Entendeu? Aí você fala, aí já tá. Quando eu vejo que é número tipo diferente, tipo 44, e eu vejo que não é português, aí eu cobro um pouquinho mais, tipo: «Aí quanto que é, 50, com leitinho?». «Não, com leitinho não mor, com leitinho é mais 20». Funciona. Essas pessoas de fora geralmente paga, entendeu?

Eu: Porque no Brasil é comum quando... eles querem leitinho tem que pagar mais...

Luna: Então, no Brasil realmente é assim. Mas no Brasil, eles não fazem tanta questão de você gozar quando você sai com os clientes.

O «leite» além de ser desejado pelos clientes, demonstra também a veracidade da performance sexual. Tendo em vista a centralidade desta secreção corporal no trabalho sexual, que inclusive pode ser motivo de avaliação na qualidade do trabalho prestado, algumas

Encarnando a europeia

mulheres trans e travestis desenvolvem técnicas para simular o orgasmo. Dalila, por exemplo, após anos de trabalho na prostituição, narra uma das possibilidades para resolver este problema:

Dalila: Está entendendo? Uma das coisas que realmente é difícil você ser convincente é...

Eu: É nisso!

Dalila: É no prazer! Ainda mais com uma transexual, porque se a transexual falar que gozou, o leite tem que sair. A mulher, ela grita, ela se contorce toda, ela bate com a cabeça com força e fala: «Ai, gozei!» [...]

Eu: Mas, você goza em todos os seus programas? Não?

Dalila: Às vezes não dá.

Eu: E isso é um problema?

Dalila: Não, porque, assim, eu já consegui fingir e ser muito convincente, porque a maioria dos clientes, o que eles querem é porra. Eu tenho um...

Eu: Mas, isso na Europa inteira?

Dalila: Eu tenho um jeito... É na Europa, no Brasil, todo canto. Eu tenho... Como eu te falei, eu tomo Viagra. Então, meu pau vai estar duro, duro, duro. Ai, por exemplo, depois eu estou naquela coisa...

Eu: E você está com prazer também?

Dalila: Não, às vezes sim, às vezes não. As vezes você está até se esforçando para gozar, mas o gozo não vem. Eu tenho uma técnica que eu: «Vem cá, meu amor, deita aqui. Vai fica aqui com a boca aberta!». Assim, eu vou tocando, aí nisso eu vou enchendo a minha boca de saliva.

Eu: Ahhh.

Dalila: Ou então, se eu programar isso eu vou: «Espera aí que eu vou ali rapidinho», vou ali na cozinha boto um pouquinho de sal na minha boca e fico fazendo, fazendo aquela saliva espumando, espuma, espuma, vou tentando manter aquilo na minha boca. Aí o que que acontece, eu pego assim, boto assim: «vai abre a boca». Eu boto a mão tipo assim, tapando um pouco a visão dele e gozo assim, sabe? Não deixo cair dentro da boca, sabe? Eu dou uma cuspidinha que vai cair assim, ali eu vou e já esfrego a pica e já está feito.

O esperma finaliza e materializa a autenticidade da performance sexual. Daí advém a sua importância na satisfação dos desejos dos clientes. No entanto, por estar relacionado ao aspecto biológico do corpo, a sua produção é limitada. Tal como Dalila, Maya, após anos de trabalho na prostituição na Europa, também desenvolveu uma técnica similar para satisfação dos seus clientes. Em seu caso, a agilidade e esperteza são fundamentais para acreditarem no seu orgasmo simulado. Na fala de Maya também é possível perceber mais uma vez a importância dada ao pênis e o esperma:

Eu: Eu estava pensando, você atendeu o cliente super-rápido e tipo foi e agora...

Maya: Não, mas eu não gozo assim.

Eu: Você não goza...

Encarnando a europeia

Maya: Não, «dá leitinho?». «Eu dou amor, bem quentinho, dou até um litro». Só que quando eu estou comendo eles, eu pego e falo que gozo.

Eu: E, eles não veem?

Maya: Não, porque eu tiro... Já pego um papel, já boto a camisinha e jogo no lixo, eles vão lá pegar a camisinha pra ver se eu gozei dentro?

Eu: Aham. Dá o truque.

Maya: A não ser quando goza na boca, na cara, né? Aí, não tem como.

Eu: E aí?

Maya: Aí, eu falo: «Ó, meu amor, eu acabei de gozar agora, eu não consigo gozar duas vezes, você fez eu gozar», porque se não, eu não consigo trabalhar.

Eu: Se você gozar você não vai conseguir de novo?

Maya: Claro, eu vou ter ereção, mas daqui uma hora, duas horas, eu preciso descansar. Eu vou conseguir, mas, daí naquele meio tempo se vem um cliente em 10 minutos, eu não vou conseguir comer o cliente. E, também pra não fazer o cliente... Se eu não for ativa, eu não atendo o cliente, eu sei que se ele vai vir e eu não estiver... Duro pra ele, ele não vai voltar, então esse cliente eu vou perder, então eu prefiro nem atender pra não perder o cliente.

O foco dado no pênis e no esperma durante o trabalho do sexo pode ser uma dificuldade para as mulheres trans e travestis que não têm uma boa relação com o órgão genital e/ou pretendem fazer a cirurgia de confirmação de gênero. O pênis é um dos instrumentos de marketing no trabalho sexual, processo semelhante ocorre com a vagina das mulheres trans. As mulheres trans que realizam o procedimento cirúrgico têm dimensão que irão perder parte de sua clientela após a cirurgia, conforme salientado anteriormente por Sheila. Por outro lado, a vagina obtida pelo procedimento cirúrgico também pode ser um fetiche para alguns clientes. Por exemplo, Débora após a cirurgia de confirmação de gênero teve alterações em sua cartela de clientes, mas compreendeu isso como uma vantagem, além de possibilitar atestar sua feminilidade nas performances sexuais que executa:

Débora: Eu ficava horrorizada, não, não. Quando eu me operei essa carta... Porque eu sou muito conhecida aqui em Portugal, eu mesmo antes de operar e mesmo depois, eu sempre trabalhei muito bem, e quando você opera, você abre mão dessas palhaçadas tudo. Agora assim, você perde de um lado, agora você ganha em um outro universo, porque o homem que nunca teve com você e sabe que você é operada ele diz «oh ela é diferente. Porque que ela foi até o final? Por que... Deixa descobrir!». Sabe quando é que o homem sabe que uma mulher está com ele e ela está com tesão? Quando a buceta dela tá molhada, ele sente, quando você tá assim toda molhada, tá com tesão naquele homem, que o homem faz assim ó Emerson (mostra os dedos como se estivessem passando o dedo na vagina) passa o dedo e sente que tá molhada, acabou!

Eu: Ele fica louco.

Débora: Ali é o tesão, você sente que você é fêmea, que na verdade o meu pau está encaixado pra dentro, essa é a verdade, com nervo, com raiz, com cabeça, com tudo. Quando o homem sente aquela tua feminilidade, aquele

Encarnando a europeia

teu tesão, tudo, ó acabou. E o homem está contigo pela sua beleza, não está por pau, menos pau, essas palhaçadas todas.

Na perspectiva da encarnação (*embodiment*), o corpo também é natureza e tem os seus limites biológicos circunscritos em sua anatomia e suas lógicas próprias. Exemplo disso é a ereção do pênis que, apesar de estar relacionado ao desejo, também está relacionado às questões bioquímicas. Preciado (2018) afirma que o desenvolvimento tecnocientífico representado pelo Viagra e pela Testosterona possibilitou a produção molecular das masculinidades. Os corpos, no regime farmacopornográfico, estão inseridos em uma lógica de (re)produção e consumo de biotecnologias performativas:

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona em masculinidade, a Pílula ou a maternidade, a triterapia ou a aids (Preciado, 2018: 37).

Assim, conforme discutido no capítulo II desta tese, a tecnociência endócrina representada pelos hormônios femininos são um importante marco de viragem na produção das subjetividades e corporalidade trans e travestis. No entanto, além dos hormônios e as questões relacionadas à centralidade do pênis, para as trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis, o Viagra torna-se uma prótese biomolecular quando o corpo limita as suas performances sexuais nos convívios. Os limites do corpo podem ser percebidos na fala de Maya, 48 anos: «As vezes eu tomo um comprimido, porque eu não aguento, se eu gozar duas vezes por dia, eu não aguento, quem aguenta gozar duas, três vezes por dia? Não aguenta».

Os limites não estão apenas relacionados às lógicas biológicas do corpo, mas também aos produtos tecnocientíficos que as interlocutoras da pesquisa incorporam. Conforme salientado, algumas travestis e mulheres trans trabalhadoras do sexo, interrompem o tratamento hormonal devido às dificuldades que a hormonização acarreta na produção da ereção. Flora, por exemplo, deixou de usar os hormônios após obter suas próteses mamárias:

«Depois que eu vim para aqui, eu parei, pelo... De eu ser ativa, eu tenho que ser ativa então, se eu tomava hormônio tira a libido». Quando Diana me disse que ainda utilizava hormônios femininos, minha primeira indagação foi sobre os efeitos colaterais da hormonização na produção da ereção, ao que ela me disse que contornava a situação com:

Diana: Vigor amiga! Ah, se eu sô viciada em alguma droga? Só vigor.
Eu: Vigor. Que que é isso?
Diana: Vigor é um comprimidinho para ereção
Eu: E tu toma também?
Diana: Sim. Se não, esquece.

Assim, para algumas das interlocutoras desta pesquisa, a tecnociência representada pelo Viagra é utilizada como garantia para a execução das performances sexuais, o que também pode ser visto como um tipo específico de estratégia do trabalho do sexo. Dalila colabora no entendimento deste recurso no trabalho que desempenha na prostituição:

Eu: E antes do programa? Como que é?
Dalila: Antes do programa, cinco minutos antes do programa. Assim, eu só deixo pra engolir o Viagra quando eles falam: «Estou aqui na porta». Já pego, fica ali em cima olha, pego e...
Eu: E um por... mas, assim...
Dalila: Um me dá o dia inteiro.
Eu: Ahn.
Dalila: As vezes ainda sobra pro dia seguinte. Entendeu?
Eu: Você toma um pedaço?
Dalila: Não, como um inteiro!
Eu: Come um inteiro. Ok. E você sempre usou?
Dalila: O que é que acontece? É a garantia de que você não vai ter problema nenhum do seu pau não subir.
Eu: Não subir, sim.
Dalila: Entendeu? Pode chegar um menino, pode chegar uma bolha, o seu pau vai ficar duro e pau duro é que eles querem. Eles querem é tomar no cu. Eles querem é ver a bixa de pau duro! Entendeu? É como se eu apertasse, botasse no automático, entendeu?

Especialização em práticas sexuais e fetiches: fomentar desejos, investir recursos e fidelizar clientes

As estratégias do trabalho do sexo podem ser melhor elaboradas com outras experiências reflexivas nos territórios da prostituição e/ou fora dele. Se o pênis adquire um

caráter de centralidade no campo prostitucional de mulheres trans e travestis, a especialização em práticas sexuais recebe destaque na captação, na fidelização de clientes e na obtenção de uma posição de sucesso nos territórios da prostituição. Assim, as interlocutoras criam discursos para fomentar as fantasias dos clientes, especializam-se em tipos de fetiches e práticas sexuais, demonstrando o caráter plástico da sexualidade (Weeks, 2000). É o caso de Mariana, 24 anos, que trabalhou em alguns locais onde a sexualidade e o sexo são comercializados antes de iniciar no trabalho do sexo. A sua «carreira» no mercado do sexo começou como recepcionista em uma casa de *swing*, depois como trabalhadora de casa de alterne e, posteriormente, como trabalhadora do sexo. As experiências incorporadas no ramo do *swing*, somadas ao capital cultural adquirido no Brasil, aprimoraram as suas estratégias de como excitar os seus clientes nas casas de alterne, o que posteriormente lhe deu uma boa caderneta de clientes para o trabalho que agora executa como acompanhante de luxo em Lisboa:

Eu: E como foi trabalhar na casa de alterne?

Mariana: Ai... Foi aonde eu descobri que eu era realmente uma mulher como outra qualquer, porque eu passei a contar para os meus clientes, e foi quando eu mais tinha clientes. Quanto mais eu falava sobre isso, mais clientes eu tinha. Quanto mais eu falava sobre sexo, mais eu falava sobre fantasias, sobre diversidade, sobre sexo a três, sobre sexo a quatro, sobre bar de *swing*, porque eu trabalhei no bar de *swing*. Ah... mais eu falava sobre isso, mais os clientes se interessavam.

Eu: Ya.

Mariana: Então, é assim, para mim é uma fase onde eu me descobri mesmo, eu falei: «Porra!» Homem... ele é uma coisa tão... diversa! Tão... estranha, né? Ai, eu gosto... E eu falava: «Olha, eu já tive uma experiência no bar», mas eu nunca fiz nada no bar de *swing*, mas eu dizia para eles que tinha feito!

Eu: Só pra fantasiar.

Mariana: E eu comecei a vender as minhas histórias. Então, eles me levavam para o privado, me pagavam garrafa de champagne, eu sentava e contava as minhas histórias e eles se masturbando, olhando para mim, enquanto eu contava as histórias.

Eu: Hmmm.

Mariana: O que eu fazia, o que eu tinha feito no bar de *swing*, não sei o que mais! É... Então, assim, eu conheci muita gente através disso. O curso da arte de falar em público foi ótimo pra mim!

As trabalhadoras do sexo com maior capital cultural e melhor posição no campo prostitucional têm dimensão da diversidade de realidades que existem no trabalho do sexo e das vantagens que têm em comparação aos pares que estão em uma situação de maior vulnerabilidade e precariedade. Ao instrumentalizar estratégias no trabalho que executam,

adquirem agência e poder sobre os próprios clientes, nomeadamente na seleção dos seus clientes, contrapondo o discurso simplista da prostituta vulnerável que faz parte do senso-comum. Tainá, mestranda e com curso de massagista, utiliza de suas competências para fidelizar os seus clientes. A estratégia de Tainá é oferecer aos clientes um diferencial que inclui massagem tântrica e tailandesa, a execução de todos os pormenores que oferece no primeiro contato pelo telefone e a especialização em massagem prostática:

Tainá: É muito difícil você falar que é contra a prostituição, se você nem tem conhecimento dos níveis de prostituição. A gente sabe que tem a exploração, mas também tem a prostituição elitizada. Eu estou na prostituição elitizada. Eu estou aqui com você. Você viu?

Eu: Quantas vezes você desligou o celular [risos].

Tainá: [Risos]. Quantas vezes eu estou desligando. Sabe por que eu desligo? Porque eu sei que depois que você for embora, eles vão ligar tudo de novo. E eles vão vir. Porque é uma prostituição elitizada, eles sabem o que eles vão encontrar e o serviço que eles vão encontrar.[...] Porque eu ainda nem entrei na minha outra estratégia, que eu pen... que eu... porque eu... porque o meu nível... minha tese... eu acho que eu lido... muito do que está acontecendo comigo, a minha estratégia de viver aqui também com o convívio. Eu não faço o que as meninas fazem. Eu até faço na prática, mas na teoria e no telefone não faço. Porque o cliente não quer saber o que você faz na cama. Ele quer saber o que você fala no telefone. E quando ele vem aqui e acha que não vai receber o que você fala, e recebe, ele vai voltar. [...] Eu sou uma atriz. E quando eu consigo ser ativa, é porque eu consegui ser ereta. Porque tem cliente que vem e eu não consigo. E ele quer que eu seja ativa. Eu tenho que me virar nos 30. E como eu já sei que eles gostam de beijo e essas pegadas, eu tento me aprimorar nisso. Na massagem prostática, que é a massagem no ânus. São coisas que eu tento me aprimorar. Saber se eu estou pegando na próstata mesmo, se está... Eu fico mais nessa preocupação, porque eu sou tão ridícula, que eu quero ser boa, como eu sou boa [profissão técnica qualificada]. Entendeu? Sabe? Aquela ilusão. E as meninas, a minha amiga: «Eu vou te falar, amiga, pra mim tu é boba, o cliente vem aqui, eu pego o dinheiro dele, eu vou lá fora, volto e falo: ‘Não tirou a roupa ainda não, amor, tem que gozar logo, já tem outro esperando. Ah, não gozou não? Então vai embora!’» Amigo, só que esse cliente nunca mais vai voltar. Ela não mora aqui, eu moro. Se eu faço isso, eu vou passar fome. E se eu não conseguir viver disso, eu vou viver do que? Se nem um emprego eu consegui? Entende? Então, tem situações e situações. Elas giram a cidade toda, porque elas ganham muito dinheiro, que elas mandam pro Brasil. Mas, eu não vim pra isso. Eu tenho que terminar a minha faculdade.

As estratégias relacionadas à publicidade de tipos de práticas e à sua especialização pelas mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo, não são somente um modo de obter clientes. No caso de Tainá, que reside em Lisboa permanentemente devido ao seu curso de Mestrado, a especialização como massagista tem como intuito o marketing e a fidelização dos

clientes. Esta estratégia tem como objetivo reduzir os prejuízos por não poder implementar estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica, ou seja, não circular constantemente por Portugal e/ou outros países do continente europeu:

Eu: Tu estuda sempre em casa, porque fica mais fácil pra atender os clientes?

Tainá: Sempre em casa. Sempre em casa.

Eu: E atende à tarde, de segunda a sexta?

Tainá: Todos os dias.

Eu: Sábado e...

Tainá: Todos os dias. Se eu estiver em casa não tem porque eu não ganhar dinheiro. E eu vou ganhando. Porque também, como eu moro em Lisboa, todas as meninas vivem mudando de cidade, então eu estou sempre aqui. Então, meu fluxo de clientes é menor. Eu só tenho um bom fluxo, graças ao meu bom Deus, é porque eu sou a única que faço massagem. Eu sou a única que diz que faz massagem e realmente faz massagem.

Eu: Você acha que isso é um chamativo?

Tainá: Claro! É marketing.

A fidelização de clientes por meio da especialização em tipos específicos de práticas sexuais possibilita o acúmulo de capital econômico e alguma estabilidade nos territórios do trabalho sexual. A especialização não perpassa somente a prática sexual e suas técnicas que necessitam de conhecimento teórico e vivido, mas também o modo de preparar uma visualidade com tecnologias específicas para a (re)produção da performance. Mariana, por exemplo, tem muitos brinquedos sexuais¹¹ para estimular os seus clientes e demonstra que um dos motivos para o regresso constante dos mesmos está relacionado à sua especialização como dominadora em performances BDSM, a criação de laços afetivos/sociais com os clientes que atende e toda uma gama de tecnologias sexuais para obtenção/geração de prazer. Sua fala demonstra também sua especialização na manipulação da «força orgásmica», ou seja, «da transformação do mundo em prazer» (Preciado, 2018):

Eu: Qual é a relação com os clientes? Tipo, você falou de BDSM, enfim... que prefere isso e...

Mariana: Ai, prefiro! Os clientes que me procuram já sabem aquilo que querem. Eles procuram já sabendo, né? Eles já procuram sabendo daquilo que eles querem fazer. Ele não vem procurando: «Ah, porque eu sou novo, inexperiente». Não, o cliente que vem praticar BDSM, ele já sabe o quê que

¹¹Mariana apresenta, na última foto do seu anúncio, inúmeras tecnologias sexuais para satisfação dos seus clientes: coleiras, correntes, mordanças, *dildos*, pinças para mamilos, roda de wartenberg, *cock rings*, *poppers*, algemas, chicotes, luvas, salto alto etc. Para compreender melhor como tecnologias para repressão da sexualidade foram (re)apropriadas para constituir sexualidades dissidentes durante o século XX ver Rubin (1984) e Preciado (2014).

Encarnando a europeia

é. Eles já sabem qual é o conceito. Ele já fez. Ele já praticou. Ele já se permitiu conhecer ou fazer. Entende? [...] O sexo pra mim já não... É por um pênis, é chupar, é socar em um cu, o quê que tem de diferente nisso?!

Eu: Aham.

Mariana: Pra mim não... Então, no BDSM você tem o mamilo pra estimular, você tem os pés. Você tem o corpo inteiro. Você tem a anatomia geral do corpo pra você estimular. Entende? É algo novo que você conhece prazeres. Agora o sexo comum, você só [gesticula com as mãos].

Eu: Você tem muitos clientes que você atende com BDSM?

Mariana: Ah, sim. E gosto! É mais prazeroso, acredita? Pelo menos para mim. É mais eficiente, eu prefiro. Porque assim, o sexo comum... *o cliente que procura só sexo por sexo, beleza por beleza, ele vai com todas. Entende? Agora, o cliente que procura BDSM, ele vai explícito*, porque assim... É muito fácil você falar que pratica BDSM. Agora você saber fazer, você saber classificar o que é um *slave*¹², o que é um submisso, o que é um *kinky*, o que é um *sissy*¹³... [...] A maioria, que está sempre comigo, uma vez por semana, duas vezes na semana, são os viúvos e os que são separados. Então, eles têm tempo. Eu posso ligar para um deles agora e ele vai me atender. Eu posso mandar uma mensagem, que eu sei que ele vai me responder. [...] A maioria dos meus clientes são fixos. Eu não tenho cliente, assim, como eu já te disse e, sei lá. Eu não consigo trabalhar. É como eu te disse. Eu não consigo ser mecânica, entendeu? Entra e sai e vai embora, tchau! Não, eu nunca... nunca, eu nunca trabalhei assim. [...] eu tenho corda, chicote, *dildos* do tamanho do antebraço, eu tenho *game balls*. Eu tenho tudo, entendeu?

Eu: E tu leva isso tudo e atende em casa?

Mariana: Eu levo. Alguns preferem que eu não saia de casa, porque quando eu vou atender, eu não estou vestida da mesma maneira como eu fosse atender para uma relação normal. Eu estou com um *corpet*, eu estou com *body* ou eu estou com um... Eu estou vestida adequada para dominação. E na relação eu estou só com a *lingerie*. É diferente. [grifos meus]

Para algumas trabalhadoras do sexo, a especialização em tipos de práticas não convencionais em suas disposições para a sexualidade torna-se uma estratégia prostitucional após a entrada no campo na tentativa de obter maior capital econômico. Porém, para outras trabalhadoras do sexo, lidar com os fetiches dos clientes que não fazem parte das suas disposições para sexualidade pode gerar tensões entre o desejo de acumulação de capital econômico e as performances sexuais requisitadas. Luna ajuda a compreender este tipo de situação na narrativa sobre alguns dos seus clientes em Portugal:

Mas aqui, os homens daqui são... Porco assim no sexo, eles gostam de umas coisas que os homens... [pausa]

Eu: Não, aí não tem vergonha de mim não, fale tudo [Risos].

¹² Na cultura BDSM o termo *slave* é utilizado para designar a pessoa que obtém prazer no ato de ser punida e/ou subserviente e/ou agradar e/ou servir a sua pessoa parceira.

¹³ Prática *kinky*, dentro da comunidade BDSM, consiste em submeter o parceiro a comportamentos, atitudes e utilização de roupas femininas.

Encarnando a europeia

Luna: Que os homens do Brasil não costumam pedir, entendeu? Que nem os homens do Brasil não pede pra gente mijar neles, os homens do Brasil que nem eu falei, quando eu fazia, eu tinha muitos clientes no Brasil, mas nunca um cliente pediu pra mim enfiar a mão no cu deles.

Eu: *Fist Fucking*¹⁴.

Luna: É, é *Fisting*, né? Aqui, pediu pra mim pôr o pé assim e sentar no meu pé, sabe? Assim, então é... E aqui eu acho, é bom pro financeiro.

[...] Ser dominadora deles é, tipo quer que bate, quer que amarra, que dá chicotada. Eu não gosto, entendeu? Acho que cada tem seus... suas fantasias sexuais. Mas eu acho que o sexo para ser legal não precisa dessas loucuras, entendeu? É, aqui, aqui esse tipo, se você coloca essa música e você é dominadora, se você tiver roupa de dominadora, eles ficam tudo louco, entendeu? Mas eu não gosto. Que nem tens uns que: «Ah eu quero que você me bate». Tinha um que falava pra mim assim: «Um puto de merda e fala que não sei o que, não sei o que». Mas era tão bonitinho, minha vontade era dar um beijo na boca dele. E ele queria que eu batesse nele. «Cospe na minha cara». Eu falava: «Ah não, cuspir não, na cara eu não consigo». «Aí, bate na minha cara». Aí eu fui (barulho de tapa) na cara dele. «Bate mais forte». Aí eu não conseguia bater nele mais forte [Risos].

As práticas sexuais que não fazem parte das disposições para a sexualidade das interlocutoras estabelecem relações com a diversidade cultural e com a circulação pelos diversos territórios do trabalho sexual na Europa. Há a compreensão de disposições para sexualidade dos clientes e a relação com determinado país, ou seja, práticas sexuais que são requisitadas frequentemente em determinado contexto geográfico em detrimento de outros. Diana que vive em Lisboa, mas circula frequentemente pelo continente europeu, utiliza deste conhecimento para acumulação de capital econômico. Na sua narrativa, podemos perceber sua compreensão dos diversos territórios do trabalho sexual e as experiências que, apesar de não fazerem parte das suas disposições para a sexualidade, tornam-se importantes para acumulação de capital econômico:

Eu: Você falou da questão da «porquice» e daí eu lembrei que no seu anúncio...

Diana: Eles todos querem.

Eu: Você falou da chuva dourada.

Diana: A tá eu fazer xixi neles.

Eu: Isso, e você acha que as práticas aqui são muito diferentes das práticas sexuais que você executava no Brasil?

Diana: Ah, mas lá também tem. Mas aqui é diferente. Aqui eles gostam. Mas aqui em Portugal eles gostam dessas coisas, que num são tão comuns do que os do norte que gostam mais de xixi. Londres então, eles gostam de xixi, um cara já me pagou 3 mil pra mim cagar num pires e ele comer.

Eu: 3 mil?

¹⁴ Prática sexual de penetração do punho no ânus ou vagina. Para uma discussão em uma perspectiva *queer* sobre o *fist fucking* ver Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016) *Pelo Cu: Políticas Anais*.

Encarnando a europeia

Diana: Sim. (silêncio). [...] Me contratou dizendo assim ó: «Tu vai fazer isso? Tu vai conseguir?». E eu: «Sim». Comecei a comer, comer, comer. Chegou lá, daí ele ficou de barriga pra cima. Ai desculpa.

Eu: Não, imagina.

Diana: E eu caguei no pires e ele comeu na minha frente. Eu vomitei ele todinho, depois fui embora.

Eu: E ele deve ter ficado?

Diana: Sei lá. Vomitei ele todinho e fui embora. Com os meus 3 mil. Mas tipo cobreí 3 mil. Ele disse que dava. Ele era acostumado, né? Isso aí é moeda pra ele.

Enfim, a especialização em práticas sexuais torna-se um diferencial perante outras trabalhadoras do sexo nos territórios da prostituição, além de possibilitar a fidelização de clientes com interesse específico pela prática e propensos a pagar valores superiores aos comercializados no campo.

Subjetivação no/pelo trabalho do sexo: atualizações das disposições para a sexualidade e das representações sobre a brasilidade.

O gênero é uma ficção sexopolítica (Preciado, 2018). Isto quer dizer que produzir gênero é incorporar tecnologias, sistema de crenças, regras, normas e práticas institucionais na produção de uma performance específica. O objetivo da incorporação é a criação discursiva, corporal e performativa para alcançar inteligibilidade social e reconhecimento político (Butler, 2010). As representações sobre o que é ser feminina são constituídas nas primeiras socializações de mulheres trans e travestis nos seus contextos sociais no Brasil. Não raramente, estas disposições são construídas com base no ideal cisheteronormativo, que delimita o papel feminino à submissão ao prazer masculino e a um corpo penetrável. No entanto, ao adentrarem os territórios do trabalho sexual, ocorre uma tensão entre as disposições para sexualidade constituídas pelos ideais de feminilidade e as performances sexuais que são requisitadas no campo prostitucional de mulheres trans e travestis. Maya, 48 anos, que começou no trabalho do sexo aos 25-27 anos, após o início da sua vida sexual como travesti, relata as dificuldades que enfrentou para compreender as performances que teria que executar:

Encarnando a europeia

Maya: Então, quer dizer, na minha época era complicado porque os homens pra poder comer a gente, não podia nem botar o pau pra fora... Não podia nem bater uma punheta. Você tinha que tocar punheta, só depois que ele fosse embora, você ia pro banheiro tocar uma punheta pra você gozar, entendeu? Então, eu me acostumei assim, eu achava que travesti era isso, né? Fazer papel de mulher. Quando eu comecei já no Brasil, aí já veio já na fase dos 18 anos, boate, discoteca aquelas coisas todas, né? Gay namora gay, né? E ia fazendo aquelas coisas; ia um comer o outro, 69, aquelas coisas todas que a gente sabe que acontece, mas quando eu me assumi travesti, eu achava que não era... que não tinha que comer... Eu tô me assumindo, me investindo, de botar um peito, me harmonizar, botar roupa de mulher, enfrentar a população, entendeu? E ser humilhada. Pra ficar comendo homem eu ficava gay, eu ficava homem de novo e virava homem, continuava homem...

Dalila, 41 anos, trabalhadora do sexo desde os 14-15 anos, também compartilhava das mesmas representações sobre sexualidade no início do trabalho. Suas representações sobre feminilidade e corpo penetrável foram motivo de piada para suas amigas mulheres trans e travestis com mais experiências na pista e nas performances sexuais requisitadas pelos clientes:

Dalila: Porque, nossa, a primeira vez que eu entrei dentro de um carro, que um homem pagou e chupou o meu pau. Eu fiquei abismada! Eu fiquei assim! Ultrapassada! Eu contei para outras travestis, que eram mais velhas do que eu. Elas riram, todas, elas riram da minha cara e falaram: «Olha, amiga, que bonitinha, conta pra ela amiga, o quê que o cliente fez mesmo com você».

Eu: [Risos].

Dalila: Aí eu contei. E eu assim, inocente. Pra você ver, é a fase da inocência. Porque até então eu achava que todo homem só comia viado. Aí quando eu comecei a entrar na coisa do programa, está entendendo? Quando o homem me pagou, chegou lá, chupou o meu pau. Eu fiquei assim, eu falei: «Meu deus! Mona, sabe o que aconteceu? Sabe aquele cliente que eu saí. Amiga, eu saí com ele, chegou lá ele chegou chupando. Nem deixou eu pegar na neca dele. Eu fiquei passada e ainda me pagou». Ela: «Sério?! [gargalhada]. Vem cá, mulher, conta pra ela o que que aconteceu». É assim, sabe? A inocência.

É por intermédio das experiências e da reflexividade que os patrimônios de disposições são atualizados/alterados/modificados. Neste sentido, as tensões entre as disposições constituídas no processo de socialização e as existentes no campo prostitucional, fazem com que algumas mulheres trans e travestis modifiquem as suas disposições para a sexualidade após o início da trajetória nos territórios do trabalho sexual. Para algumas delas, essas alterações podem inclusive ter uma motivação reflexiva no que tange às estratégias que

facilitam o trabalho no mercado do sexo. Luna, 38 anos, colabora na compreensão do controle reflexivo dos corpos durante o tempo dos convívios:

Eu: Por que que você prefere ser ativa nos convívios?

Luna: Porque eu acho que é mais rápido. Tipo assim, geralmente o homem quer ser passivo, ele já vem logo, principalmente os casados, eles não quer muita cena. Tipo eles vem, chupa o pau da gente, fica de 4, comeu, vai embora. Geralmente o cara que é ativo, quer que você coloca cinta liga, quer que você faz, quer que você recebe ele de salto alto, aquela coisa, coisa que os homem passivo não quer. Os homem passivo quer que venha aqui e fica de pau duro e pronto, acabou. O bom que a maioria aqui é assim, entendeu? Devo ter uns 4 clientes ativo, que vem e me come. A maioria dos clientes que eu tenho, tudo é passivo. Aqueles homens que eu abro a porta e penso assim: «Meu Deus vou dar o cu hoje horrores».

Eu: E a hora que chega aqui?

Luna: Hora que chega aqui: «Ah mas você se importa de eu ser só passivo?». «Não, amor, eu não me importo». Tem uns que falam pra mim eu sou ativo e passivo. «Não passivo não me interessa, eu quero saber se você é ativa». «Não, eu sou ativa, pode vim».

Além de alterações nas disposições para a sexualidade, no que concerne às estratégias do trabalho do sexo, as experiências na prostituição possibilitam para as interlocutoras o autoconhecimento do corpo e o desenvolvimento de novos tipos de desejos sexuais. Assim, as disposições para a sexualidade podem ser alteradas/adaptadas demonstrando mais uma vez o caráter plástico da sexualidade. Mariana, após anos trabalhando como dominadora em sessões de BDSM, colabora no entendimento desta problemática:

Mariana: Porque o sexo comum já não me satisfaz.

Eu: Você precisa do que para se satisfazer?

Mariana: Ah, eu gosto da dominação. Gosto do BDSM, que é algo mais intenso, onde você descobre vários pontos de estimulação corporal, onde você se descobre, onde você... É... Descobre que o corpo não é só boca, pau e cu. Ou só vagina, ânus, boca.

Eu: E você usa muito BDSM para trabalhar?

Mariana: Sim. Eu prefiro até trabalhar com dominação do que com sexo.

Os processos de alteração nas disposições para a sexualidade e o autoconhecimento corporal com as experiências adquiridas no campo prostitucional podem modificar profundamente as subjetividades de algumas mulheres trans e travestis, com relação à compreensão da identidade de gênero e do projeto corporal. É o caso de Dalila que, após anos lidando com as tensões que o seu corpo colocava para si, com o trabalho na prostituição e

com o autoconhecimento do seu corpo e desejos, teve um novo entendimento sobre passar pela cirurgia de confirmação de gênero:

A prostituição foi muito boa na minha vida pra me ajudar a entender como pessoa. Porque, assim, eu tinha quase certeza, que a essa altura da minha vida, aos 40 anos eu já estaria operada. Entende?

Eu: Tu quer fazer a cirurgia?

Dalila: Não! Hoje não mais. Eu aprendi com a prostituição que eu não preciso de uma vagina pra ser uma mulher. Primeiro, que mulher você nunca vai ser. Você vai ser uma transexual redesignada. Você fez uma cirurgia. Você fez uma mudança de sexo. Você não é uma mulher. Você é uma transe-xual. Mulher você nunca será. Entende? Você nunca será uma mulher cisgênero. Por mais vagina que você tenha. Por mais perfeita que seja sua vagina. Você é uma transexual redesignada. E assim, eu me descobri sexualmente. Eu sou muito sexual. Eu gosto de ter orgasmo. Sabe? A maioria dos meus programas eu gozo. Está entendendo? Então, assim, é uma incógnita. Pode acontecer alguma coisa durante a cirurgia e você nunca mais ter um orgasmo. Então, assim, é um risco...

Eu: E isso tu aprendeu com as tuas amigas que fizeram a cirurgia? Que conversou?

Dalila: Não. Isso eu aprendi mesmo vendo. Assim, me analisando como pessoa. Eu talvez, assim, eu acho que a cirurgia, se a cirurgia, seria conveniente se for uma fase da sua vida que você não precisasse mais do sexo. Tipo, assim, você velha, você precisar de cuidados de outras pessoas, tipo para tomar banho, para fazer xixi, porque mesmo a travesti é algo que fascina tanto, porque é algo que não era pra estar ali. Entende? Você olha o rosto, você olha o jeito, sabe, aí você vai analisando a personalidade. Ai os peitos lindos, aí você vê as curvas, as pernas, a pele, aí você vê a bunda, aí de repente você vê aquele caralho duro. É assim... É o centauro. O corpo é dois corpos em um só.

Apesar das mudanças nas disposições para a sexualidade tendo em vista as estratégias do trabalho do sexo, a publicidade das performances sexuais nos discursos proferidos ao telefone e/ou em anúncios necessitam demonstrar um amplo rol de diversidade para captação de clientes. Por exemplo, Maya, que apesar de ser somente ativa no contexto do trabalho, é passiva exclusivamente quando exerce sua sexualidade fora do campo prostitucional. No entanto, nas narrativas que cria sobre si para os clientes faz questão de informar que é *completa*¹⁵:

Maya: [...] quando eu dó... Ou vou fazer alguma coisa eu faço com alguém por prazer, mas por trabalho não, por trabalho eu faço só ativo...

Eu: E o que...

Maya: Eu falo ativa e passiva porque é um fetiche... É um histórico de dizer no telefone, né? É da publicação.

¹⁵ Termo êmico para designar as travestis e mulheres trans trabalhadoras do sexo que são ativas e passivas.

Se para algumas mulheres trans e travestis as experiências adquiridas nos territórios do trabalho sexual podem alterar suas disposições para a sexualidade e seu entendimento sobre o papel do corpo na identidade e expressão de gênero, para outras, os saberes adquiridos na prostituição podem ser incorporados baseados somente em motivações de ordem econômica. Conforme demonstrado até aqui, a reflexividade constituída nas experiências no mercado do sexo gera tipos específicos de técnicas, práticas e estratégias na busca por uma melhor posição no campo prostitucional. No entanto, a reflexividade também pode gerar a necessidade de produzir uma corporalidade feminina. É o caso de Verônica, que depois de algum tempo trabalhando como michê, percebeu que ao construir uma visualidade feminina com tecnologias de gênero teria maiores possibilidades de atrair clientes. Tiago Duque (2011) também percebeu estes processos de montagem e desmontagem entre travestis jovens em Campinas-SP e afirma que:

De formas progressivamente mais sofisticadas, buscando negociar seus desejos com as demandas sociais ou do mercado sexual, seus corpos se revelam cada vez mais plásticos. Assim, adiam ou evitam modificações corporais irreversíveis, montando e desmontando o gênero de acordo com as circunstâncias, o que se revelaria muito mais difícil, se não impossível, caso procedessem como as gerações anteriores de travestis. Aparentemente, estas mudanças abrem possibilidades afetivas, sexuais e, talvez, no futuro, também profissionais (Duque, 2011: 138).

Verônica, no momento da produção dos dados, havia iniciado somente o tratamento hormonal e, apesar de desejar próteses de silicone nos seios, almejava retirá-las após acumular capital econômico. Em sua fala podemos compreender os tipos de motivação que a levaram a esta decisão:

Verônica: Então, foi tipo aonde que eu ganhei mais espaço, não é? E, e iam me... Como posso explicar para você, eu me expandi mais no trabalho como travesti. Como eu tentei me montar ainda como gayzinho e tal, botei anúncio, mas não vinha muito. Mas, no devido momento que eu botei uma roupa de travesti, botei uma peruca, botei uma coisa, aí bombei.
Eu: Ahhh.
Verônica: Era muito homem.
Eu: Ah, ok. Você não quer ter uma imagem feminina, então, depois?
Verônica: Olha, eu confesso, que eu fico meio que balançado.
Eu: Por que?

Encarnando a europeia

Verônica: Ah, porque, tipo assim, como eu estou lhe falando: eu vestido de mulher, de trava, ah, é muita loucura. É muito mais contatos. É muito mais dinheiro. Muito mais gente. Muito mais homens. Muito. Tudo é muito melhor.

Conforme salientado anteriormente, as alterações nas disposições para a sexualidade com as experiências e estratégias nos territórios do trabalho sexual demonstram a relevância das diferenças culturais nos processos de subjetivação de mulheres trans e travestis brasileiras no mercado sexual europeu e a instrumentalização dos traços que remetem à brasilidade no campo em Portugal. Além disso, algumas das estratégias implementadas pelas interlocutoras estão relacionadas às representações sobre a diversidade cultural do Brasil e sobre a brasilidade nos territórios do trabalho sexual. As representações sobre brasilidade, especificamente sobre as mulheres brasileiras, remetem ao imaginário de liberdade da sexualidade (Dolabella, 2015). Conforme investigado por Pelúcio (2011), a tropicalidade aparece nos discursos dos clientes como um fator importante para as representações dos europeus sobre as corporalidades e as subjetividades brasileiras. As representações sobre a praia, o calor, o carnaval e o futebol tornam-se metáfora nos discursos dos clientes como um eterno convite ao prazer, ao movimento dos corpos e à sua recorrente exposição. Afirmam também a celebração da mestiçagem, a sexualização dos corpos brasileiros e a subalternidade dos povos latinos. Portanto, reiteram representações de desigualdade entre o Sul e o Norte, entre o Brasil e a Europa.

É neste sentido que Dolabella (2015) afirma que a figura da «mulata» é a representação recorrente da mulher brasileira em Portugal e expressa paralelamente a ideia do homem português aberto à miscigenação com a sua superioridade masculina e branca, mas também da mulher brasileira disponível à sexualidade e submissa perante as estruturas de poder patriarcal. Portanto, as representações sobre a feminilidade brasileira estão inseridas em uma lógica de dominação pós-colonial retratada pela sensualidade, pelo cuidado, pela simpatia, pela alegria e pela baixa capacidade intelectual. Mariana, ao refletir sobre suas experiências na chegada em Lisboa, colabora na compreensão da problemática e reitera, mais uma vez, a importância da passabilidade em sua trajetória de vida:

Eu: E você acha que sofre preconceito aqui por ser brasileira?

Mariana: Ai, eu passei no início, porque estava em um bum da que... das brasileiras, das brasileiras... Que as brasileiras são tudo puta, os brasileiros eram tudo ladrão, era tudo que criminoso e quando eu cheguei cá com 17 anos eu passei por isso, um pouquinho. O preconceito por ser brasileiro sim.

Encarnando a europeia

Mas, por ser uma mulher trans não. Porque ninguém pensa, o povo me olha e pensa que eu sou uma mulher como outra qualquer, só sou alta.

Conforme salientado por Mariana, as representações sobre brasilidade recaem de modos distintos sobre as masculinidades e feminilidades brasileiras. Os estudos sobre as representações sobre a mulher brasileira em Portugal têm demonstrado o papel do dispositivo colonial na reverberação das representações de desigualdade, características de racialização, gênero e trabalho sexual associadas à brasilidade. Neste ínterim, Pontes (2004) reitera que a representação da feminilidade brasileira nos meios de comunicação em Portugal está associada à «morenidade», à sensualidade e, frequentemente, ao trabalho sexual. Os discursos essencializam as desigualdades sociais entre Brasil e Portugal, mas também entre imigrantes e nacionais: «No caso aqui estudado, é patente a existência de uma associação entre as representações de gênero e nacionalidade, na qual a representação de Brasil é feminizada e a de gênero sexualizada» (Pontes, 2004: 254). Sheila, ao ser indagada sobre os estigmas associados à sua identidade de gênero e nacionalidade, enfatiza a misoginia, o machismo e a xenofobia que demarcam sua trajetória de vida, sua biografia corporal e suas experiências em Portugal:

Eu: Tu sofreu muito preconceito na tua vida por ser mulher trans e por ser...
Sheila: Boa?
Eu: Hã?
Sheila: Eu sinto mais preconceito por ser mulher, do que quando eu era travesti.
Eu: Tu acha?
Sheila: Tenho certeza.
Eu: Por que?
Sheila: Porque a sociedade aqui em Portugal, eu vou falar de Portugal que eu já vivo tanto tempo, né? A mulher é um acaso...
Eu: É um acaso. Por que?
Sheila: Como brasileira, já olha que eu sou puta. É um preconceito maior do que ser travesti.
Eu: É um preconceito maior do que ser travesti...
Sheila: Então, nesta vida uma pessoa que passa... Rara uma pessoa que tem este privilégio de passar pela vida sendo homem, ser travesti, ser gay e ser travesti e ser mulher. Eu passei por isso tudo e te garanto que o maior preconceito é ser mulher. Como se a mulher fosse um ser frágil, idiota, que só serve para sexo, mais para nada, porque os portugueses veem as mulheres desta forma, quantas mulheres deles eles batem.

Encarnando a europeia

Luna, auxilia na compreensão desta questão, ao ser indagada sobre as vantagens da sua nacionalidade no trabalho sexual. A narrativa confirma a preferência dos clientes europeus por pessoas trabalhadoras do sexo brasileiras. Sua fala demonstra também as implicações do racismo no Brasil e do seu capital corporal racializado nos territórios do trabalho sexual em Portugal:

Eu: Você acha que ser brasileira é uma vantagem?

Luna: Aqui?

Eu: É.

Luna: Os portugueses gostam muito de sexo com os brasileiros.

Eu: Hum...

Luna: Tanto como garoto de programa, como mulher, como travesti, tem muitos que conversam com a gente e falam assim: «Mas você é brasileira?». Gostam das brasileiras, então acho que nessa parte é bom. Os portugueses gostam tipo, com mulher brasileira, com os michê brasileiro. Essa parte assim é bom, você... A gente tem uma certa vantagem nisso.

Eu: E quê que você acha que demarca?

Luna: Mas na putaria assim, porque geralmente nos outros lugares, assim, dá impressão que eles não gostam muito dos brasileiros aqui. Sabe assim, como vou te explicar... Tem coisas assim que eu percebo que eles não são muito fã dos brasileiros. [...] A gente que é negra aqui, que nem eu sou negra, a gente que... Que nem lá no Brasil não é todo lugar que uma bixa negra vai, que uma bixa negra trabalha bem. Aqui qualquer lugar que a gente vai...

Eu: Trabalha bem?

Luna: A gente trabalha bem, entendeu? As pessoas aqui gostam de negra. E tem uns que perguntam assim pra mim, tipo: «Você é morena ou você é negra?». Eu falo: «Eu sou negra». «Ah, então tá bom, então». Tipo eles gostam, tipo: «eu sou negra». «Ai você é morena». «Não, eu sou negra». «Ah, você é negra mesmo?». «Sou negra». Tem essa vantagem assim.

As falas de Luna e Sheila demonstram os aspectos difusos e relativos do poder/dominação. Assim, as mulheres trans e travestis brasileiras também são detentoras deles no trabalho sexual, quando utilizam/incorporam os discursos sobre a tropicalidade, a amabilidade, a naturalidade com a nudez, a disponibilidade sexual dos indígenas, o exótico, o belo, o híbrido para conseguirem vantagens no mercado do sexo (Silva e Ornat, 2012). Estes ganhos ficam explícitos na preferência dos clientes europeus pelas mulheres trans e travestis brasileiras em detrimento de outras latinas americanas ou europeias, normalmente justificadas pelas representações sobre a sexualidade brasileira como mais «quente». Outra justificativa seria a possibilidade de as trabalhadoras do sexo brasileiras escolherem os seus clientes dando preferências aos homens do Oeste europeu em detrimento dos do Leste e na produção de discursos que subalternizam homens chineses e nigerianos (Teixeira, 2011). Maya, que trabalhou durante 12 anos em Itália, reverbera estas afirmações:

Encarnando a europeia

Eu: E você acha que ser brasileira e ser trabalhadora do sexo é uma mais-valia? Os clientes falam disso?

Maya: Falam, eles valorizam muito as brasileiras, eles amam a brasileira. Qualquer lugar do país eles amam as brasileiras.

Eu: Na Itália é a mesma coisa?

Maya: É a mesma coisa, brasileira não são como as peruviana que só roubam. As peruvianas elas dá gogó¹⁶, da bola, te dá tudo, né? Elas puxam chave e... Mete a cara... E a brasileira não tem esse hábito de roubar, né? Eles não saem com peruviana, são muito os poucos que saem com as travestis peruviana porque sabe que se sair vai ser roubado, vai ser assaltado.

Portanto, as trabalhadoras do sexo acionam os estereótipos da sexualidade brasileira para construir um local de poder hierárquico nas relações que estabelecem. Ser brasileira torna-se uma vantagem sobre as outras trabalhadoras ao incorporarem em suas corporalidades, anúncios, discursos e representações sobre a brasilidade. As representações coloniais não estão apenas relacionadas à Europa e aos clientes europeus, mas também aos brasileiros. Neste sentido, foram recorrentes, durante a produção dos dados, discursos que reiteravam a brasilidade dos clientes como um aspecto negativo nos territórios do trabalho sexual. Mariana, por exemplo, afirmou que não atende clientes brasileiros devido à vulgaridade e às inúmeras experiências sexuais com brasileiros no Brasil. O mesmo afirmou Diana, a justificativa da sua recusa está relacionada à compreensão dos códigos culturais que possibilitam identificar um «mau cliente», ou seja, que requer muito do seu capital corporal, mas pouca conversão em capital econômico. Assim, a conquista do poder nos territórios do trabalho sexual possibilita a escolha/seleção dos clientes:

Eu: Você não atende brasileiro por quê?

Diana: Porque. Ahmn. Tipo. A maior parte dos brasileiros aqui, são... é como eu te disse não é todo brasileiro, bom... Lógico, se eu vejo que um cara me ligou, e tipo não começa com aquelas ladainha de brasileiro, ok, eu já até já atendi. Vejo que é uma pessoa mais velha... Mas normalmente um brasileiro ele ia querer pagar pouco e fuder muito e vem com aqueles papo de brasileiro que é tudo igual, então pra mim não serve. Não tem porquê.

Eu: Entendo.

Diana: Entende? Não por nada. Não que eu seja...

A rejeição de Diana a clientes brasileiros faz parte das suas estratégias do trabalho do sexo. Se em Portugal Diana utiliza os estereótipos sobre a sexualidade brasileira para captar

¹⁶ Convencer e/ou ludibriar alguém com palavras.

Encarnando a europeia

alguns clientes, o mesmo não ocorre quando está em outros países do continente europeu. Em sua perspectiva, as representações sobre o Brasil perpassam também o baixo capital cultural e a pobreza, o que não atrai o cliente «fino» e com muito capital econômico. Isso nos remete mais uma vez às representações da colonialidade relacionadas à subalternidade econômica e à cultural:

Eu: E você usa muito dessa questão da brasilidade, pra você, acha que ser brasileira ajuda você, trabalhadora do sexo?

Diana: Não, porque...

Eu: Do tipo, aquele estereótipo que o brasileiro é quente, que o brasileiro é gostoso.

Diana: Aí é que tá! Eu quando vou para outros países, eu como, eu tenho passaporte italiano, nem anúncio, porque eu acho que é queimação.

Eu: Você não anuncia como italiana?

Diana: Eu anuncio. Porque o nível de cliente é diferente.

Eu: Principalmente no norte? Você fala que é europeia?

Diana: É tipo, e como ah, como eu viajo com meu documento, eu me anuncio assim também.

Eu: Você fala qual que é a sua nacionalidade?

Diana: Não, eu anuncio sempre como italiana.

Eu: Ah, você anuncia como...

Diana: Não anuncio como brasileira. Tem homem que gosta? Tem. Tem homem que quer? Tem. Porque eles acham que vai ter mais porquice, vai ter mais num sei o quê. Mas tem aquele homem que é fino, que tem dinheiro, que quer ter uma conversa contigo e que talvez se ele visse o anúncio lá Brasil, ele de repente não ia, ele não, tipo, lógico, o cara num vem pra conversar, mas tem homem que ele quer mais do que um momento só de pegar no teu pau. Ele quer bater papo contigo, e já eles têm essa mentalidade que o brasileiro é burro. É triste, mas é verdade.

Eu: Sim, sim, sim.

Diana: Eu nem anuncio como brasileira.

Eu: Eu ia fazer uma pergunta pra ti. Você não anuncia como brasileira...

Diana: É outra, e ah, brasileira e asiática eles têm tendência a achar que vai cobrar menos. Asiáticas também, as tailandesas aí são belíssimas, mas eles, por vir de um país que vai cobra pouquinho.

Portanto, as experiências nos campos prostitucionais na Europa podem realizar alterações nas disposições para a sexualidade e na compreensão da identidade de gênero. A mobilidade efetuada pelas mulheres trans e travestis brasileiras possibilita uma reconfiguração da identidade entre o local e o global ao tencionarem as representações sobre gênero, características de racialização, nacionalidade e classe. As narrativas das interlocutoras demonstram também as estratégias do trabalho sexual com a incorporação das representações sobre a potencialidade da sexualidade brasileira para adquirirem vantagens sobre clientes e trabalhadoras do sexo de outras nacionalidades.

Capítulo VI

Entre o sonho de ser europeia e a realidade na Europa

Este capítulo busca identificar o impacto da mobilidade para o continente europeu nas disposições estéticas, nas trajetórias de vida e nas subjetividades de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. As experiências da mobilidade colaboram nas alterações sobre as representações associadas ao Brasil e à Europa antes da efetivação do projeto migratório com as experiências diferenciadas e diferenciadoras na vida pública e/ou campos prostitucionais. As narrativas das interlocutoras demonstram as alterações nos modos de ser e estar com a acumulação de capital econômico e/ou cultural e a incorporação das representações de classe econômica elevada após as experiências distintas no continente europeu. Paralelamente, identifico as ressignificações associadas à brasilidade com as vivências no continente europeu. Posteriormente, apresento as diferenças nos usos dados ao capital econômico obtido nos territórios do trabalho sexual pelas interlocutoras de classe social favorecidas em comparação às de classe popular. O que as experiências de mulheres trans e travestis demonstram são as conexões entre os capitais da vida acumulados durante os percursos de vida e a aquisição de prestígio perante a família e as pessoas amigas, nos territórios do trabalho sexual e na ressignificação das suas trajetórias, ou seja, a obtenção de capital simbólico

Mobilidade e obtenção de *juízo*: alterações nos modos de ser e estar

Além das alterações nas biografias corporais, a mobilidade para Europa realiza ressignificações nos percursos de vida e gera alteração dos patrimônios de disposições com a circulação e/ou novas experiências adquiridas durante a mobilidade. Estas transformações são motivadas pela reflexividade induzida pelos contextos diferentes e diferenciadores e/ou é devido às estratégias na obtenção de agência e sucesso no trabalho sexual, conforme discutido no capítulo anterior. A mudança frequente de contextos econômico, social, cultural e político, ao mesmo tempo que impele/favorece mudanças no modo de ser e estar na vida pública, modifica as representações sobre a Europa e o Brasil. Assim, nesta seção, busco explorar as representações antes e depois da mobilidade de mulheres trans e travestis brasileiras sobre o Brasil e o continente europeu e as relações que estabelecem com as ressignificações das

trajetórias de vida, das representações sobre a brasilidade na vida pública e das alterações nas disposições estéticas e para cultura/educação.

Conforme salientado, um dos aspectos abordados pelas pesquisas envolvendo a mobilidade de mulheres trans e travestis brasileiras para Europa são as referências relacionadas às experiências de *glamour* e luxo em contraposição à situação de marginalidade e abjeção das suas subjetividades e experiências no Brasil. A Europa é compreendida como a possibilidade de alterar as disposições estéticas e as representações sobre a a identidade de gênero e a feminilidade. Assim, o processo de tornar-se *europeia* perpassa as alterações no modo de performatizar a feminilidade e os comportamentos na vida pública. A narrativa de Safira demonstra que se tornar *europeia* é encarnar as representações de classe alta e de mobilidade social ascendente, ou seja, ser chique e ter *glamour*, conforme a narrativa:

Eu: E me conta, o que você aprendeu nesse tempo em Espanha? Assim, o que que mudou em você?

Safira: Aahh! A Europa! Lá é uma escola, né? Eu voltei com outra cabeça, com outra mentalidade. Aí, eu já não me vestia vulgarmente, eu comecei ver, né? Que nem aqui, antes podia estar o frio que for, importava minhas pernas estar pro lado de fora, os peitos na bandeja. Eu percebi que a Europa faz de você uma dama sem precisar ser vulgar, ser sensual, ser atraente, mas sem expor vulgaridade. Então, eu voltei com essa mentalidade, com essa cabeça, com essa cultura pro Brasil.

Flora tem uma apreciação muito próxima à de Safira com relação à importância da mobilidade para Europa na alteração das suas disposições estéticas e sua performance de gênero. Na percepção de Flora, as experiências de socialização na Europa foram uma «escola» responsável por «domar» sua feminilidade. A mobilidade é compreendida também como a possibilidade de acumulação de capital cultural, de alterar as perspectivas sobre a trajetória de vida, da conquista de autoconfiança e autoestima com relação à feminilidade e à identidade de gênero. A narrativa de Flora demonstra também as relações entre sua feminilidade e a encarnação de representações de classe elevada como aspecto de distinção social com o aburguesamento no modo de estar e a obtenção de agência:

Flora: [...] lá no Brasil eu não era uma mulher ainda. Eu era apenas feminina.

Eu: E o que você acha que mudou aqui para você ser uma mulher?

Flora: Eu fiquei mais educada, querendo ou não, com a cultura que a gente aprende, com as formas, as pessoas... Porque eu sempre quis aprender, eu sou uma descobridora. Eu quero saber, eu quero ouvir também, eu quero descobrir. Pena que eu não usei todo este potencial aí, que eu gosto para estudar como você hoje tem, fez sua faculdade, é... Dá aulas, não sei o quê

Encarnando a europeia

mais, tem seus objetivos na sua profissão. Eu poderia ter... Eu queria ter feito isso hoje, né? Mas...

Eu: O que você aprendeu?

Flora: A ser mulher mesmo, a ser mais feminina aqui. No Brasil eu sabia também, era, estava começando, mas eu era indomada ainda, como eu costumo dizer que eu era... Não era doutrinada, aqui eu me doutrinei, eu digo brincando com as amigas minhas: «Ah, agora tô doutrinada». Eu ligo para o Brasil meu amigo, que eu trabalhei com ele, fala assim: «Então Flora, tu é safada, não sei o quê, não sei o quê». Eu falo para [o amigo] que agora eu já sou doutrinada, agora eu já não sou mais aquela, agora sei mais, tenho pé no chão. Hoje eu como travesti, como mulher, né? Porque eu me sinto como uma mulher, fisicamente e... É... Me sinto uma mulher. Eu falo que o sexo não tem nada haver com ser uma mulher, eu acho, né? Eu me sinto uma mulher.

Eu: E você acha que vir para Europa mudou esta sua perspectiva com relação a todas estas coisas? O que mudou?

Flora: *Mudou. Mudou que eu vi que eu tenho capacidade de conseguir isso tudo. Eu tenho capacidade independente de eu ser travesti ou não. Eu vou conseguir. Isso mudou. Eu aprendi muito aqui, aprendi muito apesar de eu ser um pouco impulsiva, mas eu aprendi muito e tô aprendendo ainda, né?* [grifos meus]

A fala de Flora afirma a importância da categoria *juízo* na obtenção de sucesso na mobilidade e no mercado do sexo. Flora, ao alegar que foi domada pelas experiências advindas com o trânsito geográfico, remete às alterações nos seus patrimônios de disposições relacionados às responsabilidades perante sua própria trajetória de vida. A mobilidade é percebida também como responsável pela adaptação das suas disposições para a reflexividade e a cultura, ou seja, as disposições são tanto explicativas como explicadas. A alteração do seu estilo de vida e a maior responsabilidade perante sua vida financeira podem ser compreendidas nesta outra fala:

Flora: Agora, é, eu tento escutar mais, aprender, observar, entendeu? Eu fui aprendendo isso aqui, mais aqui, no Brasil eu não tinha acesso a este aprendizado.

Eu: Você acha que no Brasil você era mais...

Flora: Mais solta... É, mais vivendo só o momento, a curtidão, queria sair, queria fuder, tomar hormônio.

Eu: Pegar os ocó¹. [risos]

Flora: [Risos] Botar meu peito, era um sonho e nunca conseguia porque eu gastava o dinheiro todo com balada, roupa e festa, entendeu? Muita taba.²

Eu: Sim. [risos].

Flora: Pronto, gastava dinheiro com coisas... Bens materiais e que eu usufruía de tudo, então aí, não tinha.... Eu sempre queria, a gente sempre quer alguma coisa e nunca faz porque não quer, né? A maior parte das vezes

¹ Termo êmico para homens.

² Termo êmico para maconha.

Encarnando a europeia

porque a gente dá mais importância para uma coisa naquele momento, do que para aquilo que necessariamente você deveria dar e você não deu, naquele momento. Aí lá na frente você vai ver, que não deu naquele momento e agora você pode querer dar novamente e aí você cai na real, né? É o que aconteceu.

Mariana, que vive em Lisboa desde os 17 anos, tem uma percepção similar a de Safira e a de Flora com relação às especificidades das feminilidades brasileira e ao papel da mobilidade nas alterações das disposições da estética corporal, ou seja, de plasticidade (material) e da performance (maneiras e gestos) por mulheres trans e travestis. Assim, as alterações nas disposições estéticas explicam uma nova socialização e explicam uma nova disposição perante o corpo. Suas experiências na instituição escola demonstram também as dificuldades de integração e as violências xenofóbicas que vivenciou com a mobilidade para Portugal. As diferenças culturais e as representações sobre o Brasil foram um empecilho na sua integração em Lisboa e na conclusão do ensino secundário. Além disso, Mariana reitera mais uma vez a importância da passabilidade. A sua narrativa nos remete também às representações de superioridade cultural da Europa e às associações entre uma estética corporal e sexual brasileira:

Mariana: Então, por ser brasileira sim. Houve. Na escola principalmente, por... Nós escrevemos e falamos de uma maneira. Eles escrevem e falam da outra maneira. Então, eu sofri de xenofobia com isso. Sofri preconceito com isso. E não pelo fato de ser uma transexual na escola. E isso foi pra mim muito mais difícil do que o fato de eu ser uma trans. Porque ter que se adaptar a uma cultura completamente diferente, a uma forma de estar com eles completamente diferente. Porque aqui ou você se adapta ou você foge para casa de novo, ou você aguenta a saudade, ou você amadurece, ou você desenvolve, né? Evolui enquanto pessoa. Ou você volta para casa com uma mão na frente e outra atrás, ou completamente ignorante, né? É... E vai viver a mesma vidinha medíocre que você tinha antes. Então, ou você amadurece ou você muda o seu comportamento, ou você aprende ou a Europa, como toda travesti diz, que eu vejo muito elas falarem, que... ou você apanha, né? Apanha pelo amor ou você apanha pela dor. Você aprende pela educação ou pela dor. Isso é inevitável. E aqui você aprende muito isso. Tanto em palavras, ações, trejeitos, postura, comportamento, que é muito normal, né? A trans vir com uma foto em uma rede social com decote, mostrando o rabo, aqui não! Aqui eles logo te... Eles logo te olham diferente, te olham torto. Pessoas, sabe? É... Antigamente, quando eu cheguei, assim, há 5 anos atrás: «Nossa! Não basta ser brasileira tem que ser vulgar também, tem que ser puta também», né? Isso pesa, né? Então... E essa é a visão que a maioria deles têm das brasileiras. Isso por causa da forma de vestir. O português, ele reconhece... O europeu reconhece logo uma brasileira!

Encarnando a europeia

Mariana é assertiva, a brasilidade é expressa também pela corporalidade. Assim as recorrentes situações xenófobas vivenciadas por mulheres trans e travestis estimulam a criação de estratégias para contornar as violências simbólicas na vida pública. Diana, nascida no Rio Grande do Sul e moradora de Lisboa há 4-5 anos, mas que circula frequentemente pelo continente europeu, demonstra, em sua narrativa, as estratégias que elaborou com estas experiências. Sua fala equaciona a importância de incorporar aspectos de civilidade, ao mesmo tempo que corrobora na compreensão das diferenças culturais e do racismo existentes no Brasil:

Eu: E aqui assim do tipo, já sentiu muito esse racismo, esse preconceito?

Diana: Sim, quando abre a boca. Sim. Tem bastante. Não com os jovens, mas com as pessoas mais antigas.

Eu: Antigas, sim. E como você sai disso? O que que você sente?

Diana: Sendo mais educada, se eu sou maltratada mostro a educação que eu tenho e faço eles se sentirem, se tiver um mínimo de caráter eles vão sentir vergonha, né?

Eu: É. É o que eu faço também.

Diana: Mostro pra eles que eu tenho educação. Que eu não precisei nascer aqui para ter educação. Que muitos deles não tem. [...]

Eu: Você se sente em casa?

Diana: Sim, ah sim. Sim, me sinto. Tirando a parte que o português não gosta da gente, né? Mas isso em nenhum outro país vão gostar. Nós somos assim lá no Rio Grande com as pessoas que vêm de fora. Então, eu tô habituada. Rio Grande do Sul é terrível, as pessoas são bem racistas mesmo.

As experiências no continente europeu possibilitam alterações nos patrimônios de disposições e, conseqüentemente, a acumulação de capital cultural. As viagens frequentes para diversos países, as mudanças de contextos sociais e culturais, a heterogeneidade de experiências com clientes das mais variadas nacionalidades e classes sociais alteram os patrimônios de disposições das trabalhadoras do sexo e colaboram na constituição de uma imagem positiva de si. Paralelamente, a acumulação de capital econômico, a encarnação de performances de distinção social, a diminuição dos receios de violência, estigma e a passabilidade são condições que viabilizam acesso a espaços diferenciados e diferenciadores. Débora, que cursou o ensino secundário completo em Fortaleza-CE e com inúmeras experiências ao redor do mundo, colabora no entendimento destas questões quando questionada sobre o que é ser brasileira na Europa. A trajetória ascendente de Débora nos territórios do trabalho do sexo na Europa é marcada também pelas alterações em suas disposições para educação e acumulação de capital cultural representado pelas suas preocupações com a arte, a linguagem e a observação constante:

Encarnando a europeia

Eu: E o que você acha de ser brasileira e tal? Como você acha que...o que é ser brasileira na Europa:?

Débora: Ser brasileira na Europa, primeiro de tudo, é absorver coisas boas... É abraçar as oportunidades como eu abracei. Eu tenho meu diploma, hein! Eu tenho meu diploma. Aqui, na *Oxford School* eu fiz o nível A1 de Inglês. Eu tenho que ir lá buscar meu diploma. E foi agora, morando nessa casa na Avenida [...]. Ser brasileira aqui na Europa é aproveitar as oportunidades, é... hoje, por exemplo, eu não vou na discoteca nem nada. Eu vou ficar um bom tempo sem ir, sabe? Eu tenho que economizar dinheiro, Emerson, e em casa eu economizo. É... Como é que se diz, é você absorver as culturas, observar bastante. E outra coisa, né Emerson? Eu vejo em site essas bixas: «Eu falo francês». Fala nada... Então, você tem que absorver alguma coisa, você tem que tirar um dia pra você ir no museu Gulbenkian, ver aquilo. Eu tinha acabado de comprar... Aqui o livro que eu tô acabando de ler, olha o livro que eu leio. E aqui é o que eu tô estudando inglês. Ó, o que eu leio. Esse aí...

Assim, as diferenças nos modos de sociabilidade na vida pública também colaboram na alteração dos patrimônios de disposições na mobilidade. Mariana, habituada com as inúmeras discussões familiares e com infringir regras, passou a ter outras concepções sobre as frequentes oposições entre o seu modo de ser e o do outro. Em sua percepção, as diferenças culturais entre Brasil e Portugal, na resolução das contrariedades intersubjetivas, ocasionaram mudanças no modo de solucionar os seus conflitos:

Mariana: E assim, e quando eu... Eu pensava que discutir era... Como eu vim daquela situação toda e... no Brasil e tal e me acalmei muito quando fui morar com meu pai [tosse], eu fui vendo que... que muitas coisas que para mim era comum, aqui não é! Né? Porque aqui você tem leis, tem regras, né? Então... Eu pensava muito: «Ah, as regras foram feitas para serem quebradas, não?». E aqui eu aprendi que não é assim. Você tem que saber conversar, você tem que saber ter um diálogo, uma conversação. Você tem que respeitar as outras pessoas, que não é no grito que você vai conquistar qualquer coisa. É... Não é brigando com as pessoas ou ter uma mente fechada, que você vai conquistar alguma coisa. É... sei lá. Porque português, ele é muito diferente de nós brasileiros. Então, você aprende muito com eles.

A acumulação de capital econômico e de mobilidade pelas trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais possibilita o trânsito constante entre o Brasil e a Europa. Assim, as experiências da mobilidade alteram também as representações que mulheres trans e travestis têm sobre o Brasil. Dalila serve como exemplo, com residência fixa na Dinamarca, regressa frequentemente ao Rio de Janeiro. A circulação pelos territórios do trabalho sexual na Europa e no mundo alterou suas representações sobre o Brasil. Na

Encarnando a europeia

perspectiva de Dalila, a violência e o preço elevado para manter sua qualidade de vida impossibilitam a sua permanência no país.

Dalila: Mas, sempre viajando. Ai, mas só que aí eu ia pra o Brasil ficava um mês. Eu já fui para o Brasil para ficar 15 dias, pra ter uma... Tinha me programado para ficar 2 meses, fiquei 15 dias, falei: «Não, está louca. Eu vou sair doída daqui».

Eu: Humm.

Dalila: País muito caro. Entende?

Eu: O que você acha? Isso eu ia lhe perguntar: o que você acha do Brasil hoje assim?

Dalila: O Brasil é um país para milionários. Porque assim, você tem acessos sim. Existe coisas muito boas, lugares espetaculares sim, mas para a grande maioria é tudo muito caro. Uma vida muito cara, roupas caras. Lugares para você frequentar, caros. Está entendendo? Em 2000, 2003, você saía de noite com 50 reais, você era o rei da noite! Você ia ali, com aquele 50 você pegava taxi, pagava tua entrada, pagava tua bebida, ainda pagava o taxi para voltar para casa. Está entendendo? Hoje em dia com 50 reais, meu bem, meu filho, você não consegue comprar um *Subway*, entende? Então, assim, é um país que está muito, muito, muito perigoso. Muito, assim, muito, muito perigoso. Sinceramente assim, é uma coisa assim, que você não sabe onde ninguém vai parar.

Eu: E você não pensa em voltar para o Brasil?

Dalila: Eu, assim, eu tenho que voltar para o Brasil. Eu tenho minhas coisas lá, né? Eu tenho as minhas casas alugadas lá.

Assim, as representações que travestis e mulheres trans brasileiras têm sobre a Europa perpassam a importância das discussões pós-coloniais. Fanon (2008) afirma que os dispositivos da colonialidade (re)produziram representações hierárquicas entre as nações da Europa e o restante do mundo, estas representações foram incorporadas às subjetividades das populações não-europeias como sendo provenientes de contextos culturalmente dominados. A narrativa de Luna sobre suas representações sobre o continente europeu antes da mobilidade e que remete às histórias de sucesso e *glamour* que trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras fomentam no Brasil demonstram:

Eu: Você tava falando da representação, qual as coisas que você pensava? O que você pensava da Europa antes de vir?

Luna: Então, eu achava que tipo assim que ia chegar e a... Muita balada. Eu pensava que era um *glamour*, sabe assim, que era muito *luxo*. E eu não achava que era igual é... Aqui assim. Não que a gente passe necessidade, a gente não passa, em termo de viver assim, a gente vive até melhor do que no Brasil. Mas a nossa vida é isso aqui, assim, sabe? Dependendo do lugar que você passa, a gente é... é isso aqui. Tem casas que a gente passa que tem outras pessoas, que é legal, mas tem casas que você passa que é cada um na

Encarnando a europeia

sua, as pessoas nem... Assim, uma com a outra, em termos de dinheiro, eu achava que também que...

Eu: Que você ia ganhar mais?

Luna: É, eu achava que eu ganharia mais. Mas eu, pelo tanto de coisa que eu vejo que eu fiz, sabe assim, eu vejo também que não foi tão ruim.

A fala de Luna reverbera o imaginário construído pelas idealizações da colonialidade: a riqueza, o *luxo*, o *glamour*. No entanto, as suas experiências na Europa não corresponderam a estas representações. O mesmo pode ser percebido na fala de Diana, ao refletir sobre suas representações antes da efetivação da mobilidade. Diana, descendente de pessoas italianas, acreditava que poderia encontrar familiares paternos ao mesmo tempo que dimensionava as representações de *luxo* e *glamour* com a reverberação de trajetórias de amigas/conhecidas trabalhadoras do sexo que regressaram ao Brasil:

Eu: Antes de vir, o que te motivava? O que tu pensava?

Diana: Ai, tipo... Primeiro a Europa assim, eu não sei o quê. Ai e também vou pra Itália, tipo, na minha cabeça assim, tipo eu pensava será que eu vou encontrar algum parente do meu pai. Alôô? Hellooo?

Eu: [Risos].

Diana: Tipo assim, é mas, ai Itália, ai Europa, tipo assim, ahnm... Querendo ou não cresce os olhos da gente, ainda mais que a gente vê muitos travesti que já tinham ido e voltado tudo de carrão, tudo assim, né?

Débora, que vive em Lisboa desde 2003 e com experiências por diversos países do continente europeu, colabora no entendimento das representações que tinha antes da efetivação do projeto migratório e demonstra mais uma vez as relações entre riqueza, Europa e motivações para a mobilidade. A narrativa de Débora também evidencia as mudanças do território do trabalho sexual em Lisboa com a «crise europeia» após 2008:

Eu: E, na época, o que você pensava sobre a Europa?

Débora: Que era um lugar bom pra trabalhar... porque naquela época era bom. Naquela época tinha muito dinheiro aqui. Na época quando eu cheguei, é... realmente a gente trabalhava muito bem.

Eu: Aqui em Lisboa mesmo?

Débora: Aqui em Lisboa mesmo! Era rios de dinheiro! E a gente fazia 15, 20 clientes todo dia. Hoje, se você fizer 5, você é... uuuuhhh!!

A narrativa de Débora reitera a relevância da mobilidade para acessar os territórios do trabalho sexual com maiores vantagens econômicas. Mais do que isso, a encarnação da experiência europeia proporciona a ressignificação das dificuldades das trajetórias de vida e de ascensão nos territórios do trabalho sexual no Brasil, com a reverberação dos discursos de *luxo* e *glamour* encarnados na Europa. Débora, ao ser indagada sobre a importância dos constantes trânsitos que efetuou durante sua trajetória de vida e de biografia corporal, corrobora mais uma vez com estas considerações:

Débora: Ixi, foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida! Se eu pudesse voltar...voltar ao passado agora...eu dizia: «Débora, go, go, go, ahead! Continue em frente que foi a melhor coisa, graças a Deus!». Obrigada por essa luz que ilumina a gente e esse frio que quebra os nossos ossos, que hoje em dia eu sou uma pessoa muito maravilhosa, Emerson, muito gente boa. Eu sou amiga da minha amiga. E talvez se eu não tivesse o destino, que ali foi destino mesmo, não tivesse dito «Porra, decide! O que é que tu vai ser? Tu vai ser uma maricona dentro de um salão agradando um monte de mulher do bairro –[imitando] Ai, meu amor.... Não sei o quê ou tu vai ser... que eu amava aquilo... ou tu vai ser uma boneca?». E daí, estamos aqui conversando...

Glamour e luxo ou o capital simbólico acumulado das biografias corporais.

A quantidade de capitais econômico, corporal, cultural, social e de mobilidade acumulados por mulheres trans e travestis possibilitam a reconfiguração do lugar de poder/posição que ocupam no seu círculo social, sobretudo no país de origem. A obtenção de prestígio perante a família, pessoas amigas e nos territórios do trabalho sexual no Brasil e/ou no mundo evidenciam as dimensões representativas dessa reconfiguração simbólica. As representações sobre as trajetórias diferentes e diferenciadoras, os países visitados, as biotecnologias encarnadas, o acesso aos territórios privilegiados do trabalho sexual, os clientes distintos, o *glamour* e o *luxo* colaboram na constituição da aura de prestígio em torno do estilo de vida de mulheres trans e travestis brasileiras trabalhadoras do sexo em mobilidade transnacional. Portanto, compreender a mobilidade perpassa também os significados que mulheres trans e travestis constroem sobre suas experiências e o reconhecimento e o respeito das suas trajetórias distintas por outras pessoas do seu grupo social de pares, no sentindo mais lato. Assim, nesta seção, busco compreender as representações que as trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis constroem sobre suas experiências e o prestígio social dos

capitais acumulados, o que pode ser entendido também como resultado simbólico das trajetórias e biografias corporais.

Essas discussões remetem ao conceito bourdieusiano de capital simbólico, ou seja, as diferenças e a raridade dos capitais reconhecidos como símbolos de poder, responsável pela obtenção de lucros de distinção nas disputas entre as pessoas de um determinado campo. O capital simbólico demonstra os aspectos classificatórios dos estilos de vida, dos capitais acumulados e dos processos hierárquicos de diferenciação simbólica:

Num universo em que tudo é classificado, portanto classificante - por exemplo, os lugares em que é preciso ser visto, restaurantes chiques, competições hípicas, conferências, exposições; os espetáculos que é preciso ter visto, Veneza, Florença, Bayreuth, o balé russo; os lugares reservados, salões e clubes privados -, um domínio perfeito das classificações (que os árbitros da elegância se apressam em considerar *demodé* assim que se tornam muito comuns) é indispensável para obter o melhor rendimento dos investimentos sociais e para evitar ao menos ser identificado com grupos menos cotados (Bourdieu, 2013: 110).

O capital simbólico também está relacionado às propriedades distintas e distintivas da acumulação e da incorporação dos capitais adquiridos no campo, ou seja, a alteração dos patrimônios de disposições e os esquemas de percepção/apreciação do reconhecimento do poder destas propriedades pelos pares. Pode-se citar como exemplo, o que foi analisado anteriormente, as representações das disposições estéticas e performances de feminilidade por mulheres trans e travestis com as experiências da mobilidade em uma perspectiva hierarquizante, ou seja, a importância do corpo e sua performance como expressão subjetiva de mobilidade social. Portanto, o capital simbólico demonstra a importância da lógica da assimilação ou dissimilação na tentativa dos agentes de identificarem-se com grupos superiores (reputação) ou *esnobarem* grupos identificados como inferiores (Bourdieu, 2013). Servem como exemplo as percepções e as representações das trabalhadoras do sexo com acesso aos melhores campos prostitucionais no continente europeu. É neste sentido que Bourdieu (2013) afirma que,

Toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção. O capital simbólico, com as formas de lucro e de poder que assegura, só existe na relação entre as propriedades distintas e distintivas como corpo correto, língua, roupa, mobília (cada uma delas obtendo seu valor a partir de sua posição no sistema das propriedades correspondentes, ele mesmo objetivamente referido ao sistema das posições nas distribuições) e

Encarnando a europeia

indivíduos ou grupos dotados de esquemas de percepção e de apreciação que os predisõem a reconhecer (no duplo sentido do termo) essas propriedades, ou seja, a instituí-los como estilos expressivos, formas transformadas e irreconhecíveis das posições nas relações de força (Bourdieu, 2013: 111).

Desse modo, o capital simbólico atua em todos os outros capitais. É neste sentido que Oliveira e Kulaitis (2017) demonstram como o capital simbólico colabora na constituição de prestígio e de reconhecimento público sobre o capital econômico e social de pessoas em mobilidade, mesmo quando eles são poucos significativos. Exemplo disso é a superação das origens de classe no país de destino relacionadas às representações positivas da mobilidade e a obtenção do *status* de *europeia* nos territórios do trabalho sexual no Brasil. Luna, ao ser indagada sobre o reconhecimento da mobilidade na obtenção de sucesso, colabora no entendimento destas representações ao relatar as alterações nas relações sociais após o regresso de uma amiga ao Brasil:

Eu: E você acha que esse tempo que você passou aqui, as pessoas lá vão te olhar diferente?

Luna: Eu acredito que sim.

Eu: Que que você acha que vai...

Luna: Tem minha amiga que veio pra cá, ficou 3 meses, voltou pro Brasil e já voltou de novo pra cá. E ela falou pra mim: «Luna as pessoas te olham, te olham diferente, te tratam diferente». Ela falou primeira coisa: «Todo mundo vai achar que você tá rica. É uma coisa que todo mundo vai achar que você tá nadando em dinheiro, vai ser muito convite pra: ‘ah vem na minha casa’». Eu sei mui... Eu sei separar. Tipo assim, eu tenho poucos amigos, mas são amigos de verdade, entendeu? Então, eu sei que as pessoas estão muito ansiosas pela minha volta. Mas eu não sei, assim ainda, eu ...

O capital simbólico está relacionado também às pressuposições de objetivos, hierarquias e preferências que o contexto social impõe no interior de sociedades e de subjetividades constituídas pela racionalidade do capital baseada na acumulação de capital econômico. O capital simbólico afere a reputação dos capitais acumulados, os privilégios e as recompensas para a pessoa que os possui. A acumulação de capital econômico, por exemplo, que possibilita o acesso a bens materiais de prestígio e o reconhecimento pelas pessoas do seu círculo social. Maya elucidou o entendimento destas questões na narrativa sobre a importância da mobilidade e do *status* de *europeia* que adquiriu no Brasil, após o seu retorno da Itália. Sua fala demonstra também a importância dos marcadores de classe e de identidade de gênero na compreensão das trajetórias de vida e na obtenção do empoderamento pessoal e social:

Encarnando a europeia

Eu: Você estava falando do que você pensava da Europa antes e depois.

Maya: O que eu pensava da Europa hoje é assim... *Você chega no Brasil europeia, chega com status, umas boas roupas, um bom perfume, um bom carro, você é vista pela sociedade e pelas suas amigas, o bairro que você mora, você é vista de um outro modo. Você é uma pessoa que é europeia, não tem tanta crise porque você é travesti ou uma gay que é europeia, no Brasil, né?* Essa cara de pobre, essa bixinha pão com ovo, né? Então, é bom você parecer uma europeia, mesmo gay, você não é tratada assim como um viadinho, tem essa visão ainda. [...]

Eu: E hoje quando você volta?

Maya: Eu vim pra Itália pra melhorar! Como eu melhorei minhas coisas, eu obtive umas coisas, né? E... Sempre bem vista, convidada pra jantar, pra almoçar faz churrasco: «Ó, fulana chegou da Itália». Ai você é convidada pra festa, pra aniversário, velório, cemitério, enterro pra tudo [risos] e para Igreja você é convidada e você por todo mundo... Você é uma europeia, chegou da Europa, menos eles sabem o que nós fazemos na Europa, mas não sabe o sacrifício que a gente passa aqui, entendeu? Para gente poder ter *luxo* no Brasil, nosso *glamour* no Brasil, nossas condições financeiras boas, mas não sabe a humilhação... Ter que pegar um homem por 30, 40, 50 euros e o homem às vezes fedorento... Suja tudo, às vezes, esses homens daqui são tudo porco, entendeu? [...]

Em relação da mudança, como a gente tava falando da Europa, tem sempre essa vantagem de você ser uma europeia. Então, você é bem vista, é bem recebida e se você tinha condições mais ou menos no Brasil, você já é bem recebida, se você vira europeia é mais bem recebida ainda. Eles vê a gente como uma Deusa, como uma atriz de cinema no Brasil, né? Mas se você descer com um bom carro... Ter uma casa com piscina, fazer um bom churrasco, boa cerveja e o povo matar um boi e chamar o povo pro churrasco, você é a rainha do bairro! A famosa do bairro é você, a estrela é você. Então, isso muda muita coisa, a Europa muda muita coisa, nesse sentido de tratamento no Brasil. Aqui é igual, eles não estão nem aí pra isso, eles querem fuder e gozar acabou. Eles não querem saber o que você tem, ou não tem no Brasil, eles querem saber se você tem pau pra comer eles e fuder. [grifos meus]

Em diálogo com este debate, Silva e Ornat (2012) constatarem como as dificuldades sofridas no Brasil minimizam as dificuldades passadas na Europa. Por mais difícil que sejam as experiências, a mobilidade é vista sempre como motivo de valorização pelas mulheres trans e travestis porque reposiciona o seu lugar social de poder no seu local de origem (Silva e Ornat, 2012), por exemplo, com a obtenção de prestígio nos territórios do trabalho sexual no Brasil, que pode possibilitar uma posição privilegiada no campo. A narrativa de Luna, que exerceu trabalho sexual no maior campo prostitucional da América Latina, evidencia a importância do trânsito para a Europa com o capital simbólico relacionado à mobilidade e às dúvidas relativas ao aumento do valor das performances sexuais que comercializa nos territórios da prostituição no Brasil:

Encarnando a europeia

Luna: Cliente, eu tenho, meus clientes me perturbam horrores. Descobriu meu número em um site, outros Facebook, todo mundo: «Ai quando você vai voltar, quando você vai voltar?»

Eu: E você acha que com isso você vai poder aumentar o valor dos programas?

Luna: Então, eu tenho... Os clientes como eu trabalhava na rua lá, o programa é 50 reais, entendeu? Na rua. Eu não... Então, eu não sei como que vai ser com esses clientes da rua. Porque tipo assim, lá mesmo as travestis toda feita, toda plastificada, elas cobram 50 reais. Então, eu acredito que esses homens, vou cobrar o mesmo preço. Mas lá no Brasil, eu vou por um anúncio no site que tem lá, que é transcampinas, que não é igual aqui. Porque aqui em Portugal, o rapaz chega aqui em Portugal, comprou uma peruca no chinês, se vestiu de mulher, ele anuncia no site, entendeu? No Brasil, não. Se você realmente... Se o dono do site olhar pra você e não vê que você é uma trans, ele não coloca seu anúncio. E lá é 300 reais por mês que a gente paga, menos que aqui, né? Porque aqui a gente paga 120.

O capital simbólico também está relacionado à ressignificação das relações e das trajetórias das interlocutoras pelas suas famílias no Brasil. As etnografias sobre a mobilidade de travestis e mulheres trans brasileiras demonstram frequentemente o reatamento dos laços familiares³ e o reconhecimento da identidade de gênero após o sucesso financeiro (Carijo, 2011; Pelúcio, 2011; Teixeira, 2011). Durante minhas incursões pelos territórios do trabalho sexual no Brasil e em Portugal, também ouvi muitas histórias sobre mães/pais que expulsaram a filha adolescente trans ou travesti do ambiente familiar, mas, que com a acumulação de capital econômico por intermédio do trabalho do sexo, providenciaram a subsistência da família e restabeleceram os laços familiares. Podemos citar Yara, expulsa de casa aos 15-16 anos pelo seu pai, após a mobilidade para França começou a enviar remessas de dinheiro mensalmente para a mãe. A *ajuda* de Yara restabeleceu a relação com a família, apesar do latente desconforto da mãe em ver a filha após a encarnação da identidade de gênero feminina:

Yara: Ganhei mais o respeito na minha família. Hoje tenho um convívio bom com a minha mãe. Que eu não tinha.

Eu: Hoje, você está bem com a tua mãe?

Yara: Aham, coisa que eu não tinha. Então, muita coisa melhorou. Padrão Europa! [Risos].

Eu: Sim, top, europeia. Sim, sim. [Risos]

Yara: Muda muita coisa.

Eu: Sim, sim. E o que que mudou assim na relação com a tua mãe depois?

³ Carijo (2011) e Patrício (2009) afirmam que é recorrente os relatos de que o primeiro dinheiro ganho na Europa é investido na compra de uma casa para a mãe.

Encarnando a europeia

Yara: Tudo!

Eu: Por... Ah, é...

Yara: Não tinha relação com a minha mãe.

Eu: Você não tinha? Do tipo na infância?

Yara: Não, na infância sempre foi maravilhosa. Minha mãe e meu pai... até descobrir que eu era gay. Descobrir não! Porque eles sabiam, não é? Que eu era gay. [...]

Eu: Tua mãe, quando que vocês conseguiram se reaproximar de novo? E por quê, assim...

Yara: Quando eu passei a ajudar ela.

Eu: Ah, ok.

Yara: Mudou muito. Mas, era nítido isso já. [...]

Eu: E voltando lá para mãe, aí, tu começou a ajudar ela, aí, do tipo, tu ajuda ela de que modo assim? Tu manda uma grana?

Yara: Ya.

Eu: Ya. E faz isso todos os meses?

Yara: Todos os meses.

Eu: Todos os meses? Ya.

Yara: Obrigação, não é?

Eu: E como que isso mudou a relação de vocês assim? O que que você acha que aconteceu?

Yara: Acho que... Acho não, mudou tudo! Porque ela passou a me ver de outra forma. Ela passou a me respeitar. Entendeu?

Eu: Sim.

Yara: Ela viu que aquilo ali era... Porque ai, ficava assim como se assim: «Ai virou viado, vira travesti» [bate as palmas das mãos]. A imagem que o Brasil tem é o que? Travesti marginalizada, nas ruas. Ai, acho que era aquilo que passava na cabeça dela. Ela também nunca chegou para falar assim, para falar comigo, nunca.[...]. [Eu falo com ela] por câmera e mais quando meu irmão está. Aí, ele liga. Aí, eu vejo assim, meio assim, não é insegurança, é como um desconforto, ele está me olhando, ele está vendo. Mas, que nem eu ajo naturalmente. Não tenho...

Eu: Sim, mas você acha que ainda rola um...?

Yara: Rola. Porque ela... Assim, aquela coisa forte, não é? [Risos].

Eu: Sim, sim.

Yara: Choque.

Luna, apesar de ter um bom relacionamento com sua família, tem dimensão de como a *ajuda* ressignifica as relações familiares. A mobilidade para Portugal possibilitou a constituição de autoconfiança, repensar o seu projeto de vida e a aquisição de bens que legitimam o seu sucesso junto aos familiares, por exemplo, reformar a casa da mãe, quitar o financiamento do seu carro e abrir um pequeno negócio para sua irmã⁴, conforme a narrativa:

Quero ver quando eu voltar de Luna, como é que eles vão me ver, né?
Vamos vê, mas eu acho que pelas coisas que eu fiz assim, pelas melhorias

⁴ Luna também conseguiu realizar a cirurgia de próteses mamárias depois do seu retorno ao Brasil, no final do ano de 2017, conforme fotos em sua página do *Facebook*.

Encarnando a europeia

que eu fiz na casa da minha mãe, não por essas coisa, mas por, sei lá, eu acho que que vai ser diferente agora.

Eu: Por que você acha que as pessoas botam mais fé em você? Por você ter tido coragem de vir, isso?

Luna: É, porque eu vejo como as pessoas tratam minha prima. E por ver também que eu sou uma pessoa independente, entendeu? Tipo, as pessoa já me respeitava porque eu mostrava que eu sou tipo, que eu sou, que eu era uma pessoa independente, independente da minha vida eu, sabe? Eu levava minha vida sem depender dos outros. E aí eu penso que agora, tipo, quando eu voltar, que eu sou uma pessoa que eu não tenho medo de correr atrás. E, aí, e ver as coisas que eu fiz, então eu acredito que, que vai ser diferente nesse sentido, entendeu? Eu tô ansiosa.

Se para Luna e Yara, pertencentes às famílias de contexto econômico mais desfavorecidos a *ajuda* possibilitou o estreitamento dos laços e a ressignificação das relações, para algumas das interlocutoras pertencentes a famílias de classe mais favorecidas, a acumulação de capital econômico ocasionou algumas dificuldades na convivência familiar. Por exemplo, Diana, que saiu da casa dos pais para encarnar sua identidade de gênero e conquistar autonomia financeira nos territórios do trabalho sexual, o capital econômico trouxe algumas atribulações com o uso do dinheiro pela sua mãe e irmã sem o seu consentimento:

Eu: E tu ajuda ah... chegou a ajudar tua mãe, tua irmã?

Diana: Aí é que tá... O meu pai, quando ele morreu.. Ahmn... Não se sabe disso mas, pronto, a minha mãe recebeu um seguro dele, um seguro que eu acho que todo militar recebe um seguro. Minha mãe trabalhou a vida toda, tem um dinheirinho guardado, tipo... não é rica, mas hoje... ela tem a casa que era do meu pai. Uma casa de dois pisos, no centro da cidade, na rua ***. É a minha rua... Ahmn... Entendeu, tipo, não tem necessidade, tem ah... não tem necessidade de nada. E eu tinha, logo que cheguei na Itália eu tive o empecilho desses, porque, quando eu mandei meus primeiros 30 mil, meus primeiros 30 mil, 30 mil reais pro banco bloquearam a minha conta. Porque, eu não sabia disso, né? Fazer uma procuração pra uma pessoa, tá, desbloqueou. Daí o que acontece? No começo tava pra conta da minha mãe, que é de aposentada. Ela é aposentada aí mandava pro dela que não tem... não tem bloqueio, e tu não paga nada. Quê que acontece... Eu conheço, eu conheço a gerente e sempre que eu mandava dinheiro eu ligava, só que ela não sabia que eu fazia isso. Ligava pra gerente pra confirmar, entrou o dinheiro? Entrou porque eu liguei. Primeiro a minha mãe pegou 6 mil euros, 6 mil da minha conta. Pra quê? Não sei... Perguntei e ela disse que não. Não preciso do... a travesti, prostituto, não é de Deus, mas pegou, pegou o dinheiro pra quê? E assim, foram coisinhas assim, tipo, de pegar pouco, um pouco de dinheiro aqui, um pouquinho ali, coisa pouca assim, sei lá pra quê. Tipo, me... eu ligava e perguntava e ela negava. Poxa que mãe é essa que dá... Humm... meu dinheiro é do diabo, não preciso de dinheiro, mas ela gastou do meu dinheiro, ou seja, minha mãe não tem aquele amor que eu achava que tinha por mim. Tipo, eu que me lasque, né? É o que me leva a

Encarnando a europeia

pensar. Por isso que eu te digo, o dinheiro, ele... ele só serve pra afastar as pessoas. Só pra afastar.

A *ajuda* dada à família é recorrente nas trajetórias das interlocutoras. Janaina, por exemplo, na sua primeira vez nos territórios do trabalho sexual no continente europeu, em Suíça, colaborou na qualidade de vida, lazer e educação da sua mãe, irmã, sobrinhos e em investimentos na casa da família. Na narrativa de Janaina, podemos perceber mais uma vez a importância da mobilidade na obtenção de novas experiências e na ressignificação das representações sobre a sua identidade de gênero. Além disso, Janaina acredita que se tornou mais responsável:

Janaina: Questão financeira foi ótimo. Dos 8 meses que eu fiquei, deu pra mim ganhar um dinheirinho legal. Primeira vez que saía do país, sem vê família. Mas enfim, o tanto que eu fazia por eles lá, que é minha mãe, minha irmã e dois sobrinho que então, é minha vida. (Tosse)

Eu: Tua irmã mora com a tua mãe ainda, morava com a tua mãe?

Janaina: Não, minha irmã é casada.

Eu: E por que tu ajudava a cuidar desses dois sobrinhos?

Janaina: Aí eu pagava cursos, paguei cursos, pagava van, pagava escola.

Eu: Ahmn, entendi.

Janaina: Presente, capricho, vídeo game essas coisas. Então, aí eu fazia de tudo por esses dois. E... E aí me ajudou bastante, ganhar bastante experiência tipo, viver tipo num... Focar mais, falar: «Pô minha vida não é só essa. Não é só aqui nesse Brasil, nesse preconceito». [...]

Eu: Você é responsável com o quê?

Janaina: Eu? Bom, eu sustentava duas famílias praticamente com 23 anos saindo primeira vez do Brasil. Então, eu acho que a minha responsabilidade é, foi muito grande, porque dentro da minha casa minha mãe não pagava nem uma água. [...] Falei, minha mãe separou do meu pai eu tinha 5 anos. A minha mãe ela fez tudo. Então, falei, então agora é minha vez. Aí fazia de tudo por ela. [...] Eu tenho carro, minha mãe tem carro, minha irmã tem carro, meu sobrinho tem carro, tudo que eu dei. A casa minha, eu investi, minha casa hoje vale uns 400 mil. [...] tinha colocado piscina em casa, minha mãe como ela não gosta de bagunça, ela foi e vendeu a piscina. Piscina de fibra. É, eu lembro que na época eu paguei 15 mil, ela vendeu por 3. Por não gostar da molhadeira no quintal.

Maya, com uma trajetória de quase 20 anos no trabalho do sexo na Europa, também *ajuda* os pais frequentemente. O dinheiro ganho em seu primeiro trânsito para Itália foi responsável pela construção de uma casa para família, uma casa de praia, 3 apartamentos para serem alugados e pela educação da filha de 19 anos, que no momento da entrevista estava cursando o segundo ano da graduação. Na perspectiva de Maya, os investimentos em imóveis

foram um modo de adquirir alguma segurança financeira caso resolva voltar ao Brasil. Sua narrativa ilustra também a importância da qualidade de vida com os ganhos do seu trabalho:

Maya: Até hoje eu mantenho eles, eu mantenho em termos porque minha mãe é aposentada... Mas eu sempre ajudo no que eu posso, né? Construí minha casa e tenho uma casa de dois andares em cima da casa dos meus pais, meus pais moram no primeiro andar e construí mais o 2º e 3º andar, tenho uma casa de praia que eu comprei em [cidade litorânea do Rio de Janeiro], entendeu? Onde eu passo as férias, meus amigos quando vai pro Rio, eu cedo minha casa de praia pra eles e... Tenho algumas coisinhas alugadas entendeu? No Brasil também, então minha vida assim... Eu vivo bem, mas assim estabilizada de forma que se amanhã eu quiser ir para o Brasil. Eu tenho minhas casas e tenho alguns alugueis, entendeu? [...]

Eu: O que você acha que mudou na Maya assim, qual foi a coisa mais importante que você vê nesse processo de vir pra cá, trabalhar... Como trabalhadora do sexo?

Maya: Não, o mais importante que eu vejo que eu vi pra mim... Que eu tenho até hoje, entendeu? É que eu tenho uma família entendeu? Dei casas, mobílias, estou formando minha filha, dei tudo do bom e do melhor pra minha filha ser uma pessoa de classe alta, né? Você sabe que não é fácil, a gente veio lá de baixo, né? Então quer dizer, eu dei... Sempre dei de tudo do bom e do melhor e até hoje eu tenho, né? Terminou os estudos, ela terminou os estudos dela com 17 anos, ela tem 2 anos de faculdade. Que dizer, então minha filha sempre foi estudiosa, colégio particular, entendeu? Tudo do bom e do melhor sempre dei pra minha filha, tem que investir nela, né?

Eu: Uhum.

Maya: E também meu conforto também, né? Tenho uma boa casa de praia com piscinazinha que dá pra gente dar um mergulhosinho, uma cervejinha, fazer um churrasquinho... Meus amigos.

Sheila, que vive em Lisboa desde 2001, com experiências em casas de alterne e na pista, também envia remessas/*ajuda* constantemente para os pais. Durante sua infância e adolescência, sua identidade e sua expressão de gênero trouxeram muitos empecilhos na relação com a mãe, inclusive resultando na saída da casa dos pais, aos 11 anos. Conforme já salientado, Sheila vivera parte considerável da sua adolescência recebendo apoio material e afetivo de uma vizinha. Na perspectiva de Sheila, sua relação com a mãe foi ressignificada após a aquisição de capital econômico com a mobilidade para Portugal, a velhice e o estado de saúde da mãe. Em sua narrativa é possível verificar também a determinação de Sheila na construção da sua pousada no Brasil e a ressignificação da relação materna:

Sheila: Não, a minha mãe...a minha mãe já tinha me tocado de casa.

Eu: Quando tua mãe te tocou de casa?

Sheila: Ah, eu tinha uns 11 anos.

Eu: Por que você era muito feminina?

Encarnando a europeia

Sheila: Acontecia assim, que eu era... a gente ia assim comprar uma roupa... E olhava assim «Qual é a roupa que essa menina usa?» E trazia vestidinho e a minha mãe me batia. Porque ela achava que a culpa era minha. Aí, eu tinha um cabelinho comprido... Uma vez ela cortou tudinho quando eu tava dormindo. Ela cortou tudinho com a tesoura. E daí a gente é criança... também na adolescência a gente é rebelde, né? Fiquei um pouco rebelde e xingava.

Eu: Aí com 11 anos você saiu de casa?

Sheila: Eu sai e voltava.

Eu: E ia pra onde?

Sheila: Pra casa da dona Maria⁵.

Eu: Que era essa outra mulher que gostava muito de você?

Sheila: Sim, sim. Gostou. Hoje ela é morta. Sempre gostou.

Eu: E quando a sua mãe passou a te respeitar?

Sheila: Minha mãe passou a me respeitar depois que eu comecei a ter dinheiro. Essa que é a verdade.

Eu: E isso aí, você já tinha quantos anos? Foi quando você começou a trabalhar na fábrica?

Sheila: Depois que eu vim pra Portugal. Eu comecei... depois que eu comecei a construir essa pousada, a minha mãe começou a ver quem eu era de verdade. A corajosa, a guerreira. Agora todo mundo fala «Nossa!», eu lá em cima lavando, pintando telha, aí sim... aí ela viu...

Eu: Quem é Sheila...

Sheila: Comandando lá um homem pedreiro, carpinteiro, electricista e ali, ó. Aí, a minha mãe aprendeu quem sou eu.

Eu: Só depois que você voltou... veio de Portugal?

Sheila: Não, ela começou a ver aos poucos, né? E logo depois que ela teve o acidente... olha, da última vez que eu fui, há três anos, ela teve um acidente na cozinha e caiu. Panela de água quente, se queimou e ficou internada. E eu tinha que dar comida na boca dela... e ela ficou lá em Vitória, no hospital... e cada noite ia um filho ou uma nora que ficava com ela... ou um genro. E eu fui na segunda vez. Ai, meu Deus. A minha irmã falou assim: «Ai, Sheila, vai!» «Ai, [nome da irmã], não vou não. Não tenho coragem. Tem que dar comida na boca, trocar fralda. Ai, eu não vou ter coragem». Aí, eu fui. Quando eu dei comida na boca dela, eu comecei a chorar. Falei assim: «Meu Deus!». Aí, eu até postei no *Face* uma frase. Acabou ali.

Eu: Acabou qualquer problema que você...

Sheila: Que eu tenha guardado dela, é. Só queria ficar chorando o tempo todo. Foi... troquei a fralda, dei comida, depois dei o remédio... Eu não abri a boca, não falava nada. Troquei a fralda e... ela olhou pra mim e falou assim: «Obrigada». E eu saí pelo corredor chorando. E aí chegou a enfermeira e falou: «Por que essa moça tão bonita tá chorando?» E eu: «Nada». E eu lá, toda em lágrima. Foi assim, foi muito forte porque... porque eu tinha, né? Querendo ou não eu tinha dentro de mim uma mágoa. Aí, acabou ali.

A construção da pousada demonstra as preocupações de Sheila com o seu futuro: «Assim que eu pensei, vou fazer para a minha velhice. É, eu tenho coisas para o meu futuro». A racionalidade econômica, ou também o *juízo* de Sheila e as preocupações com a construção

⁵ Nome fictício.

Encarnando a europeia

da pousada podem ser equacionadas à sua narrativa sobre o período em que trabalhava no alterne e que possibilitou a acumulação de parte do capital econômico para construção do imóvel:

Sheila: Eu usei a minha cabecinha e o dinheiro... Sempre usei o dinheiro... Não foi para ficar comprando roupa de marca, nem porcaria nenhuma, eu morava de quarto logo na frente do bar e entrava no bar cinco e meia, eu fazia a limpeza, ainda recebia dinheiro da limpeza, recebia... E... eu fazia tudo [...]

Eu: Faz anos que você está construindo a pousada? Desde quando?

Sheila: Já tem 10 anos, eu comprei o terreno.

Eu: E agora está pronta? Já funciona?

Sheila: Não funciona, a única coisa que eu tenho que é arrumar, botar as coisas tudo no lugar, fazer algumas coisinhas de gesso. Gesso no meu quarto, instalar as coisas das antenas, os fios já estão puxados, é... Eu entendo de parte elétrica, pinto quadro, nunca ninguém me ensinou nada.

O capital econômico acumulado no mercado do sexo também pode ser utilizado no financiamento de passagens para outras trabalhadoras do sexo brasileiras que desejam realizar o trânsito. O financiamento de passagens, além de colaborar no estreitamento de laços entre as pessoas da rede, possibilita a acumulação de mais capital econômico e o reconhecimento do sucesso da trajetória nos territórios do trabalho sexual no Brasil e na Europa. Safira e Maya, po exemplo, com as experiências adquiridas com os trânsitos pela Europa, financiaram passagens para outras conhecidas. Maya, com sua larga experiência no trabalho sexual em Itália, colabora no entendimento deste tipo de investimento e na sua importância para a obtenção do seu patrimônio:

Maya: É, três casas e mais um galpão que também está alugado, a de praia onde tem a piscina que tu vai ver aí⁶, tem um espaço imenso são dois andares, tem três quitinetes nos fundos alugadas, da minha casa de praia que é em [cidade litorânea do Rio de Janeiro]

Eu: Isso tudo foi com a grana que você conseguiu na Itália?

Maya: Isso, mas já trouxe bixa pra cá, já trouxe 3, 4 bixas pra cá, a 10 mil Euros cada um.

Eu: Quatro bixas você já trouxe pra cá?

Maya: Eu já ganhei 40 mil euros, só de quatro bixas que eu cobrava na época, 10 mil euros cada um. Isso tudo ajudou a comprar minhas coisas no Brasil

Eu: E essas meninas estão na Itália ainda?

⁶ Maya mostrava fotos sobre sua vida no Brasil, Itália, amigos e família.

Encarnando a europeia

Maya: Não, três tá aqui... Uma está em Portugal e não voltou mais, se adaptou na Espanha e não quis mais saber da Itália, duas tá na Itália, mas está no Brasil e volta só o ano que vem.

Os usos dados ao capital econômico acumulado nos territórios do trabalho sexual demonstram também as diferenças de classe entre as interlocutoras e os distintos modos de reconhecimento das trajetórias. Se para as mulheres trans e travestis com poucos recursos econômicos, a mobilidade significa o acesso a melhores condições de vida para si e para suas famílias, as trabalhadoras do sexo provenientes de famílias com mais recursos compreendem os contrastes das suas trajetórias diferenciadas e diferenciadoras. Por exemplo, Dalila, proveniente de uma família de classe média no Rio de Janeiro e com uma trajetória ascendente no trabalho sexual, depois de investir algum dinheiro em imóveis no Rio de Janeiro para garantir sua estabilidade econômica no futuro, o trabalho do sexo passou a ser a possibilidade de viajar e vivenciar sua sexualidade. Além disso, o tempo que está no Brasil é utilizado no desenvolvimento de outras habilidades. A narrativa demonstra também as tensões entre a sua racionalidade instrumental e a racionalidade hedonista:

Dalila: Estava no Brasil. Fui para o Brasil, fiquei um ano de férias. Porque eu estava assim, eu estava em uma fase que assim... Ai, sabe assim? Ai, meu Deus, vou ter que atender um cliente. Sabe, você está cansada, de não estar com pique, aí eu falei: «Não, está na hora de você parar um pouco». Aí, eu fui para o Brasil. Aí, eu fiz um monte de cursos. Eu fiz um curso de flores, eu fiz um curso de perfumes. Está entendendo? Aprendi a cozinhar. [...] Não, assim, eu acho que Europa para qualquer um, qualquer brasileiro por mais bagaceiro que ele seja, ele passa uma temporada na Europa ele já volta mudado, entende assim? A questão de educa... Assim, eu sempre tive, sabe, eu sempre tive acesso à educação, à cultura, aos bons modos, entende? Isso eu não adquiri na Europa. Eu já trouxe isso, né? Pela minha realidade de vida. Entendeu? Então, assim, é como eu falei antes, eu nunca fui uma travesti que veio para Europa com o sonho de comprar uma casinha pra dar pra mãe dela, entende? Eu nunca precisei vir para Europa com o sonho de tirar a minha mãe do aluguel, entendeu? Não. Assim, quando eu vim para Europa, a minha vida... Entendeu? Sempre, assim, eu nun... Nós não somos, não fomos ricos. Mas, a gente era uma classe média...

Eu: Em 90...

Dalila: Tranquila! Sabe?

Eu: Ainda mais na década de 80, 90...

Dalila: E até hoje! Entendeu? Assim, os meus pais nunca precisaram de mim pra comprar nada. Nunca precisei dar uma casa pro meu pai, está entendendo? A realidade da maioria é assim.

Encarnando a europeia

A fala de Dalila, além de demonstrar as diferenças de classe nos usos dado ao capital econômico, sublinha também a importância da mobilidade na alteração das disposições para a cultura de travestis e mulheres trans com a mobilidade para o continente europeu.

Portanto, a acumulação de capital econômico durante a mobilidade tem um forte impacto nas relações entre mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo e suas famílias. A obtenção de capital econômico e, conseqüentemente, de capital simbólico reconfigura também as percepções que a família tem sobre a identidade de gênero e o exercício do trabalho do sexo. Podemos citar como exemplo, a biografia de Diana que, após a mobilidade e a acumulação de capital econômico, alterou as representações dos seus primos e tias sobre sua trajetória, o que lhe causa alguns incômodos, conforme sua narrativa:

Eu: E você tem uma relação boa com seus primos?

Diana: (silêncio) Hum. Mais ou menos.

Eu: A família é grande? Pequena?

Diana: Ó. Só as minhas tias, só as irmãs da minha mãe são 7 mulheres.

Eu: Uhol.

Diana: É. Tipo assim. Depois que, no começo eles não aceitavam muito, os meus primos. Tipo, a gente teve aquela fase de criança e depois de trans não aceitavam muito, porque tu sabe como são os gaúchos. Mas ah, depois que uma tia minha falou mal de mim e que eu tive meus primeiros 80 mil lá no Brasil e que minha mãe falou, jogou na cara de todo mundo, ai agora todo mundo me ama. Eu sou a mais linda.

Eu: Isso é uma merda, não? Como você se sente com isso?

Diana: Um lixo. Um lixo. Eles não vê a hora de chegar. Nossa, eu vou chegar com uma metralhadora. Alocka.

A acumulação de capital econômico atesta a singularidade e o prestígio das trajetórias, com a aquisição de casas, carros, joias e roupas reconhecidas e classificadas como pertencente a uma elite econômica e social. Assim, a incorporação de atributos distintivos colabora na produção de divisões individuais ou coletivas (Bourdieu, 2013). Débora, ao lembrar das suas visitas ao Brasil, demonstra como os símbolos de distinção colaboram na afirmação da sua trajetória diferente e diferenciadora. O *glamour* associado às suas experiências na mobilidade é percebido por meio das biotecnologias encarnadas na produção do seu capital corporal e «bens de luxo» ou vistos como tal, produtores de classificações e diferenças hierarquizantes. Além disso, a sua narrativa demonstra a relevância da encarnação das experiências na produção de disposições e práticas que correspondam com esses signos:

Eu: Você viajou muito, Débora. O que você me falaria sobre...quais são os homens, clientes que mais fizeram tua cabeça, o lugar que você mais gostou

Encarnando a europeia

de viver, o que você acha que esse monte de viagem ensinou pra Débora ... me fala um pouquinho disso.

Débora: Eu sou sortuda! Eu fui sortuda de ter muito... ter tido a sorte... quando eu fui pro Brasil, o meu carro foi uma Mercedes! Eu não comprei um carrinho, eu comprei uma Mercedes! Hoje em dia...uma bixa vai pro Brasil, uma trava vai pro Brasil... ter a sorte de ter podido, é... realizar o sonho de ter uma casa boa, ter carros! Meu carros só eram carro bons! Ter esse *glamour*! Tive sorte de ter me operado muito cedo... porque sempre vai ter aquele apogeu: «Olha ela». Todo mundo quer ser tua amiga, sabe? É diferente. E as viagens, sabe, você tem que absorver um pouco da cultura daquele lugar, você tem que... vida de imigrante... você tem que saber pisar... você tem que saber absorver a cultura dali... e mais observar e absorver! Eu nunca fui uma pessoa de abrir aqui essa janela, escutar meu pagodão, essas coisas... nunca! E ser grato... gratidão por todos esses lugares lindos que eu passei e que ainda tenho muito pique ainda, pra ir em muitos outros lugares, tanto trabalhando, quanto como cirurgia, ou indo... ainda quero conhecer muita coisa, ainda. Eu sou muito grata por todos esses lugares que eu passei.

A fala da Débora remete aos aspectos singulares e notórios da sua trajetória. Os capitais econômico, corporal, cultural e de mobilidade acumulados por ela, conjuntamente com suas experiências nos territórios do trabalho sexual e/ou nas viagens para realização de procedimentos cirúrgicos, são representativos do poder que adquiriu e incorporou durante o seu percurso de vida. Débora, ao mencionar a marca do seu carro, reporta-se aos aspectos classificatórios e representativos do prestígio, elegância e luxo dos capitais acumulados e do seu estilo de vida como mulher trans trabalhadora do sexo e *europeia*.

O capital de mobilidade representado pelo passaporte é um outro elemento na obtenção de prestígio por mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo em contextos transnacionais. Conforme salientado, o passaporte possibilita a circulação pelos territórios do trabalho sexual com melhores expectativas de acumulação de capital econômico. Ademais, o passaporte proporciona a aquisição de cidadania e a comercialização de performances sexuais em países onde o trabalho sexual é regulamentado. Dalila, fez questão de deixar evidente a diferenciação que o seu passaporte dinamarquês viabiliza nos territórios do trabalho sexual naquele país:

Dalila: Entende? Eu, por exemplo, eu tenho documento dinamarquês. Então, assim, eu trabalho muito na Dinamarca. Dinamarca é um dos poucos países, aonde você cobra 300 euros num programa aqui na Europa, e eles pagam. Você está entendendo? Elas falam que, elas me chamam de prefeita de Copenhague. Não é?

O capital simbólico também está relacionado à constituição do capital corporal e à encarnação de biotecnologias, uma vez que a possibilidade de acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal distintivo é possível apenas para as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais. Diana é mais um exemplo de como a realização de cirurgias são percebidas nos territórios do trabalho sexual trans e travestis como demarcadoras de poder e *status*, conforme discutido anteriormente. Neste sentido, realizar procedimentos cirúrgicos dispendiosos valoriza a posição social da pessoa no grupo de mulheres trans e travestis, como, por exemplo, cirurgias realizadas por poucas pessoas e/ou com cirurgiões plásticos famosos. Débora colabora na compreensão destas questões ao refletir sobre a percepção, o prestígio e a apreciação das biotecnologias encarnadas na constituição do seu capital corporal por outras mulheres trans e travestis:

Eu: O que mudou na tua vida depois da cirurgia? O que você acha que aconteceu com a Débora depois?

Débora: Você fica mais especial no meio...[cochichando]... se tiver aqui uma multidão, Emerson...

Eu: De trans?

Débora: De trans... e nessa multidão tá as loiras, as morenas, as ruivas, as espetacular... mas tu disser assim, ó... [...] Aquela ali é operada, todo mundo vai fazer assim, ó! [risos]. Todos, os homens, as pessoas querem saber por que, mas por quê... porque mexe com o imaginário das pessoas. As pessoas não querem aceitar que uma pessoa é, faça uma transformação mais do que elas achem que a pessoa possa fazer, tá entendendo? Os homens que vem ter comigo, com as meninas são a prova viva de que há quem se assuma mais cedo, há quem se assuma mais tarde, há quem passe a vida se enganando.

Neste ínterim, as relações entre capital corporal, incorporação de experiências distintivas e capital simbólico fazem alusões à importância da passabilidade nas trajetórias de mulheres trans e travestis. A passabilidade, além de trazer segurança nas relações que estabelecem em contextos sociais marcados pela cisnormatividade e transfobia, torna-se um aspecto de apreciação e prestígio pelas interlocutoras. Afinal, os dispositivos de poder que produzem a cisheteronormatividade operam também nas subjetividades e corporalidades de mulheres trans e travestis. Viviane Vergueiro (2015), ao refletir sobre a passabilidade como uma estratégia de resistência às violências cissexistas⁷, salienta a importância de compreensão do tema a partir de outros marcadores da diferença e como uma das possibilidades de

⁷ «O termo 'cis+sexismo' é uma tentativa de caracterizar a complexa interseção entre a normatividade sexista de gênero (produtora cultural das diferenças homem-mulher) e a normatividade cissexista de gênero (produtora cultural das diferenças cis-trans)» (Vergueiro, 2013, f. 2).

enfrentamento ao patriarcado e ao cissexismo. Sendo em algumas trajetórias, uma das poucas formas de sobrevivência às violências do *cistema*. Para a autora, duas questões tornam-se preponderantes:

(1) as barreiras elitistas e racistas em torno da viabilidade das estratégias de passabilidade cisgênera (ou seja: quem fica de fora, nas não passabilidades?), bem como (2) os limites para as resistências ‘passáveis’ destas diversidades nos marcos das ocupações ciscoloniais (ou seja: re+pensar os limites relacionados à invisibilidade, assimilação, ameaças constantes de ‘catarem’ aquilo que somos) (Vergueiro, 2015: 158).

Por exemplo, as inseguranças de Luna em acessar a vida pública no Brasil devido aos receios de ser «catada», relacionadas às questões de classe e às características de racialização, que estão entrelaçadas em sua trajetória e biografia corporal. Em contraposição, estão as trajetórias e encarnação da identidade de gênero de Dalila e Mariana, com suporte familiar e intervenções endócrinas ainda na adolescência, o que possibilitou a obtenção de muita passabilidade. Ou ainda, há as experiências de Sheila no trabalho do sexo e a ocultação da sua identidade de gênero, em contraposição, ao anúncio de Débora no território do trabalho sexual em Lisboa, como «Trans operada. Uma mulher sexy e elegante».

Assim, a passabilidade torna-se uma questão importante contra as violências, a exotização e o estranhamento das corporalidades e subjetividades de mulheres trans e travestis nas relações intersubjetivas. Diana, ao ser indagada sobre a relevância da passabilidade em sua trajetória, equaciona a importância de não ser reconhecida como uma pessoa trans perante as violências sistêmicas e heteronormativas:

Diana: Ajuda nesse termo que te falei assim, nunca passei por, preconceito ou coisa assim. É tipo, não lembro de ter passado assim por constrangimento. Aliás, passei por constrangimento uma vez numa festa que tipo, eu fazia a boazinha e o cara veio tentou me beijar e eu fui tentar ser educada e disse pra ele: «Ai desculpa, não me leve a mal mas é, eu sô trans». Nossa o cara começou a gritar pros outros: «Ó esse aqui é um homem, que nada». Tipo, não vou dizer que num passei vergonha. Passei. Nesse dia, mas assim ó, é tipo, tanto que, tanto que eu não passo por essas coisas que eu tenho o cabelo roxo e a maior parte quer se esconder né? Tipo, ah sei lá, algumas tentam se esconder pra não serem... tipo, sou bem feminina, então isso não me faz, não me faz parecer uma... [...] Não, é... tipo assim, se isso ajuda em alguma coisa? Ajuda assim, visualmente ajuda porque as pessoas são más e elas maltratam as trans que elas percebem com os olhos, até mesmo as gays que são muito afeminadas as pessoas são más com o olhar. Então nesse sentido, tipo, ajuda a mascarar. Nesse sentido sim. Mas não que pra... pra arrumar um boy magia, pra arrumar mais mariconas... Isso esquece

porque o homem que vem comigo nenhum deles quer pegar no meu peito, entendeu?

Portanto, mulheres trans e travestis compreendem a passabilidade como a possibilidade de adquirir segurança frente as violências cisheteronormativas. Devido a este motivo, tornar-se passável perante as normatividades de corpo, sexo e gênero adquirir representações positivas para as interlocutoras. Assim, a mobilidade é mais que o desejo da acumulação de capitais e experiências. Nesse sentido, Vartabedian (2018) afirma que a mobilidade de trabalhadoras do sexo demonstra a capacidade de agência de mulheres trans e travestis e os entrelaçamentos com as questões de gênero e sexualidade. Segundo a autora, a particularidade da efetivação do projeto migratório por mulheres trans e travestis é que elas atravessam as fronteiras geográficas, seja no Brasil e/ou na Europa, motivadas pela acumulação de capital econômico e sua conversão para capital corporal, buscando inteligibilidade de gênero e lugares mais seguros para viver.

O que as análises das trajetórias de vida com uma Sociologia à escala individual demonstram são os distintos significados atribuídos à mobilidade, aos impactos singulares nas biografias corporais e às diferenças na instrumentalização do trabalho do sexo subjacente a cada percurso de vida. Estes aspectos só podem ser apreendidos em sua totalidade quando analisados a partir dos entrelaçamentos dos diversos marcadores sociais da diferença e dos capitais de vida acumulados durante as trajetórias das trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. Portanto, as análises demonstraram a complexidade relacionada ao encarnar a *europeia* e os diversos significados que são atribuídos às biografias corporais, às relações com familiares e grupo de pares das interlocutoras, ou seja, «Há hierarquias entre os próprios corpos desviantes, de modo que há corpos trans que por sua cor, por seu local de origem, por suas condições socioeconômicas aproximam-se mais que outros do ideal de privilégio» (Lustosa, 2016: 91).

Considerações finais

Do corpo abjeto ao corpo glamouroso

Esta tese buscou compreender o papel das trajetórias de vida e da mobilidade na encarnação de biografias corporais de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras em circulação para/pelo o continente europeu. Por meio das suas narrativas, busquei apreender como os entrelaçamentos de marcadores de desigualdades estruturais e físico orgânicas, conjuntamente com suas experiências sociais, impactam na (re)produção de biografias corporais. As análises demonstraram a constituição dos patrimônios de disposições com as experiências de socialização e de sociabilidade nos contextos sociais e históricos de origem no Brasil e as alterações advindas com as experiências da mobilidade para Portugal e/ou Europa em suas corporalidades e seus percursos de vida.

As narrativas das interlocutoras evidenciaram o papel das desigualdades estruturais nas decisões subjacentes à constituição das suas biografias corporais. Por intermédio da análise da construção das suas corporalidades femininas, demonstrei como as desigualdades estruturais afetam os processos de (re)produção dos corpos nas sociedades contemporâneas. Paralelamente, os pontos de viragem comuns às trajetórias de vida foram utilizados para compreender os processos de subjetivação, a saber, as primeiras experiências de excorporação de uma identidade feminina, o início do percurso como trabalhadoras do sexo, a mobilidade para Europa e o papel das experiências durante o trânsito geográfico na construção das suas subjetividades e biografias corporais.

Portanto, o que busquei demonstrar com a instrumentalização da Sociologia à escala individual e do corpo e da constituição das biografias corporais são os distintos processos e significados atribuídos por trabalhadoras do sexo trans e travestis sobre o *encarnar a europeia*. As subjetividades de pessoas de gêneros inconformes, os corpos não-normativos e as sexualidades dissidentes são silenciadas, excluídas e reduzidas ao estatuto da abjeção no contexto histórico, social, cultural e político, como o brasileiro, demarcado pelo colonialismo, pelo patriarcalismo, pela cisheteronormatividade e pelo capitalismo. Assim, a mobilidade para os territórios do trabalho sexual, no continente europeu, é compreendida pelas trabalhadoras do sexo como um ponto de viragem nos seus percursos de vida, porque possibilita ressignificar as representações sobre suas subjetividades e corporalidades que foram constituídas no Brasil.

A pesquisa evidenciou também que as trabalhadoras do sexo que partem de locais com mais recursos/privilégios acessam mais facilmente os lugares, com menos vulnerabilidade e

precariedade. Logo, em guisa de considerações finais, busco sintetizar os distintos significados atribuídos à mobilidade nas biografias corporais, na instrumentalização do trabalho do sexo e nas ressignificações das trajetórias de vida com a obtenção do *status* de *europeia*, socialmente excorporado. Afinal, o que é encarnar a europeia?

Desigualdades e privilégios na *encarnação da europeia*

As desigualdades de classe e suporte familiar nas biografias corporais de mulheres trans e travestis demonstraram os processos de (re)produção das desigualdades de classe e de capital cultural (Bourdieu e Passeron, 1992). Mariana e Dalila, provenientes de famílias de classe social favorecidas, tiveram tempo e recursos para a produção das suas corporalidades e suporte para encarnação da sua identidade de gênero. As biografias corporais destas interlocutoras evidenciaram a preocupação de suas famílias não somente com o tipo de biotecnologias a incorporar no processo, mas também com o tipo de performances e gostos de classe que foram associadas às suas identidades femininas ainda na adolescência. Estas preocupações possibilitaram a construção de um capital corporal com alto valor expressivo do gênero feminino na obtenção de passabilidade. O suporte e o capital econômico das suas famílias possibilitaram a acumulação de capital cultural que, posteriormente, foi instrumentalizado e convertido qualitativa e quantitativamente em outros capitais ao longo das suas trajetórias de vida e experiências no trabalho do sexo.

As narrativas das interlocutoras com mais suporte familiar e capital econômico e cultural na encarnação da identidade de gênero feminina também visibilizaram o papel dos discursos médicos científicos nas representações que elas e as famílias detêm sobre a identidade transexual em uma perspectiva de inteligibilidade do gênero. O dispositivo da transexualidade, ao separar as subjetividades transexuais das travestilidades, criou um protocolo de assepsia da transexualidade por meio da relação entre sexo anatômico e sua correspondência com uma determinada performance de gênero (Bento, 2006). No entanto, o acesso a estes saberes está disponível apenas para algumas das interlocutoras, com expressivo capital econômico e cultural e com acesso facilitado aos discursos médicos científicos, aos gostos de classe econômica elevada e à encarnação de representações hegemônicas do feminino. Todos adquiridos por meio da socialização na instituição familiar e/ou no decorrer das suas trajetórias de vida. Assim, mais que afirmar determinismos, busquei identificar como as trajetórias de classe social ascendente também possibilitam, a algumas das interlocutoras, o

acesso a saberes das ciências psis, que justificam o trânsito identitário de travesti para transexual. Logo, o que estas discussões demonstraram são as alterações dos patrimônios de disposições das interlocutoras e os processos de afirmação e negação dos modelos sociais de definição do feminino (Bento, 2006).

As trajetórias das interlocutoras que foram expulsas de casa pelas suas respectivas famílias possibilitaram compreender o impacto deste ponto de viragem e, com ele, do *cistema*, dos processos de abjeção e da transfobia estrutural e institucional durante todo o percurso de vida de mulheres trans e travestis. As narrativas destas interlocutoras são exemplares para compreensão de como os entrelaçamentos entre identidade de gênero, falta de suporte familiar e classe social desfavorecida tornam-se preponderantes para a entrada no mercado do sexo ainda na adolescência. Mais do que isso, os seus percursos de vida retratam o papel do grupo social de mulheres trans e travestis trabalhadoras do sexo como uma das poucas ou única rede de apoio para este grupo social na obtenção de suporte e de recursos para a subsistência dos seus corpos e subjetividades.

A excorporação de uma identidade contrária ao do sexo designado ao nascimento é socialmente apontada, frequentemente, como um corpo abjeto. Assim, as amizades, as famílias de eleição e o capital social dos territórios do trabalho sexual são fatores importantes de suporte e de afeto para mulheres trans e travestis na ausência da instituição família, para o aprendizado de técnicas de modificação do corpo, de estratégias de sobrevivência, e, ainda, para a efetivação do projeto migratório. Portanto, os resultados desta pesquisa confirmam as afirmações do *Transgender Europe* de que: “O trabalho sexual também pode fortalecer objetivos de desenvolvimento pessoal, uma vez que oferece redes e orientação de outras pessoas trans, geralmente mais experientes, servindo como maneira de afirmação de gênero em sociedades transfóbicas” (Fedorko e Berredo, TGEU, 2018: 7).

As biografias corporais de mulheres trans e travestis constataam os entrelaçamentos dos diversos marcadores da diferença nos processos de exclusão e silenciamento deste grupo social. As trajetórias de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis negras comprovam como os processos de vulnerabilidade e de precariedade são potencializados com as características de racialização mutuamente constituída pela questão de classe no Brasil. Luna, apesar de não ter sido expulsa de casa, tem sua subjetividade marcada pelas violências racistas e os receios de acesso ao espaço público no Brasil. O percurso de vida dela atesta como as interconexões entre racismo e a transfobia impossibilitam o término do ensino escolar por pessoas trans e travestis negras devido aos receios da violência existente no espaço escolar e as relações que se estabelecem entre a instituição escolar e os dispositivos da

cisheteronormatividade branca como a única possibilidade de existência (Oliveira, 2017). As negociações distintas que mulheres trans e travestis negras precisam realizar para a encarnação da identidade de gênero denotam também as estratégias de sobrevivência e resiliência das pessoas que não estão no centro do *cistema*-econômico-étnico que (re)produz a estrutura social excludente.

No atual contexto histórico e político brasileiro, caracterizado pela demonização das discussões de gênero e sexualidade, os percursos de vida de Luna e Safira ratificam como a gestão da instituição escolar é responsável pela evasão de pessoas trans e travestis. Além disso, seus percursos de vida salientam a importância da discussão das temáticas de gênero e sexualidade nos currículos escolares no sentido da diminuição da violência para pessoas de gêneros diversos e sexualidades não normativas. Conforme apontado por Luma Andrade (2012), a instituição escolar oculta o fracasso nas discussões sobre as diferenças, camuflando a evasão deste grupo social que é induzido pela própria instituição.

O que as biografias corporais de mulheres trans e travestis negras pobres demonstram é como os processos de exclusão e vulnerabilidade estão relacionados aos entrelaçamentos diversificados entre os marcadores de identidade de gênero, a classe social e as características de racialização. O trabalho do sexo ocorre precocemente nos percursos de vida socialmente mais vulneráveis, em que o suporte familiar foi inexistente ou problemático e as trajetórias escolares foram interrompidas. Assim, o número elevado de pessoas trans e travestis no trabalho sexual é resultado da violência estrutural, institucional e interpessoal que este grupo social vivencia desde o início da vida, por parte da instituição familiar, dos seus círculos sociais alargados, e pela falta de acesso à educação e a melhores oportunidade de emprego (Fedorko e Berredo, TGEU, 2018). Neste sentido, faz-se sentir a necessidade da implementação de políticas que reconheçam os direitos das pessoas trabalhadoras do sexo. O trabalho do sexo é uma realidade em sociedades organizadas pelo capital. Conforme apontado por Monique Prada (2018: 102):

Embora eu possa reconhecer que a utopia de banir o trabalho sexual seja válida e, em certo sentido, bela, não posso deixar de perceber a distopia nela contida quando aplicada ao mundo em que vivemos hoje. Em um momento em que políticas de austeridade sufocam as pessoas pobres mundo afora cada dia mais, o desemprego é ameaça constante e as mulheres continuam precisando sustentar suas famílias haja o que houver, banir a prostituição do planeta só fará empurrar mais e mais mulheres para a clandestinidade e para condições cada vez mais precárias de vida e trabalho. Não é delírio imaginar que, em tempos de crise, mais e mais mulheres recorrerão ao trabalho sexual como forma de fugir da miséria. De algum modo, é preciso garantir a essas pessoas um mínimo de segurança.

As biografias corporais das interlocutoras mais jovens desta pesquisa confirmam as alterações ocorridas nas representações e nas percepções sobre os projetos de corpo de mulheres trans e travestis (Pelúcio, 2007, Duque, 2011). O modelo de corpo grande e com muitas curvas das décadas passadas foi modificado pelo padrão de corpo feminino advindo da indústria de *design* corporal e da moda, ou seja, magro e com menos curvas. As interlocutoras mais jovens têm um maior conhecimento e, conseqüentemente, mais receios sobre os efeitos colaterais do silicone industrial devido às histórias e ao conhecimento acumulado e compartilhado por outras pessoas trans e travestis mais velhas. Assim, as interlocutoras mais jovens preferem incorporar as técnicas mais invasivas do corpo por meio de acompanhamento médico. Este novo modelo de corporalidade expressa uma maior preocupação com a performance de gênero feminina em detrimento da encarnação de biotecnologias invasivas no corpo. Paralelamente, as narrativas das interlocutoras mais velhas, que construíram as suas corporalidades por intermédio de outros tipos de projetos corporais e com biotecnologias de uma outra cultura somática, demonstram os limites do corpo na encarnação de outros modelos, um corpo sujeito e que as assujeita, por mais aberto que se torne a projetos de modificação corporal.

As narrativas de mulheres trans e travestis colaboram também na compreensão dos limites impostos pelo corpo sujeito, ou seja, dos seus aspectos físico orgânicos nos processos de transformações do corpo como um acessório. Para encarnar a identidade de gênero o corpo assume uma posição de acessório, ou seja, um corpo que se objetifica. Porém, uma das preocupações recorrentes nos relatos foi o processo de autodestruição do corpo projetado, do corpo em constante devir, ou ainda, as dificuldades de manter os projetos de corpo com o avançar da idade. O que busquei demonstrar com as imposições do corpo sujeito, identificadas pelas interlocutoras, são os processos de constituição do capital corporal a partir dos limites impostos pelo corpo orgânico na materialização de um determinado projeto de corpo. Nesta pesquisa, conseguimos captar características particulares que colaboram ou são um empecilho na materialização do projeto. Assim, as imposições do corpo sujeito são negociadas por intermédio das possibilidades concedidas por uma indústria de *design* e engenharia corporal que objetifica o corpo, com as técnicas de reflexividade carnal disponíveis no interior de uma determinada cultura somática.

Diferentes modos de encarnar a europeia e a relevância dos capitais da vida

A mobilidade para o continente europeu foi percebida como um ponto de viragem nas trajetórias de vida das interlocutoras. Primeiramente, porque a mobilidade é um capital, um recurso, desigualmente distribuído e que estabelece entrelaçamentos entre classe, gênero, raça e geração, ou seja, a mobilidade demonstra os processos de acumulação e conversão de capitais pelas pessoas na modernidade (Hannan, *et. al.*, 2006). O ato de migrar depende de recursos diversos e desigualmente distribuídos e estabelece relações com questões subjetivas, estruturais e de (re)produção das desigualdades. Nesse sentido, é possível afirmar que todas as interlocutoras converteram recursos econômicos e/ou sociais para capital de mobilidade. As suas trajetórias demonstram também a importância do capital social, das redes migratórias e da *ajuda* na efetivação da mobilidade.

Assim, consegui identificar quatro tipos de processos na obtenção do capital de mobilidade pelas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis brasileiras. O primeiro processo está relacionado às transferências do capital econômico e de mobilidade por intermédio da rede familiar. O segundo, com capital econômico próprio e transferência do capital de mobilidade pela rede de pessoas conhecidas ou amigas. O terceiro processo é o de trabalhadoras do sexo no Brasil com autonomia financeira e que adquiriram capital de mobilidade por meio da rede de informações e/ou capital social de pessoas amigas inseridas no campo prostitucional na Europa. O quarto é constituído pelas trabalhadoras do sexo que tiveram suas passagens financiadas por pessoas amigas e/ou conhecidas durante suas experiências no campo prostitucional brasileiro.

As motivações das interlocutoras para realização do trânsito geográfico para a Europa estão relacionadas a fatores estruturais, materiais e subjetivos. Em um nível macro, estão as violências físicas e simbólicas transfóbicas no Brasil, por um lado, e por outro, a possibilidade de, no continente europeu, terem as suas identidades de gênero e as suas subjetividades femininas socialmente reconhecidas e acessarem o espaço público sem receios. No caso de Luna, a mobilidade também foi a possibilidade de encarnar permanentemente sua identidade de gênero, devido aos entrelaçamentos dos marcadores de identidade de gênero, classe e raça que demarcam sua trajetória e biografia corporal. Portanto, as experiências de algumas das interlocutoras demonstram como o *cistema* impede que muitas mulheres trans e travestis tenham possibilidade de excorporar suas identidades de gênero nos seus contextos de origem, devido à falta de referências e de suporte para encarnação das especificidades das suas

identidades femininas. As interlocutoras com experiências nos campos prostitucionais brasileiros também afirmam que uma das motivações para efetivação do projeto migratório são as melhores condições do trabalho sexual no continente europeu, relacionadas à segurança na comercialização das performances sexuais e às relações diferenciadas com os clientes europeus.

A mobilidade interna nos territórios do trabalho sexual, no Brasil, demonstrou ser um importante fator na obtenção de disposições para mobilidade, como as especificidades de funcionamento dos campos prostitucionais, o aprendizado de estratégias do trabalho do sexo e a obtenção de capital social e/ou redes de pessoas que possibilitaram para algumas das interlocutoras a conversão para capital de mobilidade. As biografias de Verônica, Tainá, Yara, Débora e Safira indicam a importância das experiências nas grandes cidades brasileiras na obtenção de outras perspectivas de trajetórias e de representações sobre as identidades trans e travestis e o trabalho do sexo. É nas grandes cidades que mulheres trans e travestis brasileiras têm a possibilidade de melhores oportunidades financeiras com a comercialização de performances sexuais e sua conversão para capital corporal e de mobilidade (Vartabedian, 2018). Ao mesmo tempo que a troca de experiências constantes com outras trabalhadoras do sexo que já realizaram a mobilidade e obtiveram sucesso são uma importante motivação para realização do trânsito, para aquisição de informações e para a reverberação das representações sobre as riquezas, a liberdade, o luxo e o *glamour* na Europa e que são encarnadas durante o processo de mobilidade.

O acesso aos campos prostitucionais no continente europeu com maiores vantagens econômicas comprovaram a importância da acumulação dos capitais da vida na obtenção de melhores condições sociais, culturais e econômicas. O capital de mobilidade, consubstancializado em passaporte, documentos de residência e domínio de línguas, é um conjunto de importantes recursos na obtenção de uma posição privilegiada nos campos prostitucionais da Europa. Nesta pesquisa, identifiquei quatro tipos de práticas de circulação pelos territórios do trabalho sexual que aferem a relevância do capital de mobilidade acumulado e as experiências diferentes e diferenciadoras que os trânsitos possibilitam. O primeiro grupo nomeei como *sedentário*, caracterizado por trabalhadoras do sexo que residem em Lisboa, com poucas disposições para a mobilidade e/ou devido à falta de documentação. O segundo grupo foi caracterizado como de *mobilidade restrita* e inclui trabalhadoras do sexo que, apesar de terem realizado a mobilidade pelos campos prostitucionais europeus em algum momento da trajetória de vida, durante a produção dos dados, estavam trabalhando somente em Portugal devido à ausência de documentos. O terceiro grupo foi nomeado como de

mobilidade arriscada, definido pelas interlocutoras com disposições para a mobilidade, mas com ausência de capital de mobilidade, e representado principalmente pela falta de documentos. O quarto grupo foi caracterizado como de *circulação itinerante*, constituído por trabalhadoras do sexo com elevado capital de mobilidade e de forte disposições para a mobilidade e que circulam pelos territórios do trabalho sexual no continente europeu e/ou no mundo. Este grupo de interlocutoras demonstra a importância da acumulação dos capitais da vida na obtenção de autonomia, de agência e de sucesso nos campos prostitucionais na Europa.

As interlocutoras com uma melhor posição de poder nos campos prostitucionais apresentam elevado capital de mobilidade, de disposições para mobilidade e de domínio de estratégias do trabalho do sexo que estão relacionadas à compreensão dos distintos campos prostitucionais no continente europeu. Suas trajetórias demonstram como os capitais econômico, corporal, cultural e social, com seus respectivos processos de conversão entre si, possibilitaram a obtenção de agência e de autonomia. A circulação constante pelos territórios do trabalho sexual evidencia a importância das diferentes e diferenciadoras experiências nas alterações dos patrimônios de disposições e biografias corporais, na representação que fazem de si, nas representações que outras pessoas fazem delas, nas representações sobre o Brasil e na compreensão das desigualdades do continente europeu. As trabalhadoras do sexo que praticam a *circulação itinerante* evidenciam a importância das heterogêneas experiências nos territórios do trabalho sexual e na vida pública, na ativação de disposições reflexivas com a circulação constante pelos distintos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos na Europa. A aquisição de capital de mobilidade representado pela obtenção de documentos de cidadania possibilita a obtenção de segurança diante das possíveis situações estigmatizantes relacionadas à identidade de gênero e à xenofobia.

As narrativas das trabalhadoras do sexo que praticam a circulação itinerante demonstram também uma compreensão mais ampla das desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas do continente europeu. Estas interlocutoras justificam a circulação devido às diferenças dos preços das performances sexuais, tornando um fator preponderante para a acumulação de capital econômico e sua conversão para outros tipos de capitais. Paralelamente, as interlocutoras com acesso ao norte da Europa afirmam as diferenças de sociabilidade na vida pública, por exemplo, o maior respeito as suas identidades de gênero, a segurança na prestação do trabalho sexual, relacionado principalmente à regulação e ao reconhecimento da prostituição como trabalho na obtenção de agência e autonomia. Portanto,

encarnar a europeia também está relacionado ao acesso e à compreensão das diferenças e desigualdades existentes no continente europeu.

Os países onde o trabalho do sexo é regulamentado são percebidos pelas interlocutoras com documentos como sendo mais vantajosos devido à segurança na comercialização das performances sexuais, e porque impossibilitam o acesso de trabalhadoras do sexo indocumentadas e, conseqüentemente, a alta concorrência. Apesar das diferenças entre os países do Sul e os do Norte europeu, a maioria das interlocutoras escolheram Portugal como país de residência devido às proximidades culturais e linguísticas que identificam, e à possibilidade de viajar constantemente por outros países com melhores possibilidades de acumulação de capital econômico. Estas experiências distintas colaboram na obtenção de agência e autonomia, ao mesmo tempo que possibilitam compreender quais são os melhores locais para viver e desempenhar o trabalho do sexo.

As relações estabelecidas com clientes, namorados e outras pessoas trabalhadoras do sexo na Europa foram analisadas por intermédio do termo êmico *ajuda* na obtenção de documentos que legitimem a mobilidade, informações sobre os campos prostitucionais, suporte econômico e afetivo. Além disso, o passaporte adquire propriedades de capital simbólico e segurança na circulação pelos distintos campos prostitucionais. Assim, a obtenção do passaporte europeu possibilita o aprendizado das regras do jogo migratório, as estratégias de ganho, a conservação de recursos e a conversão para outros trânsitos geográficos (Oliveira e Kulaitis, 2007). Neste contexto, a importância do domínio de línguas comprovou ser outro importante indicador na obtenção de autonomia e agência nos territórios do trabalho sexual. A falta deste recurso retira mais-valia da trabalhadora do sexo nos campos prostitucionais na Europa devido à necessidade de depender de outra pessoa para realizar a organização do trabalho, por exemplo, anúncios, contato com os clientes, dentre outros.

As diferenças nas trajetórias e biografias corporais confirmaram a hipótese da importância de compreender as experiências de pessoas trabalhadoras do sexo para além de um olhar generalizante relacionado às vulnerabilidades, à precariedade e ao tráfico internacional de pessoas. Esta perspectiva é fomentada pelos Estados que criam leis para vitimizar este grupo social, mas atua a partir de uma política de diminuição da delinquência (Oliveira, 2017), criminalização da migração e do trabalho sexual (Fedorko e Berredo, TGEU, 2017). Este tipo de políticas estatais acaba por contribuir para a marginalização e a exclusão de pessoas trabalhadoras do sexo trans e travestis utilizando «[...] abordagens punitivistas para ‘combater’ a pobreza, a falta de moradia e o uso de drogas, condições de vida e de trabalho

cada vez mais precárias e disparidades raciais, de gênero e econômicas crescentes em todo o mundo» (Fedorko e Berredo, TGEU, 2017: 4).

Assim, o que as análises demonstraram é a complexidade envolvida na compreensão da realidade social. A análise dos percursos de vida de pessoas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis por via de uma sociologia à escala individual visibilizou os inúmeros entrelaçamentos dos marcadores da diferença na conformação de exclusões e de silenciamentos e suas relações com o poder exercido pelo Estado sobre esta população. É no interior deste debate que Butler (2017b) afirma que é salutar uma crítica à violência do Estado para não termos as lutas por igualdade apropriadas pelos dispositivos de poder. Precisamos identificar e reconhecer as inúmeras alianças existentes entre as diversas minorias que são sistematicamente violentadas e, como os processos de normatização e coerção operam para realizar divisões e desviar o olhar das críticas das violências operacionalizadas pelo próprio Estado (Butler, 2017b).

A mobilidade para a Europa também é compreendida como um ponto de viragem nas biografias corporais porque possibilita a conversão do capital econômico acumulado nos campos prostitucionais para capital corporal. A *encarnação da europeia* realiza alterações nos projetos corporais devido a maior possibilidade de acesso às biotecnologias de transformação do corpo, ao impacto das experiências diferentes e diferenciadoras nos campos prostitucionais, na vida pública e nos projetos de corpo relacionada às alterações das disposições estéticas. Paralelamente, as interlocutoras compreendem as experiências no continente europeu como causa na constituição de responsabilidade (*juízo*) e nas alterações das disposições para a reflexividade e para a cultura e a educação, devido à compreensão das diferenças culturais entre os diversos países por onde circulam. A circulação constante entre os territórios do trabalho sexual na Europa possibilita ainda compreender a constituição de estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico, ou seja, à escolha dos melhores locais e campos prostitucionais para comercialização das performances sexuais.

Não basta ser europeia, são necessárias estratégias no trabalho do sexo

A constituição de estratégias do trabalho do sexo apresentou-se como um importante recurso na obtenção e manutenção de um bom local/posição de poder nos territórios do trabalho sexual. Quanto maior a acumulação de capitais da vida pelas interlocutoras, maior a

possibilidade de incorporar estratégias que auxiliam nas disputas nos campos prostitucionais. As estratégias foram definidas como reflexo do aprendizado e das experiências de disputa dos capitais disponíveis no campo (Bourdieu, 2004). Algumas das estratégias do trabalho do sexo relacionadas ao espaço geográfico foram compreendidas como uma tentativa de contornar os impactos da crise econômica europeia que se sente desde 2008.

As interlocutoras que circulam frequentemente pelo continente europeu buscam fomentar o aspecto de novidade por meio dos anúncios publicados nos territórios do trabalho sexual. Conforme identificamos no capítulo V, a “novidade” é um importante indicador na captação de clientes, principalmente para as interlocutoras que comercializam performances sexuais menos especializadas. Para algumas das interlocutoras, a circulação frequente pelas cidades do interior é compreendida como possibilidade de acessar campos prostitucionais com poucas trabalhadoras do sexo. Para outras interlocutoras, as estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica podem ser identificadas na escolha de um local de trabalho que favoreça a captação de clientes que estão temporariamente na cidade. No entanto, para praticar estratégias mais elaboradas relacionadas ao espaço geográfico, é necessário a obtenção de capital de mobilidade consubstancializado em documentos que legitimem a mobilidade e o domínio de línguas.

As narrativas das interlocutoras bem posicionadas nos campos prostitucionais possibilitam afirmar que Portugal, apesar de ser um país com algumas facilidades na efetivação do projeto migratório devido aos acordos bilaterais, proximidade cultural e linguística, tem os preços das performances sexuais mais baixos se comparados a outros países da Europa. Assim, a aquisição de capital de mobilidade e a circulação constante pelos territórios do trabalho sexual favorecem a compreensão dos diversos campos prostitucionais e a escolha dos melhores locais para trabalhar/viver. Após a definição do local, algumas das interlocutoras utilizam estratégias para proteção do território com a verificação dos preços ofertados pelas outras trabalhadoras do sexo inseridas no campo prostitucional.

As análises dos anúncios disponibilizados nas plataformas virtuais em Portugal denotam a relevância das fotos, ou seja, do capital corporal em sua qualidade, quantidade e forma, com destaque para o comprimento e o volume do pênis ereto, o que pode ser percebido como uma das primeiras estratégias do trabalho do sexo na captação e fidelização de clientes. As fotos buscam destacar a feminilidade, a utilização de signos e as tecnologias estimuladoras do ciclo de excitação-frustração dos clientes (Preciado, 2018). As imagens e informações disponibilizadas nos anúncios também explicitam a importância da codificação etária do

corpo (Ferreira, 2011). O pênis recebe local de destaque e as narrativas das interlocutoras relatam que o órgão é um importante recurso na publicização e na captação de clientes.

As narrativas de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis sobre as práticas sexuais que executam nos campos prostitucionais explicitam a centralidade do pênis e da ejaculação neste tipo específico de sexo pago: «El sexo, para todo el mundo, es primero una palabra que designa el falo. Esta sociedad es fálica y em relacion con el falo se determina la cantidad de goce posible. Los actos sexuales se orientan com relación a um fin que le da su sentido, se organizan em caricias preliminares que acabarán por centrarse em la necesaria eyaculación, piedra de toque del goce» (Hocquenghem, 2009: 43). Assim, algumas das interlocutoras afirmam que o sucesso que obtiveram na indústria do sexo está relacionado a está parte específica do capital corporal. O esperma finaliza e materializa a autenticidade da performance sexual. Portanto, parte das estratégias são instrumentalizadas para este desejo típico dos clientes, por exemplo, na criação de técnicas de simulação do orgasmo/ejaculação. Devido a este fator, as mulheres trans que passaram pela cirurgia de confirmação de gênero afirmam alterações na cartela de clientes após o procedimento cirúrgico, a citar, Sheila, que compreende a cirurgia como uma desvantagem no mercado do sexo. Porém, Débora, com uma melhor posição no campo prostitucional, constituiu estratégias que possibilitam a captação de clientes com interesse em seu capital corporal distintivo e compreende o seu trabalho como uma possibilidade de atestar sua feminilidade nas performances que realiza.

Os limites impostos pelo corpo sujeito na produção da ereção são contornados pelas trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis com a utilização do Viagra, que pode ser compreendido como uma prótese biomolecular na (re)produção das performances sexuais (Preciado, 2018). Ademais, as mulheres trans e travestis que utilizam hormônios femininos relatam que um dos efeitos colaterais da hormonização é a perda da ereção, o que justifica a utilização do Viagra na comercialização das performances. Portanto, o corpo, no trabalho do sexo, pode ser compreendido como um acessório (Le Breton, 2003), um instrumento na (re)produção das performances sexuais. É no/sobre o corpo que grande parte das estratégias do trabalho do sexo são instrumentalizadas.

Os cuidados na preparação do corpo foram percebidos pelo uso de técnicas, práticas e conhecimentos de reflexividade carnal que possibilitam vantagens nas disputas por uma posição de sucesso nos territórios do trabalho sexual. Assim, a primeira e mais importante técnica é a higiene do próprio corpo e o do cliente para colaborar na potencialização das práticas sexuais que serão executadas durante a performance. O controle do corpo também está relacionado aos tipos de tecnologias utilizadas pelas interlocutoras na constituição de

uma corporalidade específica e que não impliquem em problemas futuros aos clientes, por exemplo, excesso de batom e/ou perfume. As experiências no trabalho do sexo possibilitam também a compreensão dos desejos dos clientes pela leitura da *hexis* corporal. O aprendizado deste tipo de linguagem colabora no sucesso profissional da trabalhadora do sexo e demonstra poder sobre o cliente nas relações estabelecidas nos campos prostitucionais. As estratégias centradas no corpo podem estar relacionadas também a um aspecto físico morfológico da trabalhadora do sexo, por exemplo, características de racialização, estatura, passabilidade, entre outras.

A especialização em práticas e técnicas sexuais foi percebida como uma importante estratégia na captação e fidelização de clientes e na obtenção de uma posição de sucesso nos campos prostitucionais. A especialização em práticas sexuais possibilita a manutenção da posição no campo prostitucional caso a trabalhadora do sexo não possa implementar estratégias do trabalho do sexo na circulação geográfica. Além disso, as trabalhadoras do sexo especialistas em práticas e técnicas sexuais adquirem vantagens perante as concorrentes que comercializam apenas sexo oral e penetração. De modo geral, as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos territórios do trabalho sexual apresentam maior capital cultural, compreendem as diversas realidades existentes nos campos prostitucionais e utilizam das informações adquiridas para instrumentalizar estratégias que possibilitem a seleção dos seus clientes e a diminuição das vulnerabilidades existentes no trabalho do sexo. Portanto, as trajetórias de mobilidade social ascendente demonstram mais uma contraposição aos discursos do senso comum, abolicionistas e dos Estados referente às pessoas trabalhadoras do sexo e à prostituição, os quais tendem para generalizações sobre a vulnerabilidade, a precariedade e as experiências de violência.

A especialização em práticas sexuais expõe também a importância das tecnologias na (re)produção das performances sexuais, seja pelo uso de indumentárias específicas que fomentem o desejo e fetiche dos clientes, ou ainda, pela utilização de brinquedos sexuais que potencializam a performance sexual e podem ser percebidas como mais uma possibilidade de fidelização ao fomentar o aspecto de novidade na (re)produção das performances. Algumas lacunas existentes neste estudo podem ser identificadas como, por exemplo, compreender e analisar o impacto da especialização em performances sexuais e a utilização de tecnologias na obtenção de uma posição privilegiada nos campos prostitucionais e na fidelização de clientes.

As experiências intersubjetivas no mercado do sexo atualizam as disposições para a sexualidade das interlocutoras. As práticas sexuais requisitadas frequentemente pelos clientes nos diversos campos prostitucionais são utilizadas como estratégias do trabalho do sexo.

Porém, com a recorrência, algumas delas podem ser convertidas em disposições para a sexualidade, outras podem não fazer parte das próprias disposições para a sexualidade das protagonistas, mas são executadas devido aos preços elevados da performance, relacionados às especificidades e/ou dificuldades da prática. Além disso, a circulação pelos distintos territórios do trabalho sexual no continente europeu possibilita a compreensão das diferenças culturais relacionadas à sexualidade e que podem ser convertidas em outras estratégias do trabalho do sexo.

Portanto, as performances sexuais executadas nos campos prostitucionais impactam subjetivamente as trabalhadoras do sexo, por exemplo, com relação às representações sobre a feminilidade baseadas na cisheteronormatividade. As disposições para sexualidade feminina constituídas nas primeiras socializações das mulheres trans e travestis não raramente estão relacionadas à submissão ao prazer feminino e a um corpo penetrável. Porém, a centralidade que o pênis adquire no mercado do sexo trans e travesti e as performances sexuais solicitadas pelos clientes alteram as disposições para a sexualidade e os projetos de corpo. Estas alterações podem estar relacionadas às estratégias de obtenção de capital econômico e/ou a facilidade de sua execução, por exemplo, ser ativa durante o convívio. Assim sendo, as experiências no trabalho do sexo possibilitam também o autoconhecimento dos seus corpos e desejos.

As estratégias do trabalho do sexo demonstram também a instrumentalização das representações coloniais sobre a sexualidade brasileira relacionadas à exposição do corpo, à sensualidade, à “morenidade” e à liberdade sexual (Silva e Ornat, 2012; Dolabella, 2015) na captação de clientes, em Portugal. No entanto, para as trabalhadoras do sexo bem posicionadas nos campos prostitucionais, as representações sobre a brasilidade estão associadas também à baixa capacidade intelectual, o que não atrai o cliente “fino” e com elevado capital econômico. Assim, algumas das trabalhadoras do sexo com dupla nacionalidade utilizam os estereótipos da sexualidade brasileira para captar clientes em Portugal, mas omitem a nacionalidade brasileira quando circulam por outros países do continente europeu.

A resignificação das trajetórias de vida e das biografias corporais

A mobilidade é percebida como um ponto de viragem nas trajetórias de vida e biografias corporais porque possibilita alterações no modo de ser e estar com as experiências distintas nos territórios do trabalho sexual e na vida pública relacionadas ao luxo e ao *glamour*. Nas perspectivas das interlocutoras, as experiências no continente europeu foram responsáveis por lapidar a feminilidade, ou seja, encarnar representações de classe alta, de mobilidade social ascendente e a possibilidade de acumulação de capital cultural com as alterações nas disposições para a cultura e a educação. Além disso, a mobilidade é percebida pela conquista de agência, de autoconfiança e de autoestima com relação à feminilidade e à identidade de gênero. Isso é devido à heterogeneidade de experiências com clientes das mais variadas nacionalidades e classe sociais, à acumulação de capital econômico, ao acesso à vida pública e às biotecnologias de modificação do corpo, o que possibilita passabilidade e, conseqüentemente, faz diminuir os receios da violência transfóbicas e *cistêmica* que demarcam suas trajetórias de vida no Brasil.

Assim, as trajetórias diferentes e diferenciadoras, os inúmeros países visitados, as biotecnologias encarnadas, o acesso aos territórios privilegiados do trabalho sexual e a alguns bens conotados com luxo e *glamour* possibilitam a constituição de um capital de prestígio relacionado ao estilo de vida de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis em mobilidade transnacional. As análises demonstraram que a aquisição do *status* de europeia altera a posição de poder da trabalhadora do sexo após o regresso ao Brasil, principalmente devido à acumulação de capital econômico e à conversão para bens de consumo conotados com uma elite econômica e social. Esses aspectos colaboram para a reafirmação das suas trajetórias diferentes e diferenciadoras a partir de classificações hierarquizantes no interior de sociedades organizadas pelo capital. Portanto, a encarnação da europeia passa pela (re)produção de disposições e práticas experienciadas durante a mobilidade, bem como a incorporação de signos de mobilidade social ascendentes, obtidos com o capital econômico para atestar os aspectos singulares das trajetórias e das biografias corporais.

Nesta pesquisa, foi possível perceber diferenças nos usos dados ao capital econômico de acordo com a classe social da trabalhadora do sexo. As interlocutoras de classe social desfavorecidas utilizam parte do capital econômico para melhores condições de vida para si e as suas famílias, o que ressignifica as relações familiares, por exemplo, com o reconhecimento da identidade de gênero feminina. Por outro lado, as trabalhadoras do sexo de classes sociais mais favorecidas utilizam o capital econômico para garantir a estabilidade financeira no futuro e para usufruir dos ganhos do seu trabalho por intermédio de viagens e o desenvolvimento de outras habilidades. Além disso, estas interlocutoras compreendem o

aspecto distintivo das suas trajetórias no grupo social de trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis.

A passabilidade é percebida pelas interlocutoras como um fator na obtenção de prestígio por trabalhadoras do sexo mulheres trans e travestis. A passabilidade foi analisada, nesta pesquisa, como uma estratégia de resistência e de segurança perante as violências cissexistas e de sobrevivência a transfobia (Vergueiro, 2015). No entanto, é importante salientar que a passabilidade cisgênera não é possível para algumas das interlocutoras, que têm suas trajetórias marcadas por questões de classe social desfavorecidas, que não permitem/permitiram acesso a biotecnologias de transformação do corpo em uma perspectiva binária da identidade de gênero, ou ainda devido aos assujeitamentos das questões físico orgânicas do corpo. Apesar da importância da passabilidade para as mulheres trans e travestis desta pesquisa, há pessoas trans e de gêneros diversos que encarnam suas identidades a partir de uma perspectiva não binária do gênero, por exemplo, pessoas trans não binárias e/ou pessoas trans ou travestis que não recorrem às técnicas invasivas de transformação do corpo.

Assim, ao contrário das afirmações leigas e conservadoras, o gênero não se resume somente ao corpo e ao genital. A própria constituição do que é o sexo também é atravessada por discursos de produção de inteligibilidade (Laqueur, 2001). Algumas pessoas trans e travestis colocam-se em um local onde a corporalidade e, sobretudo, a genitália, não é o fundamental na definição das suas identidades e experiências de vida. Realizar modificações corporais para encarnar as identidades trans e travestis deixou de ser uma imposição e passou a ser uma escolha.

O corpo é um biocódigo aberto à manipulação e à (re)produção de identidades e diferenças (Preciado, 2018). O gênero nunca é autêntico (Butler, 2010). O gênero encarnado passa sempre pela incorporação de biotecnologias (Preciado, 2018). Assim, generificar o corpo é selecionar tecnologias disponíveis em uma determinada cultura somática para sua (re)produção. A constatação de Tainá que inicia esta tese evidencia que, entre os processos de (re)produção do corpo por pessoas cis e trans, a diferença está no protocolo, devido ao poder médico que incide sobre os corpos e subjetividades de pessoas trans e travestis. Este grupo social, ao romper com a norma cisnormativa e binária, expõe os dispositivos de disciplina e de controle que incidem sobre todas as corporalidades e subjetividades e são sancionados com a abjeção. Daí advém muito do pânico moral sobre corpos não normativos, gêneros inconformes e sexualidades dissidentes.

O que as experiências e biografias corporais das interlocutoras demonstram é a complexidade que tomou as discussões sobre corpo, gênero e sexualidades na cena pública

com a obtenção de direitos de cidadania pela população LGBTQIA+, a entrada de pessoas trans e travestis – mesmo que residual - em espaços de discussão, como as universidades, a mídia, entre outros. Esses processos de mudanças alargaram as possibilidades de pensar o corpo, o gênero e a sexualidade de pessoas trans e cis. Se em décadas passadas as experiências trans e travestis estavam limitadas às modificações corporais precárias, à prostituição e à abjeção, no contexto atual, apesar da vulnerabilidade e precariedade que vivenciou uma parte considerável deste grupo social, tem ocorrido uma expansão nas possibilidades das suas experiências, corporalidades e subjetividades, bem como na obtenção de melhores condições de vida para si e/ou para suas famílias.

Portanto, compreender o processo de *encarnar a europeia* perpassa também identificar o início das biografias corporais femininas constituídas pelas primeiras socializações nos contextos de origem no Brasil, reconhecendo o entrelaçamento das inúmeras desigualdades estruturais e físico orgânicas e os seus impactos nos processos de constituição do corpo como devir e na (re)produção de subjetividades. Encarnar a europeia é ressignificar o corpo abjeto para corpo acessório, ou seja, capital corporal que é instrumentalizado durante a mobilidade para os territórios do trabalho sexual na conversão para outros capitais.

As trajetórias de vida de Leila, Diana, Debora e Dalila, todas bem posicionadas nos territórios do trabalho sexual na Europa, possibilitaram compreender as desigualdades e as diferenças no processo de encarnar a europeia entre trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras. Estas quatro interlocutoras fazem parte de uma elite do trabalho do sexo, com elevada acumulação de capital de mobilidade, corporal, econômico, social e cultural, que possibilita a *circulação itinerante* pelos diversos campos prostitucionais. Nas narrativas destas interlocutoras, a própria mobilidade é percebida como um aspecto de classe com a elitização das suas trajetórias perante outras pessoas do seu círculo social. Além disso, a obtenção de sucesso nos territórios do trabalho sexual durante a mobilidade possibilitou a constituição de justificativas para exercer o trabalho do sexo perante a família e as pessoas amigas. Estes fatores colaboraram na obtenção de segurança financeira, melhores condições de vida para as interlocutoras e/ou suas famílias, sucesso e orgulho de si perante as suas famílias, e da família perante a comunidade.

As estratégias do trabalho do sexo colaboraram na compreensão das inúmeras desigualdades existentes nos territórios do trabalho sexual. As trabalhadoras do sexo com mais recursos – capital cultural, corporal, social, econômico e de mobilidade -, trajetórias de vida com mais privilégios e/ou de classe social ascendente apresentam mais estratégias do

trabalho do sexo, e, conseqüentemente, um bom local/posição de poder nos territórios do trabalho sexual na Europa. Logo, a reprodução das desigualdades de classe e de capital cultural apresentou-se como importante marcador para compreender os percursos de vida, as biografias corporais e os modos de instrumentalização do trabalho do sexo por mulheres trans e travestis brasileiras no continente europeu. A acumulação de capital econômico, que as diferentes experiências de (i)mobilidade proporciona, vai dar acesso a diferentes biotecnologias de transformação do corpo, convertíveis em formas desiguais de capital corporal. Todas elas, contudo, convergindo para o ideal da *encarnação da europeia*. As dificuldades do país de origem relacionadas às desigualdades de classe, e/ou à transfobia estrutural, e às representações de abjeção sobre o corpo são, assim, ressignificadas ao longo das vivências na Europa, resultando na obtenção de capital simbólico, cujo reconhecimento passa, em larga medida, pela encarnação de recursos e símbolos conotados com as representações de *glamour* e de luxo atribuídas à experiência europeia.

Referências bibliográficas

Agustín, Laura María. 2000. «Trabajar en la industria del sexo». Grupo Interdisciplinar de Estudios sobre Migraciones, Interculturalidad y Ciudadanía. http://www.giemic.uclm.es/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=986&Itemid=60.

Albuquerque, Fernanda Farias. 1995. A Princesa: A História do Travesti Brasileiro na Europa Escrita por um dos Líderes da Brigada Vermelha. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Amândio, Sofia Lai, Pedro Abrantes e João Teixeira Lopes. 2016. «Introdução». In A Vida Entre Nós – Sociologia em Carne Viva, org. _____. Porto: Deriva Editores, 14-28.

Andrade, Luma Nogueira de. 2012. «Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa». Tese de doutoramento, Fortaleza, CE, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará.

Arango, Joaquín. 2003. «La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra». In Migración y Desarrollo. nº 1, Outubro: 1-30. https://webs.ucm.es/info/gemi/descargas/articulos/42ARANGO_La_Explicacion_Teorica_Migraciones_Luces_Sombras.pdf

Bagagli, Beatriz Pagliarini. 2019. «Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo». Dissertação de mestrado, Campinas, SP, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Bauman, Zygmunt. 2003. Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Belizário, Fernanda Branco. 2018. «Travestis brasileiras no sul da Europa subalternidade e reconhecimento nas fronteiras do gênero e sexualidade». Tese de doutoramento, Coimbra, Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Benedetti, Marcos. 2005. Toda Feita: O Corpo e o Gênero das Travestis. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Bento, Berenice. 2006. A Reinvenção do Corpo: Gênero e Sexualidade na Experiência Transexual. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Bourdieu, Pierre. 1983. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, RJ: Editora Marco Zero.

_____. 1996. Razões Práticas: Sobre uma Teoria da Ação. Campinas, SP: Papyrus.

_____. 2002. «A ilusão biográfica». In Usos & Abusos da História Oral, org. Marieta de Moraes Ferreira e Marieta Amado. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV.

_____. 2004. As Coisas Ditas. São Paulo, SP: Brasiliense.

- _____. 2007. *Escritos de Educação*. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. 2013. «Capital simbólico e classes sociais». In *Novos Estudos- CEBRAP*, n. 96, julho: 105-115.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso
- Bourdieu, Pierre e Jean-Claude Passeron. 1992. *A Reprodução*. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves.
- Butler, Judith. 2010. *Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão de Identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- _____. 2017a. *Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?*. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- _____. 2017b. *Relatar a Si Mesmo: Crítica da Violência Ética*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Caetano, Ana. 2012. «A análise da reflexividade individual no quadro de uma teoria disposicionalista». In *Registos do Actor Plural. Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa*, org. João Teixeira Lopes. Porto: Edições Afrontamentos, 15-29.
- Carneiro, Sueli. 2003. «Mulheres em movimento». In *Estudos Avançados*, 17, n.º 49: 117-133. <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>
- Carrijo, Gilson Goulart. 2011. «Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira». In *Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*, org. Adriana Piscitelli; et al. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 263-320.
- Coelho, Bernardo. 2009. *Corpo adentro: Prostitutas Acompanhantes em Processo de Invenção de Si*. Lisboa: Difel.
- Cohen, Robin. 2005. «Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano». In *Globalização e Migrações*, org. António Barreto. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 25-44.
- Conde, Idalina. 1993. «Problemas e Virtudes na defesa da biografia». In *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 13: 39-57.
- Costa, António Firmino da, et al.. 2014. «Um modelo teórico e metodológico. Análise do sucesso, insucesso e abandono no ensino superior». In *Percursos de Estudantes no Ensino Superior. Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*, org. António Firmino Costa; et al.. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 5-32.
- Crenshaw, Kimberle. 1989. «Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics». In *University of Chicago Legal Forum*, 1: 139-167.

_____. 1991. «Mapping the margins: intersectionality, identity, politics, and violence against women of color». In *Stanford Law Review*, v. 43: 1241-1299.

Cresswell, Tim. 2009. «Seis temas na produção das mobilidades». In. *A Produção das Mobilidades*, org. Renato Miguel do Carmo, José Alberto Simões. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 25-40.

_____. 2010. «Towards a politics of mobility». In. *Environment and Planning D: Society and Space*, 28, n.º 1: 17–31. <https://doi.org/10.1068/d11407>

Crosley, Nick. 2005. «Mapping reflexive body techniques: on body modification and maintenance». In: *Body & Society*, 11, n.º 1: 1-35. <https://doi.org/10.1177/1357034X05049848>

Despentes, Virginie. 2016. *Teoria King Kong*. São Paulo, SP: N-1 edições.

Dolabella, Lira Turrer. 2015. «Copos, corpos e afetos: Gênero, sexualidade e imigração no contexto das casas de alterne». Tese de doutoramento, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12056>

Douglas, Mary. 1967. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

Dubar, Claude. 2006. *A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação*. Porto: Afrontamento.

Duque, Tiago. 2011. *Montagens e Desmontagens: Desejo, Estigma e Vergonha entre Travestis Adolescentes*. São Paulo, SP: Annablume.

Fanon, Frantz. 2008. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador, BA: Editora Edufba.

Federici, Silvia. 2017. *Calibã e a Bruxa. Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. São Paulo: Editora Elefante.

Fedorko, Boglarka e Lukas Berredo. 2017. *O Círculo Vicioso da Violência: Pessoas Trans e Gênero Diversas, Migração e Trabalho Sexual*. s. l. Transgender Europe (TGEU). [Relatório]. <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/01/TvT-PS-Vol19-2017.pdf>

Feixa, Carles. 2018. *La Imaginación Autobiográfica: Las Historias de Vida como Herramienta de Investigación*. Barcelona: Gedisa.

Fernandes, Florestan. 1978. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3ª ed. São Paulo, SP: Ática.

Ferreira, Vitor. 2008. «Be some body: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea». In *Itinerários. A Investigação nos 25 anos do ICS*, org. Manuel Cabral; et al. Lisboa-ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 671-689.

_____. 2011. «Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos». In *Jovens e Rumos*, org. René Bendit, José Machado Pais, Vitor Sérgio Ferreira. Lisboa-ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 257-276.

_____. 2013. «Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual». In *Análise Social*, XLVIII, n.º 208: 494-528.

_____. 2014. «Artes e manhas da entrevista compreensiva». In *Saúde e Sociedade*, 23, n.º 3: 979-992.

Field-Springer, Kimberly. 2019. «Reflexive embodied ethnography with applied sensibilities: methodological reflections on involved qualitative research». In *Qualitative Research*. <https://doi.org/10.1177/1468794119841835>

Foucault, Michel. 1986. *Microfísica do Poder*. 6ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

_____. 1999. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2011. *História da Sexualidade*, vol. 1 - *A Vontade de Saber*. 21ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

_____. 2009. *História da Sexualidade*, vol. 3 – *O Cuidado de Si*. 10ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

Geertz, Clifford. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

Giddens, Anthony. 1997. *Modernidade e Identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.

Giuliani, Gaia. 2016. «Monstrosity, abjection and Europe in the war on terror». In *Capitalism Nature Socialism*, 27, n.º 4: 1-19.

Hannan, Kevin, Mimi Sheller, e John Urry. 2006. «Editorial: mobilities, immobilities and moorings». In *Mobilities*, 1, n.º 1: 1-22. <https://doi.org/10.1080/17450100500489189>

Haraway, Donna. 1997. *Modest Witness Second Millennium FemaleMan Meets OncoMouse: Feminism and technoscience*. Nova Iorque: Routledge.

_____. 2009. «Manifesto ciborgue». In *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano*, org. Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 33-118.

Helene, Diana. 2015. «PRETA, POBRE E PUTA: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga». Tese de doutoramento. Rio de Janeiro, RJ, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Hocquenghem, Guy. 2009. *El Deseo Homossexual*. España: Melusina.

Jarrín, Alvaro. 2017a. «Del blackface y la “nariz negroide”: la biopolítica de la fealdad en el Brasil». In *Avá. Revista de Antropología*, n.º 31: 143-158.

_____. 2017b. *The Biopolitics of Beauty: Cosmetic Citizenship and Affective Capital in Brazil*. Oakland, CA: University of California Press.

Jensen, Anne. 2011. «Mobility, space and power: On the multiplicities of seeing mobility». In: *Mobilities*, 6, n.º 2: 255–271 <https://doi.org/10.1080/17450101.2011.552903>

Jesus, Jaqueline G. de e Hailey Alves. 2012. «Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais». In *Revista Cronos*, 11, n.º 2. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>

Kaufmann, Jean-Claude. 2013. *A Entrevista Compreensiva: Um Guia para Pesquisa de Campo*. Petrópolis e Maceió: Vozes e Edufal.

Kilomba, Grada. 2010. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage.

Kulick, Don. 2008. *Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.

Lahire, Bernard. 2001. *O Homem Plural: As Molas da Acção*. Instituto Piaget: Lisboa.

_____. 2004. *Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais*. Porto Alegre: Artmed.

_____. 2005. «Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual». In *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49: 11-42. <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/49/517.pdf>

Laqueur, Thomas W. 2001. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos à Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

Latour, Bruno. 1994. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. São Paulo, SP: Editora 34.

Lauretis, Teresa de. 1987. *Technologies of Gender, Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington, Indiana: University Press.

Le Breton, David. 1982. «Corps et symbolique social». In *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIII: 223-232.

_____. 2000. «Figures du corps accessoire: marques corporelles, culturisme, transsexualisme, etc». In *Les Imaginaires du Corps. Tome 2 – Arts, Sociologie, Anthropologie. Pour une Approche Interdisciplinaire du Corps*, org. Claude Fintz. Paris: L'Harmattan, 207-231.

_____. 2003. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus.

_____. 2011. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Leite, Gabriela. 2009. *Filha, Mãe, Avó e Puta: A História de uma Mulher que Decidiu Ser Prostituta*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

_____. 1992. *Eu: Mulher da Vida*. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos.

Lopes, João Teixeira e António Firmino da Costa. 2014. «Conclusão. Estrutura, contexto e agência nos percursos desiguais dos estudantes do ensino superior». In *Percursos de Estudantes no Ensino Superior. Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*, org. António Firmino Costa; et al. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 203-210.

Lustosa, Tertuliana. 2016. «Manifesto traveco-terrorista». In *Concinnitas*, ano 17, v. 01, n.º 28: 384-409.

Martuccelli, Danilo. 2002. *Grammaires de l'individu*. Paris: Gallimard.

Mauss, Marcel. 2005. *Sociologia e Antropologia*. 2. ed. São Paulo, SP: Cosac Naify.

Mbembe, Achille. 2018a. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo, SP: N-1 edições.

_____. 2018b. *Necropolítica. Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte*. São Paulo, SP: N-1 edições.

Moira, Amaira. 2016. *E se Eu Fosse Puta*. São Paulo, SP: Hoo Editora.

Mombaca, Jota. 2015. *Pode um Cu Mestiço Falar?*. <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

Nowell, Lorelli S., Jill M. Norris, Deborah E. White e Nancy J. Moules. 2017. «Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria». *International Journal of Qualitative Methods*, 16: 1-13.

Oliveira, Alexandra. 2017. «Uma atividade marginalizada num país que tolera mais do que persegue». In *Bagoas*, n.º 17: 201-224.

_____. 2013. «Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados». [Relatório]. Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Oliveira, Márcio de, e Fernando Kulaitis. 2017. «Habitus imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios». In *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 22, n.º 1: 15-47.

Oliveira, Megg R. G. de. 2017. «O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação». Tese de doutoramento, Curitiba, PR, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

O'Neill, Maggie. 2001. *Prostitution and Feminism: Towards a Politics of Feeling*. Cambridge: Polity Press.

Patricio, Maria Cecília. 2009. «No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional». In Carta Internacional, 4, n.º 1: 32-45. <http://cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta/article/view/458>.

Peixoto, João. 2004. «As teorias explicativas das migrações: Teoria micro e macro-sociológicas.» In SOCIUS Working Papers, n.º 11/2004. <http://hdl.handle.net/10400.5/2037>.

Pelúcio, Larissa. 2007. «Nos nervos na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e modelo preventivo de AIDS». Tese de doutoramento, São Carlos, SP, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

_____. 2010. «A Europa é luxo e glamour: as experiências de travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo, um olhar sobre a clientela espanhola». Comunicação apresentada no 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Barcelona, Universitat de Barcelona, 25-27 de novembro. <https://seminariobrasileuropa2010.files.wordpress.com/2011/01/livro-i-seminc3a1rio-de-estudos-sobre-imigrac3a7c3a3o-brasileira-na-europa.pdf>.

_____. 2011. «Amores perros: sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo». In Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil, org. Adriana Piscitelli; et al. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 185-224.

_____. 2014. «Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?». In Revista Periodicus, v.1, n.º 1, maio-outubro de 2014: 1-24. <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>.

Peres, Wiliam Siqueira. 2005. «Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania». Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, RJ, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Perra, Hija de. 2014. «Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma». In. Revista Punto Género, n.º 4, dezembro: 9-16. <https://revistapuntogenero.uchile.cl/index.php/RPG/article/view/36405>

Pessoa, Emerson R. de A. 2013. «A construção de corpos e feminilidades: Travestis e transexuais para além da prostituição». Dissertação de Mestrado, Maringá, PR, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

Piscitelli, Adriana. 2004. «Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina». In Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras, org. Adriana Piscitelli; et al. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 283-318.

_____. 2007. «Brasileiras na indústria transnacional do sexo». In Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Debates, 12 de março. <http://nuevomundo.revues.org/3744>

_____. 2009. «Migración y sexualidad: de Brasil a Europa». Comunicação apresentada no Observatorio de Sexualidad y Política, Rio de Janeiro, RJ, 24-26 de agosto.

<http://www.sxpozlitics.org/pt/wp-content/uploads/2009/10/adriana-piscitelli-migracion-y-sexualidad-de-brasil-a-euroe280a6.pdf>

_____. 2011. «Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais». In *Gênero, Sexo, Afetos e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*, org. Adriana Piscitelli; et al. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 537-582.

Piselli, Fortunata. 1998. «Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes». In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 50, fevereiro: 113-119.
<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/50/Fortunata%20Piselli%20-%20Mulheres%20migrantes,%20uma%20abordagem%20a%20partir%20da%20teoria%20das%20redes.pdf>

Pontes, Luciana. 2004. «Mulheres brasileiras na mídia portuguesa». In *Cadernos Pagu*, n.º 23, julho-dezembro: 229-256. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08.pdf>.

Prada, Monique. 2018. *Putafeminista*. São Paulo, SP: Veneta.

Preciado, Paul Beatriz. 2014. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo, SP: N-1 edições.

_____. 2018. *Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica*. São Paulo, SP: N-1 edições.

Puar, Jaspir. 2013. «‘Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa’: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva». In *Meritum*, 8, n.º 2: 343-370.

Pujadas, Joan J. 2000. «El método biográfico y los géneros de la memoria». In *Revista de Antropología Social*, n.º 9: 127-158.

Ramalho, Néson. 2012. «O trabalho sexual: discursos e práticas dos assistentes sociais em debate». In *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.º 12: 64-91. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872012000600004>

Ribeiro, Djamila. 2017. *O Que é Lugar de Fala?*. Belo Horizonte, MG: Letramento.

Rodrigues, Nina R.. 1956. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.

Rubin, Gayle. 1984. «Thinking sex». In *Pleasure and Danger. Exploring Female Sexuality*, org. C. Vance. Nova Iorque: Routledge, 148-171.

Saez, Javier e Sejo Carrascosa. 2017. *Pelo Cu: Políticas Anais*. Belo Horizonte, MG: Letramento.

Said, Edward W. 1990. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Saleiro, Sandra Palma. 2013. «Trans géneros: uma abordagem sociológica da diversidade de género». Tese de doutoramento, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7848>

Sales Junior, Ronaldo L.de. 2006. «Raça e justiça: o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça». Tese de doutoramento, Recife, PE, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9747/1/arquivo9288_1.pdf

Sanders, Teela, Maggie O'Neill e Jane Pitcher. 2009. *Prostitution: Sex Work, Policy and Politics*. Londres: SAGE Publications.

Scott, Joan Wallach. 1995. «Gênero: uma categoria útil de análise histórica». In *Educação & Realidade*. 20, n.º 2, julho-dezembro: 71-99.

Shilling, Chris. 1991. «Educating the body, physical capital and the production of social inequalities». In *Sociology*. 25, n.º 4: 653-672.

_____. 2008. *Changing Bodies. Habit, Crises and Creativity*. Los Angeles: Sage.

Silva, Ana Paula da e Blanchette, Thaddeus. 2005. «'Nossa Senhora da Help': Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana». In *Cadernos Pagu*. n.º 25, julho-dezembro: 249-280.

Silva, Hélio R. S. 1993. *Travesti: A Invenção do Feminino*. Rio de Janeiro, RJ: Relumê-Dumará.

Silva, Joseli Maria. 2010. «Geografia Pós-Coloniais: imigração ilegal e as brasileiras na atividade comercial sexual na Espanha». In *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. 1, n.º 1, janeiro-julho: 49-57. <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1028/816>.

Silva, Joseli Maria e Marcio José Ornat. 2012. «Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição». In *Revista da Anpege*, 8, n.º 10, agosto-dezembro: 51-66. <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6501/3486>

Spivak, Gayatri Chakravorty. 2010. *Pode o Subalterno Falar?*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

Stryker, Susan. 2006. «(De) subjugated knowledges: An introduction to transgender studies». In *The Transgender Studies Reader*, org. _____ e Stephen Whittle. Nova Iorque: Routledge, 17-34.

Sullivan, Nikki. 2001. *Tattooed Bodies: Subjectivity, Textuality, Ethics and Pleasure*. Westport: Praeger.

Surfistinha, Bruna. 2006. *O Doce Veneno do Escorpião: O Diário de uma Garota de Programa*. São Paulo, SP: Panda Books.

Tadeu, Tomaz. 2000. «Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano». In *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 9-18.

Teixeira, Flávia. 2008. «L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição». In *Cadernos Pagu*. n.º 31, julho-dezembro: 275-308.
<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a13.pdf> .

_____. 2011. «Juízo e sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália». In *Gênero, Sexo, Afetos e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*, org. Adriana Piscitelli; et al. Campinas- SP: Unicamp/PAGU, 226-262.

Vaismoradi, Mojtaba, Jacqueline Jones, Hannele Turunen, e Sherrill Snelgrove. 2016. «Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis». *Journal of Nursing Education and Practice*, 6, n.º 5: 100-110.

Vale, Alexandre Fleming Câmara. 2005. «O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário». Tese de doutoramento, Fortaleza, CE, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Vartabedian, Julieta. 2010. «Travestis brasileiras en Europa: el viaje como constructor de las identidades». Comunicação apresentada no 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Barcelona, Universitat de Barcelona, 25-27 de novembro.
<https://seminariobrasileuropa2010.files.wordpress.com/2011/01/livro-i-semine3a1rio-de-estudos-sobre-imigrac3a7c3a3o-brasileira-na-europa.pdf> .

_____. 2018. *Brazilian Travesti Migrations: Gender, Sexualities and Embodiment Experiences*. Reino Unido: Palgrave Macmillan.

_____. 2019. «Bodies and desires on the internet: An approach to trans women sex workers' websites». In *Sexualities*, 22, n.º 1-2: 224–243.

Vergueiro, Viviane. 2013. «Explorando momentos de gêneros inconformes – esboços autoetnográficos». Comunicação apresentada no I Seminário Internacional Desfazendo Gênero, Natal, RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 14-16 de agosto
<http://bit.ly/16PjfjL>

_____. 2014. «É a natureza quem decide? Reflexões trans* sobre gênero, corpo, e (ab?)uso de substâncias». In *Transfeminismo: Teorias e Práticas*, org. Jaqueline Gomes de Jesus. Rio de Janeiro: Metanoia, 19-41.

_____. 2015. «Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgenderidade como normatividade». Dissertação de Mestrado, Salvador, BA, Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

Young, Iris Marion. 2003. «Corpo vivido vs gênero: reflexões sobre a estrutura social e subjetividade». In *Labrys Estudos Feministas*, 1, n.º 3: 1-15.
<https://www.labrys.net.br/labrys3/web/bras/young1.htm>

Wacquant, Loïc. 2002. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

Weber, Max. 2000. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Weeks, Jeffrey. 2000. «O corpo e a sexualidade». In. *O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade*, org. Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 35-82.

Wittig, Monique. 1992. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press.